



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Isabella Nogueira

O Espaço Transatlântico do Herói Romântico: Os caminhos das *Mémoires de Garibaldi* de Alexandre Dumas no Brasil

Rio de Janeiro

2024

Isabella Nogueira

**O Espaço Transatlântico do Herói Romântico: Os caminhos das *Mémoires de Garibaldi*
de Alexandre Dumas no Brasil**



Tese apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutora, ao
Programa de Pós-Graduação em História, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: História Política.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia de Almeida Gonçalves

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

N778 Nogueira, Isabella.
O Espaço Transatlântico do Herói Romântico: Os caminhos *das Mémoires de Garibaldi* de Alexandre Dumas no Brasil / Isabella Nogueira. – 2024.
194 f.

Orientadora: Márcia de Almeida Gonçalves.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Literatura brasileira - Teses. 2. Periódicos - Teses. 3. Sociologia - Brasil - Teses. 4. Garibaldi, Giuseppe, 1807-1882 - Teses. I. Gonçalves, Márcia de Almeida. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 869.0(81)(05)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Isabella Nogueira

**O Espaço Transatlântico do Herói Romântico: Os caminhos das *Mémoires de Garibaldi*
de Alexandre Dumas no Brasil**

Tese apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutora, ao
Programa de Pós-Graduação em História, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: História Política.

Aprovada em 16 de maio de 2024.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Márcia de Almeida Gonçalves (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Heloísa Selma Fernandes Capel
Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Rebeca Gontijo
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Lucia Maria Bastos Pereira das Neves
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Lucia Maria Paschoal Guimarães
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial vai ao meu companheiro Giuseppe pela parceria em seguir me ouvindo e suportando pelo caminho, apoiando projetos e momentos de silêncio para a construção desta tese. Esteve comigo quando a cabeça já não estava mais querendo.

Agradeço também a minha orientadora Professora Doutora Márcia Gonçalves por ter me dado apoio nos desejos de grandeza como aquele de poder pesquisar em arquivos europeus para desenvolver um estudo da recepção em diversos países. Desejo esse que infelizmente foi interrompido pela pandemia COVID-19, por este motivo adequações tiveram que ser realizadas na estrutura da tese.

Reitero meus agradecimentos a minha orientadora do mestrado Professora Doutora Raquel Campos, da Universidade Federal de Goiás, por ter me apresentado esse mundo de pesquisa e ter contribuído com o desejo de continuidade.

Gostaria também de agradecer ao Professor Nelson Schapochnick da Universidade de São Paulo por ter contribuído não só na banca do meu mestrado, mas também na qualificação do doutorado. Enriquecendo a análise com muitas observações valiosas e alimentando ainda mais o desejo de viajar pelos arquivos do mundo assim como Garibaldi viajou deixando seus rastros.

A Professora Doutora Lucia Maria Bastos por ter realizado ótimas sugestões e correções na banca de qualificação do doutorado e por aceitar hoje participar da defesa desta tese.

A Professora Doutora Heloísa Selma Fernandes Capel, que compartilha comigo a trajetória de formação pelas instituições de Goiás, e a Professora Rebeca Gontijo que muito contribuirá nas discussões sobre a segunda metade do século XIX. A Professora Lucia Guimarães por enriquecer minha trajetória acadêmica por meio de suas sublimes aulas sobre Historiografia Contemporânea. Agradeço pela presença na defesa e por contribuir tanto na minha formação.

E, por fim agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por mais uma vez ter apoiado meu trabalho. Foi um suporte fundamental para alimentar minha crença na educação e na pesquisa e fortalecer meus estudos. Sem ela, as dores poderiam ter sido maiores nessa grande montanha russa que é o doutorado.

RESUMO

NOGUEIRA, Isabella. **O espaço transatlântico do herói romântico: os caminhos das *Mémoires de Garibaldi* de Alexandre Dumas no Brasil.** 2024. 194 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A obra *Mémoires de Garibaldi: traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas* foi um trabalho empreendido por Alexandre Dumas e Giuseppe Garibaldi, no ano de 1860, entre a França e a Itália, tendo sido publicado em Paris em dois volumes. Primeiro apareceu em *faits divers*, no jornal *Lé Siècle*, e em seguida foi publicado o livro pela editora *Lévy Frères*. Ao dar continuidade à pesquisa iniciada no período do mestrado sobre a produção das *Mémoires de Garibaldi*, definiu-se, como objetivo desta tese, analisar a circulação dessa obra na imprensa do Brasil de 1860, ano da publicação da obra, a 1889, ano da Proclamação da República. A obra chegou traduzida para o português em simultaneidade à publicação francesa, em forma seriada, com as características que transitam entre um folhetim e um *faits divers*. Essa circulação é pensada como um movimento de trocas entre Europa e Brasil, ou seja, quer-se perceber mais a conexão e apropriação do que a dependência e dominação. A delimitação da pesquisa documental também se fez necessária e esta pesquisa tem sua base nos arquivos presentes na Biblioteca Nacional Brasileira, principalmente nos periódicos, que foram os principais meios de comunicação no século XIX. Por eles se transmitiam ideias e notícias, assim como se formavam opiniões. O trabalho seguiu a metodologia proposta pelo conceito de circuito comunicacional, em que a história de um livro deve ser percebida entre as diversas variantes que levam da produção à apropriação da obra. Os circuitos são infinitos em sua análise, podendo ser percebidos por diversos ângulos. Também foi necessário serem orientados pelo conceito de sociologia do texto, buscando-se compreender a complexidade e multiplicidade de apropriações diante de um texto que transborda a forma do livro. O estudo sobre a literatura e a circulação transatlântica dos impressos ajudou na percepção das nuances desse texto, que se forma entre vários países e se molda em cada um deles. Foi exatamente em virtude de sua polifonia e plurilinguismo que o alcance das *Mémoires* passou fronteiras.

Palavras-chave: sociologia do texto; memórias; Garibaldi; circulação de textos; Brasil século XIX.

ABSTRACT

NOGUEIRA, Isabella. **The transatlantic space of the romantic hero: the paths of the *Mémoires de Garibaldi* by Alexandre Dumas in Brazil.** 2024. 194 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The work *Mémoires de Garibaldi: traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas* was a work undertaken by Alexandre Dumas and Giuseppe Garibaldi, in 1860, between France and Italy, having been published in Paris in two volumes. It first appeared in *faits divers*, in the newspaper *Le Siècle*, and then the book was published by the publisher *Lévy Frères*. By continuing the research begun during the master's degree on the production of *Garibaldi's Mémoires*, the objective of this thesis was to analyze the circulation of this work in the Brazilian press from 1860, the year of publication of the work, to 1889, the year of Proclamation of the Republic. The work arrived translated into Portuguese simultaneously with the French publication, in serial form, with characteristics that move between a serial and a *faits divers*. This circulation is thought of as a movement of exchange between Europe and Brazil, that is, we want to perceive connection and appropriation more than dependence and domination. The delimitation of documentary research was also necessary and this research is based on the archives present in the Brazilian National Library, mainly in periodicals, which were the main means of communication in the 19th century. Ideas and news were transmitted through them, as well as opinions were formed. The work followed the methodology proposed by the concept of communication circuit, in which the history of a book must be perceived among the different variants that lead from production to appropriation of the work. The circuits are infinite in their analysis and can be perceived from different angles. It was also necessary to be guided by the concept of sociology of the text, seeking to understand the complexity and multiplicity of appropriations in the face of a text that overflows the form of the book. The study of literature and the transatlantic circulation of printed materials helped in perceiving the nuances of this text, which is formed between several countries and is shaped in each one of them. It was precisely because of their polyphony and plurilingualism that the reach of *Mémoires* crossed borders.

Keywords: sociology of the text; memoirs; Garibaldi; circulation of texts; Brazil 19th century.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Texto seriado das <i>Memórias de Garibaldi</i> que circulou no Brasil até 1889	141
Quadro 2 - Livros <i>Memórias de Garibaldi</i> que circularam no Brasil até 1889	141

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DUMAS E O HERÓI ROMÂNTICO ENTRE FRANÇA E BRASIL	33
2.1	A transversalidade da imagem do herói romântico	45
2.2	“Em qualidade de escritor romântico [...]”	62
3	A CONSTRUÇÃO DAS MÉMOIRES DE GARIBALDI	69
3.1	O Brasil na construção do herói Garibaldi que inspirou Dumas.....	71
3.2	O encontro entre Dumas e Garibaldi.....	86
3.3	Quem é o autor?.....	94
4	OS CAMINHOS DO CORAÇÃO DESVELADO DE GARIBALDI	104
4.1	Alguns fatos da trajetória de Garibaldi.....	108
4.2	O Coração Desvelado	112
5	LEITURAS DAS <i>MÉMOIRES DE GARIBALDI</i> NA IMPRENSA DO BRASIL	134
5.1	A Literatura em formação e as <i>Mémoires de Garibaldi</i>	143
5.2	Literatura, nação e <i>Mémoires de Garibaldi</i>	160
	CONCLUSÃO	178
	REFERÊNCIAS	182

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta tese é analisar a circulação das *Mémoires de Garibaldi: traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas* no Brasil. O trabalho tem por foco apresentar leituras e apropriações que circularam nos periódicos brasileiros no período de 1860, ano de publicação da obra, a 1889, ano da Proclamação da República.

O recorte temporal se deve ao fato de que, após 1889, outros mecanismos de circulação foram verificados, abrindo espaço para diversas análises em relação às formas de leitura, a exemplo da intensificação da imigração europeia para o Brasil, que poderia ser outro tema a ser desenvolvido em relação às possibilidades de interferência na circulação das *Memórias*. Nesse sentido, por questões de limites do tempo de pesquisa, optou-se por permanecer no período de proximidade com a publicação.

Este tema nasce da pesquisa desenvolvida durante o mestrado, cujo objetivo foi o de analisar as formas textuais e materiais da produção das *Mémoires de Garibaldi*, publicadas em 1860, na cidade de Paris, por Alexandre Dumas pai, importante literato francês do século XIX. O estudo teve por resultado a dissertação defendida em 2018, intitulada “Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi*”.¹ Nela revelou-se um complexo mecanismo de produção das *Mémoires*, em que a construção da autoria estava interligada às práticas culturais, políticas e econômicas não só locais, mas também mundiais.

De fato, a textualidade das *Mémoires* se desenvolve entre práticas existentes na época para compor textos de gênero memorialístico, autobiográfico e biográfico, impossibilitando sua inserção em um único gênero e abrindo caminho para uma análise do plurilinguismo da obra. Assim, foi necessário amplificar os métodos de investigação histórica, perpassando pelas teorias literárias e de comunicação que atualmente se reúnem nos estudos desenvolvidos sobre a circulação de impressos. O Brasil, nesse sentido, possui um importante grupo, liderado pela Professora Doutora Márcia Abreu, da Universidade de Campinas, que se debruça sobre tal temática.

¹ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023.

O texto das *Mémoires de Garibaldi* foi escrito em primeira pessoa, com a voz de Giuseppe Garibaldi, segundo o historiador Lilti,² personagem emblemático da Unificação italiana, e foi intercalado, graficamente, por três pontinhos, com a voz de Dumas. Esse conjunto deu fruto a uma perceptível polifonia, em que a voz de um e do outro relacionam-se constantemente. Isso se reforça ao perceber-se que Dumas teve uma presença muito mais ativa do que relatava no título e no prefácio, quando interfere com suas técnicas literárias na escrita autobiográfica de Garibaldi.

Além disso, há de se dizer que o plurilinguismo e a polifonia detectados no texto revelaram uma materialidade densa e diversificada da obra devido a uma prática peculiar de Giuseppe Garibaldi. O personagem, e autor, Garibaldi, desenvolveu diferentes versões das suas memórias, muitas vezes copiadas da última escrita, para que fossem entregues a quem tivesse interesse em publicá-las. Essa prática desencadeou diversas, mas similares, *Memórias* pelo mundo.

Sendo assim, na dissertação, foi verificado, por meio de uma comparação textual entre diversas edições das *Memórias* sem o nome Dumas, a presença de múltiplos trechos semelhantes entre elas. O foco de análise principal foi entre as *Memórias* publicadas em 1859, pelo americano Theodore Dwight, que desencadearam um forte debate na França sobre a possibilidade de plágio por parte de Dumas, e as publicadas em 1888, pelo filho de Garibaldi, Menotti, por serem consideradas, pela história tradicional, as mais completas e fidedignas aos fatos e sentimentos de Garibaldi, visto que foi, segundo o filho, um desejo do pai publicá-las após sua morte.

Esse trabalho de comparação ressaltou as interferências de Dumas no texto publicado, principalmente na construção de uma imagem romântica de Garibaldi, perpassando por temas do movimento romântico, como amor, morte e heroísmo. Nelas, os personagens são valorizados por sua grande coragem, os diálogos permitem assimilar o drama dos acontecimentos e os detalhes dos cenários descritos transmitem aos leitores a sensação de participação na narrativa, práticas conhecidas na escrita do literato, que fizeram das *Mémoires de Garibaldi* uma obra semelhante a muitas outras de sua autoria.

² LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 256.

Apesar das semelhanças entre as diversas *Memórias* espalhadas pelo mundo, as editadas e publicadas por Dumas, de acordo com autores como Budillon³ e Campanella,⁴ foram as que tiveram uma circulação acentuada até 1970. Essa concepção baseou-se na reunião das edições encontradas pelo mundo, por meio de um estudo bibliográfico, até aquele ano.

Essa multiplicidade de *Memórias* pelo mundo se deve, principalmente, ao fato de Garibaldi, a partir de 1850, se tornar, literalmente – pegando emprestado o conceito utilizado por Maria Helena Werneck⁵ para Machado de Assis –, um homem encadernado. Isso significa que, a partir daquele momento, até mesmo bastante pontual, sua vida e seus feitos seriam retratados com certa frequência por distintos autores, e de diversas formas.

Segundo Lilti, essa multiplicidade de representações das *Memórias de Garibaldi* e, conseqüentemente, da imagem de Garibaldi, é decorrente do eco de novas práticas no uso da publicidade, ou, como se dizia no século XIX, do reclame. A construção de sua popularidade e de sua celebridade caracteriza um terceiro exemplo de como a sociedade tratava suas questões políticas e sociais. Ela se inscreve, principalmente, segundo o autor, na “visibilidade midiática de Garibaldi”.⁶

Nesse contexto, é na junção das narrativas produzidas sobre ele, e de sua própria imagem, que a pesquisa encontra sua chave de discussão. Afinal, como argumenta Werneck em “Retratos e autorretratos, biografias e autobiografias – modo de ver e ler”, utilizando-se, das análises de Philippe Lejeune em *Je est un autre*, a narrativa híbrida carrega em si interferências dos gêneros, das falas e das leituras, é um “jogo de vai e vem entre o segredo do autor e o embaraço do leitor”.⁷

Em paralelo às interferências de Dumas, há também o próprio jogo de reelaboração narrativa por parte de Garibaldi, que não deixou de jogar com a possibilidade do híbrido, pelo

³ BUDILLON, Casanovae Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). *L'épuisement du biographique?* Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 55-66.

⁴ CAMPANELLA, Anthony P. *Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina: uma bibliografia dal 1807 al 1970*. Ginevra: Grand Saconnex, 1971.

⁵ A autora apresenta, por meio de uma análise transdisciplinar do olhar biográfico, as inúmeras versões de Machado de Assis que diversas fontes oferecem. Não deixa de analisar, contudo, as palavras ditas pelo próprio biografado, entre suas cartas, textos e obras publicadas. Nessa perspectiva, há uma multiplicidade de narrativas que levam à compreensão do produto, do cenário e do processo de historicidade (WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996).

⁶ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 256.

⁷ WERNECK, op. cit., p. 97.

contrário, estava ciente disso, o que o fez investir em diversas edições, em várias editoras, de distintos países.

Em uma carta de 29 de janeiro de 1872, endereçada a Speranza von Schwartz, ele diz estar copiando novamente suas memórias, adicionando novos episódios e ornando-as de novas reflexões inspiradas em sua experiência, pois aquelas que circularam até aquele momento estavam por demais românticas.⁸

Garibaldi se valia de estratégias de publicidade associadas aos ideais de sinceridade e autenticidade – ideias que se afirmavam entre as classes urbanas escolarizadas e o movimento Romântico do século XIX –, e foi por esse caminho que sua popularidade alcançou proporções significativas em 1860.

A plasticidade de sua figura pública, segundo Lilti, é impressionante. Nesse sentido, Garibaldi se torna um exemplo emblemático. Ademais, houve a “exploração política do recolhimento privado passando pela publicidade do íntimo”, o que faz dele uma figura para além da busca do culto ao herói e ao mito, pois foi tão fortemente contestado quanto apaixonadamente defendido.⁹

Essa heterogeneidade caracteriza-o como exemplo emblemático para falar sobre a historicidade da celebridade, da popularidade e da publicidade. Esse caminho pode ser observado tanto na

[...] adesão política, suscetível de se traduzir em ação (voto, lealdade, luta armada), quanto de simpatia ou de curiosidade, e até mesmo de um interesse mais nebuloso, associado preferencialmente ao poder de fascínio exercido sobre o público pela visibilidade midiática e a multiplicidade das narrativas.¹⁰

Nesse sentido, Garibaldi torna-se um homem encadernado, já que há uma proliferação de tudo que fala sobre ele e que o representa; transformou-se, então, em símbolo de diversos eventos oficiais e estudados em textos de história. Assim, diante dessa multiplicidade, se torna

⁸ GARIBALDI, Giuseppe. **Lettere a Speranza Von Schwartz**. Firenze: Passigli Editore, 1982. p. 57. Maria Espérance von Schwartz era uma baronesa, filha de um importante banqueiro alemão, nasceu em Londres, onde residiu a maior parte da sua vida, sendo considerada, por Dumas, sua melhor amiga. Smith nos diz que não se sabe ao certo o tipo de relação que havia entre os dois, mas que se pode dizer que, depois de Anita, Speranza, como a chama Garibaldi em suas cartas, é a mulher mais presente em sua vida (SMITH, Denis Mack. **Garibaldi: uma grande vida in breve**. Torino: Mondadori, 1994. p. 305).

⁹ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018p. 342.

¹⁰ Ibidem, p. 344

interessante continuar pelas colocações de Werneck e fazer do que um dia foi objetivo dela ser desta tese também, isto é, buscar a historicidade de cada narrativa.

Essa concepção carrega para a tese um significado que vai além de querer elencar narrativas e caracterizá-las em um modelo de único sentido, valorizando a complexidade de mundos produzidos por cada narrativa nos contextos de sua elaboração e circulação.

Rosemary Fritsch Brum, em seu artigo “Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ação)” sugere que a investigação histórica se preocupe com as “faces possíveis de Garibaldi, a projetiva e a construída”, que ressaltam os “rastros”, no sentido sugerido por Paul Ricoeur, “para o entendimento da materialidade possível em História, dessa personagem investida de distintos papéis simbólicos de alta apreciação social no século XXI”. Propõe, ainda, que esses “rastros” fossem estudados em “biografia e mais biografia de autores intervindo nos distintos momentos de sua longa vida, no século XIX, ou os demais, que, como nós, conformam-se com as fontes secundárias”.¹¹

Efetivamente, as *Memórias*, de Dumas, serviram de fonte para inúmeros escritos sobre o personagem e o relato dos eventos nos quais participou diretamente. Milza,¹² em 2013, na França, utiliza-se, na biografia de Garibaldi, inúmeras vezes, das memórias publicadas por Dumas. Scirocco,¹³ na Itália, em 2011, também fará das memórias uma fonte preciosa para sua biografia sobre o personagem. Lindolfo Collor, com a obra *Garibaldi: a Guerra dos Farrapos*, usa tanto as memórias publicadas com o nome de Garibaldi, edição diplomática, como aquela de Dumas, traduzida e publicada no *Diário de notícias* de Porto Alegre, como folhetim. Em 2016, o Senado Federal lançou a reedição da obra de Collor e, na Nota Prévia, composta por um texto de 1989, da Fundação de Couto e Silva, lê-se:

Na brilhante geração de políticos que construiu o movimento revolucionário de 1930 no Rio Grande do Sul, Lindolfo Collor é figura singular. Como jornalista, fez-se admirado e temido por seus editoriais em A Federação, jornal porta-voz do Partido Republicano Rio-grandense, de que era oráculo o Dr. Borges de Medeiros, no decênio de Vinte. Suas colaborações na Imprensa do país e do exterior identificam em Lindolfo Collor uma surpreendente universalidade de espírito, capaz de abordar com erudição e de forma vertical os temas mais heterogêneos. [...] Não parece ser obra do acaso que Lindolfo Collor tenha escolhido Garibaldi como tema de seu estudo histórico. São visíveis as afinidades entre biógrafo e biografado. Ambos viveram

¹¹ BRUM, Rosemary Fritsch. Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ação). In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 299.

¹² MILZA, Pierre. **Garibaldi**. Milano: Longanesi, 2013.

¹³ SCIROCCO, Alfonso. **Garibaldi: battaglie, amori, ideali di un cittadino del mondo**. Bari: Economica Editori Laterza e Figli, 2011.

norteados pelo estímulo dos grandes ideais políticos. A fidelidade a estes levou-os a extremos de culminância e adversidade, de aclamação e de exílio, de prisão e de glória. Por essas desafiadoras situações passaram incorruptíveis e mesmo exemplares. [...] Garibaldi pôde conhecer em vida dias de glória e de unânime reconhecimento. Lindolfo Collor ainda aguarda, mais de quarenta anos após sua morte, a justiça da História à sua presença decisiva em momentos cruciais da vida nacional, como jornalista, como escritor, como político e estadista. A autoria da legislação social, que lhe cabe, não está devidamente assinalada. Garibaldi e a Guerra dos Farrapos vai ao encontro dos leitores brasileiros em instantes difíceis da vida nacional. Em épocas de desencanto e de apatia é importante buscar o convívio dos heróis. Garibaldi simboliza o ideal que justifica viver. Do seu exemplo, da sua energia, da sua autoridade, do seu espírito público emerge o sentimento de que a esperança ainda é possível.¹⁴

O Senador Fernando Collor escreve um pequeno prefácio, em que expõe a importância da obra e menciona como as memórias de Garibaldi, publicadas por Dumas, foram de suma importância para o personagem, aliadas à sua experiência no Rio Grande do Sul entre 1836 e 1841, na Revolução Farroupilha. Collor argumenta:

As memórias de Garibaldi ganharam projeção quando sua vida foi retratada por Alexandre Dumas, o “herói de dois mundos”, mas foi nos estertores de uma das mais sangrentas revoluções, quando se aliou aos farroupilhas em 1836, que sua mensagem de liberdade dos povos e valores republicanos foi cunhada.¹⁵

Foram muitas as representações desse personagem/autor. As palavras de Francisco A. de Mattos, em 1879, no *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro*, também fazem compreender bem em que medida essa popularidade era percebida em seu próprio século, após 1860, ano auge da celebridade de Garibaldi:

Não deixa de ser curiosa a collecção de epithetos que foram applicados pelos jornaes das diferentes facções ao famoso caudilho da liberdade italiana, em seguida ao seu desembarque na Sicília. Dizia a “Gazetta di Napoli”: O monstro debaixo de forma humana, que se chama Garibaldi, teve a audácia de atacar a testa de assassinos o território de S.M. o rei de Napoli. A “Gazetta di Roma”: O anti-christo, porque é impossível dar outro nome a uma pessoa possuída do diabo, ousou aproximar-se das costas da Sicilia e operou um desembarque com auxílio dos heréticos ingleses. O “Volksblat de Munich”: O bandido Garibaldi está em vésperas de continuar a sua perversa e sanguinária indústria de assassino na pacífica e feliz ilha da Sicilia. A “Gazzetta de Vienna”: O rebelde de profissão espera continuar na Sicilia o seu antigo officio. O “Jornal de Leipzig”: O pirata Garibaldi obra evidentemente por ordem do rei da Sardenha. O “Kreur Zeitung de Berlim”: O aventureiro Garibaldi conhecerá em breve que a sua carreira ilegal deve acabar prematuramente. O “Journal de Cassel”: O “parvernu” Garibaldi, não contente de ter acendido o facho da revolução no seu próprio pais, está agora em véspera de levantar o estandarte da revolta no reino de Napoles, tão sossegado até aqui. O “Jornal de Hamburgo”: O general Garibaldi avança sempre na sua audaz e perigosa carreira. A “Gazetta de Bologna”: O heroico filho da Italia está próximo a atacar a própria fortaleza da tyrannia. Todos os verdadeiros corações italianos palpitam de esperança pelo êxito da sua sublime empresa. O “Giornale de Milano”: O gênio de Italia desembainhou finalmente a espada, e lançou

¹⁴ COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a guerra dos Farrapos**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/530470>. Acesso em: 10 ago. 2019.

¹⁵ Ibidem, p. 30.

fora a bainha, para arrancar o seu paiz ao ultimo refugio da tyrannia. A “Gazetta de Turim”: O archanjo Gabriel apareceu sobre a terra debaixo da forma de um homem, na pessoa de Garibaldi, para confundir os últimos inimigos da liberdade italiana, e dar-lhes o justo castigo que merecem. A “Gazzeta di Napoli” (ultimo numero): O comandante em chefe das tropas do rei, na Sicilia, assignou uma capitulação com “sua excellencia” o general Garibaldi, em Palermo. Demonio para uns, anjo redemptor para outros.¹⁶

Nesse sentido, Garibaldi caracterizaria a celebridade a partir do momento em que sua popularidade não é apenas póstuma, mas, em vez disso, simboliza o ritmo rápido da atualidade da relação entre um personagem e um público. Além disso, sua notoriedade não é apenas comemorativa, mas se estende para a curiosidade, nem sempre embalada pela admiração, e unânime, assim como foi possível observar pelo comentário de Mattos.

Lilti ainda ajuda a compreender essas opiniões que não se inscrevem necessariamente na atividade principal do personagem e, nesse sentido, não em uma ação única, que representa seu papel na sociedade, mas vai além do público e se concentra no privado. Assim, argumenta que

[q]uando um escritor, um ator, um assaltante tornam-se célebres, a curiosidade por eles gerada deixa de ser avaliada à luz dos critérios próprios à sua atividade original. Eles se tornam figuras públicas, que não são mais julgadas quanto às suas competências, e sim quanto à sua capacidade de captar e manter essa curiosidade do público. Desse modo se explica esse traço saliente da cultura da celebridade, que iguala o estatuto de personalidades oriundas de esferas de atividades muito diferentes. Durante o tempo por vezes curto de sua notoriedade, atores e políticos, escritores e protagonistas de *faits divers* são tratados em um mesmo plano, como as vedetes de um espetáculo midiático.¹⁷

A curiosidade gerada pela celebridade volta-se, “com uma intensidade particular, para a vida privada das pessoas célebres, convertida em objeto de atenção coletiva”. Nessa perspectiva, considerando narrativas como as de Mattos, os questionamentos trazidos por Lilti tornam-se interessantes para analisar o objeto da tese, as *Mémoires de Garibaldi*, publicadas por Dumas, no Brasil, na segunda metade do século XIX.¹⁸

Segundo Lilti, é importante pontuar que a celebridade, ao possuir as características aqui relatadas, se diferencia de reputação, glória e heroicização, porém, não há uma impermeabilidade entre esses conceitos, que, por vezes, aproximam-se e ao mesmo tempo distanciam-se, e sim o crescimento da cultura da celebridade, a aproximar-se com veemência

¹⁶ MATTOS, Francisco A. de. Garibaldi e o jornalismo. In: **Almanaque de lembranças luso-brasileiro**. Rio de Janeiro, 1879. p. 3.

¹⁷ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018p. 16.

¹⁸ Ibidem, p. 17.

no crescimento das tecnologias da comunicação e nas suas mudanças, como bem assegura o autor:

O essencial está, antes, em identificar um conjunto de problemas: por que determinadas pessoas, que podem ser tanto atores, escritores, políticos quanto “celebridades do momento”, heróis involuntários de *faits divers*, provocam uma curiosidade tão grande, em parte independente de seus méritos ou de suas ações? Como essa curiosidade muda as formas de reconhecimento estabelecidas em universos específicos, como os mundos da cultura ou da vida política? Por que ela [celebridade] foi sempre tratada com suspeição e desprezo, até entre aqueles que a buscam com veracidade? Qualquer investigação sobre a celebridade deve começar por esta questão: qual é a natureza da curiosidade que nos leva a nos interessar pela vida de alguns de nossos contemporâneos que nunca antes encontramos?¹⁹

Essa diversidade e multiplicidade de representações sobre a vida de Garibaldi foi e é tão ampla que se tornou motivo de atenção para alguns estudiosos, os quais tentaram reunir, em forma bibliográfica, esse universo, como é o caso da citada obra de Campanella, *Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina: uma bibliografia dal 1807 al 1970*.²⁰

O autor buscou consolidar um levantamento cuidadoso sobre produções e reproduções acerca de Garibaldi. Toda e qualquer obra que se propusesse, até 1970, a retratar a figura de Garibaldi poderia e deveria fazer parte das páginas deste estudo. Apesar da dificuldade evidente de junção desse universo literário, ela não deixou de se tornar uma ferramenta importante para a pesquisa, viabilizando um olhar do que Casanova chama de mundialização da literatura.²¹

É curioso, inclusive, saber que a obra de Campanella, que inicialmente poderia se imaginar ser de interesse apenas dos italianos, ultrapassou fronteiras e hoje a primeira edição, com suas páginas frágeis e envelhecidas, compõem os acervos da biblioteca da Universidade de Brasília (UnB). Foi desse estudo que se chegou a uma distribuição, numericamente superior, das Memórias publicadas por Dumas no mundo. Com Campanella se deram os primeiros passos para perceber o espaço do Brasil, já que este faz parte da textualidade dessa obra, devido ao fato de Garibaldi ter lutado na Revolução Farroupilha.

Ao analisar o percurso traçado por ele e por uma pesquisa inicial em fontes nacionais, percebeu-se que não todas as obras publicadas no Brasil estavam presentes na lista de Campanella. Isso fez com que tal estudo se deparasse com o fato de ter encontrado um ponto

¹⁹ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018p.17

²⁰ CAMPANELLA, Anthony P. **Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina: uma bibliografia dal 1807 al 1970**. Ginevra: Grand Saconnex, 1971.

²¹ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 140.

da temática ainda não investigado no Brasil, e pouco explorado na Itália – onde se concentram os maiores estudiosos de Giuseppe Garibaldi – e na França, pelos estudiosos de Alexandre Dumas. Ademais, esse livro representa o desenvolver-se de uma dinâmica social, política e cultural em ascensão no século XIX, frente ao debate que se interessa por fronteiras e pelos caminhos da mundialização da cultura.

Assim, no mestrado se compreendeu, em certa medida, os primeiros percursos da obra entre Itália e França, e, por causa disso, optou-se por dar continuidade, no doutorado, ao estudo dessas *Memórias* em outro contexto. Além disso, o Brasil tem uma importante contribuição na “biografia da obra”, ou seja, sobre sua história.

Deaecto aponta que “[...] as histórias que se podem contar sobre um livro são fruto de motivações diversas e guardam uma relação muito próxima com a natureza do “biografado”.²² Nesse sentido, cada exemplar, cada suporte, cada texto, cada forma de expressão carregará em si sua história. Cada obra que esteve e que está em terras brasileiras pode carregar, portanto, significados e leituras diferentes.

A pesquisa previamente iniciada motivou ainda outros pontos, exatamente, uma curiosidade e uma vontade. A curiosidade se estabeleceu após perceber, durante o mestrado, que apenas as *Memórias* publicadas por Dumas estiveram, durante muito tempo, antes do advento da digitalização, à frente das publicações que retratam a (auto)biografia de Garibaldi no Brasil.

A digitalização, contudo, não retirou a centralidade das *Memórias* publicada por Dumas. Brum fala sobre a relação entre Dumas e Garibaldi, reforça essa investigação quando argumenta:

[...] como muitos de nós, conheci Giuseppe Garibaldi pela literatura. Mais precisamente pela “pluma” de Alexandre Dumas, na sua obra *Memórias de Garibaldi* (DUMAS, Tradução de Antônio Caruccio-Caporale, 1998). [...] Dentre as biografias existentes, optou-se por prestar muita atenção à mais divulgada para o público brasileiro, a *Memórias de Garibaldi*, do escritor francês Alexandre Dumas. A recepção da cultura italiana à sua circulação deve muito a essa tradução. E o imaginário construído em torno de Dumas terá certamente deslocado da literatura alguns atributos sobre o Garibaldi, sujeito da história. Nenhuma leitura é inocente.²³

²² DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro: A democracia na França de François Guizot (1848-1849)**. Cotia: Ateliê Editorial, 2021. p. 21.

²³ BRUM, Rosemary Fritsch. Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ção). In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 299-300.

Diante da dimensão de curiosidade, a vontade se instaurou e residiu no desejo de acessar múltiplos arquivos para poder detalhar as leituras existentes entre Brasil, Itália e França, buscando a individualidade e as conexões de uma obra que passou tantas fronteiras, sejam físicas, sejam textuais. Além disso, pertence a um contexto de construção de uma indústria cultural frente a um mercado de impressos em constante crescimento.

Para responder com precisão a essa curiosidade e a essa vontade seria necessária uma vasta pesquisa em arquivos diversos e até mesmo em outros lugares do mundo, para poder ter uma visão sistêmica do processo de publicação. Essa ideia parecia possível até o terceiro ano do Doutorado, visto ter se obtido uma bolsa Faperj/Confap para o desenvolvimento desta pesquisa em arquivos italianos e franceses, mas foi pausada diante de uma pandemia mundial, a Covid-19.

Frente a isso, guardou-se a curiosidade e a vontade e buscou-se, portanto, perceber, sem deixar os sonhos de lado, como as *Memórias* foram retratadas pelo mundo dos periódicos no Brasil. Ainda assim, revelou-se uma pesquisa intensa a ser desenvolvida, em que a fronteira não rompia com sua conexão mundial diante da consolidação de um mercado livreiro e de seus autores representarem cenários de outros países.

Sendo assim, pesquisas presenciais e remotas se concentraram na Biblioteca Nacional, no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, nos arquivos digitais dos Institutos Históricos e Geográficos pelo Brasil e em diversos catálogos e arquivos digitais de diferentes instituições históricas, sempre com o cuidado e a compreensão de que “nem tudo está *online*”, usando o jogo de palavras de Deaecto.²⁴

Com o passar do tempo, percebeu-se que os mais fortes indícios se encontravam na hemeroteca da Biblioteca Nacional, considerando também a digital. Várias palavras-chave foram escritas e reescritas de diversas formas para se ter uma maior probabilidade de alcance de todos os dados referentes ao tema.

Essa escolha deveu-se ao fato de a imprensa ter sido o primeiro veículo de divulgação das *Mémoires de Garibaldi* no Brasil, tendo mantido a mesma forma e o mesmo ano de publicação de Paris. Elas foram publicadas em 1860, em jornais brasileiros, de forma seriada e simultânea, pela tradução do professor e escritor romântico Bernardo Taveira Junior,²⁵ a partir da publicação francesa do jornal *Lé Siècle* como *faits divers*.

²⁴ DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro**: A democracia na França de François Guizot (1848-1849). Cotia: Ateliê Editorial, 2021. p. 33.

²⁵ “Bernardo Taveira Júnior nasceu em Rio Grande a 5 de julho de 1836 e faleceu na cidade de Pelotas aos 19 de setembro de 1892. Completou os preparatórios em São Paulo, para onde se transferiu com o objetivo de ingressar

Nesse sentido, esta tese colabora com um mundo de possibilidades apresentadas pelos estudos sobre circulação de impressos. Até mesmo na dimensão da imprensa outras fontes podem ser encontradas, visto que alguns jornais/instituições mantêm seus arquivos particulares, acessíveis via pagamento ou ainda não acessíveis ao público.

Outro ponto de atenção se concentra na diversidade das formas de publicação presentes no século XIX. Consideração até mesmo verificada e conceituada por Barbosa quando fala das características da imprensa no século XIX, constituída por elementos variados, até mesmo “indisciplinados”, quando se olha tanto para a sua produção como para a sua circulação.²⁶

Essa “indisciplina” não se torna um problema quando se consideram as possibilidades de narrativas existentes e compartilhadas, mas exige uma análise minuciosa a partir do momento em que não havia, naquela época, um controle sobre textos compartilhados ou autores produtores. Um jornal, por exemplo, podia reproduzir ou copiar alguns trechos de outros jornais ou documentos sem ter a obrigação de citar sua fonte.²⁷ Inclusive, em alguns textos que falam sobre Garibaldi ou Dumas foi percebida essa prática, dificultando a compreensão do lugar original da publicação.

De acordo com o *site* da Biblioteca Nacional Digital, o acervo digital conta, hoje, com 2.996.436 documentos digitalizados e de livre acesso. Esse número ajudou a sugerir uma pesquisa que pode ser desenvolvida futuramente, de forma mais robusta, com a junção de outros tantos arquivos locais.

Nesse sentido, o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg²⁸ auxiliou na compreensão da dimensão que a pesquisa poderia seguir. A busca de pistas, vestígios e sinais de uma circulação da obra *Mémoires de Garibaldi* ocorreu pelo desenvolvimento de um olhar minucioso nos

na Faculdade de Direito; faltando-lhe recursos, voltou para a província. Durante toda sua vida exerceu o magistério, chegando a fundar uma escola em São Gabriel, onde viveu por quatro anos. Após, regressou a Pelotas para continuar exercendo a mesma profissão até seus últimos dias. Em Pelotas exerceu o magistério.” (por Amir Feijó Pereira). Disponível em: arl.org.br/patronos/bernardo_jr.htm. Ver, também: GONÇALVES, Mariana Couto. A vida e a obra do escritor Bernardo Taveira Junior (1836-1892). **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 217-232, julho-dezembro 2015.

²⁶ BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Literatura e periódicos no século XIX: perspectivas históricas e teóricas**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

²⁷ BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história**. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/estudos/Jornalismo_e_literatura_no_seculo_XIX_uma_historia.pdf. Acesso em: 3 nov. 2023.

²⁸ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 143-275.

arquivos da Biblioteca Nacional, físicos e digitais, como uma das possibilidades existentes no emaranhado de fontes.

A pesquisa sobre a circulação de uma obra abre espaço para diferentes contextos e fontes que desencadeiam, no pesquisador, uma louca vontade de alcançar tudo que se reúne sobre aquele objeto. Há, porém, um limite temporal e espacial que se impôs e fez com que se repensasse o objeto de investigação.

Sendo assim, descascar a cebola para se chegar à questão foi uma árdua tarefa para esta pesquisa. De fato, se falou muito sobre os personagens em todos os suportes de notícias e literatura pelo mundo, porém, nem todas as fontes poderiam ser citadas por este trabalho, visto que nem sempre ajudariam na compreensão direta do objetivo. Assim, fez-se uma longa análise de todas as partes para se chegar à conclusão de que um exercício indiciário em arquivos de periódicos traria mais proveito para o futuro do estudo.

Nessa compreensão, Herica Lene e Francisca Selidonha ajudaram com seu artigo “Entre comunicação e história: o indiciário como metodologia para pesquisas históricas sobre a imprensa”, no qual apresentam a metodologia de pesquisa indiciária como um método que possibilita inúmeras pesquisas sobre o mundo da imprensa, que hoje caracteriza o mundo da comunicação social. Assim, analisam:

Márcia Rodrigues (2006), na obra *Exercícios de Indiciário*, esclarece que pensadores consagrados como Michel Foucault, Walter Benjamin, Gilberto Freyre, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Mikail Bakhtin, Robert Darton, Peter Burke, Carlo Ginzburg escreveram obras marcadas pelo apreço aos pormenores e à conciliação entre racionalidade e sensibilidade, e realizaram, em suas obras, pesquisa minuciosa, detalhada e exaustiva, revelando caráter detetivesco. O fio condutor de diferentes obras desses pensadores é a pesquisa indiciária baseada na investigação de microestruturas políticas, econômicas e sociais, de aspectos corriqueiros do cotidiano e da intimidade social, de acontecimentos pequenos na história).²⁹

O conceito de Ginzburg se concentra na análise dos estudos desenvolvidos por Giovanni Morelli. O médico e crítico de arte procurava identificar as falsificações de pinturas famosas por meio de indícios minuciosos importantes para diferenciar uma da outra. Assim, o método busca dar sentido ao que inicialmente pode não ser percebido, por meio da redução da escala de observação. Ginzburg explica:

Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais

²⁹ LENE, Hérica; SELIDONHA, Francisca. Entre comunicação e história: o indiciário como metodologia para pesquisas históricas sobre a imprensa. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 33-34, jan./jun. 2012.

– com uma explícita invocação a Morelli, que saldava a dívida que Mancini contraía junto a Allacci, quase três séculos antes. A representação de roupas esvoaçantes nos pintores fiorentinos do século XV, os neologismos de Rabelais, a cura dos doentes de escrófula pelos reis da França e da Inglaterra são apenas alguns entre os exemplos sobre o modo como, esporadicamente, alguns indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de uma sociedade.³⁰

Um questionamento logo ocorreu: o minucioso objeto a ser analisado seria o folhetim ou o livro publicado das *Mémoires*? Uma primeira decisão teve de ser tomada e se inscreve no estudo dos suportes, devido ao fato de a obra também ser um livro publicado no mesmo ano. A publicação de forma seriada abriu um mundo que estava por demais imbricado ao próprio livro, o qual teve sua vida definida pelo sucesso do texto no folhetim. Era comum, no século XIX, publicar em livros só após sua aparição e sucesso em jornais.³¹

Nesse sentido, optou-se por realizar uma sociologia dos textos. Isso ocorre na medida em que se torna necessário olhar para o texto em suas múltiplas formas, na busca de sua historicidade – temporal e espacial – e da sua relação com o suporte.

Para analisar uma obra por meio da sociologia dos textos é preciso, segundo Mckenzie, que se olhem para os “arquivos dos textos sobreviventes, a força de trabalho que a criou, os materiais que o formam, as tecnologias e processos envolvidos e sua feitura, e as fórmulas para descrevê-lo em sua total variedade”. Esse é um esforço necessário para que se possa compreender minimamente “as complexas inter-relações entre aquelas condições de produção e os tipos de conhecimento que elas geram”.³²

Diante da busca por uma historicidade do texto, é importante ressaltar que, apesar de ter por foco a circulação da obra *Mémoires de Garibaldi* no Brasil, foi perceptível, considerando as autorias, que tal produção não fugiu à globalização ou mundialização da cultura, tendo respondido aos “imperativos da economia do livro, mas também às contingências da natureza geográfica, política, econômica e sociocultural, relacionadas aos espaços e às realidades na qual se insere”,³³ como pondera Deaecto.

³⁰ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.177-178.

³¹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³² MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2018. p. 13.

³³ DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro: a democracia na França de François Guizot (1848-1849)**. Cotia: Ateliê Editorial, 2021. p. 40.

Nessa perspectiva, Jean-Yves Mollier argumenta que “a globalização dos modelos culturais não esperou o fim do século XX para se implementar”, além disso, “a velocidade de difusão de produtos industriais culturais então em gestação não era quase nada inferiores àqueles que observamos hoje.”³⁴

Antes de tudo, é necessário dizer que a mundialização da cultura não é algo recente. Esse processo “remonta ao início do século XVI, quando os europeus – e, em especial, as monarquias ibéricas – começaram, a conectar as ‘quatro partes do mundo’”. A partir desse momento, os livros iniciaram sua viagem por meio dos oceanos, criando, assim, conexões entre as pessoas.³⁵

A partir do final do século XVIII e ao longo do século XIX, a circulação dos impressos se intensificou, assim como as relações de trocas, devido às modificações tecnológicas – como, por exemplo, a introdução da prensa a vapor, a eletricidade ou mesmo as melhorias nos sistemas de transportes – e à expansão do sistema educacional. Essas mudanças ampliaram o número de leitores,³⁶ que, por sua vez, alimentou o mercado editorial.³⁷

Nesse sentido, a circulação de uma obra abre caminho para analisar as produções que caracterizam a cultura, a economia e a política de um país, acrescentando que “a história do livro não pode se fechar sobre uma única nação, sob pena de desconsiderar parte essencial do processo de produção, difusão e apropriação dos impressos.”³⁸

Cooper-Richet argumenta que alguns países da Europa – a exemplo da França e de Portugal – estavam conectados com o Brasil sob o ponto de vista cultural e econômico, confirmando que “havia uma difusão de produções brasileiras na Europa desde o início do século XIX”.³⁹

³⁴ MOLLIER, Jean-Yves. **Tradução e globalização da ficção: o exemplo de Alexandre Dumas na América do Sul**. Revista da Anpoll, Florianópolis, n. 38, p. 296-306, 2015.

³⁵ GRUZINSKY, Serge. **Les quatre parties du monde** – histoire d’une mondialisation. Paris: Éditions de La Martinière, 2004. p. 63.

³⁶ CRUBELLIER, Maurice. L’élargissement du public. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (dir.). **Histoire de l’édition française** – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque. 2. ed. Tome 3. Paris: Promodis, 1985. p. 45.

³⁷ MOLLIER, Jean-Yves. **La Lecture et ses publics à l’époque contemporaine: essais d’histoire culturelle**. Paris: PUF, 2001. p. 56.

³⁸ Ibidem, p.56

³⁹ COOPER-RICHET, Diana. Paris, carrefour des langues et des cultures : édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIX^e siècle. **Histoire et civilisation du livre, Revue Internationale**, [s.l.], n. V, p. 539, 2009.

Meyer acrescenta que a Itália também tinha essa ligação com o Brasil e diz: “Há outro país ainda, que se poderia associar ao Brasil em matéria de literatura popular, conservando ao termo aquela ambiguidade em matéria de público e repertório. Esse país é a Itália”.⁴⁰ Citando Gramsci, a autora apresenta que, em geral, “o povo italiano se apaixonou pelas tradições francesas, por um passado que não é o seu”, ou seja, “a literatura popular italiana se confunde com ‘a assim chamada literatura mercantil’, que é uma seção da literatura popular-nacional de origem francesa”. Esse sentimento não se diferencia daquele brasileiro que fez de Paris sua referência.

Segundo a autora, esse gosto do “povo italiano”, ao aproximar-se do Brasil, fez surgir um duplo público nas revistas e jornais brasileiros, principais veículos de trocas. Assim, se faziam edições brasileiras de folhetins e livros franceses em italiano. Meyer ainda argumenta que, apesar disso, “a relação Itália-Brasil-literatura popular é mais antiga”. E, no caso, sem a direta mediação francesa, embora relacionada com ela, se trata da música que, ao aproximar-se do romance-melodrama, criou a ópera muito apreciada em terras brasileiras por volta do século XVIII. Ela chegou ao Brasil por meio de Metastásio, nas Minas Gerais.⁴¹ Impossível, portanto, de acordo com ela, pensar a circulação de impressos no Brasil sem falar também das produções italianas.⁴²

Para a produção de um livro “são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas”. Nesse sentido, “uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de algum outro objeto cultural, mas também no momento da recepção”. O sujeito, os eventos e os meios desse caminho são importantes para a pesquisa histórica.⁴³ Esses sujeitos serão pensados como

[p]rodutores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos ‘intelectuais’ de todos os tipos (no sentido amplo), até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada “indústria cultural” (esta que, aliás, também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora da cultura). Agências de produção e difusão cultural também se encontram no âmbito

⁴⁰ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 325.

⁴¹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 325-326.

⁴² Ibidem, p. 327-328.

⁴³ BARROS, José D’Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos históricos**, Brasília, v. 11, n. 1/2, p. 146, 2003.

institucional: os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas.⁴⁴

As práticas observadas, presentes durante o período de escrita e publicação das *Mémoires de Garibaldi*, são o interesse pelo ‘eu’, para Gay quase uma neurose, o interesse pela História e por uma indústria literária, cuja colaboração entre indivíduos era útil para a textualidade e materialidade na produção e circulação de um livro, em um mundo no qual se queria definir fronteiras por processos de nacionalização, mas, ademais, se queria definir a relação da humanidade entre o que era um bem comum e civilização.⁴⁵

Nesse contexto, a circulação foi pensada como um movimento “**entre** Europa e Brasil e não o fluxo de ideias e mercadorias **da** Europa **para** o Brasil”, ou seja, pretende-se pensar mais na conexão e apropriação, assim como proposto por Eliana Dutra⁴⁶ e Roger Chartier,⁴⁷ do que na dependência e dominação.

Essa complexidade do mercado tampouco era negligenciada por Dumas, em 1860. O literato soube conquistar a curiosidade do público mundial, do mercado em formação e de seus anseios pessoais, publicando no formato seriado como *faits divers*, no jornal *Lé Siècle*, as *Mémoires de Garibaldi*. Essa diversidade fez com que vários públicos fossem alcançados em diversos tempos.

Vale ressaltar que, no mesmo ano do folhetim, as *Mémoires de Garibaldi* foram publicadas em livro, exatamente em dois volumes, por Levy Frère, na cidade de Paris, mas não foi a única que Dumas organizou. No final de 1860, publicou, junto a Meline Cans, na Bélgica, as *Memórias*, em três volumes, com prefácios de Victor Hugo e George Sand.⁴⁸ No Brasil, como já mencionado, a obra chegou no mesmo formato, em *faits divers*, e assim foram publicadas e traduzidas simultaneamente às da França. Circularam por aqui, também, as traduções feitas em Portugal, de 1860. Há, contudo, uma diferença primordial entre o que foi

⁴⁴ BARROS, op. cit., p. 148.

⁴⁵ GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 177.

⁴⁶ MOLLIER, Jean-Yves; DUTRA, Eliana de Freitas. **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume Editora, 2006.

⁴⁷ CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guiglielmo. **Histoire de la lecture dans le monde occidental**. Paris: [Éditions du Seuil](#), 2001. p. 117.

⁴⁸ BUDILLON, Casanova Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

publicado na imprensa e os livros que circularam no Brasil, dando indícios de algumas possíveis apropriações.

Na imprensa, apenas o primeiro volume foi publicado nos jornais brasileiros, composto pela introdução, escrita por Dumas, a narrativa do período da infância de Garibaldi, adolescência e exílio na América do Sul. Por fim, algumas biografias de colegas italianos, que lutaram ao lado de Garibaldi e foram mortos nas diferentes guerras travadas por esse grupo de italianos contra a Monarquia dos Savoia.

Para ter acesso a todos os volumes das *Mémoires de Garibaldi*, era necessário comprar o livro, ou as tipografias dos jornais que haviam publicado o texto seriado ou de algum livreiro. Outra edição disponível para compra foi aquela publicada em Lisboa. Entre essas edições há as *Memórias* publicadas pela editora Oficina a Vapor Off Intransigente, no ano de 1860, em dois volumes traduzidos por Bernardo Taveira Junior; outra, na “Typ. Diário de Antônio Estevão”, em dois volumes, nesse mesmo ano; e mais uma, em 1861, pela “Typ. Eco do Sul”, também em dois volumes. Após um longo tempo, foi publicada uma edição comemorativa, em 1907.⁴⁹

Dos exemplares físicos encontrados no Brasil, apenas um é no idioma francês. Dois dos três volumes da edição *Meline Cans* se encontram, atualmente, no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. A instituição não possui registros de seu percurso de chegada ao local e, nesse sentido, não há dados que expliquem a sua chegada no país.

Além das tipografias dos jornais que haviam publicado o folhetim, apenas em São Paulo, no ano de 1863, se vendeu o livro sem a publicação prévia nos jornais da província, três anos após a primeira publicação, que foi a única até a Proclamação da República, em 1889.

No anúncio, constava uma edição das *Memórias de Garibaldi*, de três volumes, por 6\$ réis pela Livraria Acadêmica, situada no Largo da Sé, dentre as obras de “grande sortimento de romances” de Alexandre Dumas. Não se sabe ao certo de qual edição se trata, se a portuguesa ou a belga, publicada por *Meline Cans*.⁵⁰

Deaecto, em seu artigo “Anatole Louid Garreaux e o comercio de livros franceses em São Paulo (1860-1890)”, oferece alguns indícios. A Livraria Acadêmica foi fundada por

⁴⁹ MENDES, Maria Lúcia D. Conexões: Alexandre Dumas, publicações na França, em Portugal e no Brasil. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. **A circulação transatlântica dos impressos: conexões**. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de publicações, 2014. p. 129-149.

⁵⁰ Primeiro anúncio, ver: CORREIO PAULISTANO. **Livraria Acadêmica**, São Paulo, ano X, ed. 02209, p. 3, 26 set. 1863. Para o segundo anúncio, ver: CORREIO PAULISTANO. **Livraria Acadêmica**, São Paulo, ano X, n. 2211, ed. 02211, p. 3, 29 set. 1863. O Correio também publicará, em 1865, a venda das *Memórias* escritas por Dumas em seu escritório por 3\$000 réis, mas não estão especificados os volumes. Ver: CORREIO PAULISTANO. **Livros que se vendem no Escriptorio do Correio Paulistano**, São Paulo, ano XII, n. 2704, ed. 02704, p. 4, 30 maio 1865.

Garreaux, que nasceu em Paris, no ano de 1833, e emigrou para o Brasil aos 17 anos. Foi “pioneiro da implantação de uma rede de negócios estabelecida entre as empresas editoriais francesas e o mercado paulista, pois anteriormente a importação de livros dependia do comércio fluminense”.⁵¹

Outra curiosidade é que também foi pioneiro da “recepção de livros franceses, confirmando a preeminência da cultura gaulesa no meio letrado local”. Não se sabe ao certo, mas, provavelmente, foi funcionário da empresa de Garnier em Paris.⁵² Ele se aventurou no comércio livreiro emergente e começou a vender por meio de anúncios em jornais. A autora explica assim o momento:

Já o primeiro momento, que nos interessa de modo direto, caracteriza-se pela emergência do comércio livreiro na capital, em grande medida motivado pela presença da Academia de Direito e por uma série de fatores que acenavam para o desenvolvimento econômico e social do burgo de estudantes, a partir das décadas de 1860 e 1870. A expansão da cafeicultura, a urbanização, a instalação de setores econômicos modernos, como bancos, comércio de importação e exportação, empresas de serviços públicos, transportes marítimos etc., a emergência de uma aristocracia cada vez mais alinhada aos padrões de vida urbanos e o espessamento das camadas médias mudaram a feição da cidade. Porém, vale frisar, nada disso teria efeito sobre o mercado de bens culturais se as atividades do espírito não tivessem sido incorporadas e criado raízes no seio da cidade e de suas elites.⁵³

Ele se torna uma figura importante da sociedade paulistana não necessariamente vinculada ao mundo dos livros, pois possuiu bens que vão além do comércio livreiro, seguindo a tendência empreendedora da época, e estimula a circulação de obras gaulesas em território brasileiro.

Sendo assim, a probabilidade de que a obra tenha sido a belga, publicada por *Meline Cans*, se fortalece a partir do momento em que se analisa a trajetória de Garreaux. Sua proximidade com Garnier é significativa, já que este último era um grande comerciante das edições belgas, por serem mais baratas que as produzidas em Paris. Há, então, um mercado em formação no Brasil, do qual as obras francesas foram propulsoras, e Alexandre Dumas um dos principais personagens.

⁵¹ DEAECTO, Marisa M. Anatole Louid Garreaux e o comercio de livros franceses em São Paulo (1860-1890). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 85-106, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/x8fkRzQcprfvSfgcyBzxfMk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

⁵² Ibidem, p. 87

⁵³ DEAECTO, Marisa M. Anatole Louid Garreaux e o comercio de livros franceses em São Paulo (1860-1890). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, p. 88, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/x8fkRzQcprfvSfgcyBzxfMk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Também teve uma significativa interferência na imprensa, principalmente, no que Arnt chama de jornalismo literário, que é, basicamente, a influência da literatura no jornalismo e do jornalismo na literatura. O folhetim foi instrumento intermediário desse fato, incentivando a literatura de massa, como Arnt bem argumenta:

Este trabalho comprova que a influência dos escritores no jornalismo não foi unilateral: não só escritores determinaram o tipo de jornalismo literário, como a literatura sofreu a influência do jornalismo. Através das crônicas e folhetins, os escritores criticavam os costumes, a política, as instituições da época, combinando crítica com informação. Mas, preso à matéria de jornal, o produto literário vai sofrer as pressões que o atrelam a uma forma narrativa de total envolvimento com o leitor. A literatura do século XIX publicada nos jornais estará profundamente enraizada na realidade, no cotidiano, nas reais agruras dos seres humanos. Os escritores do século XIX moldaram um tipo de jornalismo, mas a literatura será determinadamente influenciada pelo jornal. [...] No século XIX a literatura, pela primeira vez, chega a um número maior de pessoas, e na Europa, pode-se dizer, atinge a massa. Todo o movimento literário do século está intimamente ligado à atividade jornalística. Pela primeira vez na história cria-se um mercado de trabalho para o escritor. Escrever passa a ser um ofício remunerado, enquanto até então os escritores viviam do favorecimento dos nobres e poderosos.⁵⁴

Essa relação abriu possibilidades para outras dinâmicas sociais entre o progresso buscado por uma sociedade sempre mais científica e utópica, voltada para a construção das grandes nações, dos grandes homens.

O envolvimento da imprensa com o dia a dia, o privado, a curiosidade e a instrução social estabeleceu o ofício do escritor em patamares de genialidade e de heroicidade perante a sociedade. Construiu-se a noção de que, como gênio e herói de seu tempo, este só poderia beneficiar a população, incentivando-a para seus grandes projetos e por meio do conhecimento de seus homens exemplares.

A multiplicidade desse modo de comunicação foi tamanha que a imprensa tornou-se um veículo importante para a compreensão de certos modos sociais, dos jogos de poder e dos caminhos trilhados pela informação e conhecimento, sendo também ótima fonte para estudo histórico.

Diante disso, busca-se compreender e analisar os espaços que as *Mémoires de Garibaldi* ocuparam no cenário do Brasil por meio de sua circulação pela imprensa. Quais proporções teve o impacto dessa obra, que esteve em circulação no mesmo período da consolidação de uma literatura nacional, do comércio de impressos e de uma ideia/projeto de nação?

⁵⁴ FERREIRA, Hérís ARNT T. **O jornalismo literário**. 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <https://pantheon.ufjf.br/bitstream/11422/10119/1/275687.pdf> Acesso em: 20 jan. 2023.

Robert Darnton, por meio de seu conceito de circuito comunicacional, oferece uma possibilidade para poder compreender como pode-se chegar a indícios e pistas desse impacto. O autor explica que, para estudar a história do livro impresso, neste caso, do texto, é necessária uma descrição do objeto que “vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. Autores também são leitores.”⁵⁵

Seguindo a análise de Darton, a tese apresenta a seguinte estrutura. No Capítulo 1, “Dumas e o herói romântico entre França e Brasil”, analisa-se a trajetória de Dumas e o cenário romântico que envolveu a produção das *Mémoires de Garibaldi* em um Brasil ainda em construção.

Será possível perceber que Dumas influenciou, com seus textos que perpassam a literatura, a história e o jornalismo, os caminhos nacionais brasileiros que vinham se consolidado como nação.

Sua presença na obra *Mémoires de Garibaldi* não foi despercebida, e provavelmente tenha sido fundamental. Bezerra e Gimenez contribuíram para o desenvolvimento dessa visão na tese quando argumentam:

Dumas desempenhou ainda um papel de relevância na produção literária de língua portuguesa no Brasil, uma vez que, após a tradução e publicação, por iniciativa de Junius Villeneuve, de Le Capitaine Paul, houve uma nítida ampliação da produção ficcional em português no país, publicada em diferentes jornais no espaço que esse romance inaugurava – as colunas de Variedades, em seguida o folhetim – ou em livro. O momento de expansão do romance brasileiro coincidiu com o período de predomínio dos romances de Alexandre Dumas no mercado de livros, como atestam os anúncios de jornais e os catálogos de livros da Livraria de Baptiste-Louis Garnier, que demonstram as ações comerciais deste livreiro em torno de Dumas. Desse modo, as obras que marcam os avanços da narrativa local certamente lançaram mão das características em voga nos romances desse escritor, que se alastravam no romance contemporâneo, agradando leitores, editores e se constituindo como verdadeiras fórmulas de sucesso para os jornais.⁵⁶

Sendo assim, é analisada a diferença entre a figura heróica mobilizada no início do século XIX, ligada à Antiguidade clássica, e o herói construído pelo literato, identificado como o “herói romântico”. Um herói que perpassa a figura do escritor e, conseqüentemente, de suas obras. Assim, a construção dos heróis passa também pelas transformações dos meios de

⁵⁵ DARTON, Robert. O que é a história do livro? In: DARTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 2446.

⁵⁶ BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. **Revell**, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 231-255, jan.-abril. 2019.

comunicação, que se expandiam e se tornavam cada vez mais presentes na vida da sociedade. A construção de memórias, de tradições e até mesmo de nações fez parte desse progresso.

A questão que se apresenta, portanto, é: em que medida Dumas contribuiu para com a circulação dessa obra no Brasil? O Capítulo 1 busca, nesse contexto, olhar para o espaço e o tempo dessa ação e, por meio de indícios, procura dimensionar a participação do literato não só na construção da obra, mas também em sua circulação.

Tendo entendido a dimensão da presença de Dumas, será possível olhar para a obra e para sua construção no Capítulo 2, “O Brasil na construção das *Mémoires de Garibaldi*”. O objetivo é apresentar a influência do Brasil no aspecto biográfico do “Projeto Memórias”, com ênfase no encontro dos autores, analisando as circunstâncias em que ocorreu a publicação das *Mémoires de Garibaldi* na década de 1860 e percebendo como a concepção de herói perpassou pelas narrativas de suas vidas.

Ao invés de se propor, porém, uma celebração, pretende-se apresentar as trajetórias dos autores/personagens, por meio de uma análise das várias narrativas propostas desde a publicação até 1889, com a Proclamação da República, marco importante para se perceber a primeira fase de circulação das *Memórias*.

Outro aspecto a ser analisado é a inserção dessa relação dos autores e da obra no que chamamos de mundialização, ou seja, perceber seu caminho entre os campos políticos e literários que estavam em formação não só no Brasil, mas no mundo.

Foi sua plasticidade, seu hibridismo, sua polifonia e seu plurilinguismo que intensificaram sua divulgação e apropriação, apropriação esta aqui não apenas entendida como controle e poder, assim como sugerido por Michael Foucault, mas também como produção de outras leituras, de outros produtos socioculturais, como conceituado por Roger Chartier. Essa visão de Chartier abre caminho para a percepção de uma recepção/produção menos passiva em relação ao produto que chega da Europa, levando o olhar para as dinâmicas do espaço de um Brasil em formação como nação.

Essas leituras e apropriações também evidenciam as formas de circulação dos diversos suportes pelo Brasil – do livro ao folhetim –, vinculadas ao desenvolvimento e à definição da cientificidade dos campos de conhecimento então em formação.

Nessa perspectiva, questiona-se: qual saber produz a narrativa de Dumas? Em que medida é possível utilizar as *Mémoires de Garibaldi* como fonte histórica que embasa o discurso para a construção de uma verdade?

A dinamicidade desse mundo estava presente no dia a dia e se tornava quase impossível viver sem perceber as mudanças que ocorriam. Casanova fala que as fronteiras queriam ser

definidas no século XIX e o mercado ajudava nessa definição.⁵⁷ É, então, nessa indefinição que as *Mémoires* procuram se definir como história. Elas extrapolam um suporte, uma edição, e se expandem em outros escritos dos dois autores.

Será possível perceber o jogo existente entre o político e o literário e a base por uma densa circulação das *Memórias*, mas, apesar disso, sua recepção não estava ao alcance de todos. Não obstante a plasticidade do espaço folhetinesco, considerado mais popular e de fácil alcance para a sociedade, e do crescente sistema dos meios de comunicação, no Brasil, sua divulgação não significou sua apropriação por parte dos que não eram alfabetizados e tampouco tinham representatividade nas esferas políticas centralizadas.

Nelson Werneck faz uma colocação nem um pouco anacrônica quando afirma ser “[...] preciso, desde logo, compreender e aceitar que a imprensa não é meio de massa, em nosso país. Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo”.⁵⁸

Sendo assim, a análise se concentra em um período de grandes contradições nas terras brasileiras, de uma nação em construção, após sua recente independência e, principalmente, sua governabilidade posterior. O cenário político estava formado por um corpo político frágil e dinâmico, que liderava processos grandes e significativos como a abolição da escravidão, a Guerra do Paraguai e a abertura ao comércio internacional, isto é, a mundialização de saberes e de produtos. Antônio Candido argumenta que o século XIX evidenciou um país que vivia uma contradição não só no campo político, mas também cultural.⁵⁹

Diante do exposto, apresenta-se a necessidade de analisar a presença de Garibaldi na obra e, desse ponto de vista, o Capítulo 3, “O Brasil nos caminhos do coração desvelado de Garibaldi”, se dedica ao movimento feito por Garibaldi em direção a Dumas e ao mundo editorial que se expandia, movendo o olhar para a influência das terras brasileiras na construção de um personagem e, conseqüentemente, de uma obra. Deaecto alerta para o fato de que, “afinal de contas, a biografia de um livro também se constrói em função do lugar de autor e de editor no mercado livreiro”.⁶⁰

⁵⁷ CASANOVA, Pascale. **A República mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

⁵⁸ SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 5.

⁵⁹ CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2022.

⁶⁰ DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro: A democracia na França de François Guizot (1848-1849)**. Cotia: Ateliê Editorial, 2021. p. 31.

A obra se originou de um manuscrito feito por Garibaldi, sempre citado, mas nunca encontrado. No ano de 1860, em Turim, foi entregue ao literato Dumas, que, além do manuscrito, teve à disposição uma entrevista do general e a colaboração de outros autores, os chamados revolucionários garibaldinos.

O texto, resultado dessa combinação, foi antes publicado em *Faits Divers*, com práticas do *folhetim*, e, depois, em livro. Entre os anos em que ficaram juntos, de 1860 a 1864, Dumas, que morava na cidade de Nápoles, onde não só era editor, romancista e jornalista, como também diretor das escavações arqueológicas de Pompeia, dedicou-se a outros escritos sobre Garibaldi e o *Risorgimento*, abrindo outras pistas para a contextualização das *Mémoires de Garibaldi*.

Sendo assim, apresenta-se, em um primeiro momento, as fases de redação de Garibaldi, percebendo sua disponibilidade ao exercício da “escrita de si”. Concomitantemente, percebem-se os primeiros caminhos da obra entre a Itália e a França, sem aprofundar-se na textualidade dessas edições. Entender sua materialidade se torna importante para analisar sua circulação no Brasil.

Finalmente, observa-se o projeto narrativo, político e cultural em que a obra se inseriu, sob o olhar de Garibaldi, identificando a existência de um “espaço biográfico contemporâneo”, analisado por Leonor Arfuch, entre hibridismo, polifonia e plurilinguismo. Aqui, evidencia-se a prática autobiográfica presente nas memórias, que possibilita observar a “identidade narrativa” de Garibaldi, nos termos de Paul Ricoeur, inserida em sua “narrativa vivencial”, segundo Arfuch.⁶¹

Por fim, segue-se, então, para a observação das leituras de terceiros, com o Capítulo 4, “Leituras das *Mémoires de Garibaldi* na imprensa do Brasil”, voltado diretamente para os achados da imprensa do Brasil. A análise se concentra na publicação seriada, inserida entre um folhetim e um *faits divers*. As *Mémoires de Garibaldi* seguiram um caminho muito próximo aos acontecimentos locais, sendo, inclusive, mais amplamente divulgado o primeiro volume das *Memórias*, que fala sobre o período em que Garibaldi esteve no Brasil.

Após ter percebido a construção do livro, a figura dos autores, o meio editorial de seu tempo, do seu cenário político e literário, buscou analisar a sociologia dos textos que então circulavam pelo Brasil por meio de sua textualidade, retomando sua materialidade, apresentada, principalmente, no Capítulo 2.

⁶¹ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 116.

A historicidade dos suportes e os cenários em que se mostraram é o objetivo do quarto Capítulo. Isso significa que se pode olhar para o texto com as “inquietações e os horizontes de expectativa de seus agentes”, que “mudam conforme o solo histórico sobre o qual repousam”.⁶²

Deaecto, nesse sentido, oferece uma pista quando, citando Espagne, explica como o estudo do texto tem de considerar as mesmas fases da produção original. Isto é, deve-se pensar o autor, a produção e a difusão nesse outro espaço. Assim, cada tradução carrega em si sua história, por meio de sua contabilização ou mesmo a diferença do espaço, ou, ainda, as estratégias de construção do livro nesse outro ambiente.⁶³

Nesse contexto, Paris pode atuar como capital internacional do livro e da cultura, mas há uma construção local que se faz interessante analisar, o que não significa juntar todas as leituras e apropriações no mesmo espaço de análise, mas buscar desenvolver uma compreensão do particular no todo e sua inter-relação. Há um Brasil em construção e aberto a um mercado livreiro sempre mais consolidado fora e dentro das fronteiras.

Assim, as fases que Darnton sugeriu foram significativas para esta tese. Ele alerta para o cuidado de criar modelos para definir fluxos de pesquisa, afirmando que “[...] modelos costumam transformar seres humanos em bonecos isolados fora da história”, porém, mostra como estudar sobre circulação é um exercício complexo, ou melhor, “uma empreitada considerável”, visto que as variantes são múltiplas e estão por todos os lados.⁶⁴

O modelo do circuito comunicacional sugere um mapa mental de ação que não define o certo ou errado, mas direciona frente a um emaranhado de fontes. Assim, ele inicia argumentando como é importante construir um olhar holístico da obra, para que, em seguida, possa-se passar a outras fases dentro da própria fase. Darnton diz:

Para manter suas pesquisas dentro de proporções controláveis, os historiadores do livro costumam recortar um segmento do circuito de comunicação e analisá-lo conforme os procedimentos de uma única disciplina – impressão, por exemplo, que estudam por meio da bibliografia analítica. Mas as partes não adquirem seu significado integral a menos que relacionadas ao todo. Uma visão holística do livro como meio de comunicação se faz necessária se a história do livro quiser evitar a

⁶² DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro**: a democracia na França de François Guizot (1848-1849). Cotia: Ateliê Editorial, 2021. p. 29.

⁶³ Ibidem, p. 29.

⁶⁴ DARTON, Robert. O que é a história do livro? In: DARTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 2470.

fragmentação em especializações esotéricas isoladas umas das outras por técnicas herméticas e incompreensões mutuas.⁶⁵

Após o exercício do olhar sistêmico do livro, as partes podem ser detalhadas. O circuito se expande para além da obra e é possível interessar-se por apenas uma das partes. As fases que sofrem essa interligação são:

(1) Outras atividades empreendidas por uma determinada pessoa num determinado ponto do circuito, (2) outras pessoas no mesmo ponto em outros circuitos, (3) outras pessoas em outros pontos no mesmo circuito e (4) outros elementos da sociedade. As três primeiras considerações se referem diretamente à transmissão de um texto, enquanto a última diz respeito a influências externas, cuja variação é infinita.⁶⁶

Diante das orientações e dos desafios vividos para obtenção de fontes, optou-se por desenvolver um olhar holístico da obra em circulação no Brasil e, assim, compreender sua inter-relação com o regional, com o nacional e com o internacional. Afinal, Garibaldi e Dumas estavam dispostos a não definir fronteiras e a fazer da multiplicidade a força da obra.

⁶⁵ DARTON, Robert. O que é a história do livro? In: DARTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 2458.

⁶⁶ Ibidem, p. 2463.

2. DUMAS E O HERÓI ROMÂNTICO ENTRE FRANÇA E BRASIL

Este capítulo tem por objetivo analisar a trajetória de Alexandre Dumas tanto no Brasil como no seu percurso de formação no ambiente literário do século XIX. Em um primeiro momento é possível perceber como a figura do herói perpassa tanto a vida profissional como aquela pessoal, levando-o a escolhas que resultariam no seu encontro com Garibaldi em 1860. Assim, se perceberá a dimensão ocupada por Dumas nesse processo de circulação das *Mémoires de Garibaldi*.

Alexandre Dumas chegou ao Brasil em 1835 e, na imprensa, falou-se tanto do autor quanto da celebridade. O interesse pelo seu universo literário foi tão grande quanto o interesse pela sua vida privada. A circulação de seu nome e de suas obras foi tão significativa que não se distanciava de *causos* ou da crítica literária. Estava no meio de notícias sensacionalistas, de crimes, da pirataria do mercado livreiro ou lhe eram atribuídos romances de outros autores por causa da sua popularidade. A leitura de suas obras foi feita de diversas formas – no teatro, no folhetim ou mesmo no livro – e estava em diversos suportes midiáticos do século XIX, o que lhe conferia uma circulação acentuada entre diversos públicos.⁶⁷

Dumas sinalizou, em seus escritos, que seu maior objetivo era o de entrar na casa de todos por meio de sua literatura. Ele queria chegar a todos, estava disposto a ser popular e via na popularidade uma missão do escritor. Isso lhe conferiu prestígio entre vários públicos leitores que, mesmo por curiosidade, se debruçavam em seus textos só para conhecê-lo. “[...] no entanto, o mesmo prestígio que Dumas tem e teve ao público não corresponde à sua recepção pelos críticos”,⁶⁸ fato que o perseguiu em vida e em morte.

No Brasil, já de início se questionava quem era esse Dumas que gerava tanto borbulho/fuxico em Paris, a cidade da moda, da cultura. A cultura francesa estava já em processo de se consolidar no Brasil, de forma que a transferência cultural já estava na ordem do dia. “O fascínio por Paris na América Latina alcança seu apogeu no final do século XIX: “Sonhava tanto com Paris”, escreveu Dado, “desde minha mais tenra infância que, quando rezava, pedia a Deus para não me deixar morrer sem conhecer Paris.”⁶⁹

⁶⁷ Ver MENDES, Maria L. D. **No limiar da história e da memória**: um estudo da *Mes Mémoires* de Alexandre Dumas. USP: Departamento de letras. 2007.

⁶⁸ BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. **Revell**, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 252, jan.-abril. 2019.

⁶⁹ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.51

Em um primeiro registro é possível observar que a preocupação consistia em quem era aquele homem que conseguia mobilizar um número tão grande de pessoas. Segundo Faria, não foi por erro de grafia o fato de que, em 1833, alunos da Academia de Direito de São Paulo, na *Revista da Sociedade Filomática*, apresentaram o literato como Alexandre Domat, pois, para ele, “não há dúvida, é Dumas mesmo, não existia outro suscetível de ser confundido com ele”, os comentários não chegam a elogios ou será que podem tê-lo confundido com o jurista do século XVII, Jean Domat?⁷⁰

A questão é que os estudantes, liderados por Justiniano José da Rocha,⁷¹ nesse ensaio lançado, como um trabalho escolar, em cinco números consecutivos, intitulado *Ensaio sobre a Tragédia*, defendiam que o romantismo fosse “antagonista, ou mesmo vilão, produto de uma conspiração antifrancesa”, que teria partido da pátria de Coneille, Racine e Voltaire. La Motte e Diderot teriam dado início a esse “teatro monstruoso dos Alemães”. Parte da culpa dessa contaminação do teatro francês seria da fraqueza de Mme. De Stael, que levou consigo um número grande de escritores que se renderam à “seita germana”, por um “gênero ridículo” que havia suprimido o bom gosto ditado por séculos. Assim, os alunos argumentavam:

A nova eschola recebeu de Sihüler o nome de Romantica, com o qual imprimio a sua Joanna d’Arco. O corpo de delicto deste genero rediculo se acha nessa mesma Allemanha dé M.me de Stael, onde se pretende encontrar as provas de sua defesa. Schiller Goethe, Werner, são os campões a que ella da maiores encomios. Em despeito dos bons princípios a sanha revolucionaria também tem lavrado pela França; Victor Hugo, e Alexandre Domat são os coripeus da nova eschola; mas o continuado rediculo de suas composições tem coberto os princípios clássicos, e seus

⁷⁰ FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.69

⁷¹ Justiniano José da Rocha (Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1812 - 10 de julho de 1862), também conhecido como J. J. da Rocha, foi um jornalista, advogado, professor, tradutor, escritor e político brasileiro, do Segundo Império. “Fez os primeiros estudos em França e formou-se em Direito em S. Paulo. Fundou o *Atlante*, em 1836, e, depois, *O Cronista*, com Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva, combatendo Feijó. Professor do Pedro II e da Escola Militar, distinguiu-se como educador e membro do partido conservador, cujo órgão, *O Brasil*, dirigiu. Desaparecido este, fundou o *Correio do Brasil*, *O Constitucional* e *O Regenerador*, este em 1860 e que foi o último que redigiu. Deputado à Assembleia Geral, em 1843, não conseguiu ser reeleito, voltando, entretanto entre 1850 e 1856. Escreveu os panfletos *Ação, Reação, Transação* (1855) e *Monarquia-Democracia* (1860) e deixou uma *História Parlamentar e Política do Império do Brasil*. Porta-voz conservador, pena alugada, Justiniano é apresentado pela historiografia oficial, como o nosso “maior jornalista”, sem que, para isso, tivesse tido condições” (SODRÉ, op. cit. p.183; Ver também CARDIM, Elmano. **Justiniano José da Rocha**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. e FILHO, Gilson dos Reis Melo; SOUZA, Olavo Passos. José Justiniano da Rocha: Obra e vida durante os tempos de conciliação. In: **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529209990_ARQUIVO_JustinianoJosedaRocha,obra_evidaemtemposdeConciliacao.-.pdf Acesso em 21 jan. 2022)

propugnadores de lanceis immarcessíveis». Uma pequena vista d'olhos sobre estes escriptares é sufficiente para mostrar a extravagancia dos seysmaticos Allemães.⁷²

Segundo Faria, “certos detalhes significativos revelam que os três jovens acadêmicos não estavam tão seguros quanto pensavam do seu assunto, que aparentemente só conheciam por intermédio de terceiros.” O autor então argumenta não haver citação ao prefácio de Victor Hugo em Cromwell, ademais de também errarem o nome de Dumas, dentre outros equívocos que mostram a total estranheza a uma análise crítica do então movimento em ação.⁷³

Seguindo a compreensão do caminho do romantismo no Brasil, que se aproximaria do teatro, Faria fala da próxima alusão: apesar de ser de um brasileiro, ela foi escrita em janeiro de 1834, em Paris, e se trata da carta enviada por Gonçalves de Magalhães⁷⁴ ao padre Monte Alverne, seu mentor filosófico, relatando “as primeira impressões que a vida intelectual da França lhe causara”. Falando do Brasil, Faria argumenta e transcreve a carta de Magalhães:

Os termos empregados pelo jovem poeta, já com um livro impresso, mostram sem ambiguidade até que ponto a nova escola permanecia ignorada no Brasil, mesmo entre pessoas cultas, e com que violência ela atingia e feria as sensibilidades educadas pelo decoro e disciplina clássicas. Diz a carta: “Os poetas estão aqui empenhados em

⁷² **Revista da Sociedade Filomática**, São Paulo: Tip. Novo Farol Paulistano, 1833, (Edição fac-similar, editada em São Paulo pela Metal Leve, em 1977), p.137. (Todas as transcrições, deste trabalho, de textos do século XIX se manteve o português escrito na época)

⁷³ FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.69

⁷⁴ Domingos José Gonçalves de Magalhães, o Visconde do Araguaia, (Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1811 – Roma, 10 de julho de 1882) médico, diplomata, poeta e dramaturgo é o patrono da cadeira n. 9 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Carlos Magalhães de Azeredo. “Nada se sabe dos estudos preparatórios que precederam o seu ingresso, em 1828, no curso de Medicina, em que se diplomou em 1832. Concomitantemente, tornara-se amigo de Monte Alverne, a cujas aulas de Filosofia assistiu, sofrendo a sua influência. Em 1832 publicou as *Poesias* e, no ano seguinte, parte para a Europa com a intenção de aperfeiçoar-se em Medicina. Em 1836, lançou em Paris um manifesto do Romantismo, *Discurso sobre a literatura no Brasil*. De parceria com Araújo Porto-Alegre e Torres Homem, lançou a revista *Niterói* e editou, em Paris, o seu livro *Suspiros poéticos e saudades*, considerado o iniciador do Romantismo no Brasil. Introduziu ali seus principais temas poéticos Deus e a Natureza, o poeta e sua missão reformadora, a evocação da infância, a meditação sobre a morte, o sentimento patriótico, a poesia tumular e das ruínas. De retorno ao Brasil em 1837, foi aclamado chefe da “nova escola”. Volta-se para o teatro (que então se renovava com a produção de Martins Pena e os desempenhos de João Caetano), escrevendo duas tragédias, *Antônio José ou o poeta e a Inquisição* (1838) e *Olgiato* (1839). Nomeado professor de Filosofia do Colégio Pedro II, em 1838, ensinou por muito pouco tempo. De 1838 a 1841, e de 1842 a 1846, foi secretário de Caxias no Maranhão e no Rio Grande do Sul. Em 1847 entrou para a diplomacia. Ministro em missão especial no Paraguai, prestou, com o ministro argentino Mitre, os seus bons ofícios entre o presidente daquela República e os revolucionários que intentavam derrubar o governo: as tropas brasileiras e argentinas protegeram a parte não fortificada de Assunção, até que as forças legais submetessem os rebeldes, o que ocorreu logo depois. Foi Encarregado de Negócios nas Duas Sicílias, no Piemonte, na Rússia e na Espanha; ministro residente na Áustria; ministro nos Estados Unidos, Argentina e na Santa Sé. Amigo do Imperador, bem relacionado, muito cômico do seu valor, foi a primeira figura na vida literária oficial até a publicação do poema *A Confederação dos Tamoios* (1857), em que voltava ao Classicismo intransigente, provocando grande polêmica: foi atacado por José de Alencar e defendido por Monte Alverne e pelo próprio Imperador D. Pedro II.” (Disponível para consulta no site da Academia Brasileira de Letras. <https://www.academia.org.br/academicos/goncalves-de-magalhaes/biografia> Acesso em 5 de mar. 2023)

explorar a mina da meia-idade, fatigados com as ideias antigas, e não podendo quase marchar na estrada de Racine e Corneille e Voltaire, eles calcam todas as leis da unidade tão recomendadas pelos antigos; as novas tragédias não têm lugar fixo, nem tempo marcado, podem durar um ano e mais; o caráter dessas composições é muitas vezes horrível, pavoroso, feroz, melancólico, frenético e religioso. Os assassinios, os envenenamentos, os incestos são prodigalizados às mãos largas, mas nem por isso deixam de ter pedaços sublimes. Os principais trágicos são De Laragotine, Alexandre Dumas, Victor Hugo. Esses poetas chamam-se românticos”.⁷⁵

Iniciava-se, ali, um processo de transferência de cultura, que colocaria, de acordo com o autor, o teatro brasileiro de ponta-cabeça. Estava tudo muito silencioso e pontual até que, de repente, em “1836, chega ao teatro brasileiro a onda revolucionária romântica, de cambulhada com melodramas modernos, de segunda geração, perturbando para sempre, por parte do público e da crítica, a caracterização exata de um ou de outro gênero”.⁷⁶

Valéria dos Santos Guimarães, ao estudar a circulação transnacional e a cultura midiática, nos séculos XIX e XX, da imprensa francófona no Brasil, percebe que, para além de um fascínio pela produção cultural de Paris, havia características práticas, de um então emergente projeto de trocas transnacionais regidas por regras de mercado cultural então em formação. Na França, há uma “explosão quantitativa e qualitativa da produção periódica”, “associada a fatores internos como a liberação dos prelos e o fim do exclusivo colonial no Brasil em 1808”, e, por fim, a “existência de acordos comerciais favoráveis à entrada de periódicos franceses no Brasil”. Citando os estudos de Robert Darnton, “sabe-se que desde o início do século XIX saíam da França, sobretudo de Paris, incontáveis exemplares de jornais e revistas em direção ao estrangeiro. Maços de papéis franceses eram exportados pelo Correio, autêntico ‘intermediário esquecido’ nesse circuito da leitura de jornais e revistas”, evidência encontrada por meio dos registros franceses e brasileiros da época.

Nesse sentido, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, que nascera das mãos do liberal Pierre Plancher, em 1º de outubro de 1827, definindo-se pelo pseudônimo “Hum francês brasileiro”, não podia deixar de acolher os ânimos que então floresciam, em terras brasileiras, de uma literatura que muito dizia também do que era nacional – pauta importante para as produções liberais.⁷⁷ Assim, em uma terça-feira, dia 17 de novembro do ano de 1835, o jornal considerou importante, na seção *Variedade*, apresentar Alexandre Dumas da seguinte forma:

Quem tiver lido os escriptos deste homem deve julga-lo hum dos romancistas mais exagerados, e que seu maior mérito consiste na originalidade, e na pouca ordem que

⁷⁵ FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.69

⁷⁶ FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.67

⁷⁷ SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.109

nelles se encontram. De huma triste e trágica descripção passa repentinamente a outra alegre, sem dar tempo a enxugar as lagrimas que aquella arrancou aos corações sensíveis. Nada ha improprio para ele; mistura huma caçada; as sabias dissertações sobre as antigas chronicas, com as discussões das ultimas modas: das belas de Paris dançando a *galopada*, leva-nos ao cemitério de S. Bernardo. Tudo nelle he oposto ao bom gosto; porém seus chistes, e o muito que seus escriptos divertem, grangearão-lhe a indulgência dos seus Considadãos, e os dispõem a seu favor. Varias destas anomalias devem attribuir-se ao character do paiz; porém algumas outras são o resultado necessário das circumstancias, que concocorrêrão nos primeiros anos da vida de Dumas, da qual publicou ultimamente hum compendio, que pode competir com as mais interessantes composições de autobiografia litteraria; e como nos propomos dar a nossos leitores alguma idéa das impressões que nelle produzirão as viagens, julgamos conveniente dar-lhes o seguinte extracto.⁷⁸

Com isso, o nome do literato ganhará, ano após ano, sempre mais espaço na imprensa e estará em reclames dedicados ao entretenimento, à realização de peças teatrais, à venda de livros e à política. Segue-se a essa descrição do *Jornal do Commercio* a narrativa da viagem do literato, da sua cidade natal em direção a Paris, em busca dos homens que haviam lutado nas campanhas de Napoleão ao lado de seu pai, Thomas-Alexandre Dumas Davy de la Pailleterie, cuja catástrofe, segundo Dumas, revolucionou toda a sua vida. Devido à falta do pai, sua mãe viveu em dívidas até os quinze anos de Dumas, quando ele foi em busca da devida indenização do pai que nunca lhe foi entregue, correspondentes, segundo ele, às faltas que o pai havia sofrido em nome da França e dos franceses ao lado de Napoleão. Essa narração transporta o leitor dos dias de hoje para uma extensa produção literária publicada por Dumas a partir daquele ano.

Após uma longa reprodução de uma parte da autobiografia de Dumas, o autor do reclame fecha com as seguintes palavras: “Aqui conclue o autor [Dumas] a sua narração, que serve como de introdução às suas viagens, das quaes referiremos algumas anedoctas curiosas aos nossos leitores, nos nossos boletins”.⁷⁹

Esse trecho torna-se, para esta tese, essencial, a partir do momento em que, em um único lugar, consegue-se perceber muitos aspectos da trajetória do autor que levaram-no, em 1860, a publicar as *Memórias de Garibaldi*. A observação passará, então, pela vida do literato e por sua produção, bem como pelo rompimento de fronteiras, caracterizado, principalmente, pela plasticidade de sua imagem e de sua escrita.

No trecho anterior apresenta-se que “seu maior mérito consiste na originalidade, e na pouca ordem”. Essa pouca ordem fez com que Dumas fosse híbrido em suas produções e nas leituras que então provocava pelos quatro cantos do mundo; às vezes isso é perceptível em um

⁷⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Alexandre Dumas. Rio de Janeiro, Edição 00255, Anno IX, nº255, 17 de nov. 1835, p.1 e 2

⁷⁹ JORNAL DO COMMERCIO. Alexandre Dumas. Rio de Janeiro, Edição 00255, Anno IX, nº255, 17 de nov. 1835, p.2

único texto, outras em obras diferentes, ainda em diversas formas de apresentar sua literatura e muitas vezes por sua atuação na opinião pública e na sociedade de sua época.

Essa plasticidade havia rendido até mesmo o conservador e clássico Justiniano José da Rocha, “de origem espúria como Sales Torres Homem”, já que, “ao que parece, é mestiço como o futuro visconde de Inhomirim, formando sempre com os conservadores”.⁸⁰ Isso lhe teria propiciado, segundo Sodré, comunicado de forma irônica, o título de “um dos mais caracterizados escribas da época – ‘o mais notável dos nossos jornalistas’, para a historiografia oficial”.⁸¹ Para Sodré, Justiniano efetivamente representaria a junção entre jornalismo, imprensa e literatura, porém, considera não haver tamanha qualidade para um tal título.

Em setembro de 1836, sob aparente primeiro contato com o drama romântico francês, por estar longe do que se passava na Europa e preocupado com a abdicação de D. Pedro I, Justiniano fará a seguinte crítica ao “drama que se acaba de representar no Teatro Constitucional entre numerosos e bem merecidos aplausos de espectadores”, *A Torre de Nesle*: “Em geral a peça foi bem representada; o cenário bem preparado e rico, enfim esse espetáculo é digno de ser visto, e certo o Teatro Constitucional pode contar com numerosas enchentes se souber aproveitar a curiosidade pública excitada pelo novo drama.”⁸²

Essas palavras foram ditas por Justiniano, após a análise do que ele considerou uma má tradução e péssima performance de alguns autores, bem como o desempenho brilhante de João Caetano. Esse encantamento, porém, durou pouco tempo e, em novembro do mesmo ano, ao fazer a crítica à estreia de *O Rei se diverte*, de Victor Hugo, uma indignação se faz viva:

Ainda crimes, ainda horrores! Ainda o Teatro Constitucional não abandonou seu sistema de depredações da escola romântica! Depois dos incestuosos deboches da *Torre de Nesle*, quantos crimes não têm reproduzido nossa cena! Que horrível desperdício de sangue e de atentados! Agora dão-nos o divertimento de um rei, esse rei é o vencedor de Marignan, o protetor das letras, o cavaleiro discípulo de Bayard: esse rei é Francisco I, Francisco I que só tinha dois cultos, o da honra e o do amor. Esperávamos portanto uma peça agradável, esperávamos ver o rei cavaleiro em toda a sua glória, em todo o seu esplendor: enganamo-nos: o Francisco I do drama não é o Francisco I da história, é um homem sem pejo, sem brio, que desce às tabernas, que se entrega a meretrizes.⁸³

⁸⁰ SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.176.

⁸¹ SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.136.

⁸² FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.70.

⁸³ FARIA, op. cit. p.70.

De acordo com Faria, “a revolta do crítico tinha raízes morais e políticas, não estéticas. Justiniano não reagiu enquanto clássico, mas enquanto patriota francês (muitos brasileiros o eram) e enquanto monarquista ferrenho, não admitindo insultos às suas queridas verdades – ou ilusões – históricas”.⁸⁴ A crítica de Justiniano se estende para todos os suportes que se dedicavam à escrita, principalmente aos jornais que fundou e dirigiu, como, por exemplo, no *O Chronista*, extinto em 1841, depois em *O Brasil*, no qual se desejavam definir os processos históricos do teatro brasileiro do último decênio. Ele dividirá o período em três épocas: “a ‘liberal’, das proclamações políticas; a ‘belicosa’, da soldadesca em cena; e, por fim, ‘a época endiabrada, a que chamaremos’, diz ele, de ‘romântica brava!’”. Assim, no formato folhetim, no ano de 1841, no *O Brasil*, Justiniano escreve:

Mas, como íamos dizendo, também tivemos de assistir às orgias asquerosas do talento em delírio. [...]. A *Torre de Nesle* com rodas as suas impudicícias, *O Rei Se Diverte*, *Os Seis Degraus do Crime* despertaram a atenção do público e chamaram ao teatro grande cópia de espectadores, pelas mesmas razões por que se apinham de gente as praças públicas quando há enforcado. No horror porém não há gradação, os primeiros dramas esgotaram a mina, de modo que a época romântica brava, posto durasse mais do que a época belicosa, não pôde dominar por muito tempo. Se há curiosidade que se satisfaça facilmente, é a de conhecer as sensações do crime.⁸⁵

Contudo, Justiniano, segundo Faria, o primeiro crítico teatral do Brasil, nesse mesmo ano já havia abandonado o posto de crítico e estaria se dedicando, majoritariamente, ao jornalismo político, “onde ele podia dar vazão aos seus pendores polêmicos”. Essa dedicação lhe conferiu o título que Sodré contesta, a exemplo do que Alfredo Pujol⁸⁶ escreveu: “A imprensa política deve a Justiniano as suas páginas de mais forte relevo e de ressonância mais

⁸⁴ FARIA, op. cit. p.70.

⁸⁵ FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.72, transcrito do folhetim de 15 de junho de 1841.

⁸⁶ Alfredo Gustavo Pujol (São João Marcos, 20 de março de 1865 — São Paulo, 20 de maio de 1930) foi advogado e político, terceiro ocupante da Cadeira 23, eleito em 14 de novembro de 1917, na sucessão de Lafayette Rodrigues Pereira e recebido em 23 de julho de 1919 pelo Acadêmico Pedro Lessa. Recebeu o Acadêmico Cláudio de Sousa. Iniciou os estudos primários com o pai. Transferiu-se para São Paulo, onde concluiu os preparatórios e cursou a Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1890. Quando estudante, trabalhou como revisor de jornais, exercendo também o magistério particular. (...)Escreveu em jornais de São Paulo, como o *Diário Mercantil* e *O Estado de São Paulo*, de Campinas e do Rio de Janeiro. Iniciou a carreira política em 1888, ainda estudante do 3º ano do curso jurídico (...) Em 1892, o Partido Republicano Paulista elegeu-o deputado estadual. (...)A sua estreia literária se fez com um artigo sobre o romance *A carne*, de Júlio Ribeiro, considerado como adverso ao escritor por ele ter sabido distinguir da arte naturalista o objetivo de escândalo. Para ele, romances como *O homem*, de Aluísio Azevedo, *A carne*, de Júlio Ribeiro, e outros do gênero na literatura brasileira, na portuguesa e na francesa, não deveriam ser considerados como obras de arte.” (Disponível para consulta no site da Academia Brasileira de Letras. <https://www.academia.org.br/academicos/alfredo-pujol/biografia> Acesso em 5 de mar. 2023)

vibrante”.⁸⁷ Raimundo Magalhães Júnior dirá que o que mais teve em desfavor de Justiniano foi “a condição de haver sido quase sempre um jornalista governamental.”⁸⁸

A esse respeito, Justiniano disse não ser boêmio o suficiente para seguir o borbulhar de sessões teatrais e não haver espírito compreensível para o rumo que o teatro no Brasil estava a tomar. Em uma de suas primeiras críticas, já registrava o clima de competição e excitação provocado desde 1836, sentimento que se seguiu até 1841, pela onda revoltosa romântica:

Aberta estava a nova carreira, nela se precipitaram os dois teatros à porfia de quem havia de desperdiçar maior número de riquezas, antes que o público esteja satisfeito de um drama, quando ele vai principiando a entendê-lo, quando os atores vão-se penetrando de seus papéis, e tomando conta do caráter que têm de representar, ei-lo abandonado, eis que novo drama lhe sucede; destarte em breve teremos esgotadas todas as riquezas dos Dumas, dos Hugos, todos esses dramas, todas essas tragédias com que a fecundidade de tantos escritores alimenta continuamente os teatros.⁸⁹

Esse abandono da crítica teatral não significou, para a trajetória de Justiniano, o abandono da literatura. “Não foram poucas as obras deixadas por Justiniano José da Rocha. Não escreveu apenas na imprensa e nem se ocupou somente de assuntos políticos. Publicou também livros e folhetos.” Há também tradução de vários romances e novelas, publicadas como folhetim no *Jornal do Commercio*, como, por exemplo, “*O Conde de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas [1842]; *Os Miseráveis*, de Victor Hugo [1862 – ano da morte de Justiniano]; *Piquillo Alliga, ou os Mouros no Reinado de Felipe III*, de Eugene Scribe etc.” No teatro, “traduziu a peça teatral *A questão do dinheiro*, de Alexandre Dumas Filho, que foi representada num dos teatros da Corte, depois, editada em volume, no ano de 1858”, não deixando de fazer parte do Partido Conservador e de estar a serviço dele por uma “política relatora”. De crítico passou a ser “censor teatral, a convite da direção do Conservatório Dramático, e membro do Conselho Superior de Ensino.”⁹⁰

Segundo Elmano Cardim, exerceu essa função de 1846 a 1847, para ajudar em suas necessidades financeiras, “opinou, em pareceres curtos e sem maior interêsse, sobre as peças a representar nos teatros do Rio de Janeiro: os dramas *Lestocq*, *O Pagem da Alpibarrota*, *Três*

⁸⁷ FARIA, Op. Cit., p.74

⁸⁸ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Três panfletários do segundo reinado**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras (Coleção Afrânio Peixoto,86), 2009. p. 125-126

⁸⁹ FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013. p.67

⁹⁰ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Três panfletários do segundo reinado**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras (Coleção Afrânio Peixoto,86), 2009. p. 139-140

anos da vida de um deputado e As três irmãs da Bretanha, a Tragédia Abamoaçara e a comédia O noivo e a campanha.”⁹¹

Em 21 de abril de 1844, é encaminhado, pelo 1º secretário do Conservatório Dramático, o pedido de exame censório a dois críticos da peça *Antony* para encenação no Teatro São Francisco. O primeiro é Josino do Nascimento Silva,⁹² que argumenta:

O drama de Alexandre Dumas intitulado – *Antony* – está julgado pela moral e pela literatura, e para que ele(?) não faltasse(?) a aprovação da autoridade pública, em França, cujo teatro é bastante livre, foi proibida sua representação. Antony, o heroe do drama, apparece em cena para conspirar contra todas as leis convencionais sociais, para attacar a sociedade em sua base principal. Cada cena, cada auto é sempre dominado pelo mesmo espirito de revolta, e, quanto a mim(?), não é o teatro brasileiro para tamanha desenvoltura(?). Respondo por tanto o drama *Antony*, e mais amplamente desenvolveria(?) os motivos da minha reprovação, de não fazer(?) tantas as vezes poderosa(?) que a erguerão em França, em Inglaterra, na Itália e em Portugal contra essa produção do brilhantissimo talento de o excelentissimo Dumas. Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1844.⁹³

Um outro parecer, do dia 24 de abril, segue, na mesma linha, a esse de Josino. O nome do censor, porém, não está compreensível, mas inicia o texto afirmando: “O assumpto deste drama de fogo he intolerável: elle é tão bem sustent(?) e tão animado desde a 1ª scena, até a última que, por isso mesmo se torna mais perigoso. He bem capaz de impressionar a mocidade [...]”. Diante desses pareceres, que não negam a qualidade estética da peça, mas sim a moral, assim como o colega Justiniano afirmava, o 1º secretário, no mesmo dia 24, decreta a censura com as seguintes palavras:

A’ vista da censura com a qual me conformo, não pode representar-se o presente drama intitulado – *Antony* – já reprovado pela autoridade em França e contra a qual se erguerão vozes(?) poderosas na Inglaterra, na Italia, e em Portugal, a cujas vozes(?) se une o Conservatório Dramatico Brasileiro para impedir a sua representação nos

⁹¹ CARDIM, Elmano. **Justiniano José da Rocha**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964, p.27

⁹² Josino do Nascimento Silva (Campos dos Goitacazes, 31 de julho de 1811 — 6 de junho de 1886) foi magistrado e político brasileiro. Formado em Direito, trabalhou como advogado e juiz. Foi deputado geral pelo Rio de Janeiro, presidente da província de São Paulo, jornalista, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro do Conselho de S. Majestade e Comendador de Cristo. Presidiu a província do Rio de Janeiro no período de abril de 1871 a outubro de 1872. (Disponível para consulta no site do projeto “Identidades do Rio”. <http://www.pensario.uff.br/texto/1871-1872-josino-nascimento-silva> Acesso em 5 de mar. 2023).

⁹³ VASCONCELOS, José Rufini Rodrigues. Encaminhamento do 1º secretário do Conservatório Dramático Brasileiro de pedido para exame censório da peça Antony y, de Alexandre Dumas, para encenação no Teatro São Francisco [Manuscrito]. In. **Conservatório Dramático Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. [s.n.], 21 Abr. 1844. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html> Acesso em: 21 jan. 2022. Transcrição nossa. O símbolo (?) presente em toda a tese foi colocado por nós quando a leitura estava incompreensível.

Theatros da Côrte. Rio de Janeiro, 24 de Abril o Presidente - Diego Soares da Silva de Bivar. Conforme Jose Rufino R. V.⁹⁴

Nesse momento, o drama já havia sido apresentado ao público, com uma apresentação realizada no Theatro de Santa Theresa, em um domingo, 1º de janeiro de 1843, anunciado no *Jornal do Commercio* na sexta-feira, dia 30 de dezembro de 1842.

Com o tempo, contudo, aparecerão inúmeros pedidos de censura das obras de Dumas, como, por exemplo, com *Charles VII chez ses grandes Vaussaux*, a ser encenado no Teatro Francês, a peça *As Educandas de S. Cyro*, que se passaria no Teatro de São Pedro, a comédia *O chale de cachemira*, a ser apresentada no Teatro Ginásio Dramático e avaliada por Emile Adet, que diz não ser de certo essa uma obra-prima,⁹⁵ e a peça *Um casamento no reinado de Luiz XV*, a ser encenada no Teatro São Pedro de Alcântara. Decerto havia um acompanhamento atento aos movimentos do literato, pois temiam que a mocidade fosse influenciada por tamanha violência gratuita que essas obras provocavam.

Chega a ser irônico que a revista *Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras*,⁹⁶ em 1838, tenha publicado uma história escrita por Dumas sobre a moral. O texto está presente

⁹⁴ VASCONCELOS, José Rufini Rodrigues. Encaminhamento do 1º secretário do Conservatório Dramático Brasileiro de pedido para exame censório da peça Antony y, de Alexandre Dumas, para encenação no Teatro São Francisco [Manuscrito]. In. **Conservatório Dramático Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. [s.n.], 21 Abr. 1844. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html> Acesso em: 21 jan. 2022. Transcrição nossa. O símbolo (?) presente em toda a tese foi colocado por nós quando a leitura estava incompreensível. Transcrição nossa.

⁹⁵ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Três panfletários do segundo reinado**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras (Coleção Afrânio Peixoto, 86), 2009. “Carlos Emílio Adet [Charles Émile Adet] (1818 – 1867) nasceu em Paris. Quando chegou com a família ao Brasil, contava com nove anos de idade. No período escolar retornou à cidade natal para a conclusão dos estudos. Ao regressar ao Rio de Janeiro, naturalizou-se cidadão brasileiro. Foi membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiros (IHGB), do Conservatório Dramático Brasileiro e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Participou das redações do *Jornal do Comércio*, além de escrever para a *Revista Minerva Brasiliense*. Entre 1845 e 1851, viveu em Paris e passou a colaborar com a *Revue des Deux Mondes*. Nesse período, foi correspondente dos jornais *Correio Mercantil* e *Gazeta do Rio de Janeiro*. Na década de 1860, tornou-se diretor do *Jornal do Comércio* (Silva, 1870: 34). No Rio de Janeiro dedicou-se, também, ao ensino da história das línguas francesa e grega, ao estudo da literatura e do teatro francês. Publicou biografias de autores franceses, entre elas a de Jules Janin, escritor, dramaturgo e crítico literário e da poeta Clara Mollart (Kerbaux, 2008: 139).” (SILVA, Charles Roberto. O Brasil de Émile Adet: entre a propaganda, o relato de viagem e o teatro. In. **Plural Pluriel: Revue des Cultures de Langue Portugaise**, n.18, 2018 Disponível em: <https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/142> Acesso em 25 de jan 2023)

⁹⁶ *Jornal diferente do Jornal das Famílias* do editor francês Baptiste Louis Garnier – criador no Rio de Janeiro, em 1844, em sociedade com seus irmãos na França, da “Garnier Irmãos”, logo depois denominada apenas “B. L. Garnier” ou apenas “Garnier”. “O *Museo Universal*, jornal das famílias brasileiras foi uma revista ilustrada publicada pela tipografia de Junius Villeneuve entre julho de 1837 e julho de 1844. A revista foi um marco desse período justamente por introduzir o uso de ilustração na imprensa nacional. Era publicada semanalmente aos sábados em edições de oito páginas divididas em duas colunas e fartamente ilustradas. A publicação apresentava numeração de páginas continuada, pois importava numerar o tomo com as edições de um ano inteiro para, ao final, formar uma espécie de anuário. A assinatura da revista podia ser realizada por 6\$000 réis para recebê-la por seis meses ou pelo valor de 10\$000 réis por um ano. Além disso, cada fascículo semanal era vendido avulso por 320 réis.” (SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. Junius Villeneuve e a circulação de estratégias de edição

no espaço dedicado aos “Estudos Moraes” e trata-se do artigo intitulado “O cocheiro de cabriolé”. A revista, no entanto, era ousada em suas propostas, chocando menos em relação ao que, portanto, era proposto. Era uma revista ilustrada, marco importante para aquele momento no desenvolvimento dos meios de comunicação. No Brasil, a circulação de revistas ilustradas teve seu auge a partir da segunda metade do século XIX, tornando-se a revista *Museo* uma pioneira nessa proposta:

A revista *Museu Universal: Jornal das famílias brasileiras*, publicada entre 1838 e 1844, era composta majoritariamente por textos e ilustrações criados no exterior e adaptados para o público brasileiro por J. Villeneuve e Cia., que, na época, produzia também o Jornal do Comércio. Cardoso discute o fato de a revista *Museu Universal* ter sido ignorada por estudiosos da história da imprensa brasileira, em detrimento do crédito dado à revista *Lanterna Mágica*, produzida por Araújo Porto-Alegre e que iniciou a publicação de caricaturas apenas em 1844. Tal distorção pode ter acontecido pelo fato de as imagens serem importadas, porém a referida revista “surte na sociedade brasileira na tentativa de suprir uma demanda percebida por informação visual”. Fato é que *Museu Universal* circulou por seis anos, tempo considerável se comparado ao período de circulação da maioria dos periódicos do século XIX, e veiculou em média 200 ilustrações por ano. Foi pioneira junto à revista ilustrada *L’Echo Français*, editada também por Villeneuve em 1838 (Cardoso in Knauss, 2011, p. 20). A qualidade e a variedade dos clichês produzidos por boas oficinas europeias devem ter revolucionado o olhar de toda uma geração de pequenos leitores, que despertava para o grande mundo descortinado para as famílias brasileiras por esse periódico (Cardoso in Knauss, 2011, p. 20).⁹⁷

A reflexão foi escrita em primeira pessoa por Dumas, relatando as formas de agir e de ser no mundo, por meio da representação de duas imagens, um cocheiro de cabriolé e um *cocher de fiacre*, em tradução livre do jornal, um boleiro. Esse último “costuma ser hum sujeito grave, imóvel e desenhado, suportando, com impassibilidade stoica, todas as injurias do tempo; solitário sobre a sua almofada, vive no meio da sociedade sem com ella estar em contato”; já o cocheiro de cabriolé “he outra cousa. He mister estar de muito mau humor para que qualquer se não alegre com os cumprimentos que ele faz [...] a causa disso he porque o cocheiro de cabriolé tem visto o mundo, tem vivido a sociedade”.⁹⁸ Dumas aqui faz esboço ao que mais tarde será chamado de homem moderno e também *flâneur*, nos moldes de Baudelaire.

francesas no Brasil do século XIX: Romance-folhetim e o *Museo Universal*. Revell, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 256 - 274, jan.-abril. 2019. p.267)

⁹⁷ FONSECA, Leticia Pedruzzi. A publicação periódica ilustrada brasileira no século XIX. In. **12º P&D Congresso Brasileiro de Pesquisa e desenvolvimento em design**. Belo Horizonte: n.2, vol.9, p. 424 – 436, 2016. pag.428. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0037.pdf> Acesso em 19 jan. 2023

⁹⁸ DUMAS, Alexandre. O cocheiro de cabriolé. In. **Estudos Moraes**. Rio de Janeiro: Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras, 1838, pag.13 (Texto de tradução da revista, sem autoria)

À continuação, Dumas dá a entender que o cocheiro é o melhor homem para a sociedade, aquele que se deixou ser instruído, é aberto ao mundo e reflete sobre suas ações. Ademais, é o que ele prefere e de onde seu herói *Antony* saiu. “A sua moralidade he com pouca diferença como a de Bartholo”, que seria um “heroe de romance, cuja moral he um pouco suspeita”. Quando se lê mais um pouco as páginas do jornal, é possível observar uma narração diferente sobre o que é moral, distante de Justiniano ou Josino. Dumas vai até além: o herói aqui não é apenas aquele do romance, mas o próprio escritor; de certa forma, ele era o cocheiro que inspirou *Antony*. Assim, ele argumentava:

E eu, como andava então todo entretido a compor o meu Antony, e o cabriolé ia muito sereno, puz-me a reflectir no fim do terceiro acto, que não deixava de me inquietar bastante. Não há para um poeta instante de maior enlevo do que aquelle em que vê a sua obra acabar bem. Para chegar a esse ponto teve tantos dias de trabalho, tantas horas de esmorecimento, tantos momentos de enleio, que, quando ele vê. Nesta luta do homem com a intelligência, que a idea que apalpou em todos os lados cede finalmente á sua porfia, do mesmo modo que o inimigo debaixo dos pés a pedir perdão, tem hum instante de prazer proporcional, na sua fraca organização, áquelle que Deos devia sentir quando disse á terra: “Faz-te” e foi feita a terra; e, á semelhança de Deos, pode também o poeta no meio do seu orgulho exclamar: “Algo fiz de cousa nenhuma; arranquei hum mundo ao nada”. Verdade seja que o mundo do poeta não he povoado com mais d’uma dúzia de habitantes, não ocupa mais espaço no systema planetar do que o de 34 pés quadrados de hum theatro; e muitas vezes nasce e morre na mesma noite. Mas não tem duvida que nem por isso deixa a minha comparação de ser exacta: eu gosto mais da igualdade que exalta do que da que humilha. Dizia eu pouco mais ou menos estas cousas para os meus botões: via através de hum transparente véo ir o meu mundo ocupar o competente lugar entre os planetas literários; seus habitantes fallavão a meu gosto, caminhavão a minha moda; estava contente com eles, já sentia chegar da eshera visinha hum sussurro não equivoco de aplausos que denotavão que a gente que passava pelo meu mundo o achava a seu gosto, e com isto ficava contente de mim mesmo.⁹⁹

A busca de Dumas pelos seus heróis não foi, portanto, indiferente ao leitor brasileiro, e estava sendo acompanhada atenciosamente pela imprensa. O debate estava até mesmo além da reflexão sobre os heróis de romance, pois já se falava do herói Dumas, o escritor moderno, como foi chamado em jornais desde 1837, aquele que buscou, de diversas formas, entrar nas casas e mostrar um pouco daquele mundo que o cocheiro observava a cada dia. Por isso, Dumas andava de cabriolé com o cocheiro, considerando-se que, além da identificação, era uma inspiração, um homem que era da sociedade, que aprendia, se defendia e transportava.

Nesse mesmo ano de 1838, Dumas inovou novamente e se mantinha vivo também de outra forma no Brasil: habitou efetivamente diversos “planetas literários” e possibilitou até mesmo a formação deles. Isso ocorreu com a circulação dos folhetins e peças textuais à venda

⁹⁹ DUMAS, Alexandre. O cocheiro de cabriolé. In. **Estudos Moraes**. Rio de Janeiro: Museo Universal: Jornal das Familias Brasileiras, 1838, pag.13 p. 43

na indústria cultural, então em formação, brasileira. O principal veículo de tamanha exuberância, e, por que não, “exaltação”, em palavras de Dumas, no Brasil, foi o *Jornal do Commercio*, aquele que sustentou a imagem de Garibaldi e, também, o primeiro a publicar o primeiro folhetim de Dumas no País. Nesse sentido, Bezerra argumenta:

No Brasil, o romance de Dumas teve entrada por meio de um veículo popular e em versão traduzida, *Capitão Paulo*, que participou no estabelecimento do romance-folhetim na França, ao ser publicado no rodapé do jornal *Le Siècle* de 30 de maio a 23 de junho de 1838, foi o primeiro romance a ser veiculado pela imprensa no Brasil. Isso se deu nas páginas do Jornal do Comércio ainda no mesmo ano, de 31 de outubro a 27 de novembro. A pequena diferença de tempo entre a publicação do romance na França e no Brasil mostra o quanto a imprensa brasileira estava atenta à produção periódica francesa, passando a oferecer para os leitores do país os romances que despertavam a atenção dos leitores franceses.¹⁰⁰

A entrada de Dumas no Brasil pode, portanto, ser percebida, inicialmente, de duas formas: em 1835, pelo teatro, e em 1838, com seus romances no formato folhetim. Falava-se, em 1835, de Alexandre Dumas, porém, quase exclusivamente no Rio de Janeiro, com algumas referências de 1838 na imprensa de Pernambuco – que só postará sua biografia em uma terça-feira, 22 de junho de 1847, no *Diário Novo*¹⁰¹ – e na imprensa do Pará.

O herói foi sua base e seu continuar, assim como dito por ele mesmo. Foi assim também na aproximação e publicação das *Memórias de Garibaldi*. Certo é que, no Brasil, não estavam alheios aos heróis de Dumas.

2.1 A transversalidade da imagem do herói romântico

Há outro ponto que torna a citação do *Jornal do Commercio* de 1837 curiosa e interessante, trata-se do relato autobiográfico de Dumas. O autor do reclame não fez um relato

¹⁰⁰ BEZERRA, Valéria Cristina. O Romance de Alexandre Dumas no Brasil. In. **Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX**. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie_valeria_pt.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023

¹⁰¹ “O *Diário Novo* foi um periódico publicado no Recife, na então Província de Pernambuco, no Brasil, no início do Segundo Reinado. Foi assim batizado para “contrastar com o *Diário Velho*, o *Diário de Pernambuco*, que seria de vanguarda impressa e tradicional dos conservadores (...) [O *Diário Novo*] era um órgão do partido liberal, com oficinas à rua da Praia 55, de que derivou o nome de praieiro, dados aos seguidores desse partido em Pernambuco naquela época. Durou cinco anos, de 1842 a 1848, dirigido por Luís Inácio ribeiro Roma. Não era a única folha liberal do Recife, mas foi publicada com regularidade, tirando cerca de 2000 exemplares. Quanto à orientação, teve duas fases: enquanto os liberais estiveram no poder, quando, por contrato, publicava as notícias administrativas da província, como folha oficial; e depois da queda dos liberais, quando se concretizou a frente que desembocaria no movimento armado [Revolta Praieira]”. (SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.145-146)

biográfico, mas preferiu traduzir e transcrever as palavras de Dumas sobre sua vida; tampouco fez uma análise crítica, mas apenas incluiu uma nota sobre quem era o pai do literato, Thomas Dumas.

O indício de que essas palavras possam ser de Dumas está vinculado à técnica de escrita muito utilizada por ele, os diálogos, vivos e contínuos, que trazem a sensação do real e levam o leitor a imaginar a cena descrita. Também há o fato de que, mais tarde, esses relatos serão cristalizados em um único espaço, dando vida a uma coleção monumental de dez volumes, intitulada *Mes Mémoires*, publicadas por Michel Lévy Frere.

Em uma folha azul, com letra irrepreensível, sem rasuras, Alexandre Dumas dava início à redação de suas memórias. Era 18 de outubro de 1847, cinco e meia da manhã, e o Château de Monte-Cristo estava completamente silencioso. Aos quarenta e cinco anos, o célebre autor de dramas românticos e de famosos folhetins decidiu parar para refletir sobre sua existência e para se dedicar ao introspectivo trabalho que exigem as escrituras do eu. Assim nasceu **Mes mémoires**: obra caudalosa, entre o registro literário e o histórico, concebida com a ambiciosa pretensão de eternizar, mais do que a sua história pessoal, as memórias de seu país, a França.¹⁰²

Segundo Dumas, suas memórias não passavam de um passatempo necessário, pois a idade sugeria que tinha chegado o momento de fortalecer sua presença e sua fala em um mundo literário que o amava e o odiava ao mesmo tempo.

Mendes abre o capítulo de sua tese com a citação das palavras escritas por Dumas nos *Causeries*, em que ele afirma que, à medida que vai envelhecendo, conversar se torna uma necessidade mais imperativa e por isso a busca constante pela escrita, sem se importar com a forma, transitando e experimentando gêneros literários variados. Essa hibridização dá-se para satisfazer o seu gosto com o conteúdo do coração. Assim, passa pelo romance, vai para as memórias autobiográficas, depois se dedica aos *Grands hommes en robe de chambre*, em seguida volta para falar das novas edições de seus livros por meio de prefácios e, por fim, com muita ironia, diz: “[...] então o que mais eu sei?... Até fundei um jornal – só para bater um papo”.¹⁰³

De fato, suas narrativas autobiográficas foram muito efetivas, considerando-se que é nelas que se baseiam grande parte das biografias produzidas sobre Dumas. Apesar de muito ter sido traduzido e lido pelo mundo, na crítica literária pouco foi considerado. Isso ocorreu de

¹⁰² MENDES, Maria L. D. **No limiar da história e da memória**: um estudo da *Mes Mémoires* de Alexandre Dumas. USP: Departamento de letras. 2007. p.14

¹⁰³ MENDES, Maria L. D. **No limiar da história e da memória**: um estudo da *Mes Mémoires* de Alexandre Dumas. USP: Departamento de letras. 2007. p.14

forma bastante contundente até mesmo no Brasil. A revista conservadora *O Guanabara: Revista mensal artística, científica e litteraria*,¹⁰⁴ ao analisar o romance *Vicentina*, de J. M. de Macedo, assim caracteriza o gênero literário romance, em 1838:

O romance é d'origem moderna; veio substituir as novelas e as histórias, que tanto deleitavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quase um alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos. Por seu intermédio pôde-se moralizar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que alias escapariam á sua compreensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em ação: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só fala a alguns centenaes de pessoas, cujas posses e occupaões lhes perittem de frequentar os espetáculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem ler. Penetra no palácio e pousa sobre o esplendido bufete do rico e do nobre, sobre a meza de trabalho do literato alcatifada de livros, folhetos e jornaes, dando a imagem perfeita do cahos, ou então penetra no alvergue do pobre, do artesão, e vae suavizar-lhe os amargores do trabalho recreando a sua intelligência, e infiltrando nella os princípios de moral e de sua filosofia, que devem servir-lhe de norma na escabrosa vereda da vida.¹⁰⁵

O autor, portanto, reconhece ser o romance, dentre os gêneros literários, o mais híbrido, que se adapta aos suportes, circula entre a população e é, por isso, mais acessível, é aquele que chega a quem só da igreja podia receber instrução. Nessa perspectiva, seu benefício é significativo para a sociedade, mas há um porém: “[...] para que o romance produza os benefícios, que acabamos de enumerar, cumpre que ele saiba guardar as regras, que lhe são traçadas, que seja como uma colmeia do saboroso mel, e não uma taça de deletério veneno”. Esse deletério veneno possui nomes como Alexandre Dumas, com a obra *O Conde de Monte Christo*, e Eugenio Sue, com *Os sete pecados mortaes*, que se contrapõem aos exemplares de Bernardin de S. Pierre, com a obra *Paulo e Virginia*, e Chateaubriand, com *René e Atala*. Assim, o autor qualifica Dumas e Sue:

O povo em sua cândida simplicidade busca nelle instruir-se deleitando-se: e quão negro não é o crime daquelle, que abusando do seu espirito, das graças da linguagem, e das seducções da poesia propaga ideas funestas, que plantam a descrença n'alma, fazendo murchar uma por uma as flores da esperança, ou então tomando-se ainda mais culpável santifica o vicio emprestando-lhe as cores da virtude! [...] Quem não lamentará connosco a rápida decadência dessa literatura romântica, que mostrando-

¹⁰⁴ “Esse periódico surgiu em 1849 e teve sua circulação interrompida no ano seguinte, devido à epidemia de cólera que assolava o Rio de Janeiro. Retomou as atividades em 1951, circulando mensalmente até 1855. Era redigido por uma associação de literatos e dirigido por Manuel de Araujo Porto-Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo. Importante contribuição desse periódico é a publicação das atas e dos trabalhos da Sociedade Velosiana de Ciências Naturais, no suplemento “Biblioteca Guanabarenses”. Criada no Museu Nacional em 1850, a entidade tinha como objetivo a divulgação de estudos sobre a flora brasileira. Deu lugar, em 1857, à Revista Brasileira, jornal de ciências, letras e artes, publicação com ênfase maior em matérias de divulgação científica.” (Disponível para consulta no site Brasiliana: A divulgação científica. <http://www.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=25&sid=21> Acesso em 5 de mar. 2023).

¹⁰⁵ *Vicentina*, de J. M. de Macedo. In: **O Guanabara: Revista mensal artística, científica e litteraria**, Rio de Janeiro: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, p.17.

se em seu berço tão casta e tão pura, precipitou-se nos abysmos da impiedade julgando correr após o ideal e o vaporoso!¹⁰⁶

Aqui, observa-se um exemplo de crítica feita à literatura romântica francesa, observável nos comentários de periódicos e jornais. Por esse discurso, algumas resistências foram se colocando, gerando pouco interesse, nos biógrafos, em retratar a vida de Dumas de forma aprofundada. Isso gerou uma falta de documentação e de produção que só consegue ser preenchida em grande parte pela maciça presença na imprensa ou pela divulgação das obras do próprio Dumas.

Em uma entrevista, publicada no dia 5 de fevereiro de 2017, no *Correio Brasiliense*, Severino Francisco dirige a seguinte questão à pesquisadora brasileira Maria Lúcia Dias Mendes: “Ainda existe preconceito da crítica com Dumas?”. A autora então responde:

Sim, o preconceito é muito forte. Quando a minha tese de doutorado só a minha orientadora me incentivou. Mesmo na França, Dumas é pouco pesquisado. No máximo, existem umas 30 pessoas que se dedicam a estudar a obra dele. Dumas teve o azar de ter nascido no mesmo ano que Victor Hugo, que foi o grande autor da França no século 19, e todo o restante ficou em segundo plano. Vitor Hugo sempre se colocou para a posteridade. Não se vulgarizou nos meios de comunicação de massa. Enquanto isso, Dumas escreveu mais de 200 títulos, fez uma literatura de consumo. Claro que nem tudo tem o mesmo valor, mas produziu obras de alta qualidade literária.¹⁰⁷

Foi também por esse preconceito que Dumas manteve-se fora da Academia de Letras: apenas em 2002 teve sua entrada oficializada no *Panthéon* de Paris, ao lado de grandes nomes, como o de seu colega Vitor Hugo. No entanto, foi também esse sentimento de rejeição que dirigiu muitas escolhas da vida de Dumas, levando-o, inclusive, à busca de Giuseppe Garibaldi, em 1860, na cidade de Turim. O literato primeiro buscou consolidar seu herói romântico e, em seguida, alimentou sua *Vendetta*.

Sendo assim, seguir-se-á uma análise que busca em Dumas a compreensão da relação entre o autor-pessoa e o autor-criador – o primeiro, componente da vida, e o segundo, elemento da obra. Foi pela busca dessa relação que chegou-se a entender por que motivo Dumas dedicou quatro anos de sua vida, de 1860 a 1864, à causa italiana e, principalmente, à construção da imagem de Garibaldi.¹⁰⁸ O próprio Dumas previu que todos questionariam um dia essa relação:

¹⁰⁶ Vicentina, de J. M. de Macedo, Op. Cit., p. 18.

¹⁰⁷ SEVERINO, Francisco. Maria Lúcia Dias Mendes propõe um novo olhar para a obra de Alexandre Dumas. Entrevista: *Correio Braziliense*, 2017. Disponível em: Entrevista. Acesso em 15 de abr. 2023.

¹⁰⁸ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico**: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023.

“Mas, vocês vão me questionar, ‘o que diabos você foi fazer em Turim?’ Eu fui lá ver Garibaldi. Garibaldi! Acabo de pronunciar o grande nome, o nome popular da Itália [...]”¹⁰⁹

Foi na investigação do autor-pessoa que se conseguiu compreender o autor-criador, que é constituinte do objeto estético, aquele que dá forma ao vivido pelo autor-pessoa. Há uma relação axiológica que liga dialogicamente esses autores, tornando eles vozes que trazem o subjetivo e o coletivo de acordo com as formas postas e validadas pelo excedente de visão estética do autor-criador, “condicionado pela singularidade e pela insubstitutibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim.”¹¹⁰ Nessa ação, esse autor já se torna “o outro”, é a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem e fornece um acabamento à imagem externa. Essa ação, para Bakhtin, não leva à morte do autor, mas à sua multiplicação no meio social.

Dumas é prova de que essa relação dialógica com suas produções e seus personagens levou à sua multiplicação no meio social. Seus textos foram e são traduzidos no mundo todo. De acordo com os trechos citados até este momento, é perceptível que o nome Dumas passou fronteiras e levou, para cada país, questionamentos e inovações.

No Brasil, todo o caminho foi acompanhado pela imprensa e por seus leitores e, por volta dos anos 1830, o nome Dumas e o de seus heróis começavam a ser reconhecidos pelas estradas de Paris. Não demorou muito e no Brasil já se falava não só de suas produções, mas também de suas ideias e de sua vida privada. Havia um misto de opiniões: aquelas favoráveis aos seus heróis românticos e, ademais, as que, ao mesmo tempo, temiam tudo isso. O autor chegou ao Brasil pelas vias do teatro e, em seguida, foi para o mundo da literatura e inspirou, segundo Bezerra e Gimenez, a literatura nacional, então em formação no Brasil. Logo, quando em 1860 aqui chegou, por meio da obra de Giuseppe Garibaldi, já não era um estranho.¹¹¹

Seus heróis inspiravam e foram eles que fizeram com que Dumas cada vez mais ganhasse espaço na casa de muitos pelo mundo. Iniciou seu caminho pelo herói mais clássico, aquele que era sobrenatural e tinha uma moral infalível, e, ao longo do tempo, a palavra

¹⁰⁹ “— Mais, me demanderez-vous, que diable êtes-vous allé faire à Turin ? J'allais y voir Garibaldi. Garibaldi! je viens de prononcer le grand nom, le nom populaire de l'Italie.” (DUMAS, Alexandre Come io ho conosciuto Giuseppe Garibaldi. *L'Indipendente*, anno 1, n. 2, 12 ottobre 1860. p. 1).

¹¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 21.

¹¹¹ BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. *Revell*, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 252, jan.-abril. 2019.

revolução ganhou mais espaço na construção de seus heróis, revolução entendida como o movimento de questionamentos que possibilitam mudanças do *status quo*.¹¹²

Os anos quarenta foram os mais favoráveis a Dumas no Brasil, já que, apesar de todas as críticas, muitos se interessaram em mostrar a importância de seus escritos para uma sociedade em formação, não só nacional, mas também cultural. Como exemplo pode-se citar O *Jornal do Commercio* que divulgou e defendeu o autor e sua forma de fazer literatura diversas vezes. Paula Brito,¹¹³ em 1839, defende o formato de publicação folhetim, bem como Dumas, dos ataques do jornal *O Despertador*. E é nesse sentido que ele argumenta, em “O folhetim do Jornal do Commercio ao Director do Despetador”:

Tendo os artigos do folhetim do *Jornal do Commercio* há algum tempo sido quase todos nossos, originaes ou traduzidos, lendo no *Despertador* huma frase que lhes diz respeito, julgamos dever dizer duas palavras ao director daquela folha. Diz elle – cobrir a nulidade de seus folhetins. – O que chama o *Despertador* nullidade? E como mostrará elle essa nulidade do folhetim? Julgamos que o *Despertador* no momento em que escreveu taes palavras tinha ido beber ... ao rio do negro esquecimento e eterno sommo; aliás não chamaria nullas semelhantes publicações. Sabe elle (fallaremos das traduzidas) que as tirámos de folhas do maior credito em França? Sabe que os seus autores são todos literatos de primeira ordem? Avalia por exemplo o merecimento de hum Alexandre Dumas? Sabe que esses folhetins são pagos ali alguns por avultadas somas? E se em França esses folhetins tem tanto credito, se quase todas as folhas os dão, como se atreve o *Despertador* a ridicularisa-los entre nós? Talvez a razão seja porque ainda não demos algum da pena de Michel Chevalier; ou então o director do *Despertador* lembra-se talvez do tempo em que po outra folha algumas vezes batemos completamente as suas theorias publicadas na Aurora, e quer novamente chamar-nos a campo? Talvez tenha decorado mais alguns palavrões, e com eles se suponha agora em estado de melhor sustentar a luta: temos porém de lhe dar hum desengano, e he que sobre utilidades de folhetins não sustentamos polemica: o juízo do publico he que nos há de guiar. Temos dous fias em nosso trabalho: instruir deleitando: fazer voltar as atenções para o campo da literatura retirando-as do campo da política. Suppomos fazer nisso algum bem ao nosso paiz. Quanto aos que tem sahido de nossa penna, como vem englobados na generalidade, não os defenderemos em particular.¹¹⁴

Dumas simbolizava, então, outro modo de fazer literatura, isto é, deu asas à quantidade e linhas de jornais e livros vendidos, a uma forma de se comunicar e apresentar à sociedade

¹¹² Ver: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro:Contraponto, 2006.

¹¹³ “Francisco de Paula Brito (1809-1861) nasceu em Suruí, província do Rio de Janeiro, filho de um carpinteiro; abandonou os estudos, na Corte, para fazer-se tipografo, entrando como aprendiz na tipografia Nacional, de onde passou ás oficinas do *Jornal do Commercio*. Instalou, em 1831, tipografia própria, participando do Sete de Abril. Fundou o periódico *A Mulher do Simplicio*, atacando Evaristo da Veiga; mas foi *A Marmota* a sua melhor atividade em jornal. Em sua loja acolheu a maioria dos escritores do tempo. Faleceu em extrema pobreza.” (SODRÉ, op. cit. p.194; Ver GODOI, Rodrigo Camargo. Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861). Campinas: Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de filosofia e Ciência Humanas, 2014)

¹¹⁴ BRITO, Paula. O folhetim do Jornal do Commercio ao Director do Despetador. In. **Jornal do Commercio**. Ed. 00199, 29 de ago.1839, p.3

distinta da até então existente: “Um dos principais fatores que fizeram sua obra ser detratada ou desdenhada pela crítica diz respeito justamente ao sucesso de público no seu tempo e à quantidade de romances feitos para atender a avidez desse público.”¹¹⁵ Seu sucesso, contudo, aconteceu entre peças e romances e foi assim que ele circulou pelo Brasil, utilizando-se de movimentos literários internacionais e se adaptando ao que estava em construção no Brasil.

Ilana Heineberg, ao estudar os romances folhetins nos principais periódicos do Rio de Janeiro – *Jornal do Comércio*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil* –, localizou um total de 35 romances de Dumas publicados entre os anos de 1839-1870, mais que o dobro de obras do segundo escritor mais publicado, Ponson du Terrail, que teve 17 romances veiculados na imprensa carioca no mesmo período, diferença que indica a popularidade e o interesse despertados pelos romances de Dumas no público leitor fluminense. Dentre esses romances, aparece o grande sucesso *O Conde de Monte Cristo*, publicado no *Jornal do Comércio* em três sequências (entre 15 de junho de 1845 a 27 de abril de 1846), por ter sido suspenso duas vezes enquanto se aguardava o envio dos folhetins da França, onde foi publicado no *Journal des Débats* em duas séries, entre 28 de agosto a 26 de novembro de 1844 e 20 de junho de 1845 a 15 de janeiro de 1846. Nas províncias do Brasil, as obras de Dumas também tinham grande circulação, pois a imprensa e o mercado livreiro percebiam o quanto o comércio de seus romances era bem sucedido e buscavam tomar parte desse êxito. Pesquisas revelam a presença dos romances de Dumas nos periódicos e no comércio livreiro do Ceará, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, do Pará, das quais se pode concluir que havia uma disseminação de suas obras pelo país em meados do século XIX (DEAECTO, 2011; SANTOS, 2010; SILVA, 2009).¹¹⁶

Dentre esse movimento de crescimento da literatura nacional havia alguns aspectos que se espalhavam pelo mercado literário mundial, atendendo às necessidades locais, e dentre eles pode-se citar o discurso sobre identidade e nacionalismos, a associação da literatura à imprensa periódica, a busca pelo maior público leitor e o fascínio pela narrativa da vida de heróis – este último foi aquele que fez de Dumas uma celebridade. Seus heróis chegaram até mesmo antes dele na casa de alguns leitores e, como foi possível observar, o primeiro herói que passou as fronteiras pelas mãos de Dumas foi seu pai. Tratava-se do herói clássico, aquele sobrenatural que pouco trazia do terreno, que estava acima de todos e não era corrompido pelo que fosse humano.¹¹⁷

¹¹⁵ BEZERRA, Valéria Cristina. O Romance de Alexandre Dumas no Brasil. In. **Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX**. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie_valeria_pt.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023

¹¹⁶ BEZERRA, Valéria Cristina. O Romance de Alexandre Dumas no Brasil. In. **Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX**. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie_valeria_pt.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023

¹¹⁷ BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. *Revell*, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 252, jan.-abril. 2019.

Dumas, em suas Memórias, gosta de repetir a influência de seu pai, Thomas Dumas, na sua trajetória, palavras reportadas pelo próprio *Jornal do Commercio*, que dedicou uma grande sessão a sua narrativa. Essa poderia ser, para Bakhtin, uma das razões axiológicas que criam uma ligação dialógica entre o autor-pessoa e o autor-criador. Diz respeito, então, à junção de motivações revisitadas pelo excedente de visão estética e transmitidas pela ação da escrita ou de qualquer outra forma de produção e transmissão da mensagem.

Resta a questão: que história é essa que tanto interessou os leitores? Falar do herói Thomas Dumas foi julgado importante pelos editores. O biográfico e o autobiográfico, portanto, seriam complementos para introduzir a leitura e a compreensão dos relatos de viagem publicados por Dumas. Naquela época, o autor escrevia suas impressões de viagem e seus relatos pessoais, sempre ricos de detalhes e diálogos, contando histórias pessoais, de outras pessoas e imaginárias. Por isso, a pergunta é: o que fez Alexandre Dumas?

Alexandre Dumas nasceu no dia 24 de julho de 1802, em uma pequena comuna francesa chamada de Villers-Cotterêts. Conforme seus biógrafos,¹¹⁸ e o próprio Dumas, sua infância foi “impregnada pela legenda de seu pai, que havia vivido de aventura em aventura sob o duplo signo do heroísmo e da vontade”.¹¹⁹

Essas aventuras do pai do literato eram decorrentes também das escolhas do avô paterno, o marquês Alexandre-Antoine Dumas Davy de la Pailleterie. Thomas nasceu da união com a escrava negra Cressette Dumas, em 27 de março de 1762. É um dos quatro filhos do marquês que, após ter falido, vende-o como escravo, recomprando-o em 1777.

Devido a isso, Thomas Dumas viveu diversas peripécias e, em uma sociedade escravocrata, teve de lutar pelo seu espaço dentro da ordem social da época. Na França, iniciou uma triunfante carreira como militar do exército e foi nas campanhas de Napoleão, como comandante do exército dos Pirineus Ocidentais, que ganhou sua fama e o apelido de “diabo negro”, por conta de sua forte constituição física, sua cor e sua coragem no campo de batalha. De acordo com o relato do *Jornal do Commercio*, Thomas Dumas “tinha uma força

¹¹⁸ MAOUROIS, André. **Os três Dumas**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.p.184; MENDES, Maria L. D. A voz do escritor romântico: as *Mémoires de Alexandre Dumas*. **Revista Travessia: Educação, Cultura, Linguagem e Arte**, Florianópolis, ed. 3, p. 1-2, 2008; REISS, Tom. **Conde negro**: glória, revolução, traição e o verdadeiro conde de Monte Cristo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015; D’ALMÉRAS, Henri. **Alexandre Dumas et les Trois Mousquetaires**. Paris: Société Française d’éditions littéraires et techniques, 1929

¹¹⁹ BRUM, Rosemary Fritsch. Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ção). In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Cláudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura**: perspectivas internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 308.

extraordinária, e apesar de sua cor, considerava-se como hum dos homens mais bellos do exército Frances.”¹²⁰

Começou, então, sua atuação em diversas campanhas pelo mundo, em nome do exército francês. Foi capturado na Calábria, em retorno de uma expedição ao Cairo, e foi torturado durante dois anos pelos Bourbons, que haviam recomeçado a guerra contra a França. Foi liberado por meio de uma troca de prisioneiros mediada por Napoleão, que, vendo-o naquele estado, julgou-o não mais útil para o exército francês, excluindo-o do sistema de méritos e posição social. Segundo Dumas, isso gerou em seu pai, já muito debilitado, uma profunda crise, e o “diablo negro” caiu no esquecimento, morrendo em 1806, quando seu filho tinha apenas quatro anos.

Alexandre Dumas dedicou todo o primeiro volume de sua autobiografia, *Mes Mémoires*, para contar a história do pai e de sua infância, marcada pela revolução e pela dor causada por ela, tendo se esforçado por mostrar como o general Davy de La Pailleterie fora peça fundamental para a formação de sua personalidade. Dos duzentos e sessenta e quatro capítulos que compõem sua autobiografia, vinte e oito falam de seu pai em sua vida privada e do que Dumas chama de suas virtuosas ações militares.

De acordo com Brum, “a vida de Dumas será marcada pela marginalização política do pai e motivo da sua morte prematura (45 anos), a viuvez da mãe e o abandono dos antigos camaradas sob Napoleão, que em 1804 já é o Imperador da França”. Nessas condições, Dumas teve uma educação falha entre empregados da mãe e professores contratados por ela. Quando recebeu uma bolsa em um seminário católico, recusou-se a ir, pois não gostava dos padres. Dedicou-se aos estudos conforme seus interesses e dividiu seu tempo com as caças que sempre ocorriam nos bosques de Villers Cotterêts.¹²¹

Foi na história de sua busca pela memória do pai, entre os dezoito e vinte anos, que o *Jornal do Commercio* iniciou a apresentação do literato. Esse foi o momento em que Dumas começou sua busca pela definição de uma vida profissional, como ele próprio relata:

Eu tinha vinte anos, quando huma manhã entrou minha mãe no meu quarto, com os olhos inundados de lagrimas, e apertando-me entre seus braços, me disse:
– Meu filho, vou vender quanto temos para pagar nossas dívidas.
– Muito bem, minha mãe, e que mais?

¹²⁰ Alexandre Dumas. In. Variedade. Rio de Janeiro: **Jornal do Commercio**. Ano IX, Ed. 00199, n.255, 17 de nov.1835, p.1-2. Disponível em: <https://l1nq.com/1YDvz>. Acesso em 25 de jan. 2023

¹²¹ BRUM, Rosemary Fritsch. Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ção). In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 308-309

- Que depois de pagar só nos ficão huns mil reales.
- De renda?
- Minha mãe sorriu-se.
- Ao todo? Perguntei eu.
- Ao todo!
- Muito bem, minha mãe, esta tarde tomarei duzentos reales, e sahirei para Paris.
- Meu filho, que vás tu lá fazer?
- Ver os amigos de meu pai [...].¹²²

Esse foi um momento decisivo na vida de Dumas, a partir desse momento sua vida se entrelaça com aquela da Revolução Industrial, Revolução da Leitura, do Romantismo e de tantas outras revoluções que aconteceram em Paris, como a de 1830 e 1848. Sua forma de agir fez com que ele não perdesse nenhuma revolução, de alguma forma participava, ao ponto de querer entrar na política, desejo que não se concretizou devido ao fato de não o terem levado à sério.

Durante a dissertação observou-se como sua aproximação com o mundo da Literatura já se formava antes mesmo de sua ida a Paris. Como relatado por Mendes já aos 18 anos, ainda em sua cidade, “Dumas começou a pensar em sua carreira profissional após assistir a uma montagem teatral de *Hamlet* (que desconhecia)”. De forma amadora chegou a formar uma companhia teatral que evidentemente não deu certo levando-o em 1823, a Paris.¹²³

Chegando na cidade procurou um a um os colegas do exército do pai falecido para pedir ajuda na procura de um trabalho para sustento. Foi então que chegou a ser um simples funcionário do Duque de Orléans.¹²⁴ Dumas dizia que apesar de definir-se republicano, sentia simpatia pela realeza, o que não o impossibilitou de participar das Revoluções de 1830 e 1848.

Dumas desde então vivia entre dificuldade financeira, construção de sua imagem e definição de seu lugar social. Seu pai foi um herói, mas não um apreciado por todos, afinal ele era diferente sua família não simbolizava a família tradicional francesa. Isso de certo não desencorajou. Além disso era conhecido pela sua vida boemia, principalmente de seus relacionamentos com diversas mulheres, o que o distanciava ainda mais do que era moral e

¹²² Alexandre Dumas. In. Variedade. Rio de Janeiro: **Jornal do Commercio**. Ano IX, Ed. 00199, n.255, 17 de nov.1835, p.1-2. Disponível em: <https://acesse.dev/1YDvz> Acesso em 25 de jan. 2023

¹²³ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26> Acesso em: 3 nov. 2023. p.40

¹²⁴ MENDES, Maria L. D. **No limiar da história e da memória: um estudo da *Mes Mémoires* de Alexandre Dumas**. USP: Departamento de letras. 2007.p.100.

tradicional. Nem mesmo o nascimento de seu primogênito Alexandre Dumas Filho, em 1824, o freou, Dumas estava obstinado e atingir sua meta. Queria se tornar um *gens de lettres*.¹²⁵

Isso significava que precisava achar seu espaço no mundo da leitura que crescia no meio burguês após a Revolução Francesa, como forma de afirmar seu lugar na sociedade, fortalecer seus direitos e assim poder ter sua própria opinião em relação a forma de viver o trabalho, o lazer e o conhecimento.¹²⁶

Foi então que a subjetividade foi compreendida. O crescimento das formas de comunicação fizeram com que essa subjetividade fosse alçada e potencializada, possibilitando assim um novo espaço para o sujeito que iria além da Corte e da Igreja. Foi um caminho de mão dupla, a partir do momento que mais e mais pessoas interessavam-se pelo que é escrito, mais a indústria de impressos crescia e se fortalecia. A luta agora era democratizar esses espaços de escrita.

Lilti chama de a economia do espetáculo a que era voltada para a visão urbana e a denúncia das formas de viver nesse meio urbano que crescia sempre mais.¹²⁷ “Empregados do comércio, artesãos, pessoas ligadas a trabalhos domésticos. Quem não dispunha de recursos financeiros começou a fazer das bibliotecas públicas e dos gabinetes de leitura um uso mais frequente.”¹²⁸

Com a visão se consolidado sobre tal movimento, Dumas queria ser escritor por trabalho, ele cresceria olhando e escrevendo sobre sociedade por meio de suas observações, relatos, denúncias e informações. Dumas, queria entrar assim na casa das pessoas e foi pelo movimento romântico que ele achou a porta de ingresso.

Apesar disso, não foi fácil sua junção com os escritores renomados, criticavam sua forma “crua” de fazer literatura, escandalosa e quantitativa. Dumas, queria sempre escrever muitas e muitas linhas, já que ganhava de acordo com a quantidade, precisava criar histórias que prendessem por longos tempos nos jornais e que criassem monumentais coleções. Há o caso, por exemplo, de sua autobiografia composta por dez volumes publicados inclusive em

¹²⁵ MENDES, Maria L. D. A voz do escritor romântico: as *Mémoires de Alexandre Dumas*. **Revista Travessia: Educação, Cultura, Linguagem e Arte**, Florianópolis, ed. 3, p. 1-2, 2008 p. 2.

¹²⁶ MENDES, Maria L. D. **No limiar da história e da memória**: um estudo da *Mes Mémoires* de Alexandre Dumas. USP: Departamento de letras. 2007. p.100.

¹²⁷ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018p. 296.

¹²⁸ MENDES, 2007, op. cit. p. 103.

jornais de própria criação ou não. Percebeu que seus heróis, de alguma forma, o levavam a popularidade, amados ou não, faziam com que Dumas fosse pelo menos notado.

O literato em formação investiu nessa criação de heróis e chocou com eles desde 1825, quando por influência de seu colega de trabalho, Lassagne, começou a escrever e publicar exatamente pelo sarau de Charles Nordier.¹²⁹ Após seu sucesso *Henrique III e sua Corte* de 1829, foi a vez de *Antony*, um dos primeiros heróis românticos, em 1830, censurado pela França e pelo Brasil.

Seu herói não só recebeu muitos olhares entusiastas e chocados, mas coincidiu com os ânimos do próprio escritor durante a Revolução de 30. Assim, por meio das leituras no período da dissertação observou-se que:

Foi a primeira e única vez que Dumas participou ativamente da revolução. Era jovem e entusiasta daquele clima de lutas, apesar disso, aquela foi uma experiência devastadora para ele e para todo o grupo romântico em que ele apoiava-se: “1830 foi um ano crucial para o romantismo. À revolução nas letras vai corresponder a revolução nas ruas. Época ardente em que a batalha está em toda parte: nas salas de teatro, nas barricadas e mesmo na intimidade dos casais”.¹³⁰ Tudo indicava, assim como o foi para Dumas, que a República triunfaria em 1830. No entanto, o governo que substituiu Carlos X, por orientação de Thiers, foi relacionado à imagem de Luís Felipe de Orléans, que deu início a uma nova realeza, mascarada por um soberano burguês. A censura foi abolida e ele passou a utilizar o nome de “Rei dos Franceses”, ao invés de “Rei da França”, como o fizera Carlos X. No fundo, a revolução originou uma monarquia constitucional, pode-se até dizer que serviu de inspiração aos princípios liberais, dando origem à chamada Monarquia de Julho.¹³¹

Se o Romantismo já cambaleava nessa época, Dumas buscou não se desencorajar. *Antony* não era como Thomas Dumas, pois havia, em sua composição, uma revolta pelos *status quo*, pelo que é posto como normal e como conduta moral. *Antony* estava mais para a descrição de seu próprio gênio, livre, apaixonado e marginalizado. Aqui começa a aproximação a outra figura heroica, aquela que traz mais proximidade com o grupo romântico francês que o literato fez parte.

A censura da obra foi certa no Brasil, pois influenciava negativamente a juventude. Mas, *Antony* despertava curiosidade e por isso visibilidade. Segundo Dumas era a Academia que

¹²⁹ Escritor romântico francês, nascido em 1780, em Besançon.

¹³⁰ D'ALMÉRAS, Henri. *Alexandre Dumas et les Trois Mousquetaires*. Paris: Société Française d'éditions littéraires et techniques, 1929 apud MAUROIS, op. cit.81.

¹³¹ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-caef-473e-9a79-15d3e5c69c26> Acesso em: 3 nov. 2023 (Ver : FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do romantismo. In: GUINSBURG, Jacob (Org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008)

animava as críticas, mas apesar disso os resultados vieram e não se falava de outra coisa por Paris que não de *Antony*.

Assim, ele abriu seus espaços de atuação entre os que o criticavam e os que o aplaudiam e se fortaleceu por meio de seu jeito animado, afrontoso e ao mesmo tempo detalhista, por meio de seus vivos diálogos e histórias envolventes com os sentimentos sociais da época. Foi para o teatro com Victor Hugo, para a escrita de romances, biografias e autobiografias com George Sand e para a imprensa com os principais editores da época. Mas, abriu também seus jornais, criou seu sistema de escrita por quantidade por meio dos colaboradores, que mais tarde o acusariam de apropriação indevida de autoria, comprou um castelo, faliu e continuo escrevendo para sobreviver.

Escreveu muito para poder fazer parte do principal grupo de expoentes do Romantismo como Victor Hugo, Balzac, George Sand entre outros. Escreveu com eles e contribuiu com eles. Queria deixar sua marca na Literatura e buscou, ao passar dos anos, tirar de sua imagem a ideia do jovem bárbaro shakespeariano. Se *Antony* o fizera ficar em evidência, queria agora consolidar e fortificar seu espaço na sociedade. Por isso não parou e a revolta shakespeariana foi seu energético para seguir em frente.

Shakespeare era o precursor, segundo os românticos, da literatura moderna e do teatro moderno e representava “as virtudes opostas – a imaginação, o lirismo, a liberdade criadora”.^(PRADO,p.60) Nas palavras de Hugo, o poeta é o pilar de um edifício literário composto por Dante e Milton, os dois únicos poetas modernos de seu porte, os quais “concorrem com ele para imprimir a tinta dramática em toda nossa poesia, são como ele mescla de grotesco e sublime”, mas eles não deixam de ser os dois arcobotantes do edifício de que só um consegue ser o pilar. (HUGO, 2007:45)¹³²

Em um artigo de 1837, do *Jornal dos Debates*, assinado por P.S., é relatado o incômodo do escritor em relação a essa inspiração e utilização de Shakespeare, fazendo ele uma crítica à tragédia de Voltaire, *Sémiramis*, em cena no Theatro da Praia de D. Manoel:

Shakespeare tem sido o poeta o mais feliz, e ao mesmo tempo o mais infeliz de todos. Feliz, por que seu nome ecoa desde as margens do Mississipi até ribas do Dniester, sempre glorioso, sempre honrado: infeliz, por que, por toda parte, tem encontrado péssimos traductores, e tristes imitadores: é ele o poeta, que mesmo, depois de haver baixado á sepultura, mais tragédias, mais dramas, mais comédias tem composto: cada qual se julgou com direito de lhe arrancar esta ou aquella perola de sua gloriosa corôa; cada qual lhe roubou uma ou outra ideia, uma ou outra scena, um ou outro acto; e

¹³²NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico**: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26> Acesso em: 3 nov. 2023

nenhuma literatura há ali que não conte como própria uma tragédia do Vate de Albion, sob o nome de tal compositor.¹³³

O crítico foi ainda mais detalhista e continua: “Sobre tudo os dramaturgos modernos, esses chefes do ultrarromantismo ou desesperação delirante, muito devem ao autor de Hamlet, e de Romeo”, e ofereceu mais evidências à sua análise:

Victor Hugo acarretou para a sua Lucrecia Borgia o sublime sonho de Ricardo III, Quando este tyranno vê passar diante de si as sombras das inocentes victimas do seu despotismo, os tenros filhos de Eduardo, o que de Buckingham, e de Lord Hastings; e comelle formou a ultima scena do primeiro acto: além d’esta muitas outras tradições de um para outro original se notam em outras peças de Hugo. Alexandre Dumas tirou-lhe o quadro do cemitério de Romeo e Julieta e mudou o nome da heroína, chamando-lhe Catherina Howard; assim como tirou-lhe também as aparições de Ethelwood, e sua transfiguração final em algoz, e que imediatamente se percebe ser uma espécie de Banquo, que persegue Macbeth até no seu próprio banquete.¹³⁴

Por ultrarromantismo se entende o período do romantismo de acordo com a definição e divisão portuguesa. Era um termo pejorativo também aceito no Brasil, que circulou com intensidade a partir de 1840 e se tratava de uma “espécie de literatura da mocidade, feita por jovens que, antes das atenuações inevitáveis trazidas pela ‘vida prática’, deram largas ao que alguns críticos cautelosos do tempo chamavam ‘os exageros da escola romântica’”.¹³⁵ Nesse sentido, Dumas e românticos como, por exemplo, Hugo, Sand e Sue, entre outros, “levaram a melancolia ao desespero e o sentimentalismo ao masoquismo, além de os temperar frequentemente pela ironia e o sarcasmo, não raro com toques de satanismo, isto é, negação das normas e desabalada vontade de transgredir, que levou alguns deles à poesia do absurdo e do obscuro”.¹³⁶

Decerto Dumas tinha por objetivo sacudir fortemente a opinião pública para chegar a melhores bilheterias, objetivo do teatro à época. Ele efetivamente revolucionou todo o teatro com sua obra *Antony* (1830). Obra que mais tarde seria o símbolo do herói romântico, o qual estava entre o sublime, o grotesco, o amor, a morte, o drama e a comédia que transitavam entre o real

¹³³ P.S. Theatro da Praia de D. Manoel: Semiramis, tragédia de Voltaire. In. **Revista Dramática**. Rio de Janeiro: Jornal dos Debates: Politicos e Litterarios. Ed. 00028, n.28, 6 de set.1837, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&Pesq=%22Alexandre%20Dumas%22&pagfiss=110> Acesso em 25 de jan. 2023

¹³⁴ P.S. Theatro da Praia de D. Manoel: Semiramis, tragédia de Voltaire. In. **Revista Dramática**. Rio de Janeiro: Jornal dos Debates: Politicos e Litterarios. Ed. 00028, n.28, 6 de set.1837, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&Pesq=%22Alexandre%20Dumas%22&pagfiss=110> Acesso em 25 de jan. 2023

¹³⁵ CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2022. p.51

¹³⁶ CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2022.

e o ficcional. O real era sustentado pela paixão de Dumas na História, que em seguida era recheada pela sua imaginação – prática, que inclusive, o leva a afirmar em suas memórias que seu trabalho não é menos importante do que aquele de um historiador da época.

Sendo assim sua visão sobre sua atuação na sociedade era de realmente provocar emoções e incômodos como forma de garantir a efetividade de seu trabalho como escritor, concepção que levava os escritores a serem heróis da sociedade, visto que um homem pode ser chamado de tal forma quando o gênio prevalece, tanto pelo coração como pela mente.¹³⁷

Foi então que a transversalidade buscada por ele para seus heróis se mostrou de forma concreta até mesmo em sua carreira, alcançando o ápice entre 1844 e 1855 quando escreveu *Os três Mosqueteiros* (1844) e em seguida *O Conde de Monte Cristo* (1845), entre vários outros. E a parti desse momento procurou algo que talvez nunca tivesse saído de seu coração, a *Vendetta*, não só na vida quando foi ao encontro de Garibaldi, mas também na escrita com Edmond Dantès.

Na apresentação do livro *O Conde de Monte Cristo* da editora Zahar, Rodrigo Lacerda, um dos editores e tradutores da obra, se utilizando das palavras de Antonio Candido, bem como aquelas de Dumas, mostra como esse outro herói fez parte da vida do literato.

O tema da vingança, continua Antonio Candido, “pôde, no romantismo, desempenhar função mais ou menos análoga à das viagens no romance picaresco ou de tradição picaresca. A viagem era a possibilidade de constatar a unidade do homem na diversidade dos lugares: a vingança foi a possibilidade de verificar a complexidade do homem e da sociedade, circulando de alto a baixo na escala social. ... Ao lado do ‘*coeur mis à nu*’, que constitui aspecto fundamental do romantismo, há também um desnudamento da sociedade...”¹³⁸

Apesar de ser uma das principais temáticas Românticas que nasceu até mesmo fora França, como diz Candido, a Inglaterra era recheada de shakespearianos ávidos pelo drama, assim como de leitores famintos de finais felizes, havia ainda em sua popularidade o desejo de “expectativa de justiça, de restauração da ordem, que alimenta vários gêneros literários”.¹³⁹

¹³⁷ “*Qu’est-ce qu’un héros en face du public? Un homme dont le génie l’emporte momentanément sur le coeur. Qu’est-ce qu’un héros dans l’intimité? Un homme dont le coeur l’emporte momentanément sur le génie. Historiens, jugez le génie. Peuple, juge le coeur.*” (DUMAS, Alexandre. **Les compagnons de Jésus**. Paris: France Empire, 1999. p. 806).

¹³⁸ LACERDA, Rodrigo. Apresentação: Agrade ficção e o bom gosto. In: DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução, apresentação e notas: André Telles e Rodrigo Lacerda, 2008. p.8

¹³⁹ LACERDA, Op. Cit.. p.13

Sendo esse um sentimento que não se resolveu com a Revolução Francesa e nem com aquelas que vieram antes de *Monte Cristo*. Aliás, 1848 estava às portas.

Muzart em uma palestra proferida na USP, sobre “*O conde de Monte Cristo* nos folhetos de cordel: leituras e reescritas de Alexandre Dumas por poetas populares” utiliza das palavras de Gramsci, da obra *Letteratura e vita nazionale*, para falar sobre a crítica feita a obra de *Monte Cristo*, trazendo bem um aspecto do que poderia ser aquela vingança, assim ele argumenta:

O mais *opiáceo* dos romances populares [é aquele de Dumas]: que homem do povo não acredita já ter sofrido uma injustiça por parte dos poderosos e não fantasia sobre uma ‘punição’ que lhes haverá de infligir? Edmundo Dantès oferece a este homem do povo um modelo, embriaga-o de exaltação, substitui a crença numa justiça transcendente na qual ele não acredita mais sistematicamente.¹⁴⁰

Sentimento esse não indiferente ao próprio coração de Dumas. Falando da construção do livro de *Monte Cristo*, em um artigo publicado em 1857, treze anos após a publicação do romance, Dumas reforça também sua mágoa, seu rancor e sua motivação de vingança frente ao sistema. Assim ele diz em “Uma palavra a respeito de *O Conde de Monte Cristo*” sobre o que seria uma dor passível de rancor e vingança:

Sempre houve uma grande preocupação em saber como meus livros eram escritos e, principalmente, quem os escrevia. Era tão simples acreditar que era eu que ninguém pensou nisso. Por exemplo, na Itália, a opinião geral é que foi florentino Dante que escreveu *O conde de Monte Cristo*. Por que não acham que fui eu que escrevi *A divina comédia*? Nesse aspecto, tenho exatamente os mesmos direitos... Direi então hoje o que esqueci de dizer em 1845, isto é, a maneira como se engendrou *O conde de Monte Cristo*.¹⁴¹

O literato se refere as críticas que fizeram a seu modo de escrever, como aquela de 1845 por Eugène de Mirecourt, codinome de Jean-Baptiste Jacquot, escritor contemporâneo de Dumas que iniciou sua carreira em 1836 com a obra *Sortir d'un rêve*. Mirecourt escreveu um folheto em que fazia duras acusações a Dumas, uma crítica ao que ele chama de *Dumas & Cia*. Nela, Mirecourt tenta demonstrar como é impossível fisicamente escrever o tanto que Dumas o fez.¹⁴² Além disso, o acasuavam de falta de erudição, devido a sua escrita ser muito popular.

¹⁴⁰ MUZART, Idelette F. S. O conde de Monte Cristo nos folhetos de cordel: leituras e reescritas de Alexandre Dumas por poetas populares. In: **Crítica literária, Estudos Avançados**. 14 (39), Ago. 2000, p. 205-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/m5QRDk8qCPLpM4YnRBpshsy/#>. Acesso em: 10 de jun.2022, p. 220

¹⁴¹ DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução, apresentação e notas: André Telles e Rodrigo Lacerda, 2008. p.18

¹⁴² Ver: MORAND, Altéve. **Eugène de Mirecourt et les contemporaines**: etude et réfutation. Paris: Ch.Nolet, 1855; MIRECOURT, Eugène. **Fabrique de Romans**: Maison Alexandre Dumas et Compagnie. Paris: Chez tous les Marchands de Nouveautés, 1845.

No mesmo artigo explica as exigências editoriais de competição entre os romances em lançamento, bem como a colaboração com Auguste Maquet com o texto que inicialmente pretendia ser sobre impressões de viagem a Paris. Maquet o denunciou por direitos autorais e a justiça determinou que Dumas pagasse *royalties* suplementares, mas não exigiu a assinatura de coautoria. De certa forma o literato ganhou. Assim Dumas afirma: “eis como *O conde de Monte Cristo*, iniciado por mim como impressões de viagem, transformou-se pouco a pouco no romance e se viu concluído em colaboração, por Maquet e por mim” assinalando que Maquet diz ter feito por amizade enquanto Dumas, sempre viu como uma colaboração de trabalho.¹⁴³

As exigências dos editores, *Béthune e Plon*, eram explícitas, queriam um romance “cujo pano de fundo seria o que eu bem entendesse, contanto que esse pano de fundo suscitasse interesse, e do qual as *Impressões de viagem em Paris* não passassem de detalhes. Ele estava embriagado com o sucesso de Eugène Sue”. Assim, veio ao mundo um herói, cuja trajetória “é identificada como um tratado sobre os “princípios de competição”, como uma “apoteose do êxito individual”, instauradora das “novas formas do direito do mais forte” e dos “fundamentos éticos da era capitalista.” Isto é, “à medida que Dantés marcha em direção a sua vingança, ele vai se distanciando dos homens comuns”, traço esse importante em uma sociedade que busca a “exacerbação do individualismo”, assim como analisado por Candido.¹⁴⁴

Seus heróis eram assim, longe do que era comum, mas imbricados no que era história, do que se vivia cotidianamente ou que se pretendia viver. Essa junção de momentos e aspectos fazia com que os leitores se reconhecessem dentro da narrativa, capturados também pela curiosidade do suspense deixado pelo literato.

Os textos de Dumas transmitiam o que para muitos não era real devido a desigualdade, isto é, a vontade de vencer, a esperança de superar os sistemas. Assim, a narrativa atingia os Dumas e Dantés que procuravam por justiça em uma sociedade onde o direito individual não estava assegurado frente as novas dinâmicas sociais impostas pela mudança das categorias de trabalho, vida privada e pública, as classes estavam sofrendo mutações e mesmo que suas estruturas caminhassem para o culto do indivíduo, não era todo indivíduo que podia falar ou mesmo ler.

Foi assim que Dumas atingiu diversos públicos. Obstinado a entrar em todas as casas, não mediu esforços para atingir as quatro partes do mundo, por meio da mutação de seus heróis

¹⁴³ DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução, apresentação e notas: André Telles e Rodrigo Lacerda, 2008. p.22

¹⁴⁴ DUMAS, Alexandre. Op. Cit., p.14

entre a honra – seu pai –, o escândalo – *Antony* – e a justiça, Dantès. Garibaldi, será seu herói composto por um pouco de cada um desses, mas acima de tudo um herói real e contemporâneo.

Antes do encontro com Garibaldi era Dumas já um escritor conhecido pelo mundo, mas como será que foi sua trajetória de escritor romântico nos trópicos? Até que ponto Dumas influenciou a literatura do Brasil? Ele chegou em 1833, se fortaleceu por aqui em 1840 e como chegou em 1860, quando as *Mémoires* foram publicadas?

2.2 “Em qualidade de escritor romântico [...]”

Em 1860, Alexandre Dumas escreve em seus *Causeries*, no artigo intitulado “*Ah! Qu’on est fier d’être français*” [Ah! Como temos orgulho de ser franceses], as seguintes palavras:

Na qualidade de escritor romântico, ou seja, revolucionário, ataquei mais de uma corporação em minha vida; hoje eu quero atacar o Instituto. O que você quer! Não há nada sagrado para mim. Mas, você deve primeiro pensar como fui levado a esse extremo. Tenho uma certa reputação de contador de histórias, e abuso dela. Diabos! Receio que o contador de histórias não seja francês, e cunhar uma nova palavra quando venho dizer ao Instituto que ele não sabe latim é um tanto imprudente na minha opinião. Bah! Se o Instituto provar que não sei francês, e se eu provar que o Instituto não sabe latim, serei nomeado pelo Instituto, isso é tudo; não saberei francês melhor, e pode apostar que o Instituto não saberá latim melhor.¹⁴⁵

Diante dessa afirmação entende-se que Dumas sabia bem o que provocava quando apresentava seus escritos, estava consciente de que sua recepção no mundo era dinâmica, múltipla, assim como suas composições. Seu sentimento de rebeldia shakespeariana era de vez em vez afirmada, assim como quando diz que: “Em literatura, não admito sistema, não sigo escola, não desfraldo bandeiras: entreter e magnetizar, estas são minhas únicas regras”.¹⁴⁶

De certo Dumas era livre em suas escolhas e como diz Gramsci ele era permeado de sentimentos democráticos genéricos e passivos, mas que carregavam um caráter histórico e

¹⁴⁵ Tradução nossa de “*En ma qualité d'écrivain romantique, autrement dit révolutionnaire, j'ai attaqué dans ma vie plus d'un corps constitué; je veux aujourd'hui m'en prendre à l'Institut. — Que voulez-vous ! il n'y a rien de sacré pour moi. Mais il faut vous dire d'abord comment j'ai été poussé à cette extrémité. On m'a fait une certaine réputation de raconteur, et j'en abuse. Diable! j'ai peur que raconteur ne soit pas français, et forger un mot nouveau au moment où je viens dire à l'Institut qu'il ne sait pas le latin, c'est assez imprudent à moi. Bah ! si l'Institut prouve que je ne sais pas le français, et si je prouve que l'Institut ne sait pas le latin, on me nommera de l'Institut, voilà tout; je n'en saurai pas mieux le français, et il y a gros à parier que l'Institut n'en saura pas mieux le latin.*” (DUMAS, Alexandre. **Causeries**. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1860)

¹⁴⁶ LACERDA, Rodrigo. Apresentação: Agrade ficção e o bom gosto. In: DUMAS, Alexandre. **O Conde de Monte Cristo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Tradução, apresentação e notas: André Telles e Rodrigo Lacerda, 2008. p.8

também ideológico-político em suas propostas de escrita sentimental.¹⁴⁷ Características que o fizeram crescer diante a população em geral e que segundo Guimarães fez com que a literatura folhetinesca de Dumas superasse no Brasil “os limites da leitura considerada de entretenimento”, como era a proposta inicial de quem divulgava seus textos tanto na França como no Brasil.¹⁴⁸

O hibridismo nas formas de escrever e publicar de Dumas, fizeram com que se tivesse, segundo a autora Guimarães, que estuda a circulação dos escritos do literato durante o século XX, ao longo do tempo, um acesso “facilitado” a seus escritos. Essa “facilidade” teria feito com que a leitura deste autor tomasse grandes proporções na sua circulação pelo mundo. O que um dia o matou, hoje seria seu remédio. A autora explica:

Esse repertório “facilitado” permaneceu circulando aqui [no Brasil] em adaptações e traduções popularizantes, gerado e consumido no âmbito da cultura de massa em ascensão. A ideia de transposição de limites ficou clara quando um dono de sebo em Jacaré me informou que O Conde de Monte Cristo e Os Três Mosqueteiros são indicados atualmente como paradidáticos em escolas públicas e particulares do município. Para além da efetiva prática de leitura das obras, entende-se que esse procedimento demonstra que os clássicos de Dumas podem ter conquistado o estatuto de obras literárias estrangeiras no país. Provavelmente os setores educacionais competentes e as editoras comprometidas com a publicação de livros escolares não cogitam se essas obras têm origem popular, como os romance-folhetim em questão. É como se a literatura produzida por Dumas (notadamente os romances mais famosos) tivesse sido absorvida pela “grande literatura” e sua vinculação popular não fosse hoje mais levada em conta.¹⁴⁹

Gramsci, não retirará da conta de Dumas, seu caráter popular, aliás alerta para a importância de se estudar esse “outro gênero” que Dumas é mestre. Sendo assim, não há uma transposição ou apagamento de fronteira, há outra forma de se fazer literatura. Assim ele explica:

(...)também a literatura comercial não deve ser transcurada na história da cultura: aliás, esta tem um valor grandioso nesse ponto de vista, porque o sucesso de um livro de literatura comercial indica (e geralmente é o único indicador que existe) qual é a “filosofia da época”, isto é, qual é a massa de sentimentos e de concepções do mundo predominam na multidão “silenciosa”. Esta literatura é um incrível “narcótico”, é um “ópio”.¹⁵⁰

¹⁴⁷ GRAMSCI, Antonio. **Letteratura e vita nazionale**. Roma: Editori Riuniti, 1996, p.75

¹⁴⁸ GUIMARÃES, Rosângela Oliveira. **Todos por um**: Edições de Alexandre Dumas no Brasil. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo. p.84

¹⁴⁹ *Idem*

¹⁵⁰ Tradução nossa de “*anche la letteratura commerciale non dev'essere trascurata nella storia della cultura: essa anzi ha un valore grandissimo proprio da questo punto di vista, perché il successo di un libro di letteratura commerciale indica (e spesso è il solo indicatore esistente) quale sia la «filosofia dell'epoca», cioè quale massa di sentimenti e di concezioni del mondo predomini nella moltitudine «silenziosa». Questa letteratura è uno*

Mesmo que possa parecer uma crítica negativa a escrita de Dumas, foi seu caráter popular que a fez ser única. Lembrando que a ideia de popular aqui se inscreve a um grupo ainda muito restrito de pessoas que tinham acesso ao livro ou a um objeto literário. Se para o erudito do século XIX o folhetim, por exemplo, era uma porta de entrada para a leitura de um livro, para outros, o folhetim era o principal meio de leitura, forma de se informar e formar para estar no mundo.

No Brasil, a circulação das obras de Dumas, além de estarem presentes em diversos suportes e em diversas narrativas e traduções, também possuía outra particularidade: muitas obras, segundo Mendes, eram primeiro publicadas no Brasil e, depois, em Portugal, rompendo aquele tradicional caminho Europa-América do Sul. Isso se deve, principalmente, ao suporte, já que as primeiras publicações são quase todas em jornais ou revistas, ao passo que, em Portugal, havia uma circulação mais acentuada de livros.¹⁵¹

Desde *O Capitão Paulo*, as obras de Dumas não demoravam a chegar no Brasil, inclusive, muitas vezes, quando eram interrompidos na França os capítulos de folhetim, ocorria o mesmo aqui, e isso aconteceu diversas vezes com as *Memóires de Garibaldi*.

Ao analisar-se as ocorrências com o nome Alexandre Dumas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, é possível perceber um grande crescimento entre os anos 1840 e 1860; nos anos seguintes haverá apenas catálogos vendendo suas obras, falando de Alexandre Dumas Filho e de algumas peças que ainda eram representadas. De 1860 a 1864, observam-se, principalmente, reportagens sobre a sua participação na Unificação Italiana. Dumas faleceu em 1870, e, após o discurso proferido pelo filho, se fala principalmente de sua contribuição na literatura francesa.

Os tons de reprovação diminuem ao longo dos anos e o filho não teve o mesmo tratamento: fala-se sempre do pai como o grande Dumas pai. Machado de Assis dá um exemplo disso em 1895, quando da morte de Dumas Filho, na crônica “A semana”, publicada na *Gazeta de Notícias*, “em que situa Dumas no mesmo nível literário de Lamartine, Musset e Stendhal”, quando ele apresenta uma forma de recepção do que foi o francês para alguns:

Imagino o que se terá passado em Paris, quando Dumas Filho morreu. [...] A moda passará como passou a de Dumas Pai, a de Lamartine, a de Musset, a de Stendhal, a

«stupefacente» popolare, è un «oppio».” (GRAMSCI, Antonio. *Letteratura e vita nazionale*. Roma: Editori Riuniti, 1996, p.59-60)

¹⁵¹ MENDES, Maria Lúcia Dias. Trajetória e tempos das traduções de Alexandre Dumas em Portugal e no Brasil. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 135-155, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11759/7188> Acesso em: 17 mar. 2023.

de tantos outros, para tornar mais tarde e definitivamente. A glória veio depois da moda, e pôs Dumas pai no lugar que lhe cabe neste século, como fez aos outros seus rivais. Cada gênio recebeu sua palma. Se a moda fizer a Dumas filho o mesmo que aos outros, o tempo operará igual resgate, e os dois Dumas encherão juntos o mesmo século. (ASSIS, 1895).¹⁵²

Machado de Assis fez referência a Dumas, por diversas vezes, em seus textos, falando da pessoa dele, de seus personagens e de suas obras, segundo Silva, nem sempre de forma positiva. Desse modo, a autora apresenta o que foi percebido em sua pesquisa ao falar da leitura que Machado de Assis fazia de Dumas:

As remissões favorecem a caracterização de personagens, garantem a verossimilhança, provocam a interação do leitor com o texto e transformam os textos machadianos em espaço de reflexão crítica sobre a literatura, em que a produção dumasiana é vista de modo positivo ou negativo. Sob esse último aspecto, a obra de Dumas é objeto de uma avaliação ambígua, pois, por um lado, Machado a articula a personagens que são maus leitores, enquanto, por outro, manifesta sua admiração pelo escritor francês, particularmente no necrológio que escreve após a morte de Alexandre Dumas Filho, na crônica A semana, publicada na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1º de dezembro de 1895, em que afirma ser Alexandre Dumas um gênio, tal qual Lamartine, Musset e Stendhal.¹⁵³

Uma pergunta automaticamente se formula aqui: o que significa ser um gênio no século XIX? Gonçalves apresenta, de forma analítica, o processo semântico da palavra herói e sua relação com o biográfico, com o culto ao herói do século XIX e com a ideia de nação:

Nas biografias, o conceito de gênio, nas aproximações ao de herói, teve usos alargados, polissêmicos, diante da variedade de formas assumidas por essas histórias de vida. Como procuramos explicitar, essas histórias de vida em tempos do império do Brasil compuseram um conjunto rico e diversificado de narrativas conformadoras de subjetividades individuais e de pertencimentos nacionais. Os conceitos de gênio e de herói desempenharam papel central numa rede de significações em que as ações de sujeitos únicos puderam figurar como ícones de referência para o que foi categorizado pela adjetivação de ser brasileiro. Pela exemplaridade, pela originalidade, ou pela mescla de ambas, as histórias de vida daqueles que fundaram a nação passaram a ser a própria nação na materialidade de sua existência. Histórias de gênios e heróis que, ao imprimirem marcas de autenticidade no mundo, elaboraram para sua contemporaneidade, e para os pósteros, a fisionomia, por vezes movediça, do nacional.¹⁵⁴

Todas as narrativas de Dumas tinham por fundo o social e até mesmo a nação, não é por acaso que seus *Causeries* apresentam textos como “O orgulho de ser francês”. Para Mendes,

¹⁵² SILVA, Marlí Teresinha. Alexandre dumas: Leituras machadianas e permanência do escritor na atualidade. In. GARRAFA. Vol. 17, n. 47, Janeiro-Março 2019.1. p. 280 - 301.

¹⁵³ SILVA, op. cit.

¹⁵⁴ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História de gênios e heróis; indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In. GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Império, volume II: 1831-1870**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 460

suas Memórias, de dez volumes, são uma verdadeira coletânea da história da França. Sendo assim, o individual, trazido pelos românticos, caracterizava o que era nação e essa nação só poderia ser formada por meio de exemplos da história *magistra vitae*. Por isso a história se torna um ponto importante de partida. O tempo ganha, assim, um novo significado frente aos avanços tecnológicos que traziam à tona a ação do homem que não precisava mais esperar pelo divino, pela crença para resolver seus problemas, mas podia se utilizar de sua própria força frente a natureza, que agora era mais previsível e maleável. Essa visão é o que caracteriza um gênio dentro do que estava se formando, a modernidade. Desde 1838, Dumas foi chamado de autor moderno e de gênio da França, comentários em sua grande maioria feitos pelo *Jornal do Commercio*.

Fato constatado também por Sant’Ana, em seu artigo “O Brasil de Alexandre Dumas: crítica, recepção e circulação de *O Conde de Monte-Christo* no *Jornal do Commercio*”, em que busca compreender as apropriações e leituras dessa obra que circularam durante o século XIX no Rio de Janeiro. A obra *O Conde de Monte-Christo* foi publicada em folhetim em 1845 na cidade brasileira, não muito depois da França, que foi em 1844.¹⁵⁵

Sant’Ana parte da inquietação sobre o interesse de publicar, comentar e ler uma obra que essencialmente traz um repertório muito grande sobre a história francesa e não brasileira em uma das cidades mais centrais do país, a Paris brasileira. Assim, se evidenciam questões relacionadas a moral da escrita de Dumas, a aproximação com a França e produções francesas, bem como o interesse ou não pelo aspecto histórico da obra de Dumas.

O autor terá por considerações finais alguns pontos. Inicialmente, diante de uma minuciosa pesquisa nos arquivos do *Jornal do Commercio*, percebeu como o interesse pela pessoa Dumas era crescente, diversas vezes chamado de gênio de seu tempo, despertou um interesse muito grande em sua história pessoal, que vai além da obra em si. Querem saber da sua vida e trajetória, assim como Lilti diz que acontece com o culto da celebridade.¹⁵⁶ A vida privada dialoga constantemente com a vida pública e profissional.

Outros aspectos observados pelo autor é relacionado ao enredo histórico utilizado por Dumas em seus romances, verifica-se que entre o público carioca muitos estão buscando as histórias dos grandes personagens, principalmente daqueles que retratam um nome real, mesmo

¹⁵⁵ SANT’ANA, Mateus R. O Brasil de Alexandre Dumas: críticas, recepção e circulação de *O Conde de Monte-Christo* no *Jornal do Commercio*. In: **A MARGem**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes, Uberlândia, v. 17, n. 1, jan-jun. 2020

¹⁵⁶ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

que nem toda a história narrada seja assim. Desde 1830, Dumas desperta entusiasmo com suas biografias romanceadas, que segundo Gramsci é seu ponto forte, mesmo que muitos avaliem somente o aspecto ficcional.¹⁵⁷

Sendo assim, Dumas tem uma relação de mão dupla com a história e a literatura. Se em um dado momento está ao lado de Victor Hugo e George Sand, em outro, estará ao lado de historiadores como Adolphe Thiers e Jules Michelet. Diante disso, não só seus personagens ficcionais ganhavam o público, mas a junção de nomes conhecidos ou não e de lugares conhecidos ou não.¹⁵⁸ No Brasil se interessavam, portanto, a história francesa ao passo que ela trazia o modelo dos grandes heróis que lutavam pelo fortalecimento da nação em direção a um futuro brilhante. Afinal, em terras brasileiras também se buscava esse passado, presente e futuro.

Contudo, isso se modificou a partir da publicação do *O Conde de Monte Cristo*, a partir de 1840 muitos eram aqueles que se entusiasmaram com os personagens ficcionais mesmo que baseados em histórias reais ou costumes da época. Assim Sant'Ana explica:

Ao longo da década de 1840, ainda que permaneçam comentários, destacando o caráter “histórico” da obra de Dumas, esses aparecem com menos frequência e dão lugar a outras análises que vão priorizar principalmente a narrativa dos personagens ficcionais, deixando um pouco de lado os grandes nomes da “história universal”. Como exemplo dessa visão, temos a já citada crítica traduzida do jornal francês *Le Presse* que leva em pouca conta um elemento que se encontra no próprio nome da peça, a temporalidade, que se dá lugar na França de Luís XV. O crítico da terra natal de Dumas tece, durante toda a crítica, um breve comentário a respeito da temporalidade, aludindo a um elemento que se torna cada vez mais frequente entre os críticos do autor: a moralidade. (...) Os discursos sobre a obra de Dumas analisados por Marlyse Meyer em décadas ainda posteriores ao recorte dessa pesquisa permitem esclarecer ainda mais como Dumas passa a ser visto como um escritor fantástico do que um algo mais próximo de um historiador.¹⁵⁹

Dumas também simbolizava a união desses dois mundos que no âmbito de circulação de impressos se comunicavam sempre mais. D. Pedro II era um de seus defensores e quando oportuno o colocava ao centro de um eventos diplomáticos importantes, como, por exemplo, a vinda do príncipe de Joinville ao Brasil. Assim, Sant'Ana argumenta:

¹⁵⁷ GRAMSCI, Antonio. *Letteratura e vita nazionale*. Roma: Editori Riuniti, 1996

¹⁵⁸ SANT'ANA. Mateus R. O Brasil de Alexandre Dumas: críticas, recepção e circulação de *O Conde de Monte-Christo* no *Jornal do Commercio*. In: **A MARGem**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes, Uberlândia, v. 17, n. 1, jan-jun. 2020, p.11

¹⁵⁹ SANT'ANA. Mateus R. O Brasil de Alexandre Dumas: críticas, recepção e circulação de *O Conde de Monte-Christo* no *Jornal do Commercio*. In: **A MARGem**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes, Uberlândia, v. 17, n. 1, jan-jun. 2020, p.14

(...) as obras de Dumas foram representadas em apresentações solenes relacionadas às experiências nacionalistas, como a visita do príncipe de Joinville e até mesmo cerimônias oficiais onde o imperador D. Pedro II escolheria pessoalmente a obra de Dumas em detrimento de outros dramaturgos.¹⁶⁰

Segundo os estudos de Bezerra e Gimenez, olhar para Dumas no Brasil abre espaço para analisar diversos aspectos da época relacionados ao crescimento da literatura nacional, havendo leituras ativas e não passivas do que era produzido pelos franceses. Dumas esteve à frente quando da difusão de folhetins nos jornais e da proliferação deles por meio da tradução simultânea, permitindo que se modificasse o olhar para com a indústria cultural, principalmente da ficção, levando, inclusive, a uma expansão de número de escritores preocupados em falar da nação, do futuro e do progresso.

¹⁶⁰ *Idem*

3. A CONSTRUÇÃO DAS MÉMOIRES DE GARIBALDI

Seguindo o caminho comunicacional traçado por Darton parece inevitável a este ponto não focar a atenção na obra de análise proposta nesta tese. Sendo assim, este capítulo tem por objetivo compreender como o Brasil esteve envolvido no processo de construção das *Mémoires de Garibaldi*, olhando para os personagens que compõem sua biografia.

Quando procuram-se os estudos e as pesquisas existentes sobre Giuseppe Garibaldi e Alexandre Dumas, abre-se uma infinidade de fontes e análises sobre cada um deles. Há estudos para celebrar o nascimento de cada autor, fazer memória da sua morte; festejar a unificação italiana no caso de Garibaldi e a literatura nacional, dos clássicos, no caso de Dumas; comemorar a Revolução Farroupilha e publicar biografias e textos, de interesse aleatório, sobre a célebre vida desses dois personagens. Deles se falou com muita intensidade tanto durante a vida como após a morte, assim como eles próprios falaram de si mesmos e contribuíram com essas narrativas – Dumas, com sua obra *Més Mémoires*, e Garibaldi, nas *Mémoires*, que aqui se traz à luz.

A respeito dos estudos apresentados sobre a relação entre os personagens, há conhecimento dos textos de Dino Cofrancesco,¹⁶¹ de Giorgio Mirandola¹⁶² e Gilles Pécout,¹⁶³ os mais recentes. O texto deste último, *Em crociera nel Mediterraneo com Garibaldi [Um cruzeiro no Mediterrâneo com Garibaldi]*, é uma introdução analítica do

[...] *Corpus* reunido em 1862 de “*Le Monte-Cristo*”, que retoma textos já publicados, juntamente com rapsódico de que se originou a maior parte da obra *Viva Garibaldi*. Uma odisséia em 1860, a odisséia de Dumas que, partindo para um cruzeiro no

¹⁶¹ COFRANCESCO, Dino. Alexandre Dumas. In: ROSSI, Lauro (org.). **Giuseppe Garibaldi: due secoli di interpretazioni**. Roma: Gangemi Editore, 2010. p. 137-145.

¹⁶² “Segnaliamo, una volta per tutte, i principal studi sui rapporti tra Dumas e Garibaldi, ai quali dobbiamo gran parte delle nostre informazioni: H. Tuzet, *Les Deux voyages d’Alexandre Dumas en Sicile*, *Revue de Littérature Comparée*, XXV, n. 2, aprile-giugno 1951, pp.195-208; F. Boyer, *Alexandre Dumas em Sicile avec Garibaldi*, *Archivio Storico Messinese*, III serie, vol. VIII, 1956-57, pp. 13-25; In., *Alexandre Dumas historien de Garibaldi*, *Rivista di Letteratura Moderna e Comparate*, vol. XII, n.4, dicembre 1959, pp. 279-286; In., “*Les Garibaldiens*” d’Alexandre Dumas, *Studi Francesi*, n.10, gennaio-aprile 1960; pp.26-34; In., *Alexandre Dumas à Naples avec Garibaldi en 1860*, *Revue des Etudes Italiennes*, N. S., vol. VII, n.4, octobre-décembre 1960, pp.307-323.” (MIRANDOLA, Giorgio. *Dumas e Garibaldi*. In: BENINI, Aroldo; MASINI, Pier Carlo (orgs.). **Garibaldi cento anni dopo**. Atti del Convegno di studi Garibaldini, Bergamo, 5-7 marzo 1982. Firenze: Felice Le Monnier, 1983. p. 134-144).

¹⁶³ PÉCOUT, Gilles. *Una Crociera nel Mediterraneo con Garibaldi*. In: DUMAS, Alessandro. **Viva Garibaldi: Un’odissea nel 1860**. Edizione italiana a cura di Gilles Pécout e Margherita Botto. Torino: Giulio Einaudi editore, 2004.

Mediterrâneo, encontra e acompanha Garibaldi e seus Mil, entre a Sicília e Nápoles, da primavera ao outono de 1860.¹⁶⁴

Trata-se de uma obra publicada entre janeiro e outubro de 1862, na segunda edição do jornal *Le Monte-Cristo*, sobre os feitos militares de maio a setembro de 1860, do *Sbarco dei Mille* [Desembarque dos Mil], que, junto a *L'Indipendente*,¹⁶⁵ constituem os últimos dois trabalhos em que Dumas fala sobre Garibaldi, obras posteriores às Memórias. Sendo assim, Dumas ofereceu aos seus contemporâneos várias vidas de Garibaldi, “um conjunto heterogêneo formado por quatro conjuntos literários principais”, em ordem de publicação: *Montevideo ou une Nouvelle de Troie* (1850), em que Dumas afirma ser o primeiro a narrar, para a França, os acontecimentos da América do Sul de Garibaldi; *Les Mémoires de Garibaldi* (1860); *Les Garibaldiens. Révolution de Sicile et de Naples*, de 1861; e, por último, o conjunto de diversos artigos publicados entre 1860 e 1862 e retomados de uma vez entre janeiro e outubro de 1862, no jornal fundado por Dumas, *Le Monte-Cristo*, que virou uma coletânea intitulada de *Viva Garibaldi: Une odyssée en 1860*, organizada pelo principal biógrafo contemporâneo de Alexandre Dumas, Claude Shopp, em 2002.

Apesar da intensa produção nesse período, por parte de Dumas, não foram elas que marcaram o início da construção do personagem Garibaldi. Independentemente disso, Cofrancesco afirma que Dumas foi o mais importante para a imagem do general e as Memórias são o ponto de partida da popularidade de Garibaldi:

Foi, no entanto, Dumas quem contornou a lenda de Garibaldi com poesia autêntica e deu-lhe, na Itália como na Europa, uma popularidade não menor que a dos personagens nascidos de sua imaginação fértil, de Edmond Dantés a D'Artagnan, ele conseguiu encarnar, na figura dos ideais gerais, a esperança, o desejo de redenção senão de um povo – no século XIX, muitas vezes é esquecido, não foram as massas que fundaram os estados e lhes deram as formas de governo que melhor correspondiam à sua natureza e às suas tradições –, mas das classes sociais trazendo inovação política e cultural.¹⁶⁶

¹⁶⁴ Tradução nossa de “*Corpus riunito nel 1862 del ‘Le Monte-Cristo’, que riprende testi già pubblicati, insieme rapsodico da cui è scaturita gran parte dell’opera Viva Garibaldi. Un’odissea nel 1860, l’odissea di Dumas che, partito per la crociera nel Mediterraneo, encontra e accompagna Garibaldi e i suoi Mille, tra la Sicilia e Napoli, dalla primavera all’autunno 1860.*” (PÉCOUT, op. cit., p. VII).

¹⁶⁵ Jornal bilíngue fundado em Nápoles por Alexandre Dumas, em 1860. Disponível em: http://www.internetculturale.it/opencms/opencms/it/ricerca_metamag.jsp?instance=mag&semplice=semplice&semplice.y=0&_meta_issued=1860&semplice.x=0&q=1%27indipendente+&pag=1 Acesso em: 30 jul. 2017.

¹⁶⁶ Tradução nossa de “*Fu tuttavia Dumas che circonfuse la legenda di Garibaldi di autentica poesia, le diede, in Italia come in Europa, una popolarità non inferiore a quella dei personaggi partoriti dalla sua fertile immaginazione, da Edmond Dantés a D'Artagnan, seppe incarnare nella figura del General le idealità, la speranza, l'ansia di riscatto se non di un popolo – nell'Ottocento, lo si dimentica spesso, non erano le masse a fondare gli Stati e dare ad essi le forme di governo meglio corrispondenti alla loro natura e alle loro tradizioni – dei ceti social portatori di innovazione politiche e culturali.*” (COFRANCESCO, Dino. Alexandre Dumas. In:

No entanto, há conhecimento de que a personagem Garibaldi nasce antes mesmo desses anos e por outras mãos e Dumas faz dessa construção uma fonte para dar início as narrativas sobre o General.

3.1 O Brasil na construção do herói Garibaldi que inspirou Dumas

Dumas escreveu pela primeira vez sobre Garibaldi no ano de 1850, com a obra *Montevideo ou une Nouvelle de Troie*, com a descrição do personagem de uma obra publicada, exatamente, no mesmo ano em que foi feita essa primeira descrição do General, expandindo-se pelo mundo por meio das futuras narrativas, quando Garibaldi é apresentado como

[d]e média estatura, largo em peito e nos ombros, encorpado e casual ao mesmo tempo, te dá a ideia de força e agilidade. Severo em seu rosto em uma primeira impressão, lhe dão aparência imponente a ruiva barba intonsa, os longos cabelos louros e a ampla testa, que forma com o nariz uma linha reta; o olhar é perspicaz e agudo. Olhando-o atentamente, uma bela harmonia de linhas e de formas aparece e um sentimento de confiança e de simpatia forma-se de repente e mistura-se ao respeito que inspirava no início. Aberto ânimo cavalheiresco a todas as manifestações do belo, a música e a poesia têm sobre ele um mágico império.¹⁶⁷

Essas são palavras de Giovanni Battista Cuneo,¹⁶⁸ na primeira biografia sobre Giuseppe Garibaldi, *Biografia di Giuseppe Garibaldi* (1850), e nela o autor trouxe para o mundo a imagem desse personagem que se perpetuaria até os dias atuais. Além dessa, outras referências são significativas, a exemplo de Louise Ghoete, em 1859, que não só trazia a mesma narrativa,

ROSSI, Lauro (org.). **Giuseppe Garibaldi**: due secoli di interpretazioni. Roma: Gangemi Editore, 2010. p.138-139).

¹⁶⁷Tradução nossa de: “*Di media statura, largo nel petto e negli omeri, tarocchiato e spigliato ad un tempo, ti dà l'idea della forza e dell'agilità. Severo il volto al primo affacciarsi; e gli danno aspetto imponente la fulva intonsa barba, i lunghi e biondi capelli e l'ampia fronte da cui scende e forma col naso una retta linea che cade a perpendicolo, e lo sguardo perspicace ed acuto; ma fissandolo, una cara armonia di linee e di forme ti balza come aspettata dinanzi, e un sentimento di fiducia e di simpatia ti sorge improvviso nell'animo e si mesce al rispetto che t'ispirava dapprima. Aperto l'animo cavalleresco a tutte le manifestazioni del bello, la musica e la poesia hanno su di lui un magico impero.*” (CUNEO, Giovanni B. **Biografia di Giuseppe Garibaldi**. Torino: Tipografia Forz e Dalmazzo, 1850, p. 3).

¹⁶⁸ “Nascido em Oneglia, na Liguria, Giovanni Battista Cuneo (1809-1875) era escritor prolífico e ele mesmo um grande leitor. Cuneo escrevia artigos em português, espanhol e italiano. Editou vários jornais na América do Sul, produziu numerosos artigos sobre Garibaldi, acompanhou-o quando de seu retorno à Península, em 1848, foi membro do Parlamento Sardo-Piemontês, em 1849, e também publicou a primeira biografia de Garibaldi, em 1850, em Turim. Em 1851, voltou a Montevidéu, onde criou um salão literário para italianos. Morreu em Florença com 66 anos de idade.” (CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 47).

como reforçava a construção de um fenômeno;¹⁶⁹ Scirocco,¹⁷⁰ em 2001, uma das principais biografias existentes recentemente, não mudaria muito a perspectiva em que se olha o personagem, como até mesmo Milza,¹⁷¹ em 2013, não o faria. Assim, desde então, o nome Garibaldi é encontrado em todos os lugares, mas falar da sua vida continua sendo um grande desafio.

Susanna Arangio, em 2015, ao propor uma leitura sobre a origem da iconografia “garibaldina”, argumenta que a historiografia dos últimos anos mostrou um renovado interesse em relação ao estudo do *Risorgimento*¹⁷² e de seus protagonistas, principalmente após a celebração organizada em 2011, pelos cento e cinquenta anos da Unificação da Itália. O ano dedicado, majoritariamente, à figura de Garibaldi foi o de 2007, em comemoração do bicentenário de sua morte. Quando se trata da iconografia, a autora relata como as problemáticas do estudo foram colocadas à luz, com debates, desde o ano de 1982, por ocasião da celebração centenária da morte do General. Assim ela argumenta:

Algumas abordagens interdisciplinares iniciadas naquela ocasião não parecem prosseguir face ao aumento da disponibilidade de material de estudo sobre a temática, que a essa altura se encontrava em grande parte em arquivos por vezes abandonados, nos repositórios de museus do *Risorgimento* que eram de difícil acesso ou em coleções particulares. Referimo-nos em particular ao estudo da relação entre literatura, publicística ilustrada, litografias, fotografias, artes aplicadas, pintura e escultura: material iconográfico que se propõe, na maioria dos casos, como documentação visual de acontecimentos históricos ou para edição de biografias com imagens. Esse costume levou, ao longo do tempo, à perda de informações importantes, como datas, nomes de autores, derivações de protótipos e inter-relações recíprocas. Além disso, a baixa qualidade artística da maior parte desse material não favorecia um estudo sistemático que, no entanto, seria desejável também à luz da reavaliação geral da arte italiana do século XIX nas últimas décadas.¹⁷³

¹⁶⁹ GOETHE, Louise. **Garibaldi**. Sa vie, son enfance, ses moeurs, ses exploits militaires, suivis de documents historiques sur la guerre d'Italie. Paris: Legibre-Du-Quesne Frères, 1859.

¹⁷⁰ SCIROCCO, Alfonso. **Garibaldi**: battaglie, amori, ideali di um cittadino del mondo. Bari: Economica Editori Laterza e Figli, 2011.

¹⁷¹ MILZA, Pierre. **Garibaldi**. Milano: Longanesi, 2013

¹⁷² Nome dado ao período, que vai de 1815 a 1870, quando ocorreram as lutas pela unificação italiana.

¹⁷³ Tradução nossa de: “*Alcuni approcci interdisciplinari avviati in quell'occasione non sembrano essere ancora stati portati avanti alla luce dell'accresciuta reperibilità del materiale di studio sull'argomento, che allora giaceva perlopiù all'interno di archivi talvolta abbandonati, in depositi di musei del Risorgimento di difficile accessibilità o in collezioni private. Ci si riferisce in particolare allo studio della relazione tra letteratura, publicistica illustrata, litografie, fotografie, arti applicate, pittura e scultura: materiale iconografico che viene proposto nella maggior parte dei casi come documentazione visiva di avvenimenti storici o per la redazione di biografie per immagini. Tale consuetudine ha portato nel corso del tempo alla perdita di informazioni importanti, come datazioni, nomi di autori, derivazioni da prototipi e reciproche interrelazioni; inoltre, la scarsa qualità artistica della maggior parte di questo materiale non ne ha favorito uno studio sistematico che, tuttavia, sarebbe auspicabile anche alla luce della generale rivalutazione di cui l'arte dell'Ottocento italiano è stato oggetto degli ultimi decenni.*” (ARANGIO, Susanna. Alle origini dell'iconografia garibaldina: note su

Apesar de a autora se referir, especificamente, a fontes iconográficas, essa mesma problemática é encontrada nas fontes textuais e, principalmente, na biográfica, conforme Smith, historiador inglês, já advertia em 1956:

Tem mais. A sua carreira não é documentada como aquela de um homem de Estado iminente. Não existiram discípulos íntimos para anotar cada movimento e pensamento seu, e suas cartas são aquelas de um extrovertido que fala teimosamente de tudo, menos de si mesmo. Pouca gente o levou a sério antes que ele passasse os cinquenta anos. Os seus exércitos de guerrilheiros se dissolveram sem deixar arquivos e as suas lutas não foram combatidas segundo planos elaborados e preordenados, que seja possível reconstruir. Garibaldi, que sempre impôs aos soldados o seu magnífico espírito, amava combater sobre o estímulo e segundo as exigências do momento. Agia por instinto e intuição; os seus sucessos e insucessos táticos foram mais combinações improvisadas, que fogem das presas da historiografia científica.¹⁷⁴

Assim, a popularidade de Garibaldi não conferiu a possibilidade de recriar sua trajetória tal como foi. Não se trata apenas da noção de veracidade ou não da história, pois o autor alerta sobre a documentação não ter sido, na verdade, tão acurada. Isso leva a pensar que “os particulares são discutíveis, ou mesmo faltam”,¹⁷⁵ e assim pode ter acontecido ou acontece de eles serem imaginados, o que, para Dosse, não significa ausência de cientificidade historiográfica, mas da justa proporção de risco e interdisciplinaridade da pesquisa histórica.¹⁷⁶ Para esse autor, Smith ainda se preocupa com aquilo que chama de um “transbordar de fatos”, típicos da narrativa anglo-saxã.¹⁷⁷ Mesmo que o título proclame “uma grande vida em breve”, Smith se preocupa com a descrição dos particulares da vida de Garibaldi, como, por exemplo, entender horários, diálogos que confeririam veracidade ao momento retratado. Hoje sabe-se, porém, que em qualquer descrição de vida não há como trazer uma história ‘verídica’ dos

alcune rappresentazioni dell’eroe tra il 1848 e la Seconda Guerra d’Indipendenza. **Annali online Università di Ferrara, Lettere**, ano X, n. 2, p. 2, 2015).

¹⁷⁴ Tradução nossa de “*C’è di più. La sua carriera non è documentata come quella di un uomo di Stato eminente. Non ci furono discepoli intimi annotare ogni sua mossa e pensiero, e le sue stesse lettere sono quelle di un estroverso che parla ostinatamente di tutto meno che di se stesso. Poca gente lo prese sul serio prima che oltrepassasse i cinquant’anni. I suoi eserciti di gueriglieri si dissolsero senza lasciare archivi e le sue battaglie non furono combattute secondo piani elaborati o preordinati, che sia possibile ricostruire. Garibaldi, che pure impose sempre ai soldati il suo magnifico spirito, amava combattere sotto lo stimolo e secondo le esigenze del momento. Agiva per istinto e intuzione; i suoi successi e insuccessi tattici furono per lo più combinazioni estemporanee, che sfuggono alla presa della storiografia scientifica.*” (SMITH, Denis Mack. **Garibaldi: uma grande vita in breve**. Torino: Mondadori, 1994.p.04).

¹⁷⁵ Tradução nossa de “I particolari sono dunque discutibili, o mancano addirittura” (SMITH, op. cit. p.04).

¹⁷⁶ DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

¹⁷⁷ Entrevista dada ao programa "Entrelinhas" de Ouro Preto publicada no dia 17 de novembro de 2009 no site youtube : < <https://www.youtube.com/watch?v=xZJYMxrNgTs> > Acessado em 20/03/2015 às 13h.

particulares, mas interpretativa, valorizando, assim, a historicidade dos rastros encontrados. A simpatia que Smith demonstra por Garibaldi o leva a dizer que:

[...] todavia, a impressão que resta é clara: ele foi um personagem assim grandioso que o todo é mais verossímil do que as partes. Simplicidade e integridade genuínas o fazem com uma personalidade completa, pitoresca e digna de admiração; e os grandes eventos ligados ao seu nome lhe dão uma importância histórica notável.¹⁷⁸

Longe de esconder a veneração que sente por Garibaldi, diz que o todo interessa mais que as partes, dando a ideia de que Garibaldi provocava uma fascinação, maravilhas e fantasia (verossímil) tal para que tudo o colocasse à frente como um todo.

Definitivamente, não se pode dizer quem foi Giuseppe Garibaldi, porém, ter um ‘modelo’ não faz parte da pesquisa histórica. Sabe-se, no entanto, que é necessário analisar as diversas fontes existentes para possibilitar uma compreensão do que foi, o que também se estende à história de Dumas.

Afinal, a construção do herói Garibaldi teve nome e lugar. Luigi Rossetti,¹⁷⁹ Giovanni Battista Cuneo e Giuseppe Mazzini,¹⁸⁰ foram os primeiros a documentar a vida do general ao perceberem o efeito da motivação propiciado por ele à população assim como defendido por Thomas Carlyle, o qual argumentava da necessidade de uma imagem heroica, modelo, para as coisas nacionais. Mazzini, iniciou essa narrativa na Inglaterra, no jornal *L’Apostolo popolare*, fundado em Londres, em 1840, onde estava exiliado. Rossetti fundou em 1838 o jornal oficial da República Rio-Grandense, *O Povo*,¹⁸¹ no qual passou a divulgar a imagem de Garibaldi como homem de grande ação. Cuneo, após ser convencido por Mazzini e Rossetti, também investiu

¹⁷⁸ Tradução nossa de: “[...], tuttavia l’impressione che rimane è netta: egli fu un personaggio così grandioso, che il tutto è più verosimile delle parti. Semplicità e integrità genuine ne fanno una personalità a tutto tondo, pittoresca e degna d’ammirazione; e i grandi eventi legati al suo nome gli conferiscono un’importanza storica notevole.” (SMITH, Op. Cit., p.4-5).

¹⁷⁹ Luigi Rossetti (1800?-1840): “Sabe-se muito pouco sobre Luigi Rossetti. Nasceu em Gênova, frequentou o mesmo curso que Mazzini, na Universidade de Gênova, mas não há registro escrito de sua formatura. Ainda estudante, fundou o jornal *La Voce del Popolo*, do qual até hoje não se encontram exemplares. Provavelmente se envolveu na insurreição de 1821, em Nápoles, e fugiu para Malta ou Marselha, antes de ir para o Rio de Janeiro, aonde chegou em 1826 ou 1827. Editor do jornal oficial da República Rio-Grandense, *O Povo*, de setembro de 1838 a março de 1839. Morreu no dia 23 de novembro de 1840, durante uma batalha contra tropas imperiais em Setembrina, hoje município de Viamão e parte da região metropolitana da capital gaúcha.” (CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 44-46).

¹⁸⁰ Giuseppe Mazzini (1805-1872) “construiu uma reputação como líder republicano do *Risorgimento* e passou a maior parte de sua vida adulta no exílio, em Londres. Viveu muitos anos na capital britânica, tornando-se um líder mítico, conhecido entre seus seguidores como o Profeta.” (CARTA, op. cit. p. 32).

¹⁸¹ Pode ser encontrado na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, disponível em: <https://www.bn.gov.br/>.

nessa escrita, fez isso por meio dos periódicos *La Giovine Italia*, fundado no Rio de Janeiro, *L'Italiano* e *Il Legionario Italiano*, em Montevideu.

Cuneo, Mazzini e Rosetti, portanto, deram início a um amplo projeto propagandístico transnacional. Inclusive, Cuneo foi visto como o pioneiro da “*Stampa étnica*” [Imprensa étnica],¹⁸² segundo Pantaleone Sergi, criada em 1841, na América do Sul. Essa imprensa percebia as trocas entre esses países como uma forma de gerar ótimos frutos, pensando no transatlântico como ponto de força.

Uma curiosidade é perceber que muitas vezes essa construção heroica não estava necessariamente ligada à simpatia pelo indivíduo Garibaldi, como, por exemplo, é o caso de Cuneo. Em uma carta endereçada a ele por parte de Rosetti, de Piratini, em 19 de janeiro de 1839, para Montevideo, onde vivia, é solicitado que ele ali permanecesse e perdoasse o irmão Garibaldi. Assim Rosetti escreve:

A propósito, Garibaldi escreverá a vós, porém não deveis exigir humilhações. Ele é vosso amigo, estima-vos e vos ama. Precisa, portanto, voltar à antiga amizade, pensar seriamente em não nos desunir por coisa de somenos importância. Uma mulher não deveria ter turbado a boa harmonia e a confiança que existia entre vós. Exorto-vos de ser igualmente bom, empregai a vossa generosidade e aceitai a paz que ele vai vos oferecer. Ele é digno de vós. Melhor para vós que sejais feitos para vos amar [...]. Permanecei são e amai o irmão.¹⁸³

Isso oferece mais visibilidade em relação ao projeto de construção da imagem de Garibaldi, não é o amor a um indivíduo, mas é fruto de uma visão transnacional do poder da imprensa, diretamente ligada aos eventos italianos e da América do Sul. Cuneo queria, com essa prática, dar vida a um “sistema de autodefesa identitária étnica e cultural, com uma imprensa própria, de forte espessura informativa e formativa, capaz de ser ponte entre a mãe pátria – com a sua carga de cultura e de memória – e a sua realidade de acolhimento escolhida como segunda pátria”.¹⁸⁴ Vale lembrar que na Itália, nesse período, estavam acontecendo as chamadas Guerras de Independência, que dão vida ao chamado *Rinascimento*, cujas batalhas

¹⁸² PANTALEONE, Sergi. Giovan Battista Cuneo, pioneiro della stampa étnica italiana in Sudamerica. **Giornale di Storia Contemporanea. Italiani in America Latina. Linguaggi e Messaggi**, v. XX, n.s., 2, p. 79-98, 2017.

¹⁸³ REVERBEL, Carlos; BONES, Elmar. **Luiz Rossetti: o editor sem rosto e outros aspectos da imprensa no Rio Grande do Sul**. Cidade: editora, 1996. p. 146.

¹⁸⁴ Tradução nossa de: “*Sistema di autodefesa identitaria étnica e culturale con una stampa propria, di forte spessore informativo e formativo, capace di fare da ponte tra la madrepatria – col suo carico di cultura e di memoria – e la nuova realtà di accoglienza scelta come seconda patria.*” (PANTALEONE, Sergi. **Storia della stampa italiana in Uruguay**. Centro di Ricerca sulle Migrazioni dell’ICSAIC. Rende: Università della Calabria, 2014. p. 9).

resultaram na unificação italiana de 1860-1861. Foram três conflitos ocorridos: em 1848-1849, 1859-1860 e em 1866.

Rosetti também escreve, em uma carta, essa concepção do transnacional em 1840, para o deputado Alvares Machado, “deputado paulista, enviado ao Rio Grande do Sul para tratar da paz” entre os farrapos e a corte, nesse mesmo ano. Começa muito cordialmente, elogiando o deputado e augurando sucesso à sua missão: “continuo a ser de opinião que V.E. triunfará de todos os obstáculos se, como não duvido, quiser fazer os sacrifícios de vir presidir os destinos da Província”. Em se tratando do motivo do grupo de italianos estarem lutando em guerras civis pelos países da América do Sul, ele argumenta:

Desejo ver acabada esta luta de irmãos sem objeto agora, e espero que me perdoará se lhe importuno... A doutrina da Jovem Itália não era a da monarquia, ainda que fosse a da invisibilidade e da união. Nós queríamos a República puramente democrática, porque além dela nós não vemos liberdade verdadeira possível. [...] Nós temos por fé que a humanidade não será constituída e em marcha para seu bem-estar senão quando todos os povos estiverem aliados numa federação republicana. Não a queremos só no Brasil, mas universal e estamos convencidos que nossos esforços não serão baldados. A época em que se cumprir este plano majestoso nós não a veremos, ela é remota, mas há de vir e nós a preparamos inda que com a certeza de não desfrutá-la. Teremos ao menos posto, nós também, uma pedrinha na elevação do grande edifício. Nosso apóstolo é difícil e penoso; precisa até fazer muitas vezes abnegação de nossos princípios – mas, não importa. A ele nos sacrificamos e nada nos abala. Os rio-grandenses cometeram um erro que foi fatal ao Brasil e às doutrinas que nós apregoamos. É em favor delas, do país e da humanidade que desejo ver corrigido com a paz. A Itália produziu heróis quando governada pela República Romana... A Itália produziu heróis nos tempos, ainda que agitados, da República da Meia Idade. Produziu escravos e reis quando governada pelos Imperadores, pelos Reis, pelos Papas. O mesmo não aconteceu nem acontecerá ao Brasil porque os tempos lhe são mais favoráveis, porque a corrupção das cortes europeias ainda não a infestou. Eu amo o Brasil e lhe falarei com franqueza: faço ardentes votos a Deus para que tamanha desgraça o não alcance. [...] De resto sou estrangeiro e só me fica o direito de oferecer os meus pequenos préstimos em favor do país que me hospedou. Nesta intenção entrei na revolução e porque meus princípios também me impeliam... É nesta mesma intenção e para os não ver inteiramente perdidos na terra onde desejava aos menos deixar uma pisada, que agora hei de me valer de minha pouca influência e fazer para que os bravos brasileiros voltem ao grêmio da própria família.¹⁸⁵

O grupo de italianos imigrado para a América do Sul no início do século XIX é resultado de um exílio político em massa. Segundo Pantaleone, é uma imigração “elitista”, acontecida a partir de 1821, intensificando-se entre 1830 e 1834, devido às falhas dos movimentos revolucionários a favor da unificação italiana, inspirados na revolta francesa de 1830 e contra os três principais poderes que ali estavam: os Savoia, do *Regno di Sardegna*, na região norte da Itália, o *Stato Vaticano*, da Igreja, e o *Mezzogiorno*, o *Regno delle due Sicilie*, governado pelos

¹⁸⁵ REVERBEL, Carlos; BONES, Elmar. **Luiz Rossetti**: o editor sem rosto e outros aspectos da imprensa no Rio Grande do Sul. Cidade: editora, 1996. p.153-154

Bourbons. Caracterizou-se, principalmente, por homens que exerciam livres profissões, como jornalistas, médicos ou comerciantes vários que chegaram ao Brasil, Uruguai e Argentina com o objetivo de retornar à península para poder, assim, concretizar a unificação do território, expulsando os que consideravam estrangeiros.

Foi na mobilização dessas pessoas que o personagem Garibaldi se criou, mas não se consolidou. Em relação à difusão da imagem, outros escritores tiveram participação e, muitas vezes, eram os que apoiavam as ideias dos mazzinianos. Dumas foi um deles.

Mais uma vez, o que animava essas revoluções, motins e organizações era a visão de que “a nação é vista como uma escolha dos homens, um artefato da sua vontade”.¹⁸⁶ Imbuídos das ideias românticas, muito se utilizaram da literatura e do espaço da imprensa para repercutir esse sentimento. Os sentimentos românticos foram aqueles que por excelência trouxeram à tona o sentimento de construção da nação. No Brasil, essa aproximação com esses sentimentos que se espalhavam pelo mundo ocidental repercutiu devido à recém-formada nação brasileira estar buscando construir o sentimento de pertencimento e significado do que fosse ser brasileiro:

As referências românticas repercutirão enormemente na América Latina. Em particular, a ideia de que as formas antigas seriam diferentes das modernas, até porque os românticos latino-americanos também vivem o fim de seu Antigo Regime e farão questão de estar sintonizados com os desenvolvimentos mais gerais da época. Filhos do Novo Mundo, terão consciência, porém, da especificidade de sua situação, o que favorecerá que selecionem certos temas do romantismo, como o índio em detrimento de outros.¹⁸⁷

Nessa citação, Recupero oferece uma visão de sentimentos em construção na América do Sul, ainda não chamada de Latina, no século XIX, e evidencia como essa relação se construía. Rama complementa essa citação argumentando como até mesmo a construção de uma América Latina está vinculada a essa “modernização internacionalista”, e argumenta:

A modernização internacionalista, que se estende aproximadamente de 1870 a 1920 e cuja autocelebração coincide com as festas do primeiro centenário da Independência, com datas escalonadas entre 1910 e 1922, consagrou um segundo nascimento da vasta região americana ao sul do Rio Grande. Aqueles que antes haviam sido conturbados Estados separados da Espanha e de Portugal converteram-se então na pujante América Latina, que consolida seu vínculo à economia-mundo ocidental e constrói sua reconhecível imagem contemporânea, pois é nesse período que se forjam as bases do atual continente.¹⁸⁸

¹⁸⁶ RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a ideia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 27

¹⁸⁷ RICUPERO, op. cit. p. 57

¹⁸⁸ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015. p.77

Aqui, Rama abre caminho para pensar e analisar exatamente o percurso que a construção da imagem de Garibaldi ganhou no Brasil, afinal, um dos questionamentos relaciona-se à compreensão do que Garibaldi, os mazzinianos e Dumas estavam buscando a internacionalização. Apesar do motivo inicial ser aquele de intentar unificar os italianos, percebe-se que o próprio Rossetti oferece um indício: a causa internacional de relação dava força às causas nacionais. Nesse sentido, a atuação de Garibaldi no Brasil alimentava os ânimos e construía caminhos de consolidação do projeto nação e nacionalismos.

A complexidade dessa construção pelo Brasil e no Brasil dessa imagem heroica se insere, contudo, em um processo de construção do mundo político e literário capaz de mostrar que cada local, apesar de sua conexão transnacional, carrega em si suas especificidades. Casanova, por exemplo, argumenta como, ao se pensar em formação literária mundial, não se pode fazer uma simples oposição binária entre “espaço literário dominante e espaços dominados”, preferindo que se fale “de um continuum: as oposições, as ocorrências, as formas de dominação múltiplas impedem o esboço de uma hierarquia linear”, sendo assim, “todos os dominados literários não estão evidentemente em uma situação similar. Seu estado comum de dependência específica não implica que se possa descrevê-lo segundo as mesmas categorias”.¹⁸⁹

Sendo assim, perceber o Brasil dentro da construção da imagem de Garibaldi, com a circulação de suas memórias, relaciona-se, também, à visualização de uma cadeia de tensões contextuais que apresentam diversos poderes simbólicos em construção, tanto individuais como coletivos. Considera-se, aqui, o poder simbólico como explicado por Bourdieu: “O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá, àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe.”¹⁹⁰

Dito isso, é importante apontar como a imagem de Garibaldi esteve presente tanto na construção da nação brasileira como daquela uruguaia e, conseqüentemente, da argentina. Di Giuseppe fala da questão Ibérica, Beneduzi argumenta sobre um Garibaldi “Gauchizado”, mas teve Doyle, que falou da aproximação de Garibaldi com Lincoln, em nome da liberdade universal, e Scacchi, de Garibaldi com Cuba e sua aproximação com a revolução cubana,

¹⁸⁹ CASANOVA, op. cit. p.110.

¹⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.188

mostrando como essa primeira construção, que partiu das terras do Rio Grande do Sul, se expandiu.¹⁹¹

Essa imagem, porém, fez dois movimentos: se construiu no Brasil, se consolidou na Itália e voltou ao Brasil por meio das Memórias publicadas por Dumas; logo, não houve uma difusão linear. Além disso, a apropriação das Memórias caminhou lado a lado com as questões políticas, e, como se tem conhecimento, o mundo literário esteve bem próximo, chegando a se confundir. Há uma relação de construção até mesmo nos campos do saber e da experiência. Disciplinas estão se formando, como, por exemplo, a História ou a Literatura, e as ações e experiências são refletidas profundamente de forma individual, levando à proliferação de escritos do/sobre o eu.

A consciência que Garibaldi demonstrou nesse processo de construção que acontecia entre Brasil, Montevideo e Inglaterra, considerando que Mazzini estava em terras anglo-saxãs, o interesse de Rossetti em fazer circular sua imagem e, assim, aderir às ideias de Thomas Carlyle, e o fato de Alexandre Dumas ter consciência dessa construção, insere as Memórias em um processo de mundialização antes mesmo de sua confecção. A biografia ou os artigos nos periódicos, escritos por Cuneo, Rossetti e Mazzini, tinham por objetivo universalizar o que em 1860 se concretizou nas Memórias publicadas por Dumas. Além disso, Garibaldi entregava sempre, a quem quisesse publicar, o manuscrito de suas memórias, não importando em qual cidade no mundo fossem elas escritas.

Foi, portanto, a partir do Brasil que a mundialização da imagem de Garibaldi como heroica, observada com mais detalhes em seguida, ganhou forma, tendo como fundo suas ações heroicas, exercidas inicialmente no Brasil e, depois, em outros países. Foi um projeto dentro do projeto Farroupilha que, de certa forma, influenciou na visibilidade deste também.

A dinâmica que engloba tais ações carrega em seu bojo o que a autora Pascale Casanova chamou de mundialização, e Mollier utilizar-se-á do mesmo conceito. Essa mundialização apresenta, de um lado, a criação de um espaço literário e, de outro, político; ao longo do século XIX, ambos, ao viverem em dicotomia, estabelecerão uma tensão em sua relação e, às vezes, até mesmo dependência. Isso fará do conceito um ponto de compreensão dos caminhos dos

¹⁹¹ Ver CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa. **Garibaldi, História e Literatura**: perspectivas internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011 os capítulos : “A questão Ibérica e a Desconstrução do Mito Garibaldi” de Francesca Di Giuseppe, “A produção de Narrativas emblemáticas sobre um Garibaldi “Gauchizado”: Uma viagem através da História e da Literatura” de Luis Fernando Beneduzi, “Garibaldi, Lincoln e a luta pela Liberdade Universal” de Don Doyle e “Garibaldi e Cuba” de Domenico Schacchi.

impressos. Para Mollier, inclusive, não há distinção entre mundialização da cultura e globalização da economia e da técnica.

Não é por um motivo diferente que Lilti chamará Garibaldi de o primeiro ícone revolucionário mundial. Ademais, o utilizará como terceiro caso emblemático quando da explanação sobre a popularidade democrática e soberania vulgar, que se inicia, para o historiador, por volta do século XIX, e, conseqüentemente, marca uma nova relação com a publicidade, levada pelo movimento romântico, aquele em que Dumas era referência:

Com Garibaldi, vemo-nos diante de um terceiro caso exemplar: não mais o candidato jogado com sua popularidade diante dos eleitores, nem a rainha aceitando os compromissos da “soberania vulgar” para fortalecer ainda mais a popularidade nacional da monarquia, mas uma grande figura midiática internacional, capaz de conferir às aspirações revolucionárias dos nacionalistas italianos um rosto perfeitamente identificável, aureolado com o prestígio de suas façanhas romanescas e de seu alardeado idealismo. De certo modo, o primeiro ícone revolucionário mundial.¹⁹²

O autor ainda argumenta como, a partir do ano de 1860, a popularidade de Garibaldi, por conta da expedição dos Mille, assumiu proporções inauditas. Além disso, nessa divulgação ele colocará Dumas e os produtos desse encontro, como um ponto forte dessa mundialização da imagem de Garibaldi.

Na imprensa italiana e internacional, a cobertura da guerra estava concentrada em sua pessoa. As narrativas biográficas multiplicaram-se, misturando despreocupadamente fatos comprovados e a ficção pura, transformando sua vida em folhetim, em diversão popular. Desde 1850, Giovanni Battista Cuneo, próximo de Mazzini e companheiro de armas de Garibaldi, publicara uma biografia que serviu, em seguida, de modelo geral. O próprio Garibaldi publicara sua autobiografia nos Estados Unidos, em 1859, e em seguida ela foi traduzida em várias línguas europeias. Na França, foi Alexandre Dumas quem se encarregou de fazê-lo, reescrevendo a seu bel-prazer algumas passagens, atenuando assim os limites entre popularidade revolucionária e celebridade literária. [...] Esse engajamento de um dos escritores mais célebres da época só podia contribuir para que a operação repercutisse na França. É verossímil que Garibaldi estivesse bem consciente disso. Não há qualquer dúvida quanto a seu senso de publicidade, e mesmo no auge das operações militares, ele reservava sempre a melhor recepção aos jornalistas.¹⁹³

O autor ainda dirá que, apesar de Garibaldi permanecer uma figura controversa, impressiona a plasticidade de sua figura pública, pois mesmo conservadores sendo ou não hostis eram também eles que alimentavam sua celebridade. Os historiadores insistiram na sua heroicização, oferecendo à causa nacionalista um sabor popular, de união fundamentalmente

¹⁹² LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018p. 256.

¹⁹³ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018 p. 393.

política, mas não foi isso que o diferenciou. Para o autor, a sua plasticidade se dá pela exploração do privado, do íntimo de Garibaldi, tornando-o, mais que um mito, um herói, isto é, uma celebridade. Isso é tão evidente que, apesar de seus fracassos após 1860, o entusiasmo por sua imagem só aumentava.

Esse é o caso singular ocorrido em Londres, quando uma multidão de mais de 500 mil pessoas se juntaram na praça para celebrar sua visita à cidade. Lá Garibaldi se encontrou com revolucionários e conservadores, sem distinção do campo político. Havia operários, militantes socialistas, antipapistas dos protestantes, conservadores, classe média, nobreza, e até mesmo o entusiasmo apenas feminino, momento em que os jornais se divertiram a acentuar a abertura erótica das cartas recebidas por mulheres e a atribuir ao jogo das camisas vermelhas a virilidade heroica.

Nesse sentido, o herói supera as fronteiras pela sua visibilidade midiática e multiplicidade das narrativas, sendo a de Dumas a mais significativa em alguns países, como é o caso do Brasil. Aqui, as Memórias exerceram uma papel importante, principalmente as de Dumas, por mostrarem símbolos do que era nacional e do que era internacional e acentuarem aquela imagem teatral, real e heroica, prática essa que o literato desempenhava com maestria.

Aqui, o literário se aproxima do político e encontrar a linha de separação nesse ambiente romântico é pouco proveitoso para essa análise. O interessante mesmo é perceber como esse caso singular, emblemático e flexível utilizava, em seu bojo, toda a estrutura da mundialização para se fortalecer e, por sua vez, se multiplicar.

Nesse sentido, Pascal apresenta uma intrigante análise dessa relação nada simplória e evidente em um primeiro momento. Para ela, “as obras literárias só se manifestam em sua singularidade a partir da totalidade da estrutura que permitiu seu surgimento”; logo, “cada livro escrito no mundo e declarado literário seria uma parte ínfima da imensa ‘combinação’ de toda a literatura mundial”.¹⁹⁴

Essa afirmação foi confirmada, como já visto, por outros autores, mas o grande diferencial de quando se trata da parceria de Garibaldi com Dumas e da obra construída é a consciência dessa construção e prática. Uma questão surge, portanto: qual é essa mundialização, então em construção, em que as Memórias desempenham um papel como resultado de uma apropriação e, conseqüentemente, uma produção, que, por sua vez, gerará outras apropriações e produções?

¹⁹⁴ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.3.

A busca observada por Dumas e Garibaldi se inscreve no que Casanova chama de jogo entre o nacional, a autonomia política intelectual e a internacionalização como ponto de força para estabelecer essas relações.

A opinião produzida inscreve-se no jogo da publicidade, assim como também trazido por Lilti, necessária para a unicidade, “o internacionalismo estrutural das regiões mais literárias garante sua autonomia”,¹⁹⁵ que, por sua vez, estabelece o jogo de poder inscrito nessa tensão das práticas. Segundo a autora é o caso da França, como argumenta:

Principalmente na França é tal o volume de capital acumulado, a dominação literária que se exerce sobre o conjunto da Europa a partir do século XVIII é tão pouco contestada e contestável, que o espaço literário francês se torna o mais autônomo, isto é, o mais livre com relação às instâncias político-nacionais. A emancipação literária provoca efetivamente o que se poderia chamar de uma espécie de “desnacionalização”, isto é, um desarraigamento dos princípios e das instâncias literárias das preocupações alheias ao próprio espaço literário. Desse modo, o espaço francês, já construído como universal (ou seja, não nacional, escapando às definições particularistas), vai impor-se como modelo, não como francês, mas como autônomo, isto é, puramente literário, isto é, universal.¹⁹⁶

Garibaldi fez uso dessa autonomia francesa quando da sua disponibilidade a Dumas. Como a própria autora adverte, a França e o francês se tornaram modelos para quem aspirava a autonomia, ainda mais caso se considerasse que nesse momento iniciavam a se inscrever outras dinâmicas sociais que faziam da literatura um campo à parte, mas que fortaleciam o que ela negava. Sua autonomia, nesse sentido, não se estabelece por inteiro, como muitos autores pretendiam, mas incentivava o campo político então em formação.

Nas mudanças, observa-se uma “crise da sociedade de ordens; primeiros desenvolvimentos de uma economia comercial da cultura; expansão maciça dos impressos e, em especial, da imprensa periódica; afirmação, ao menos em teoria, do princípio da soberania popular: estabelecem-se os principais traços da modernidade.”¹⁹⁷

Eram essas mudanças do século XIX que ofereciam a certos pensadores, como Valéry Larbaud, o entendimento de que era necessário o advento de uma “internacional intelectual” por meio do nascimento de uma crítica literária internacional. Para ele, tratava-se de “[...] romper com os hábitos nacionais que criam a ilusão da unicidade, da especialidade e da

¹⁹⁵ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.114.

¹⁹⁶ CASANOVA, p.114.

¹⁹⁷ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018p. 24

insularidade, e sobretudo de acabar com os limites estabelecidos pelos nacionalismos literários”.¹⁹⁸

Já em 1860 Garibaldi também falará da sua ideia de mundialização, só que, para ele, ela deveria ser inscrita no fortalecimento do nacional, isto é, ela seria útil para o entendimento da própria nacionalização, da própria fronteira. Assim, argumenta: “Existem no mundo várias unificações que, segundo as inspirações gerais do progresso, deveriam conseguir, finalmente, uma unificação mundial”.¹⁹⁹ Essa unificação garantiria a democracia e, em vários momentos de sua cartas a diversos destinatários, afirma que se tornaria uma Unificação Democrática. Em carta escrita em 1862 “à nação Inglesa”, disserta:

Não haverá mais guerras possíveis, onde um congresso mundial possa julgar os desacordos nascidos entre as Nações! Não mais exércitos locais, com os quais a liberdade é impossível. Que bombas! Que raça! Enxadas e máquinas para cavar! E, que os milhões desperdiçados em aparatos de destruição possam ser destinados para fomentar as indústrias e, assim, a diminuir a miséria humana.²⁰⁰

Queria Garibaldi, com essa afirmação, falar da paz necessária entre ingleses e franceses. Em outra carta, já durante a guerra de Prússia, em 1870, destinada ao Senhor Schon de Estocolmo, elucida como seria essa mundialização. Nessa perspectiva, inicia dizendo ser supérfluo explicar os seus princípios humanitários, pois franceses, escandinavos e alemães eram todos seus irmãos e que desejou o triunfo dos prussianos para poder abater o tirano dos tempos modernos. E continua:

Eu estou aqui prisioneiro graças à influência que exerce o Bonaparte no Governo de Florença e se eu pudesse fugir desta ilha e entrar na França, seria com certeza preso. O senhor conhece certamente a minha ideia de União Mundial e isso oferece uma boa ocasião para tocar novamente no argumento. Os Estados Unidos, a Inglaterra, a Escandinávia, a França e a Alemanha, sob a qual proteção devem se por todas as potências menores, formariam uma magnífica base para aquela união e os deputados das monarquias e das repúblicas de todas as nações do mundo, deveriam formar um areópago em Nice, cidade livre, e estabelecer os seguintes primeiros artigos da constituição universal: 1º Não é possível a guerra entre nações; 2º Qualquer

¹⁹⁸ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.6.

¹⁹⁹ Tradução nossa de “*Esistono nel Mondo varie Unità che, secondo le aspirazioni generali del progresso, dovrebbero finalmente riuscire ad una Unità Mondiale*”. (GARIBALDI, Giuseppe. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907. p. 972.)

²⁰⁰ Tradução nossa de “*Non più guerre possibili, ove un congresso mondiale possa giudicare delle differenze insorte tra le nazioni! Non più eserciti stanziati, con cui la libertà è impossibile. Che bombe! Che corazze! Vanghe e macchine da falciare! Ed i miliardi sprecati in apparati di distruzione, vengano impiegati a fomentare le industrie e a diminuire le miserie umane.*” GARIBALDI, Giuseppe. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907. p.294)

dificuldade que surja entre estas deve ser sotoposta ao areópago para que se solucione pacificamente. Se estas ideias vos pareçam boas, espalhe-as.²⁰¹

Para essa unificação acontecer, Garibaldi ainda argumenta outras duas condições: primeiro, seria necessário destruir a União Latina, pois ela era, para ele, de domínio da Igreja, que é o grande problema do progresso dos tempos modernos, e, segundo, seria construir um idioma universal. Assim, argumenta:

Querer impor um idioma qualquer dos existentes como universal, creio que seria uma questão similar àquela dos padres – e, por isso, a abandono. Por exemplo – vários complexos de idiomas para formar um todo – com o tempo. O francês seria um dos complexos – este englobou um grande número de dialetos das diferentes províncias e tem uma respeitosa extensão fora da França. O Anglo-alemão – ou anglo-saxão – é imensamente propagado. Para os idiomas orientais deixo a decisão aos cientistas, se assim o desejarem. Você pode se ocupar do complexo – Heritalo – formado por três idiomas – português, francês e italiano – que conhece e assim pode consultar todos os humanitários dos três países e da América Portuguesa e Espanhola, se quisessem ser tão gentis em cooperar. Os três idiomas possuem muitas vozes em comum, pode-se tentar reuni-los em um princípio de dicionário onde se coloca a base de um idioma novo – que com o tempo poderia ser aprendido pela juventude dos três países. Eu não escondo a audácia da ação –, mas a sua importância parece-me a atenção dos homens, em que o progresso humano não é uma quimera.²⁰²

Com essas palavras Garibaldi anuncia como a instância política não se distancia do intelectual e como, para se ter uma nacionalização, é necessária uma mundialização das ações, que, em outros momentos, chamou de uma Unificação Moral. Diante disso não é difícil compreender sua disponibilidade à publicidade e aos jornalistas, sua necessidade de falar de

²⁰¹ Tradução nossa de “*Io sono qui prigioniero grazie all'influenza che esercita il Bonaparte sul Governo di Firenze, e se io potessi fuggire da questa isola ed entrare in Francia, vi sarei certamente arrestato. Voi conoscete naturalmente la mia idea di un'unione mondiale, e ciò mi offre una buona occasione per toccare nuovamente quell'argomento. Gli Stati Uniti, l'Inghilterra, la Scandinavia, la Francia e la Germania, sotto la cui protezione si debbono porre tutte le potenze minori, formerebbero una magnifica base per quella unione, e i deputati delle monarchie e delle repubbliche di tutte le nazioni del mondo, dovrebbero formare un areopago a Nizza, città libera, e stabilire ivi i seguenti primi articoli della costituzione universale: 1° E' impossibile la guerra fra le nazioni; 2° Qualunque differenza sorta fra alcune di esse, si dovrà sottoporre all'areopago affinché la componga pacificamente. Se queste idee vi sembrano buone, diffondetele.*” (GARIBALDI, Giuseppe. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907. p. 542.)

²⁰² Tradução nossa de “*Volere imporre una lingua qualunque delle esistenti per lingua Universale, credo sarebbe questione alquanto simile a quella dei preti — e l'abbandono. Proviamo un altro espediente. Per esempio — vari complessi di lingue per formare un tutto — col tempo. Il Francese sarebbe uno dei complessi — esso ha agglomerato un gran numero di dialetti delle diverse sue Provincie ed ha una rispettabile estensione al di fuori. L'Anglo-Germano — od Anglo-Sassone è immensamente propagato. Per le lingue Orientali lascio — a' più scienziati la cura d'occuparsene se così loro piace. Tu puoi occuparti del complesso — Heritalo — formato di tre lingue. Portoghese, Francese e Italiano — che tu conosci e consultare perciò tutti quegli umanitari dei tre paesi e dell'America portoghese e spagnola, che volessero esser tanto buoni da cooperarvi. Le tre lingue hanno molte voci comuni. Si può cercarle e riunirle in un principio di dizionario ove gettare la base d'una lingua nuova — che potrebbe frattanto essere imparata dalla gioventù, dei tre paesi. Io non mi nascondo l'arduità dell'impresa — ma la sua importanza sembrami meritare l'attenzione degli uomini, cui il progresso umano non è una chimera.*” (GARIBALDI, Giuseppe. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907. p. 973.)

suas ações e de sua aproximação com Dumas. Considerava o jornalismo uma arma potente para o progresso humano, o mesmo progresso pensado, vivido e escrito pelos românticos, com quem Dumas já se articulava há muito tempo.

Casanova ajuda, com sua análise, na compreensão das palavras e ações de Garibaldi. Com a obra *A República das Letras*, soube analisar a tensão existente entre o literário e o político, muitas vezes posta como uma relação naturalizada, explicando que, apesar da sua relação a um tempo literária e a um tempo política, trata-se de um espaço literário e de um espaço político que, no século XIX, acaba por mudar sua dinâmica. Além disso, no início do século, “quando muitos campos literários que tinham conquistado a autonomia já haviam aparecido, o vínculo entre política e literatura é reafirmado sob uma forma explícita por meio das teorias de Herder”.²⁰³ O efeito Herder significava a naturalização da relação entre literatura, a língua e a nação. Segundo ele é a autonomia da literatura que permite a ampliação do universo literário, essa literatura que devia ter os critérios de “nacionalidade” e de “popularidade”.

Essa revolução de Herder possibilitou duas vertentes uma em que se opõe ao percurso francês de produção e recepção de um modelo a ser imitado e segundo a sua utilização como inspiração para ser modelo, fato que será melhor observado nos próximos capítulos falando do desenvolver da nacionalização do Brasil. Casanova argumenta: “a partir da revolução herderiana, todas as literaturas foram assim declaradas nacionais, foram submetidas aos recortes nacionais, e seu *corpus* foi limitado às fronteiras nacionais”.²⁰⁴

A França também evidenciava a regionalização, a sua nacionalidade, mas foi com a definição das outras nacionalidades que a sua própria foi definida. “Parece, de fato, que na França, naquela época, o termo ‘cultura nacional’ se aplicava, antes de tudo, às culturas estrangeiras”, e foi esse movimento que fez com que ela continuasse a ser o centro do capital cultural, intelectual e literário.

Foi, então, com a definição do local que o internacional se estruturou e se formou e alimentou o que hoje chamamos de Indústria/Mercado Cultural. Além disso, “os grandes heróis somente surgem em ligação com o poder específico do capital literário autônomo e intelectual”:

O espaço literário internacional organiza-se, portanto, a partir de então, segundo a oposição entre, por um lado, o pólo autônomo, os espaços literários mais dotados em recursos literários, que servem de modelo e recurso a todos os escritores que reivindicam uma posição de autonomia nos espaços em formação (é aí que Paris é construído como capital literária universal “desnacionalizada”, e que uma medida especificado tempo da literatura se instituiu) e, por outro, os espaços literários

²⁰³ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.140

²⁰⁴ CASANOVA, op. cit. p. 140

desprovidos ou em formação e que são dependentes com relação às instâncias políticas – nacionais na maioria das vezes.²⁰⁵

O jogo de forças e dominações, portanto, se transfere para o mundo literário e se torna meio de compreensão do mundo político. Esse jogo caracteriza as apropriações das Memórias analisadas nas fontes em terras brasileiras, que, após 1822, ainda queriam definir quem eram os brasileiros, ao passo que Garibaldi queria definir quem eram os italianos.

Um ponto importante observado e analisado por Casanova é sobre a ação frente a esse universo e ela afirma:

Os escritores que reivindicam uma posição (mais) autônoma são os que conhecem a lei do espaço literário mundial e utilizam-na para lutar dentro de seu campo nacional e subverter as normas dominantes. O pólo autônomo mundial é portanto essencial para a construção do espaço inteiro, ou seja, para sua “literarização” e para sua “desnacionalização” progressiva: serve de recurso real não apenas pelos modelos teóricos e estéticos que pode fornecer aos escritores excêntricos do mundo inteiro, mas também por suas estruturas editoriais e críticas que sustentam a fábrica real da literatura universal.²⁰⁶

Segundo Mollier, é essa relação consciente entre Dumas e Garibaldi que representa a primeira forma de mundialização da ficção, traduzida em uma densa circulação de impressos e traduções na América Latina.²⁰⁷ Dumas fortalecia sua vontade de entrar na Academia de Letras e Garibaldi, seu objetivo daquele momento, que era o da Unificação Italiana. A América Latina foi, para eles, um espaço de muitas oportunidades em relação a isso.

3.2 O encontro entre Dumas e Garibaldi

Quando os epítetos apresentados por Francisco Arruda de Mattos, em “Garibaldi e o jornalismo”, foram publicados, Dumas já se encontrava ao lado de Garibaldi, aliás, com o General permaneceu por quatro anos, de 1860 a 1864. As impressões do literato já eram de conhecimento mundial e foi pelo mundo que afirma ter formado sua opinião sobre Garibaldi, levando-o, em janeiro de 1860, a Turim

Cheguei a Turim no dia 4 de janeiro de 1860; andei me informando de Garibaldi e soube que estava hospedado no albergue *Trombetta*. Aluguei uma carruagem e dirigi-

²⁰⁵ CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.141.

²⁰⁶ CASANOVA, op. cit. p. 142.

²⁰⁷ MOLLIER, Jean-Yves. Tradução e globalização da ficção: o exemplo de Alexandre Dumas na América do Sul. Florianópolis: **Revista da Anpoll**, n.38, p.296-306, 2015.

me ao dito albergue; como é de costume, encontrei a porta do apartamento de Garibaldi aberta a qualquer pessoa que quisesse entrar, sem servo na antissala, nem laçao para me anunciar. Tive que esforçar-me para entrar. Entrei – ele estava em pé, envolto em seu poncho. O coronel Turr, meu amigo há doze anos, e o coronel Carrano estavam sentados. Ao entrar, o meu olhar se direcionou ao relógio. – General! Perguntei, que horas são? – Onze, respondeu-me Garibaldi, um pouco atônito em ver um estranho entrar em seu quarto para perguntar-lhes que horas fossem. – Que dia do mês é hoje? Acrescentei. – Quarta, 4 de janeiro, respondeu Garibaldi, intrigado. – Muito bem! General, escute bem o que estou por profetizar, hoje, 4 de janeiro, às 11 horas da manhã: antes que se passe um ano, o senhor será ditador. Agora, deixe que lhe dê um abraço. – O senhor é Alexandre Dumas, disse ele, e estendeu-me seus braços. Uma vez só experimentei impressão semelhante àquela que em mim produziu aquele abraço; e foi quando, durante os últimos suspiros de minha mãe, o Duque de Orléans apertou-me em seu coração. – Agora, disse ele, eu aceito a vossa predição, mas não gostaria que se predicasse em todo lugar; ainda mais nesse momento. – O que acontece nesse momento? – Hoje construímos a sociedade armada da qual fui nomeado presidente. – Oh! Belo! A coisa me parece clara como o sol; a presidência é um começo para a ditadura. – Garibaldi sorriu com seu usual sorriso largo e melancólico. – Oh! – disse – a sociedade ainda não foi constituída... Ainda não tinha terminado essas palavras quando se arreganhou a porta e um ajudante do campo Piemontês entrou dizendo: – Sua majestade, o Rei Vittorio Emmanuele, manda suplicar ao general Garibaldi que se dirija ao palácio. Garibaldi virou-se em minha direção. – Mas se eu vos dizia! Sussurrou ele – Não entendo nada disso. – Mas eu sim. E sem trocar de vestimenta, Garibaldi apanhou o chapéu e pediu a Turr para que se lisonjeasse em receber, em seu nome, os principais membros da nação armada, que deveriam chegar. – E saiu.²⁰⁸

Segundo Dumas, foi nesse primeiro encontro – nunca haviam se visto antes pessoalmente – que Garibaldi lhe prometeu suas memórias. Ditá-las-ia e entregar-lhe-ia um manuscrito com o que ele já havia narrado; além disso, pediu para um seu colega de combate que desse suporte a Dumas, caso necessitasse de mais alguma coisa. Isso porque Garibaldi já

²⁰⁸ Tradução nossa de “*Giunsi in Torino a dì 4 gennaio 1860; m’andai informando di Garibaldi e seppi esser egli alloggiato all’albergo Trombetta. Tolsi in fitto una carrozza e mi recai al detto albergo; e come è consueto trovai la porta dell’appartamento di Garibaldi aperta a chiunque entrar volesse, senza servo nell’anticamera, nè lacchè per annunciare. Laonde, forza mi fu farmi strada da per me stesso. Entrai – egli stava all’impiedi, avviluppato nel suo puncho. Il colonnello Turr, dodici anni in qua mio amico ed il colonnello Carrano erano seduti. Nell’entrare, i miei sguardi si rivolsero all’orologio. – Generale! Chiesigli, che ora è? ... – Le undici, rispose Garibaldi, um pò attonito nel vedere un incognito introdursi nella sua stanza per chiedergli qual’ora fosse. – Che giorno del mese è oggi, soggiunsi io. – Mercoledì quattro gennaio, replicò Garibaldi o! – tre?odo intrigato. – Ebbene! Generale, udite bene quanto sto per profetizzarvi, oggi 4 gennaio alle ore 11 del mattino: – Pria che transcorra un anno voi sarete Dittatore; adesso lasciate che vi dia um abbraccio. – Voi siete Alessandro Dumas, esclamò egli, e mi stese le sue braccia. Una volta soltanto io provai un’impressione simile a quella che in me produsse quell’abbraccio; e fu quando, nel mentre spirava mia madre il duca di Orléans mi strinse al cuore. – Adesso, diss’egli, io accetto la vostra predizione; ma non vorrei si predicasse da per tutto; tanto più in questo momento. – Perchè, che c’è in questo momento? – Oggi, noi costituiamo la società della nazione armata di cui sono nominato presidente. – Oh! Bella! La cosa mi par chiara come il sole; la presidenza è un avviamento alla dittatura. – Garibaldi sorrise col suo solito ghigno malinconico. – Oh! Disse, la società non ancora è co tituita ... Non ancora avea terminato queste parole che si spalancò la porta ed un ajutante di campo Piemontese entrò, dicendo: – Sua maestà il Re Vittorio Emmanuele manda a pregare il generale Garibaldi di recarsi al palazzo. Garibaldi si volse a me. – Ma se io vel diceva, sussurrò egli! –Non intendo nulla a ciò. – Ma io sì... E senza mutar vestiti Garibaldi prese il cappello e pregato Turr perchè si compiacesse ricevere in sua voce i principali membri della nazione armata, che doveano venir lì – uscì.” (DUMAS, Alexandre. Come io ho conosciuto Giuseppe Garibaldi. **L’Indipendente**, anno 1, n. 2, p. 1, 12 outubro 1860).*

estava em movimento para o que hoje conhecemos como o Desembarque dos Mil (*Lo sbarco dei Mille*) e Dumas ainda retornaria à França para ajeitar a mudança de plano.

Deveria ter sido uma viagem pelo Oriente aquela de Dumas, em direção à Rússia, quando tomou conhecimento da campanha de Garibaldi e do grupo de combatentes chamados de *Garibaldini*. Eles queriam unificar a Itália do Sul ao Norte, iniciando pela Sicília, com o apoio da monarquia Savoia. Ao ver toda essa movimentação, a rota mudou e ele se aventurou pelas terras italianas atrás de uma história para contar. Tinha esperanças de iniciar uma nova vida.

Dumas precisava de dinheiro, o que não era novidade, pois parece que era prática dele gastar mais do que ganhava, por isso decidiu, inicialmente, investir em viagens e publicar suas impressões. Tendo o dinheiro acabado, foi forçado a começar uma busca por financiadores e chegou a assinar contrato, em 1860, com a editora Michel Levy Frère, no qual se estabelecia a publicação de seus textos em uma coleção, incluindo as impressões de viagem.

No entanto, outros motivos podem ter levado Dumas até Garibaldi. Como explica Bakhtin em toda ação há um aspecto axiológico que se faz presente na vida de um autor, ou seja, uma motivação que vai além do aspecto material. Nesse caso, havia a relação com sua trajetória e com a sua família, principalmente, a história de seu pai. Em virtude disso, estava decidido a seguir para Milão em busca do texto das Memórias.

Depois de algumas dificuldades, por ter encontrado Garibaldi machucado por ter caído do cavalo, Dumas conseguiu ter acesso a todo o texto que precisava. Durante o mestrado observou-se que as principais narrativas que contavam, em primeira pessoa esses encontros estão na obra publicada em 1861, *Les Garibaldiens*. Aqui ele conta como foram os encontros, os sentimentos e também o rancor que nutria pelos Bourbon.

Por um poder monárquico, seu pai sofrera terríveis torturas, tendo sido os anos preso em Nápoles os responsáveis pelas graves sequelas que o levaram à morte. “Eu não matei ninguém na família do rei de Nápoles; mas meu pai, quando de seu retorno do Egito, foi capturado de surpresa e feito prisioneiro em Taranto, trancado no calabouço de Brindisi com o general Manscourt e o cientista Dolomieu”. (...)Na obra *Les Garibaldiens*, ao relatar o período que esteve em Nápoles com Garibaldi, Dumas pontuou seu desejo de justiça para com seu pai e para si mesmo,²⁰⁹ sem deixar de dizer que “[o] assassinato é entre nós assunto de família”, referindo-se à família Bourbon, que por longos meses torturara seu pai, fazendo-lhe em seguida, segundo Dumas, contrair um câncer de estômago que o levaria à morte. Em nome dessa tortura Dumas afirmou que a família Bourbon não merecia poder.²¹⁰

²⁰⁹REISS, Tom. **Conde negro**: glória, revolução, traição e o verdadeiro conde de Monte Cristo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

²¹⁰Tradução nossa de “*Je n’ai tué personne de la famille du roi de Naples; mais mon père, à son retour d’Égypte, fut prisonnier par surprise à Tarente, fut enfermé dans les cachots de Brindisi avec le general Manscourt et le*

Assim como Edmundo, no *Conde de Monte Cristo*, Dumas viu algo providencial nessa experiência, isto é, utilizando as palavras de Candido, ele constitui “um instrumento consciente da Providência”. Nesse sentido, até mesmo as palavras do protagonista do livro chegam a não ser totalmente estranhas:

Este fardo que ergui, quase tão pesado quanto um mundo, e que julguei poder levar até o fim, era feito segundo o meu desejo, não a minha força; segundo a minha vontade, não segundo o meu poder; e será preciso arriá-lo no meio do caminho. Deverei então voltar a ser fatalista, eu que me tornara providencial [*sic*] por quatorze anos de desespero e dez de esperança?²¹¹

Sendo assim, a providência “entra sutilmente na sua personalidade como racionalização, que lhe permite desenvolver com método os planos do seu arbítrio, atribuindo-os ao cumprimento da vontade divina, para a qual transfere assim a responsabilidade”. Uma contradição, podem pensar, já que, para os românticos, a divindade é um “recurso de explicação e um sentimento vago, que podem ser mera projeção de problemas individuais e álibi conveniente”. Da mesma forma que Edmundo, porém, Dumas também precisa desse sentimento para caracterizar seu comportamento dominante, que deseja atribuir ao caráter providencial, a vingança:

Assim como a vingança grupal dissolve o vingador nas malhas do interesse coletivo (seja êle a honra dos reis gregos, na *Iliada*, ou a tranquilidade dos proprietários lusitanos, no falso *Juramento do Árabe*, de Gonçalves Crespo), a vingança pessoal destaca-o, marca o seu 89oloca próprio e o sobressai aos demais. O homem que vinga a si mesmo abertamente acredita poderosamente em si mesmo, e considera as violações de outrem à sua própria integridade como outros tantos atentados ao equilíbrio do universo. Uma autovisão parecida com a do grande industrial, que justifica o desencadear de uma guerra se fôr útil ao movimento dos seus negócios. Por isso, ao invés de dar aos filhos coisas como “Dos Apeninos aos Andes”, – para mostrar-lhes, enrolada em açúcar, a tenacidade que nos devem incutir os grandes sentimentos, a burguesia deveria tê-los nutrido com doses maciças d’*O Conde de Monte Cristo*. Não leituras furtivas ou marginais, logo transformadas em pretexto para brinquedo; mas também, e sobretudo, leituras dirigidas, comentadas pelo professor, como parte magna do programa das escolas, a fim de se transfundirem em pensamento e ação de 89olo hora... Sem pilhéria, é claro, pois *O Conde de Monte Cristo* é um retrato completo da vingança pessoal; a vingança pessoal é a quintessência do individualismo; o individualismo foi e de certo modo continua querendo ser, eixo da conduta burguesa.²¹²

savant Dolomieu.” (DUMAS, op. cit., p. 19) apud NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p. 69

²¹¹ CANDIDO, Antonio. **Tese e Antítese**: ensaios. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p.13

²¹² CANDIDO, 1964, Op. Cit., p.13

Dumas, muito ciente da força dessa temática entre seus leitores, não falou disso apenas na obra de Monte Cristo, mas investiu nessa narrativa ao encontrar Garibaldi e assim, em Napoli, quando fundaram o jornal *L'Indipendente*, o literato, agora diretor da folha, cria uma sessão chamada de “A política de Deus”, que tem por objetivo “ver nela em qual modo Deus dispõe do que o homem propõe”.²¹³ Resumindo seu primeiro artigo sobre as ações do homem no mundo, Dumas escreve qual é o sentido da providência na vida terrena:

Dissemos que os homens eleitos por Deus geralmente acreditavam seguir uma via terrena e seguiam o caminho providencial. Dissemos que caminhando em direção à meta visível indicada pelo seu gênio, eles podiam alcançar o escopo invisível preparado por Deus. Dissemos que somente esses espíritos superiores distinguiam a faixa de luz, que desvendava a sua missão divina, da sua predestinação celestial. [...] Dissemos que justamente da luta se desenvolvia o progresso.²¹⁴

O literato também explora o que é, para ele, a providência, que vai além de uma religião católica presente e forte na França, mas se estende à ação do homem no mundo e, principalmente, à motivação de estar aqui. Assim se pronuncia:

Há quem seja cético como Pirrone, que abandona o movimento do mundo em uma aposta, há quem seja absoluto como Maomé, que regula tudo antecipadamente com a fatalidade. Ambos se esquecem, porém, de que entre o chefe da Escola Cética e o Criador do Islamismo nasceu essa filha da fé que se chama Providência. A intenção de Deus foi a de, no criar o mundo e no conceder ao homem o livre-arbítrio, colocá-lo desde o primeiro dia na criação das suas lutas com forças inimigas, a qual, enquanto o espírito caminha em direção à luz a matéria iria em direção à escuridão. E com a palavra Luz entendo o progresso, a inteligência, o bem-estar do maior número, reino da maioria.²¹⁵

Stephen Bann, falando sobre as representações do passado no livro *As invenções da História*, se dedica a essa temática no artigo, “Eternos retornos e o sujeito singular: fato, fé e

²¹³ DUMAS, Alexandre. La politica di Dio. **L'Indipendente**, anno 1, n. 2, p. 1, 12 outubro 1860, p.2

²¹⁴ Tradução nossa de “*Abbiamo detto che gli uomini eletti da Diocredevano spesso prendere una via terrestre e seguivano la via provvidenziale. Abbiamo detto che camminando verso la meta visibile indicata dal loro genio, essi raggiungevano spesso lo scopo invisibile preparato da Dio. Abbiamo detto che taluni spiriti superiori solamente distinguevano la striscia di luce la quale svelava la loro missione divina, la loro predestinazione celeste. [...] Abbiamo detto che appunto dalla lotta veniva fuori il progresso.*” (DUMAS, Alexandre. La politica di Dio. **L'Indipendente**, anno 1, n. 2, p. 1, 12 outubro 1860, p.2).

²¹⁵ Tradução nossa “*Vi ha chi scettico come Pirrone abbandona il movimento del mondo all'azzardo, vi ha chi assolutamente come Maometto regala tutto anticipatamente colla fatalità. Così loro dimenticano entrambi, che tra il Capo della Scuola Scettica, ed il Creatore dell'Islamismo è nata questa figlia della fede che si chiama la Provvidenza. L'intenzione di Dio ha dovuto essere, nel creare il mondo e nel concedere all'uomo il libero arbitrio di metterlo sin dal giorno della creazione in lotta con una potenza nemica, la quale, mentre lo spirito tende verso la luce. Tentasse di spingere la materia nella oscurità. E colla parola Luce io intendo progresso, intelligenza, ben essere del maggior numero, regno delle maggioranza.* (DUMAS, Alexandre. La politica di Dio. **L'Indipendente**, anno 1, n. 2, p. 1, 12 outubro 1860, p.2).

ficção no romance”,²¹⁶ em que trata dessa relação da providência na composição escrita dos romances do século XIX. Analisa a dimensão histórica dentro da composição ficcional, que lutava entre a formação da disciplina literatura, considerando as várias vertentes, assim como a romântica, que queria oferecer significado a cada composição que caminhava passo a passo com a visão histórica em formação. Aqui, o positivismo fez com que “uma disciplina ou prática de cultura fosse explicada primeiramente por sua história. A literatura, portanto, era a história da literatura; era acumulação de fatos sobre escritores e escritos do passado.”²¹⁷

Nesse sentido as narrativas, segundo Bann, queriam tornar concretas as estruturas míticas que governam a nossa apreensão do tempo, mas não as deixando como precondição do texto, e sim como motivo de sua construção, carregado de uma textualidade e intertextualidade cheia de tempo. A história se torna, então, uma recorrência infinita para essa concretização da singularidade e do que é providência ou mítico aos olhos de quem não vê. Nesse sentido, se olhava para o singular dentro de uma circularidade da grande instância que é o tempo histórico. No mesmo artigo do jornal escrito, o *L'Indipendente*, Dumas argumenta: “A nosso aviso um dos grandes defeitos da imprensa contemporânea é aquele de colocar muita importância aos acontecimentos de cada dia e de não olhar o suficiente de onde vem no passado e para onde vai no horizonte.”²¹⁸

Dumas já ouvira falar de Garibaldi e indiretamente já havia escrito uma obra sobre o personagem. Nesse sentido, ele não só acharia vingança, mas também continuaria sua história heroica, iniciada em 1850, com a obra *Montevideo, ou une Nouvelle Troie*, garantindo, assim, também seu sustento e prestígio no mundo romântico. Além disso, suas narrativas históricas sobre o que acontecera no passado para explicar o presente se multiplicaram ao longo desse período, levando-o novamente aos seus antigos patamares de produção textual.

Durante o mestrado também foi possível perceber que mais uma vez Dumas teve conhecimento da imagem de Garibaldi por meio de outro personagem, Melchor Pacheco y Obes que foi chefe do general durante as lutas contra Rosas. O encontro com Pacheco rendeu a Dumas

²¹⁶ BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. p.87

²¹⁷ BANN, op. cit p. 101

²¹⁸ Tradução nossa de “*A nostro avviso uno dei gran do difetti della stampa contemporânea è quello di mettere troppa importanza agli avvenimenti di ciascun giorno e di non vedere abbastanza donde venga il passato, ove vada l'avvenire.*” (DUMAS, Alexandre. La política di Dio. *L'Indipendente*, anno 1, n. 2, p. 1, 12 outubro 1860, p.2)

a obra *Montevideo, ou une Nouvelle Troie*. Foi no jornal *L'Indipendente* do dia 11 de outubro de 1860 que ele conta como conheceu Garibaldi:²¹⁹

É útil que eu vos narre como conheci Garibaldi e como nós logo nos chamamos amigos, e em seguida irmãos. Era 1848, quando um homem de grande valor político, ministro de guerra na República de Montevidéu, o general Pacheco y Obes, veio a Paris para fazer o governo francês interessar-se a favor de Montevidéu contra Rosas, e desejou encontrar-me. Eu o recebi, como sou acostumado a receber os defensores da liberdade. Abri os braços e minha casa foi logo sua. Frequentemente nós passávamos longas noites a falar daquele novo mundo, que eu tinha o desejo de ver, como tenho de tudo que me é ignorado. E ele me contou os particulares daquele assédio que durou nove anos como o assédio de Troia, e daquele homem que foi a um tempo o Aquiles, o Diomedes e o Ajace daquela epopeia. Esse homem, que vocês não conheciam ainda e cujo nome tinha sido apenas pronunciado na Itália, era Giuseppe Garibaldi.²²⁰

Durante a dissertação também foi possível entender que:

Dumas não ouvira falar de Garibaldi antes disso [do encontro com Pacheco]. A primeira vez que falou do general foi em seu próprio jornal mensal *Le Mois*, publicado em 1848. As principais publicações falam da campanha de Roma e da fundação da República. No jornal, Dumas, com um linguajar mais sóbrio, também fala da imagem de Garibaldi, descrevendo-o da seguinte maneira: “De Roma chega a notícia de que Garibaldi, um dos generais ilustres que comandam sob o triunvirato, foi ao encontro dos napolitanos. Esse Garibaldi é um genovês que, depois de ter buscado fortuna na América do Sul, onde chefiou legiões como as encontradas em Montevidéu ou Buenos Aires, voltou para a Itália quando ficou sabendo que a revolução espalhava seus benefícios por esse belo país. Ele ofereceu seus serviços ao Piemonte, em que nada fez de bom, e finalmente seguiu para Roma com um bando que formou sem pedir, como se pensa, atestados de vida digna e de costumes corretos. O líder com sua tropa mais assustam aqueles que protegem do que os tranquilizam, e cobram caro por seus serviços. A escaramuça de Garibaldi com os napolitanos não teve resultado, o que não o impediu de enviar boletins de vitória a Roma.”²²¹

²¹⁹Segundo Carta, Dumas já ouvira falar de Garibaldi anos antes, no *Journal de débats*, em 1844, que publicara algumas histórias de Garibaldi no Uruguai ao lado do romance folhetim do literato. No entanto, ao acessar os números do jornal na plataforma digital *Gallica*, não encontramos referências ao personagem Garibaldi. (CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013).

²²⁰Tradução nossa de “*È utile che io vi narri come ho conosciuto Garibaldi e come noi ci siamo chiamati dapprima amici, indi fratelli. Era il 1848, quando un uomo di un gran valore politico, ministro di guerra nella repubblica di Montevideo, il generale Pacheco y Obes, venne a Parigi per interessare il governo francese in favore di Montevideo contra Rosas, e desiderò di essermi presentato. Io lo ricevevi come son solito di ricevere i difensori di ogni libertà. Gli aprii le braccia e la mia casa fu la sua. Sovente noi passavamo delle lunghe sere a parlare di quel nuovo mondo, che io aveva il desiderio di vedere, come l'ho di tutto, che mi è ignoto. Ed egli mi raccontò i particolari di quell'assedio che duro nove anni come l'assedio di Troia, e di quell'uomo che fu ad un tempo l'Aquille, il Diomede e l'Ajace di quell'epopea. Quest'uomo, che voi non conoscevate ancora ed il cui nome era stato appena pronunziato in Italia era Giuseppe Garibaldi.*” (DUMAS, Alexandre. Come io ho conosciuto Giuseppe Garibaldi. **L'Indipendente**, anno 1, n. 2, 12 ottobre 1860. p. 1).

²²¹ Tradução nossa de “*On apprend de Rome que Garibaldi, un des illustres généraux qui commandent sous les triumvirs, s'est porté au devant des Napolitains. Ce Garibaldi est un Génois, qui, après, avoir été chercher fortune dans l'Amérique du sud, où il a commandé des légions comme il s'en trouve à Montevideo ou à Buenos-Ayres, est revenu en Italie quand il a appris que la révolution répandait ses bienfaits sur ce beau pays. Il a offert ses services au Piémont, où il n'a rien fait de bon, et il s'est, en définitive, rabattu sur Rome avec une bande qu'il a levée sans demander, comme on pense, aux enrôlés des certificats de bonne vie et mœurs. Ce chef et ses troupes effraient plus ceux qu'ils protègent qu'ils ne les rassurent, et ils font payer cher leurs services. Garibaldi a escarmouché avec les Napolitains sans résultat, ce qui ne l'a pas empêché d'envoyer à Rome des bulletins de*

Com a contribuição de Pacheco entende-se que se criou mais uma colaboração para a conta de Dumas, o que foi chamado de Dumas-Pacheco. A obra de Dumas e a forma de descrever o personagem e os lugares de luta de Garibaldi foram retirados da obra de Pacheco *Réponse aux detracteurs de Montevideo*, publicada em 1849, na França.

Ao falar do personagem, Pacheco descreve-o como um grande homem, expressando a convicção de que Garibaldi não lutava por dinheiro, mas por ideais. Ele atuaria a favor do povo e por ele morreria, se fosse necessário. Estaria lutando contra a injustiça que, na maioria das vezes, acometia o mais pobre, o mais inofensivo. Assim, Pacheco conta que, em 1843, um dos mais respeitados comerciantes da cidade, Francesco Agell, foi à procura do ministro da guerra (Pacheco) para contar-lhe que “[...] na casa de Garibaldi, do chefe da legião italiana, do chefe da frota nacional, do homem completo, que dava a cada dia a sua vida por Montevideú”, não havia velas para clarear a noite e que sua família vivia na extrema pobreza. Assim o ministro, comovido pela situação, manda-lhe cem *patacconi*, que Garibaldi, com sua infinita bondade, dividiu com uma pobre viúva que, aos seus olhos, estava mais necessitada. Com toda essa humildade era fácil, portanto, ser seu amigo. Ele tinha-os em cada canto da cidade de Montevideú. Quando se dirigia à sede do governo, fazia-o para pedir informações sobre o inimigo ou para pedir algo para um necessitado.²²² São essas palavras que Alexandre Dumas leu e que contribuíram para *Montevideo, ou une Nouvelle Troie*.²²³

Dumas apresentava Garibaldi como um homem poderoso de trinta e oito anos, loiro dos olhos azuis que mesmo distraído ainda consegue ser gracioso em seus movimento e forte em combate. No livro já construía um personagem romântico quando detalhava e defendia Garibaldi como um conhecido, como se a luta fosse dele.

Os personagens são valorizados por sua grande coragem, os diálogos querem passar a dramaticidade dos acontecimentos, a referência à história de Troia quer persuadir sobre a grandiosidade da causa e, por fim, os detalhes dos cenários querem transmitir ao leitor a sensação de participar da narrativa. Foi nesse tom romântico que Dumas falou de todos os personagens que lutaram ao lado de Garibaldi e de Pacheco e foi também com ele que contou as lutas ocorridas. Nesse livro encontra-se mais um autor Dumas-Pacheco. *Montevideo ou une Nouvelle Troie* foi publicada inicialmente em

victoire” (DUMAS, **Le Mois** (1848-1850). Montréal: Éditions Le Joyeux Roger, 2016. p. 555) (jornal nº18, 1º junho 1849 apud NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas.** 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.52).

²²²Tradução nossa de “*Nella casa di Garibaldi, del capo della legione italiana, del capo della flotta nazionale, dell’uomo infine, che dava ogni giorno la sua vita per Montevideo*” (CUNEO, Op. Cit., p. 25-26 apud NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas.** 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.53).

²²³ NOGUEIRA, Op. Cit., p.53

folhetim, no jornal *Le Mois*, e Dumas também falou muito sobre Pacheco, mas a única referência que fez a Garibaldi é aquela que aparece no livro. Mesmo não o descrevendo como herói dos olhos azuis nas páginas do jornal, sempre escreve passagens em que Garibaldi foi vitorioso e usa tons pejorativos para aquele que é o inimigo, mesmo quando este vence. Dumas argumenta que aqueles que são contra Garibaldi são contra a República e, conseqüentemente, contra ele, que, pelos ensinamentos de seu pai, diz ter descoberto que essa é a forma mais honesta de governo. Recorre com frequência, nos jornais, à história de Garibaldi na América do Sul, das lutas no Rio Grande do Sul às aquelas de Montevidéu.²²⁴

Como observou-se, porém, não foi Dumas quem iniciou a divulgação da imagem de Garibaldi, mas sua popularidade o levou aos quatro cantos do mundo e o projeto dos dois iniciou-se exatamente em 1860, auge da popularidade de Garibaldi e baixa da popularidade de Dumas. A pergunta que fica, portanto, é: mas, se Garibaldi lhe entregou um manuscrito, o que Dumas fez nesta obra? Apenas publicou?

3.3 Quem é o autor?

Como editor, jornalista e escritor já de certo sucesso no ano de 1860, é difícil acreditar que Dumas tenha apenas sido responsável pela publicação *ipsis litteris* do que Garibaldi havia escrito. Isso é o que ele queria fazer acreditar quando no título escrevia *traduits sur le manuscrit original*, no entanto, já que, como escritor de romances, criava expectativas de uma narrativa composta por ficção.

O fato de que muitos leitores não sabiam o que esperar de Dumas gerou em seu público dúvidas em relação ao tipo de história e narrativa a ser exposta. Como se observa, houve críticas positivas e algumas mais contundentes, a exemplo do comentário do jornal *Les Coulisses*, na seção *Echos de Paris*, no dia 14 de junho de 1860:

Em consolação, não me atrevera a aconselhar à Senhora Coste a leitura do *Siècle*. – As memórias de Garibaldi (por Alexandre Dumas) não são o que prometem – elas são ou muito reais ou muito prováveis. Sem gastos aparentes de invenção. Nenhum traço da imaginação que criou os Mosqueteiros. Realmente parece que ouvimos Garibaldi falando; reconhecemos em suas memórias o estilo de sua proclamação. Alexandre Dumas está com ar de ter realmente se contentado com o papel de tradutor. Ele não se mostra. Ele permanece no fundo, nos bastidores – com uma modéstia que prova que ele é capaz de todas as proezas. [...] Eu não sei, portanto – do ponto de vista do sucesso –, até que ponto as *Mémoires de Garibaldi* tem razão em não ser as *Mémoires d'Alexandre Dumas*. Vejamos, Senhora Coste, qual autor prefere, Alexandre Dumas

²²⁴ NOGUEIRA, Isabella. Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.54

ou Garibaldi? Se for franca, a senhora admitirá que Garibaldi interessa-lhe um pouco – de tempos em tempos, em fatos diversos –, mas que Alexandre Dumas é bem mais divertido. Não será nunca Garibaldi quem poderá dissipar vossa melancolia.²²⁵

Alguns queriam as palavras autobiográficas de Garibaldi, outros as palavras biográficas e românticas do literato. Nesse sentido, Dumas, com essa obra, principalmente, abriu espaço para o que ele iria fazer em seguida nas outras e, para essa análise, esse foi o ponto de partida na difusão do texto entre fronteiras e para além delas. Trata-se do que Pécout chama de uma composição de várias vidas de Garibaldi por meio de narrativas e formas híbridas, uma alquimia do escritor romântico. Fala-se de um: “escritor profeta sempre em viagem, que sonha de ser ao mesmo tempo testemunha e amigo do herói dos povos [Garibaldi], mas também personagem indispensável e conjunto histórico de sua epopeia”.²²⁶

Pécout argumenta que Dumas tinha por objetivo ser muito mais do que um tradutor e, na realidade, “queria se propor como historiador do grande homem por meio de duas modalidades: a exclusividade na obtenção das fontes e o testemunho direto e privilegiado”.²²⁷ Além disso, como dito pelo contemporâneo Pierre Larousse, falar de Garibaldi era, para Dumas, uma autocelebração, se tornando difícil a separação da vida de Garibaldi da sua própria. Benedetto Croce, anos depois, argumentará que Dumas queria mesmo era “traduzir na vida prática o ideal de seus romances e dramas”,²²⁸ levando então para outra característica aquela de ser escritor já consagrado.

A leitura de análises do russo Mikhael Bakhtin, no entanto, possibilita observar que a dimensão axiológica é parte da composição do texto e da sua forma. Essa dimensão axiológica

²²⁵ Tradução nossa de: “*En fait de consolation, je n'oserais conseiller à madame Coste la lecture du Siècle. – Les Mémoires de Garibaldi (par Alexandre Dumas) n'ont pas encore out l'intérêt qu'ils promettent. – Ils sont trop vrais ou trop vraisemblables. Pas de dépense apparente d'invention. Nulle trace de cette imagination qui a créé tant de Mousquetaires. Il semble qu'on entende vraiment Garibaldi parler; on reconnaît, dans ses Mémoires, le style de ses proclamations. Alexandre Dumas a l'air de se contenter pour tout de bon du rôle de traducteur. Il ne se montre pas. Il reste à l'arrière-plan, dans la coulisse, – avec une modestie qui prouve qu'il est capable de tous les tours de force. [...] Je ne sais pourtant pas, – au point de vue du succès, – jusqu'à quel point les Mémoires de Garibaldi ont raison de ne pas être les Mémoires d'Alexandre Dumas. Voyons, madame Coste. Quel auteur préférez-vous, d'Alexandre Dumas ou de Garibaldi? Si vous êtes franche, vous avouerez que Garibaldi vous intéresse un peu, – de temps en temps, – aux faits divers, – mais qu'Alexandre Dumas est bien plus amusant, – Ce ne sera jamais Garibaldi qui pourra dissiper votre mélancolie.*” (ROUSSEAU, Jean. Échos de Paris. **Les Coulisses**, [s.l.], n. 436, p. 2, 14 de junho de 1860).

²²⁶ Tradução nossa de: “*Scrittore profeta sempre in viaggio, che sogna di essere al tempo stesso testimone e amico dell'eroe dei popoli, ma anche personaggio indispensabile e insieme storico della sua epopea*” (PÉCOUT, Gilles. Una Crociera nel Mediterraneo con Garibaldi. In: DUMAS, Alessandro. **Viva Garibaldi: Un'odissea nel 1860**. Edizione italiana a cura di Gilles Pécout e Margherita Botto. Torino: Giulio Einaudi editore, 2004. p.VIII).

²²⁷ PÉCOUT, Op. Cit., p.VIII

²²⁸ PÉCOUT, Op. Cit.

é a composição do autor-pessoa e do autor-criador, que, por sua vez, gera uma terceira voz.²²⁹ Há, desse modo, no texto, uma busca por equilíbrio entre o autor-pessoa, o autor-criador e a multiplicidade de discursos do indivíduo na sociedade de que faz parte. O texto se torna, assim, a composição da linguagem do dia a dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência, etc. Forma e conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social.²³⁰

Para algumas produções literárias, a análise de Bakhtin é um discurso filosófico que pode ajudar na compreensão de uma obra, nesse caso, é a descrição do que foi a obra.²³¹ Como já se percebeu, inclusive durante o mestrado, há na composição desta uma polifonia e um plurilinguismo evidente, assim como o dialogismo de confirmação de seu valor literário.

A presença de Dumas foi maciça na obra, tanto em sua textualidade como em sua materialidade. A polifonia presente na obra escolhida não é identificada pela simples estrutura de escrita sugerida em seu título. A voz de Dumas, a voz de Garibaldi e a voz da sociedade relacionam-se constantemente ao longo dos dois volumes. Para notar-se isso foi necessário realizar, durante o mestrado, um estudo de outras edições que não carregam o nome de Dumas. Assim, utilizou-se a edição Barbera, de 1888,²³² publicada em Florença, e a edição de 1859, publicada pelo americano Theodore Dwight.²³³ O contraponto inicia-se já pela ausência do nome do literato. Nesse sentido não se fez uma comparação, mas um cruzamento de dados. Sendo assim, como perceber a polifonia e o plurilinguismo da obra? Outro questionamento pode ser guiado por aqueles sugeridos por Brum por meio de conceitos bakhtinianos, quando apresenta:

(...) para quem a autobiografia é dirigida? Quem é o autor dessas *Memórias* de Garibaldi? É um livro de aventura, de história ou ambos? É um livro de memórias? Como é realizada a troca dos papéis entre o herói e o autor (quem é o autor?)". Nessa perspectiva, ela cita Bakhtin: "como me represento a mim mesmo? Pergunta esta que se distinguirá desta outra: quem sou? No que particulariza o autor em sua relação com o herói", e Bakhtin continuou: "a posição do outro tem autoridade sobre mim, ele pode

²²⁹ BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988. p. 82.

²³⁰ BAKHTIN, op. cit

²³¹ BAKHTIN, op. cit

²³² GARIBALDI, Giuseppe. **Memorie Autobiografiche**. Firenze: G. Barbera, 1888,

²³³ DWIGHT, Theodore. **The life of General Garibaldi**: written by himself. New York: A. S. Barnes and Burr, 1859

conduzir a narrativa da minha própria vida”.²³⁴ É nesse momento que este pensa na figura do autor, interrogando sobre o papel individual que se costuma atribuir a este.²³⁵

Dumas estava muito mais presente do que realmente anunciava pelo título, pois sua presença não se limitava apenas a comentários após os três pontinhos, como ele graficamente apresentou. A obra foi publicada inicialmente em folhetim no *Le Siècle*, e, em seguida, pela editora Levy Frère, com a qual Dumas havia assinado um contrato. No mesmo ano surgiu outra edição importante, a da Meline Can, porém, foi a de Levy Frère a primeira edição.

A estrutura em diálogos vivos, a escolha da interrupção dos capítulos e do que conta transporta diretamente para os livros de aventura de Dumas. Garibaldi seria o real buscado pelo romantismo, ele seria o sublime e grotesco descrito por Victor Hugo e seria, além disso, a prova de combate das injustiças sofridas por Dumas e sua família. A obra publicada por Levy se apresenta:

(...) inicialmente, por uma estrutura inocente – que não esconde o objetivo polifônico da obra – sugerida pelo título, em sua primeira edição, passa pelas seguintes colocações: Garibaldi escreve e Dumas, por meio gráfico dos três pontinhos, os quais dividem o texto, comenta. Considerando essa simples estrutura, a questão surge: como foi trazido o texto para o leitor do século XIX e para um desinformado leitor dos dias de hoje? A obra começa por uma pequena parte introdutória, em que Dumas situa o leitor e o jovem Garibaldi no período histórico entre 1820 e 1824. Continua com a narrativa de Garibaldi, sendo a ele atribuída a escrita íntegra do primeiro volume, no qual ele narra a infância, a juventude e o exílio na América do Sul. Essa narrativa conclui-se com a ida do general a Montevidéu após ter lutado, entre os anos de 1836 e 1841, pela Revolução Farroupilha, ao lado dos farrapos, no Rio Grande do Sul. Nesse volume teria sido reservado a Dumas apenas um comentário no final dos capítulos, no qual este apresenta o seu objetivo ao querer publicar o segundo volume, explicando: “A ele entregamos a caneta, e deixamos que nos conte suas lutas por esse cerco feroz, que durou nove anos, como o de Troia.” Para além da narrativa de Garibaldi, no primeiro volume há uma análise histórica dos eventos anteriores à ida do general a Montevidéu. Ali, o escritor disse ter utilizado o testemunho de Pacheco y Oby, general que lutou ao lado de Garibaldi durante as campanhas contra o ditador argentino Rosas, segundo Dumas “um dos nossos melhores amigos”, referindo-se à relação de Pacheco com ele e com Garibaldi. Observa-se, nesse momento, que o próprio Dumas não esconde a polifonia existente no texto. O segundo volume inicia-se novamente com a escrita de Garibaldi, que narra suas lutas em Montevidéu, a preparação da volta dele e da legião italiana para sua terra natal, os acontecimentos desse retorno, em 1848, as lutas contra os austríacos, e, por fim, o período da campanha da República Romana, em 1849. Esse segundo volume é interrompido inúmeras vezes por Dumas. A primeira intervenção ocorre no capítulo *XI Encore Montevideo*. A partir do capítulo seguinte e até o *XV Expédition contre l’armée napolitaine*, a voz de Dumas é intercalada com as de Medici e Vecchi, revolucionários

²³⁴ BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011

²³⁵ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico**: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.12

garibaldinos que lutaram ao lado de Garibaldi durante esse período. O literato começa o capítulo *XVI Combat de Velletri* com as seguintes palavras: “A partir de agora, as anotações deixadas por Garibaldi no momento em que partia para a Sicília permitem-nos restituir a ele a palavra e deixar a pena em sua mão”. A voz de Garibaldi segue até o último capítulo *XXI Que m’aime me suive*, quando mais uma vez Dumas retoma a palavra e escreve: “Aqui terminam as memórias de Garibaldi. Um dia, conseguirei dele a segunda parte de sua vida, como obtive a primeira. Esta se resumirá em duas palavras: exílio e triunfos”. Por fim, no segundo volume estão presentes quatro pequenas biografias, no capítulo *XXII Les morts*. Dumas informa que estas foram escritas por Bertani, médico italiano e companheiro de batalhas de Garibaldi, que estava presente no dia do encontro entre ele e Dumas.²³⁶

Aqui é interessante perceber como Dumas está presente, ele, que foi criticado inúmeras vezes por sua adesão a uma literatura que vendia e circulava de forma exagerada, várias vezes foi acusado de plágio ou de se utilizar de outros escritores e não dividir o crédito. Efetivamente Dumas fazia parcerias práticas, o que não era incomum no século XIX. Mirecourt, Leménie ou a Sainte-Beuve duvidaram de suas autorias em diversas histórias, mas essa dúvida também surgiu ao ler pela primeira vez as *Mémoires de Garibaldi*.

Para esse intento, pediu-se ajuda às análises teóricas, quanto à questão quem é o autor, que permeia o campo histórico e aquele literário como uma preocupação fundamental. Nesse sentido, acabou-se por fazer uma “revisão do papel do indivíduo (iluminado – senhor de si) como autor dos discursos e, em particular, do discurso da obra literária”, que aqui serve como fonte histórica. Entra em questão a preocupação com a subjetividade que se estende do autor (como instaurador de discursividade) ao personagem.²³⁷

Garibaldi escreve e Dumas comenta e publica, e, ao escrever na capa do livro, parece querer tirar qualquer dúvida quando ao processo de composição da obra, contudo, uma análise mais atenta mostrará que a relação entre os dois e os escritos é um pouco mais complexa. Há todo um cenário que favoreceu o andamento da publicação do livro, a começar pelo fato de que Garibaldi entregava, sempre que podia, seu manuscrito para ser publicado por alguém. Não parece ser uma atitude diferente daquela dos colaboradores de Dumas, certo? Poder-se-ia até escrever que este foi um deles, o qual possibilitou à época que Dumas escrevesse e publicasse muito sobre a Itália.

²³⁶ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.13

²³⁷ CAVALHEIROS, Juciane S. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 11/2, 2008, p. 69.

A pergunta que fica é: quem é o autor? Mesmo que agora se queira definir que é Dumas, entretanto, a pergunta resta: quem é o autor/Dumas? E a estas se adicionam outras: importa quem é o autor? Ou “o autor morreu?”, afinal, “o que é um autor?”.

Dir-se-ia, inicialmente, que é uma figura “exterior e anterior ao texto”, pelo menos em aparência, pois essa escrita é dominada, a princípio, por duas regras que abarcam dois grandes temas, que seriam o **tema da morte** e o **tema da expressão**. O primeiro conferiria a imortalidade ao autor ou adiaria a sua morte, enquanto o segundo se articula entre dois extremos, que vão do texto diz tudo ao leitor diz tudo. Sem embargo, essa seria uma argumentação mínima para o tema.²³⁸ Antes de se começar, contudo, essa discussão, é importante dizer que não foi sempre que se teve, na história, uma preocupação constante com o autor, essa começou a surgir a partir do momento em que se principiou a pensar os privilégios do indivíduo e a sua contenção.

Se, até meados do século XIII, não existia a preocupação em definir a figura do autor, a partir do século XIX isso se torna uma preocupação constante, mesmo que não seja comparável com a dos dias de hoje. Da Antiguidade até a Idade Média não havia a preocupação com quem escrevia a obra ou mesmo com quem a publicaria, existia uma livre circulação de histórias que estavam à disposição dos processos de criação dos contadores e eles podiam acrescentar, modificar ou melhorar de acordo com que achavam necessário. O próprio anonimato dava uma ideia de autenticidade da obra e a forte circulação, nesse caso, apropriação do texto, dava-lhe sua antiguidade e, por isso, sua autenticidade; interessava as verdades necessárias no texto para serem aplicadas à compreensão e explicação antes do imortal e, depois, do cotidiano.

A partir da Idade Média, essa figura sofre modificações. Era necessário saber quem era o autor, estabelecer sua identidade, para poder monitorar os escritos heréticos e, assim, punir a transgressão, livros eram queimados e as pessoas podiam até ser condenadas à morte como forma de demonstração, para os demais, da impossibilidade de se voltar contra as autoridades, ou seja, o poder religioso e político, principalmente o primeiro, mas ainda não existia o reconhecimento do direito autoral.²³⁹ Advém, então, a Renascença, na qual, por uma série de motivos políticos, econômicos e culturais, se verifica uma exaltação do indivíduo, que na arte significa reconhecer a figura do autor.

²³⁸ CAVALHEIROS, Op. Cit., p. 70,

²³⁹ CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Ed. UFSCar, 2012. p. 49.

Quando se fala em reconhecimento autoral, que para Foucault está ligado à sustentação e construção da função autor, existem duas teorias em contraste. Para o autor, isso ocorreu quando começou-se a definir a propriedade burguesa, “quando se instaurou um regime de propriedade para os textos, quando se editoram regras estritas sobre os direitos do autor, sobre as relações autor-editores, sobre as direitos da reprodução etc. Ou seja, no fim do século XVIII e no início do século XIX”.²⁴⁰ Nesse período, a transgressão que pertencia ao ato de escrever passou a ser um imperativo próprio da literatura.

Chartier concorda com Foucault quando diz que o reconhecimento autoral está ligado à construção da função autor, contudo, pontua que a propriedade literária se precisa “[...] no interior da defesa do direito do livreiro editor, e não do autor [...]”, e isso ocorreu antes do século XVIII, encontrando-se essa prática desde a segunda metade do século XVI, que tem por pioneira a Inglaterra.²⁴¹

No entanto, essa emergência em definir propriedade não é “a expressão possível de um novo direito burguês, mas um engajamento a serviço da perpetuação de um velho sistema de privilégios”.²⁴² Não é a mesma ideia de propriedade, considerada atualmente, que se pode aplicar à época, até porque, durante esse período, na Alta Idade Média, exceto livros das autoridades religiosas, jurídicas ou antigas, era de costume escrever livros em conjunto, com vários autores, os conhecidos *zibaldone*. Outro caso é o exemplo do teatro em que o autor era aquele que comprava, organizava e preparava o espetáculo, e não o escritor da peça.

Ao chegar-se ao século XIX, a discussão sobre autor ou propriedade autoral não é novidade, porém, um novo sistema de relações econômicas, políticas e culturais está se instaurando e, como tudo que faz parte da vida, a questão autoral entra em nova discussão. Há um florescimento do indivíduo, para Gay, quase uma neurose com o “eu”,²⁴³ há uma consciência da ação do homem sobre as coisas, uma nova consciência sobre o tempo e a natureza.

O romantismo associado a esse período não foi só uma revolução literária, e sim uma revolução geral dos valores. Falou-se de um espírito romântico que perpetuava todos os campos da vida econômica, política e, claramente, cultural. Bénichou fala de um poder espiritual novo

²⁴⁰ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 275.

²⁴¹ CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Ed. UFSCar, 2012. p. 42.

²⁴² CHARTIER, Op. Cit., p. 46.

²⁴³ Ver: GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

e ocorre uma consagração do escritor, que se propôs a pensar o mundo com outros olhos e a rever a narrativa sobre o mundo. Há uma nova consagração do escritor, que se focava na nova estilística que o discurso romântico influenciou e que viria a se chamar de Literatura.

A função autor, instituída por Foucault, caracteriza a circulação e o funcionamento dos discursos nas diferentes sociedades, a marca do autor não é nada mais que a singularidade da sua ausência, contudo, não há uma morte do autor já que este preserva sua existência em duas noções: aquela da obra e da escrita. Na primeira, não é possível apagar a figura do autor e deter-se na obra, já que a questão da individualidade é tão complexa quando aquela de obra; na segunda, se trata do “empirismo do autor, tanto pela necessidade do comentário, quanto pela necessidade de interpretação, respectivamente denominadas, por Foucault, de **modalidade crítica** e **modalidade religiosa**”.²⁴⁴ Assim, estudar a função autor levaria a não só se pensar na discursividade apresentada, mas também na sua materialidade, que se dá, por exemplo, pelo estudo de sua produção e de seu cenário, os quais caracterizam o processo que constrói a figura chamada autor. Nesse contexto, ao lado da discursividade, Chartier considera ser de fundamental importância pensar-se na materialidade do discurso, ou seja, o livro. Esses pontos são indissociáveis, assim como a tensão existente entre “escritor e indivíduo” ou “autor como ficção e o sujeito como ego”.²⁴⁵

Se Foucault estava mais interessado em pensar a questão autor no emaranhado das relações de poder, Barthes, com seu texto *A morte do autor*, estava preocupado em discorrer sobre a dificuldade de precisar de quem é a voz. Nesse sentido, explica que não é o autor quem fala, mas a linguagem, ou seja, o sujeito nunca escreve nada que já não foi dito, a linguagem já está dada e por isso não há uma antecedência entre o escritor e o texto, que é eternamente escrito “*aqui e agora*”.²⁴⁶ Dessa maneira, o escritor é sucessor ao autor – “fora ou anterior à linguagem, porque o autor é entendido como sujeito social e historicamente construídos, isto é, um produto do ato de escrever”, e faz o autor, e não o contrário – no ato de escrever anula toda a voz, que é neutra, faz fugir o sujeito, levando-o a perder toda a identidade, tanto aquela do escritor como aquela da escrita. Ao diminuir-se a instância da autoria, há um aumento do poder do leitor:

²⁴⁴ CAVALHEIROS, Juciane S. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 11/2, 2008, p.70

²⁴⁵ CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Ed. UFSCar, 2012. p. 63.

²⁴⁶ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 61.

Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse **alguém** que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito.²⁴⁷

A escrita executada pelo escritor, mas organizada anteriormente pelo autor, considerando que a linguagem é anterior a ele, segundo Barthes, é responsável, este último, pela mistura de escritas, “fazendo uma bricolagem de textos diferentes”. “Essa constatação, para Barthes, evidencia a inexistência de nexos entre escrita e vida. O escritor não escreve a partir de suas impressões e sentimentos, mas de imitação de signos já emitidos.”²⁴⁸

Concorda-se com Barthes quanto à ideia de bricolagem de textos diferente, pois, por exemplo, ao se considerar os escritos de Dumas, este várias vezes se utilizava de textos existentes, muitas vezes reutilizando a sua própria escrita em vários outros livros. Quando vai escrever sobre Garibaldi, essa é uma atitude constante, já que, em várias partes do livro *Montevideo ou une Nouvelle Troie* (1850),²⁴⁹ por exemplo, estão em seu jornal *Le Mois* (1848-1850) ou mesmo nas *Mémoires de Garibaldi* (1860).²⁵⁰ Entretanto, não se considera, aqui, que, a partir dessa ideia, se evidencia uma inexistência de nexo entre vida e escrita. Mesmo que seja por imitação, há eventuais características do escritor que se perpetuam em seus vários livros.

Durante o mestrado também se observou as colocações de Bakhtin em que ele argumenta que:

(...) é assídua a confusão entre **autor-pessoa e autor-criador**, sendo, o primeiro, componente da vida, e o segundo, elemento da obra. O autor-criador é constituinte do objeto estético, aquele que lhe dá forma. Nessa ação, esse autor já se torna “o outro”, é a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, fornece um acabamento à imagem externa. Esse processo se dá pelo que Bakhtin chama de excedente de visão estética do autor-criador. (...) A distância concreta de mim (autor) e de todos os outros indivíduos junto ao excedente de visão do autor, condicionada por mim e pela relação com cada um deles (indivíduos), é superada pelo conhecimento, que “constrói um universo único e de significado geral”, totalmente independente “daquela posição única e concreta ocupada por esse ou aquele indivíduo”. Não existe, para o autor, uma “relação absolutamente irreversível ‘eu e

²⁴⁷ BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.64.

²⁴⁸ NETO, Joachin A. A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben. **Floema**, Itapetinga, ano VIII, n. 10, p. 155, 2014.

²⁴⁹ Ver: DUMAS, Alexandre. **Montevideo ou une Nouvelle Troie**. Montréal: Éditions Le Joyeux Roger, 2013.

²⁵⁰ Ver: **Le Mois** (1848-1850). Montréal: Éditions Le Joyeux Roger, 2016.

todos os outros'. Há uma relação relativa e reversível para o conhecimento entre o **'eu e o outro'**, "uma vez que o sujeito do conhecimento como tal não ocupa um lugar concreto determinado na existência". O **excedente** não só torna o **autor-criador "o outro"** em relação ao personagem, mas também em relação ao **autor-pessoa**. Foucault dizia que textos do mesmo autor podem conter vários "eus", várias posições-sujeitos, o que significa a pluralidade do indivíduo e a sua falta de singularidade, além das posições dos "eus" na apropriação do discurso. No entanto, para Bakhtin, só é possível ter um acabamento quando o autor-criador regressa a si mesmo. O excedente de visão humana é, assim, direcionado através de uma diretriz axiológica. Ao começar a escrever o texto *Les Garibaldiens* (1861), Dumas expõe, através uma diretriz axiológica, mesmo que possa ser de forma inconsciente, o motivo de seu interesse na volta do personagem Garibaldi e dos acontecimentos das lutas pela unificação da Itália, revivendo a memória das injustiças sofridas pelo pai naquelas terras nas mãos dos Bourbon, durante as campanhas napoleônicas. Se ninguém, até aquele momento, tinha dado o justo reconhecimento a esse homem, para Dumas um herói, o faria ele, apoiando e lutando, nem que fosse pela caneta, a causa republicana, que ao pai era tão importante.²⁵¹

Dumas e Garibaldi fazem parte de um momento em que a busca pelo progresso fazia descer em campo a junção de vida e conhecimento que tinha por objetivo mudar a ordem e mudar o tempo em nome de uma revolução, portanto, não podem ser excluídos disso. Com a centralidade da figura do indivíduo e de sua ação no tempo e espaço a busca pelo seu lugar movimentou produções, Dumas era mestre nisso.

Se não tivéssemos conhecimento das demais obras e do fato de Dumas não ser o primeiro a divulgar uma imagem de Garibaldi, cairíamos no engano. A sua narrativa, rica em detalhes, nos faz pensar em alguém que participou ativamente do que conta. Desse modo, outro questionamento que surge é: quem é Giuseppe Garibaldi? Será ele a imagem passada pelas narrativas de Dumas?

²⁵¹ NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico**: os caminhos da produção das Mémoires de Garibaldi (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.15

4. OS CAMINHOS DO CORAÇÃO DESVELADO DE GARIBALDI

Este capítulo tem por objetivo perceber os caminhos traçados por Garibaldi na construção de seu personagem e consequentemente da obra. Sendo assim, se olhará para sua trajetória diante uma prática que se fortalecia ao longo do século XIX, que é a de escrita de si. Bem como, das estratégias utilizadas para se pensar na divulgação dessa escrita. Aqui, pretende-se então perceber uma outra dimensão do projeto *Mémoires* focada em Garibaldi.

Sobre a primeira empresa de Garibaldi na América, várias são as fontes utilizadas até agora, tanto que esta aventura corsária, que constitui a premissa necessária para toda uma vida de coragem, está envolta em uma nebulosidade que a torna quase irreal e longínqua.²⁵²

Salvatore Candido intitula sua obra de *Giuseppe Garibaldi Corsário Rio-grandense (1837-1838)*, falando, principalmente, de suas ações na América do Sul, mais especificamente nas terras brasileiras do Rio Grande do Sul, durante a Revolução Farroupilha. Também foca em uma característica trazida à tona quando se gostaria de falar de forma pejorativa de Garibaldi, o corsário. Sua análise, contudo, quer trazer, por meio dessa característica, “a história daquele que foi chamado o Herói dos dois Mundos.”²⁵³ O autor deseja compor o quadro de produções sobre o personagem que estão e estavam se multiplicando pelo mundo, cada um olhando para a própria experiência nacional, já que Garibaldi, como comandante de navios, viajou por inúmeros países. Pelas pesquisas desenvolvidas sobre esse momento da vida do General, entre arquivos e bibliografias, Candido chega à conclusão de que, “[n]o cumprimento de suas arriscadas empresas, Garibaldi foi acusado de ser um aventureiro. A expedição corsária demonstra que não o ouro ou a sede de ganhar estimulam o rebelde, mas sentimentos bem mais elevados”.²⁵⁴

Candido, portanto, não esconde sua simpatia por Garibaldi e, em seu livro, fez referência a outro autor brasileiro que também nutriu uma simpatia enorme pelo herói, Lindolfo Collor, com *Garibaldi e a Guerra dos Farrapos* (1977), na qual argumenta: “Garibaldi é, assim, na

²⁵² CANDIDO, Salvatore. **Giuseppe Garibaldi Corsário Rio-grandense (1837-1838)**. Porto Alegre: IEL, EDIPUCRS, 1992. p.17

²⁵³ CANDIDO, 1992, op. cit p.14

²⁵⁴ CANDIDO, 1992, op. cit p.133

minha narração, o símbolo vivo que assinala a união dos acontecimentos do Brasil com os do Velho mundo.”²⁵⁵

A proposta desses livros estaria baseada em uma construção oficial da vida de Garibaldi em terras brasileiras por meio de fatos que, no entanto, se distanciam e trazem à luz novamente o debate sobre história e literatura, em que a ficção pode caminhar com a realidade, construída dialogicamente pela relação do autor e pelos contextos individual e coletivo. Collor, por exemplo, argumenta que não gostaria de desenvolver um trabalho cronológico e sistematizado, porém, sua narrativa se desenvolve exatamente assim e, nesse sentido, observam-se datas e fatos em continuação, contados por fontes não oficiais, como é o caso das Memórias publicadas por Dumas ou mesmo das cantigas populares do Rio Grande do Sul sobre as ações de Garibaldi. Outra autora referência para os estudos sobre Garibaldi no Brasil é Yvonne Capuano, que também não esconde sua simpatia pelo personagem e o apresenta com contextos menos datados e mais refletidos. Alvaro Walmarath Bichoff e Cíntia Vieira Souto, em seu texto “Garibaldi: pirata ou herói?” (2006) autores brasileiros bastante favoráveis às narrativas do herói Garibaldi e explicam que “Garibaldi, um entre tantos estrangeiros a se bater por uma causa que não era sua, não era visto como igual”; e complementam: “[...] dessa forma, o herói Garibaldi, por muitos venerado, não foi o pirata farroupilha, mas o general da unificação italiana. Outro elemento que diferenciou Garibaldi de seus companheiros foi ter escrito seu livro de Memórias”.²⁵⁶

Contudo, essa atuação de Garibaldi como corsário não foi vista sempre como uma característica de homem heroico, principalmente a partir de dois momentos, no próprio século XIX, pelos jornais imperiais brasileiros, e na segunda metade do século XX, com a proliferação dos estudos sobre a questão meridional, tratada principalmente por Gramsci.²⁵⁷

Se, por um lado, se tentava esconder, Candido fez desse período um título de livro, tentando argumentar como, na realidade, esse momento estava mais envolvido com a ideia de liberdade universal, valor em que Garibaldi acreditava e agia para sua realização, do que com

²⁵⁵ COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a guerra dos Farrapos**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/530470>. Acesso em: 10 ago. 2019, p.18

²⁵⁶ BISCHOFF, Alvaro W.; SOUTO, Cíntia V.. Garibaldi: Pirata ou herói? In: **Nossa História**. v.4, n.37, nov. 2006. p.35

²⁵⁷ A “questão meridional” retrata, para Gramsci, um problema nacional que se perpetuou e reforçou após os processos da unificação italiana tanto no aspecto político, como no econômico, no cultural, no social, no ético e no civil, já que se observa uma Itália marcada por profundas contradições e antigas divisões. Ademais, a fundação do estado nacional não resolve esses problemas, de modo que, infelizmente, as “Itálias”, para ele, continuam sendo muitas. (GRAMSCI, Antonio. **Il Risorgimento**. Roma: Editori Riuniti, 2000).

a pirataria. No Brasil, contudo, entre os jornais que não pertenciam à imprensa estrangeira, considerada rebelde, de Mazzini e seguidores, até 1860 se falava quase exclusivamente de sua ação de pirata, alcunhando-o de aventureiro e inimigo do Brasil. No *Jornal do Commercio* do dia 8 de maio de 1839, um artigo do quartel general de Porto Alegre apresentando as ordens do dia fala de Garibaldi:

Também hoje se recolheu o Sr. Major Francisco Pedro de Abreu, de huma expedição a que fora a Camaquã com 140 cavalleiros, que depois de haverem chegado ao lugar em que estavam os lanchões inimigos, de haverem mortos quatorze rebeldes, feriram maior numero, e feito encerrar em huma casa 50 marinheiros, comandados pelo pirata Garibaldi, tentou o dito Sr. Major lançar fogo a casa, que não pôde conseguir incendiar por ser construída de tijolos e cal.²⁵⁸

Alguns dias depois, em 16 de maio do mesmo ano, o jornal publica a organização imperial para a prisão do “estrangeiro Garibaldi”:

Considerando a coluna suficientemente forte para operar no interior da província, visto a força de que os rebeldes podião dispor, e ahí repelir qualquer força que lhe disputasse o passo, ordenei [não está escrito o nome] a sua marcha; executando-se ao mesmo tempo hum movimento sobre Camaquã, o qual podendo aliás ser seguido das maiores vantagens pela captura do estrangeiro Garibaldi, comandante das forças navaes dos rebeldes, e apresamento de alguns lanchões que este comandava, infelizmente não teve o resultado desejado, por haver sido ferido o comandante das nossa froças, e que pressentindo a aproximação de huma partida rebelde, teve de abandonar os lanchões depois de estar de posse delles, e depois de alguns estragos experimentados pelos rebeldes, tanto no pessoal, como material de sua marinha.²⁵⁹

No mesmo ano, o jornal *O Povo*, dirigido por Rossetti, escreve que tudo foi realizado não por rebeldes, mas pelo “destemido Comandante José Garibaldi à testa dos seus intrépidos marinheiros.”²⁶⁰ Esse jornal, em “cujas páginas se espelham as agruras da revolução, corrida do litoral e acolhida à campanha, passando de Porto Alegre a Piritini, onde surgira o jornal, e de Piritini a Caçapava”, será substituído, em 1842, pelo *O Americano*, devido à ocupação dos imperiais.²⁶¹ Decerto este último não facilitou a vida dos imperiais, mas não se tratava mais do grupo que divulgava mundialmente as ações que aconteciam em um Brasil ainda em construção. A imprensa, nesse sentido, segundo Sodré, teve um papel muito relevante, tanto que ele alerta:

Sem a leitura do *O Povo*, que circulou de 1838 a 1840, de *O Mensageiro*, que circulou de 1835 a 1836, de *O Americano*, que circulou de 1842 a 1843, da *Estrela do Sul*, que circulou de 1843 e uns poucos mais, a história da farroupilha é incompleta. Nessas

²⁵⁸ *Jornal do Commercio*, ed.104, 1839

²⁵⁹ *Jornal do Commercio*, ed. 110, 1839

²⁶⁰ ROSSETTI, *O povo*, n.131, 1839

²⁶¹ SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.131.

folhas, impressas quase sempre sob condições extremamente difíceis, o movimento ficou espelhado, em todos os seus traços, os gerais e os particulares.²⁶²

No entanto, muitas edições não foram encontradas na hemeroteca nacional, com poucas versões em que o nome Garibaldi é citado. Nesse sentido, é perceptível que Candido, quando chama a atenção para esse primeiro momento de Garibaldi como corsário, procura construir outro significado que não aquele dos jornais da época, acessíveis até os dias de hoje, a mostrarem as ações de Garibaldi no Brasil, pois não foi pela imprensa brasileira imperial que o General conquistou sua imagem heroica. Sodré explica que:

[o] setor mais importante da imprensa da época viria a ser, com as rebeliões, o que estava ligado, nas províncias, aos movimentos que nelas surgiram. Guardando cada um características regionais ou locais, revelavam, como traço geral, a resistência ao regresso conservador que modelaria o segundo Império. Se, em cada uma das províncias conflagradas, a imprensa local denunciou os aspectos fundamentais das lutas políticas e nelas influiu, parece inequívoco que a imprensa pernambucana, quando da revolução Praieira, foi aquela que melhor situou e refletiu os traços gerais da época. Em todas encontrou-se, entretanto, o sulco profundo dos papéis impressos, o clarão das pregações, a nota das ideias que buscavam multiplicar influências, abalar situações, mobilizar a opinião. (...) Ao Rio Grande chegavam também as consequências do que se passava na Corte; ali se repetia, como nas outras províncias, a luta entre conservadores e liberais de esquerda e de direita, aqueles com a ala extremada dos restauradores, entre a abdicação e a morte de D. Pedro.²⁶³

O Brasil não seguiu o mesmo “processo de elaboração do personagem – ou melhor, da notoriedade do herói Garibaldi” – que a Europa do século XIX, principalmente por causa de suas conjunturas políticas, mas foi também pelas histórias vividas no País que mais tarde Garibaldi ganhará notoriedade pelo mundo. Muito se falou dele e várias foram as definições dadas a ele por companheiros, biógrafos e diversas outras pessoas de sua época, bem como, posteriormente, por vários adjetivos: tem-se, então, o herói,²⁶⁴ o carinhoso,²⁶⁵ o pirata, o interesseiro e, também, o sonhador e o ingênuo.²⁶⁶ Realmente, muitas representações foram criadas e circularam, porém, alguns fatos sobre sua vida podem ser relatados como pontos em comum em todas essas narrativas.

²⁶² SODRÉ, op. cit. p.131

²⁶³ SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.130

²⁶⁴ Seu primeiro biógrafo foi Giovanni Battista Cuneo (1809-1875), que lutou ao lado de Garibaldi na Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Foi Cuneo quem deu início à construção da imagem de Garibaldi, definindo-o como herói (CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013). Há também Alexandre Dumas, o qual descreve Garibaldi como herói em *Mémoires de Garibaldi* (1860).

²⁶⁵ A imagem do “homem carinhoso” está retratada no livro de sua filha Clélia Garibaldi, *Mio padre* (1948).

²⁶⁶ Assim foi definido por Antonio Pagano em “*Chi era veramente l'avventuriero dei due mondi*”, disponível em: <http://www.brigantaggio.net/brigantaggio/personaggi/Garibaldi02.htm>.

4.1 Alguns fatos da trajetória de Garibaldi

Diante do objetivo da tese de identificar os passos da obra pelo Brasil parece imperioso focar essa atenção também para a trajetória de Garibaldi. Durante o percurso de investigação este trabalho se deparou com um pequeno livro intitulado *Garibaldi: a cidade e o herói*, da autora Elenita Girondi. Nele é possível não só acompanhar a biografia de um personagem como também a biografia de uma cidade situada no Rio Grande do Sul. No século XIX tinha por nome Colônia de Conde D’Eu e hoje celebra a memória de Garibaldi, carregando seu nome.

A obra foi publicada pela Prefeitura Municipal e na capa apresentam a obra da seguinte forma:

A Administração Municipal de Garibaldi/RS – Brasil tem grande orgulho e satisfação em publicar o livro “Garibaldi – A cidade e o Herói”. Esta é uma obra alicerçada em um trabalho de pesquisa, cuja primeira parte evoca o estudo referente à história do município. Na segunda parte, o livro faz um resgate histórico sobre a vida do Herói de Dois Mundo – Giuseppe Garibaldi.²⁶⁷

Uma obra de celebração do general que nasceu em 7 de julho de 1807, em Nice. Apesar de sua certidão de nascimento ter sido escrita originalmente no francês, Garibaldi gostava de repetir em seus escritos que não era francês. Aliás, foi de grande dor para ele ver que a unificação que ele havia lutado para construir, com apoio da Monarquia, cedeu novamente a cidade a França.²⁶⁸

Segundo os escritos de Garibaldi, principais fontes sobre sua vida, sua infância foi marcada pela sua relação com o mar. Seu pai era marinheiro e sua mãe dedicava-se à criação dos filhos. Sua mãe sonhava que se tornasse padre ao passo que Garibaldi sonhava navegar pelos mares do mundo. Em 1832, tirou sua patente de marinheiro.

Em 1833, Garibaldi tinha vinte e seis anos e segundo a matrícula da marinha sarda, era um homem alto, com um metro e sessenta e seis centímetros, tinha os cabelos loiros e os olhos castanho-claros. Foi no navio *Clorinda*, em direção a Constantinopla que ele teve contato com um grupo de exilados sansimonianos guiados por Émile Barrault.²⁶⁹

Após esse encontro, Garibaldi tornou-se adepto da Jovem Itália, o que o levou a alistar-se na Marinha Real, com o intuito de atrair mais pessoas para a insurreição. Preparava-se um motim contra a casa Savoia, logo, era preciso agir discretamente e,

²⁶⁷ GIRONDI, Elenita. **Garibaldi: a cidade e o herói**. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2007.

²⁶⁸ SCIROCCO, Alfonso. **Garibaldi: battaglie, amori, ideali di um cittadino del mondo**. Bari: Economica Editori Laterza e Figli, 2011.

²⁶⁹ Político nascido nas ilhas Maurice, em 1799.

ao mesmo tempo, atrair o maior número de pessoas, pois a guarda da monarquia era numerosa e treinada. O movimento mais importante deveria ter acontecido em fevereiro de 1834, para coincidir com a invasão da casa dos Savoia, e nele ocorreria um conflito nas ruas e um na própria residência da família real, o primeiro principiado para distrair o numeroso exército dos Savoia. Inicialmente, contudo, essas agitações em Gênova foram, na verdade, de menor porte e Garibaldi foi transferido para um navio de guerra maior antes da data prevista para o grande motim, com a finalidade de encontrar mais adeptos e permanecer por dentro dos acontecimentos. Quando de sua volta, Garibaldi fingiu um mal-estar com o objetivo de obter a permissão de descer da *Euridice* para a terra firme e participar do grande dia. Enquanto isso, a invasão fracassou. Ele não lera a notícia no jornal e apresentou-se na Praça *Sarzano*, esperando seus colegas. Apenas uma hora depois percebeu que algo havia ocorrido. Esse fracasso levou-o a fugir, já que a lista de adeptos tinha sido sequestrada e todos os nomes nela inscritos foram condenados à morte pelas autoridades do Reino de Sardenha e Piemonte. Seu destino foi a França. Antes de partir, passou em Nice e foi para a casa de uma tia, de modo a não colocar em perigo a família. Lá, encontrou-se com seu pai e sua mãe. Essa seria a última vez que falaria com o pai, que muito reprovou as aventuras do filho, enquanto a mãe resumia-se a chorar e a pedir ao Senhor proteção. Com ironia, Garibaldi explica, anos depois, sua primeira aparição em um jornal, sendo condenado à morte. No entanto, não foi com tanta ironia que ele recebeu a notícia à época, tendo de embarcar, em julho de 1834, em direção ao Mar Negro no navio francês *Union*, comandado pelo capitão François Gazan. Garibaldi utilizava então o nome de Joseph Pane, marinheiro nascido em Nápoles. Após dois meses de cabotagem, em 2 de março de 1835, embarcou em um navio de guerra, *Essenie*, construído pelo bey da Tunísia, em direção ao Oriente. Em seu retorno a Marselha, deparou-se com um cenário decadente, pois a cidade estava tomada pela epidemia de cólera. Entre os muitos doentes e feridos, Garibaldi ofereceu-se para trabalhar como enfermeiro em uma ambulância. Durante esse período, tomou conhecimento de um navio que se dirigia ao Rio de Janeiro, o *Nautonier*, no qual embarcou. Não se sabe ao certo se Garibaldi foi enviado por alguém ao Brasil, uma vez que, em suas memórias, apenas disse que Rossetti foi buscá-lo no porto.²⁷⁰

A partir desse momento é que as lendárias ações de Garibaldi se iniciam, exatamente em 1837, quando chegou ao Rio Grande do Sul para lutar ao lado de Bento Gonçalves, líder da Revolução Farroupilha. Antes disso, ele exerceu, com Rossetti, o trabalho de corsário para a República Rio-Grandense. Foi este último um episódio utilizado pelos críticos ao personagem para demonstrar que na realidade Garibaldi não lutava pelo lado certo, pois a atividade de corsário não poderia ser vista com bons olhos por uma sociedade civilizada. Porém, a explicação estava em demonstrar como na realidade Garibaldi fosse um corsário não a moda de todos os outros e sim um homem carregado de gentileza que se utilizou deste nome para poder contribuir com uma causa a favor da liberdade dos povos. Girondi o chama de Corsário Romântico.

No Rio Grande do Sul estava junto a um grupo de italianos também exilados, em sua grande maioria adeptos da *Jovem Itália*. Estavam em contato direto e continuo com Mazzini no

²⁷⁰NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p. 59

outro lado do oceano e planejaram, por anos, a volta para a Itália. Todos queriam uma Itália unida e livre dos poderes estrangeiros.

Segundo Moacyr Flores, a contribuição ideológica de Garibaldi na revolução foi nula, “por ser antagônica aos princípios liberais dos farroupilhas, e suas atuações militares classificam-se como mínimas no contexto bélico da Republica Rio-Grandense”. O mesmo autor coloca que, “quando ele entrou em contato com a revolução farroupilha, em 1836, o movimento já havia sido articulado e definido os princípios básicos de sua doutrina política e sistema de governo.” Apesar disso sua liderança em campanhas militares não ficou despercebida e foram os episódios ocorridos durante esse período que foram utilizados para a construção do herói romântico.²⁷¹

Durante a revolução rio-grandense ocorreram dois momentos de luta, contra o império brasileiro, que fizeram com que se começasse a falar do general. Mazzini na Europa e Cuneo e Rossetti, na América do Sul fizeram com que esses fatos não fossem esquecidos e ofereceram a Dumas a história certa para seu herói romântico.

O primeiro evento ocorreu no dia 17 de abril de 1839, quando chegou uma vaga notícia de que João Pedro de Abreu, o Moringue, estava nas redondezas da fazenda de Bento Gonçalves, onde Garibaldi hospedou-se, com 150 soldados. Após um farto almoço, o General tinha mandado alguns de seus homens vigiarem e explorarem o terreno, mas nada foi encontrado. Assim, ele se acalmou, considerando a possibilidade de um falso alarme, e o sossego reinou novamente até que, de repente, o barulho do toque de carregar o fuzil fez Garibaldi, que se encontrava com o cozinheiro no galpão, despertar. Assim, em instantes, eles se viram obrigados a correr em meio a uma chuva de balas. Todos os quinze homens foram para o galpão onde estavam guardadas as armas. Após uma longa batalha, os imperiais foram afastados, principalmente, após o coronel imperial ter sido ferido. Foi Garibaldi quem deu as estratégias, o comando e a força, e por fim foram vitoriosos, reforçando, mais uma vez, o caráter bravo, habilidoso e determinado dos gaúchos e do italiano. O segundo acontecimento a marcar a biografia de Garibaldi ocorreu no mesmo ano e nele mais uma vez o General ter-se-ia mostrado um ótimo estrategista. Nesse período, o Rio Grande do Sul encontrava-se em situação difícil, com o avanço dos imperiais. Para fazer frente a eles, era necessário, segundo os rio-grandenses, aumentar o domínio de territórios, aniquilando o inimigo. Garibaldi foi encarregado de levar os dois barcos prontos, o *Seival* e o *Farroupilha*, ao encontro de outros farrapos, a fim de que eles auxiliassem na conquista de Laguna, em Santa Catarina, onde encontrariam outros homens por terra. Isso beneficiaria a República Rio-Grandense, tanto econômica como estrategicamente, visto que ela encontrava-se, naquele momento, sem nenhum porto, dada a perda de Porto Alegre para os imperiais. Foi a travessia desses barcos que ficou misticamente conhecida, já que a saída para o mar, pela Lagoa dos Patos, rio afluente do Camaquã, estava ocupada pelos imperiais, obrigando o transporte dos barcos por terra para impedir que fossem vistos.²⁷²

²⁷¹ FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 208

²⁷² NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico**: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível

Após um naufrágio, em que muitos colegas de luta de Garibaldi morreram, outro momento se destaca, trata-se de seu encontro com Anita, com quem se casou em 1841 já no Uruguai. Com o único barco restante o exército farroupilha tomou a Província de Santa Catarina proclamando em 29 de julho de 1839 a República Juliana.

Comparado a Aquiles ou a Ulisses, Garibaldi continuou suas lutas com a legião italiana no Uruguai, após os farrapos firmarem paz com o Império. As batalhas mais conhecidas foram as de Salto e de Sant'Antônio devido ao tempo de duração e a estratégia utilizadas contra o império de Rosas. Desses fatos nasce o Garibaldi estrategista, muito citado em narrativas elogiosas.

Por meio da publicidade desses fatos, Garibaldi se torna um personagem curioso e admirado pela população. Falam de um home caridoso, carismático, gentil e forte. Fatos esses que fomentaram o herói da pátria que a partir daquele momento seria exaltado e criticado. Suas lutas contra Rosas se estenderam até 1848, quando teve notícia das insurreições na Itália. Iniciavam assim as guerras que compõe o *Risorgimento*. Garibaldi com Anita e a Legião Italiana decidiu então fazer retorno. A partir desse momento muitas lutas aconteceram pela Itália, bem como a morte de Anita.

Logo após a morte de Anita e a derrota da República Romana em 1849 para a Igreja e francês, Garibaldi seguiu para um novo exílio. Após a passagem em muitas cidades, ficou por um tempo na casa de um conhecido nos Estados Unidos, em Nova Iorque, aonde publicaria sua primeira obra de *Memórias*. Em abril de 1851, Garibaldi deixou Nova Iorque em direção à América Central. De dezembro de 1851 a janeiro de 1853 viajou pelo Oceano Pacífico em direção à China. A partir desse período e até 1854 e ao seu retorno à Europa, não se conhecem bem as andanças do General.²⁷³

Apesar das derrotas e da distância de Garibaldi da vida pública, não há evidências de que sua popularidade e aprovação pública tenham sido afetadas. Em 1856, graças a uma herança de seu irmão, Garibaldi comprou a ilha de Caprera. Lá ele ficou até 1860, quando mais uma vez a família Savoia o convoca para fazer a unificação italiana, de sul a norte. Com essa aliança, Garibaldi se dirigiu para a Sicília onde mais tarde iria Dumas para fazer o trabalho de repórter.

em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023, p.61

²⁷³ RIAL, Lucy. Garibaldi exilado nas Américas. In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 191-209

A unificação italiana territorial aconteceu, há porém, que assim como no Brasil, os italianos ainda estavam no processo de construção do que fosse ser italiano, o que provavelmente não se limitou ao século XIX. Há quem diga, assim como Gramsci no século XX, que essa luta se estende até hoje.

4.2 O Coração Desvelado

O trabalho de Dumas e Garibaldi, culminado na redação e publicação das *Mémoires*, origina-se de um movimento complexo de aproximação com a “arte de si mesmo”, como “estética da existência e domínio de si e dos outros.” Essa arte, ainda que iniciada na Antiguidade, segundo Foucault, traz em si uma dificuldade imensa de se ver em uma análise a ser esgotada, pois até mesmo em Sêneca, Marco Aurélio e Plutarco diversos elementos foram encontrados, “com valores extremamente diferentes e segundo procedimentos totalmente diversos”.²⁷⁴

Para Gay, contudo, essa arte, que se estende há séculos, torna-se, no século XIX, segundo sua obra *Coração desvelado*, uma preocupação intensa com o “eu”, que “chegava à neurose”, pois existiam, “simultaneamente com sua campanha mais prolongada, visando à conquista do mundo, burgueses [que] se deliciavam, e talvez mais ainda se angustiavam, com a introspecção”, entre os quais ainda havia “cientistas e sociólogos, médicos e reformadores [que] atacaram de forma consistente a ignorância, a pobreza e a doença, enquanto, romancistas, pintores, biógrafos e até historiadores faziam da autoexploração um exercício fundamental”. Para Garibaldi, contudo, com as memórias que aqui trazemos à luz, e Dumas, com a sua obra *Mes Mémoires*, iniciada em 1847,²⁷⁵ colocar “seu coração a nu diante dos contemporâneo” era

²⁷⁴ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-145.

²⁷⁵ “Em uma folha azul, com letras irrepreensível, sem rasuras, Alexandre Dumas dava início à redação de suas memórias. Era 18 de outubro de 1847, cinco e meia da manhã, e o Château de Monte-Cristo estava completamente silencioso. Aos quarenta e cinco anos, o célebre autor de dramas românticos e de famosos folhetins decidiu parar para refletir sobre sua existência e para se dedicar ao introspectivo trabalho que exigem as escrituras do eu. Assim nasceu *Mes mémoires*: obra caudalosa, entre o registro literário e o histórico, concebida com a ambiciosa pretensão de eternizar, mais do que a sua história pessoal, as memórias de seus país, a França.” (MENDES, Maria L. D. **No limiar da história e da memória**: um estudo da *Mes Mémoires* de Alexandre Dumas. 2007. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 13)

não só exercer um trabalho de introspecção, mas, ademais, estabelecer também uma relação científica e sociológica.²⁷⁶

Para Gay, os próprios contemporâneos, que “não duvidavam de que sua época era notável do ponto de vista das confissões e reminiscências do ‘eu’ privado revelado ao público”, já diagnosticavam “essa introspecção conspícua como um sintoma, e não como uma realização”; afirmação essa que nos remete a questionar se seria então “a escrita de si” um sintoma ou, como Foucault argumentou, considerando a herança da cultura greco-romana, é justo pensá-la na sua “relação de complementaridade com a anacorese”?

Há, de um lado, a escrita de si, que “atenua os perigos da solidão, oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível, considerando que o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha”,²⁷⁷ e, do outro, editores que “estimulavam o impulso autobiográfico, em busca de lucros e em resposta ao apetite insaciável por esses temas” dessa “nossa época autobiográfica”, nas palavras de Thomas Carlyle, vista por ele com bons olhos, ao passo que Mathew Arnold deplorava “o diálogo da mente consigo mesma”, considerando-o “ameaçadoramente mórbido e monótono”.

A prática, porém, estava posta, visto que “o século XIX produziu um número muito maior de autobiografias – e de leitores desse gênero – do que qualquer [um] dos séculos anteriores” em muitos países, não se esquecendo das especificidades e contradições de cada um.

Houve um movimento de “escritores e políticos preeminentes, artistas e militares”, que “apressavam-se a registrar sua vida para conhecimento de um público receptivo e, esperavam eles, para uma posteridade agradecida”. Sendo assim era, com certeza, inevitável que descontentamentos surgissem, se expressassem e combatessem essa narrativa em circulação.²⁷⁸

No entanto, pode-se dizer que a prática de introspecção de Garibaldi deu início, nas palavras de Lucy Riall, ao “cânone Garibaldino”,²⁷⁹ do qual compreende-se sua especificidade ao longo desta tese, fazendo com que a imagem do General ganhasse uma circulação transatlântica vasta, composta de três etapas importantes da redação das memórias. Como posto, inicialmente pode parecer que se quer, aqui, expor um caminho dualístico de análise do que

²⁷⁶ GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.119.

²⁷⁷ GAY, op. cit. p.119

²⁷⁸ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.145

²⁷⁹ RIALL, Lucy. **Garibaldi**. L'invenzione di un eroe. Roma-Bari: Laterza, 2007. p. 689.

caracterizou a introspecção de Garibaldi entre um exercício de “meditação” – como aplicação “aos movimentos do pensamento” do “seu papel de prova da verdade” – e sua disponibilidade ao mercado editorial em formação, mas não se busca uma resposta absoluta de como foi esse exercício. Quer-se, desse modo, elaborar sua compreensão entre as várias instâncias que constituem essa escrita que deu vida às Memórias publicadas por Dumas ou por outros conhecidos de Garibaldi, ou, ainda, a outros gêneros de texto, como romances e poesias.²⁸⁰

Na primeira redação das *Mémoires*, “escritas após a trágica conclusão da saída de Roma”,²⁸¹ entre os anos de 1849 e 1850, na cidade de Maddalena, antes de decidir retomar suas viagens pelo mundo, Garibaldi escreveu sobre seus “anos de formação e as viagens pela América do Sul” até seu retorno, em 1848, da Europa; as memórias biográficas de seus companheiros mortos em batalha e de sua esposa Anita, falecida no ano de 1849, foram textos que deram origem, mais tarde, ao primeiro volume das memórias, de mais ampla circulação em relação ao segundo volume. Esse volume inicial teve sua primeira publicação em 1859, nove anos após a redação, realizada pelo americano Theodore Dwight. Segundo a edição de Nova Iorque, as biografias das pessoas próximas ao general foram escritas por Garibaldi a pedido do tradutor, porém, o General já teria escrito essas biografias durante esse período, fazendo, em seguida, pequenas alterações ou adicionando novos nomes.²⁸²

Segundo Riall, esse período marcou fortemente o ânimo de Garibaldi, levando-o a um comportamento mais passivo em relação às ações em batalha:

Após sua retirada de Roma e a morte de sua esposa, em 1849, ele estava muito relutante em se envolver diretamente na ação política, e essa relutância foi mantida mesmo após seu retorno à Europa, em 1854. Na verdade, apesar de sua antiga reputação de homem de ação, uma passividade estranha e uma falta de iniciativa real podem ser vistas em grande parte de sua ação política nos anos cinquenta.²⁸³

Parecia iniciar-se, para Garibaldi, um período de introspecção, um período de repouso em que a escrita – para si e para o outro – desempenhou um papel considerável até sua morte.

²⁸⁰ GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.119

²⁸¹ Tradução nossa de: “*Scritte dopo la trágica conclusione della ritirata da Roma*” (RIALL, Lucy. **Garibaldi**. L'invenzione di un eroe. Roma-Bari: Laterza, 2007, p. 759).

²⁸² DWIGHT, Theodore. Sketches of Garibaldi's companions in arms. In: DWIGHT, Theodore (org.). **The life of General Garibaldi**: written by himself. New York: A. S. Barnes and Burr, 1859. p. 211.

²⁸³ Tradução nossa de: “*Dopo la ritirata da Roma e la morte di sua moglie nel 1849, egli era stato molto restio a impegnarsi direttamente nell'azione politica, e questa sua riluttanza fu mantenuta anche dopo il suo ritorno in Europa nel 1854. Infatti, nonostante la sua precedente reputazione di uomo d'azione, in gran parte della sua azione politica degli anni Cinquanta si può rilevare una strana passività e una mancanza di reale iniziativa.*” (RIALL, Lucy. op. cit. p. 759).

O General estava também preocupado com o “seu papel de prova da verdade”, de sua vida que já era comentada, exaltada e criticada. Como disse em suas Memórias de 1888, ele precisava expor seu ponto de vista e a História se encarregaria de julgar o que fosse verdade ou mentira.²⁸⁴

Sendo assim, a prática e a meditação de si o acompanharam a partir daquele momento, dando vida ao que Epícteto insistia como um treino de si por si mesmo, isto é, “o papel da escrita como exercício pessoal: deve-se ‘meditar’ (*meletan*), escrever (*graphein*), exercitar-se (*gummazein*)”; “que possa a morte me apanhar pensando, escrevendo, lendo”, pois “não se pode mais aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, sem uma *askêsis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo”. A escrita, portanto, tem, “como elemento de treinamento de si”, “para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *etopoiética*: ela é a operadora da transformação da verdade em *êthos*”. Torna-se a escrita, para Garibaldi, um trabalho de introspecção, sim, um trabalho, já que “nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício”, e, a partir desse momento, o exercício da escrita de si será a sua mais nova ação vivencial.²⁸⁵

Houve, então, uma segunda redação das Memórias, entre o final do ano de 1859 e o de 1860. Inicialmente, Garibaldi escreveu sobre o período em que chegou à Itália, 1848, ao passo que, no final de 1860 escreveu, principalmente, sobre a campanha militar, conhecida como *Lo sbarco dei Mille*. Nesse momento, encontramos a primeira versão de Alexandre Dumas, publicada a partir do dia 30 de maio de 1860 até o mês de dezembro em *Variétés*, no jornal *Le Siècle*. Durante esse período, Dumas, que se dedicava a atividades de imprensa entre França e Itália, fez publicar e republicar as Memórias em francês e italiano inúmeras vezes.²⁸⁶ No mesmo ano da publicação em *faits divers*, apareciam, em dois volumes, as Memórias de Garibaldi, publicadas pela editora Lévy dentro da coleção *Oeuvres complètes de Dumas*.

Nesse período da segunda redação e nos anos seguintes surgiram outras edições do texto publicado por Dumas, como a do editor Borgeaud, em 1860, em Lausanne, Paris; a de Naumburg g. Paetz, do ano 1860-61, edição proibida na França e que inclui o período de 1850 a 1860, e a de Méline Cans & Cia, em Bruxelas, também proibida na França de Napoleão III, o qual exerceu uma censura antirrepublicana. O texto desta última é o mesmo da edição de Lévy,

²⁸⁴ BUDILLON, Casanovae Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 55-66.

²⁸⁵ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.146

²⁸⁶ BUDILLON, op. cit.

porém, além dos três volumes, na edição de Méline Cans encontramos uma dupla introdução, que, segundo Budillon, é “muito política”. Trata-se do prefácio de George Sand, com um texto escrito no início de julho de 1859, outro em 1860, e o discurso que Victor Hugo proferiu ao ser exilado nas ilhas anglo-normandas. Lévy publicou uma terceira edição, em 1866; outra, em 1882, ano da morte de Garibaldi; uma quinta edição, em 1887, ano da comemoração do seu 80º aniversário de nascimento, e outras duas edições sem data. Acredita Campanella²⁸⁷ que Lévy não tenha outras publicações até 1970. Nesse mesmo período apareceram outras edições, em inglês, norueguês, holandês, alemão, espanhol e português.²⁸⁸

Na Itália, ela apareceu com títulos variáveis, como, por exemplo, *Memorie, Memorie e Vita, Vita e Memorie, Memorie Autobiografiche*, entre outros. Em 1860, apareceram edições em Milão, Siena, Nápoles – a partir de 14 de julho, em *Varietà*, no jornal *Nomade* – e duas edições da casa editora de Livorno – uma delas possui o discurso de Hugo e o prefácio de Sand –, e, por fim, no jornal *L'Indipendente*, por Dumas, do dia 20 de novembro de 1860 até o ano de 1862. Depois dessas datas, o ritmo de publicação diminui, aparecendo novamente em datas comemorativas dos anos 1864, 1872, por Gabini, na morte de Garibaldi, em 1882, por Sonzogo e no seu aniversário, nos anos 1887-1888. Também teve uma famosa edição, em 1860, intitulada *I Cacciatori delle Alpi*, cujo objetivo era contar a história da expedição de Milão contra os austríacos através da imagem de Garibaldi, descrevendo o dia a dia da legião. Esse texto, todavia, não tem relação com aquele de Dwight ou Dumas, mas tudo indica que a cópia do manuscrito das Memórias é o mesmo, talvez não o mesmo papel, mas textos similares, entregues por Garibaldi aos autores. Assim, como reforça Budillon,²⁸⁹ Garibaldi, sempre que escrevia, entregava quando podia o manuscrito a uma segunda pessoa, a qual, ao publicar, tinha permissão de interferir na narrativa. Essa prática fez com que muitas memórias de Garibaldi se espalhassem pelo mundo, mas a que mais se destacou nesse processo foi a publicada e comentada por Dumas.²⁹⁰ Quando, por exemplo, falamos da edição de Dwight, publicada em

²⁸⁷ CAMPANELLA, Anthony P. **Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina**: uma bibliografia dal 1807 al 1970. Ginevra: Grand Saconnex, 1971.

²⁸⁸ BUDILLON, Casanovae Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 55-66

²⁸⁹ BUDILLON, op. cit. p. 55

²⁹⁰ BUDILLON, Casanovae Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 55-66

Nova Iorque, em 1859, essa pouco se aproxima, em circulação, da publicada por Dumas em 1860.

A terceira e última redação de suas memórias foi feita por Garibaldi entre dezembro de 1871 e julho de 1872, na cidade de Caprera. No dia 29 de janeiro de 1872 acontece um fato interessante: Garibaldi escreveu à Speranza von Schwartz, informando-a de que estava copiando suas memórias, pois as que circularam até aquele momento eram demasiadamente românticas.²⁹¹ Esse novo manuscrito teve múltiplas peripécias. Primeiro foi para as mãos de Speranza von Schwartz, em 1874, e depois foi entregue ao médico de Garibaldi, que desejava publicá-las. No entanto, houve falha nas negociações para a venda, pois o governo se opôs a ela depois que Garibaldi assumiu uma posição mais firme na política, tornando-se deputado. Por conta desse ocorrido, o general decidiu passar o manuscrito a seu filho Menotti, que se tornou proprietário dele após a morte de Garibaldi. No ano de 1887, o manuscrito passou ao banqueiro Adriano Lemmi. Em 1888, saiu a edição Barbera, em Florença, a partir de uma cópia conseguida junto a Lemmi, que reteve o manuscrito original. Essa edição é considerada uma das mais confiáveis, mesmo tendo surgido críticas dizendo que Menotti só autorizara que fosse publicado o que era de interesse para a família.²⁹²

Em 1872, foi publicado o que consideram ser a versão oficial, embora perceba-se claramente, nessa edição, sua função política, já que ficam ocultos pontos de vista de Garibaldi, procurando-se legar relevância para seu caráter bondoso e heroico e a sua dedicação ao Reino da Itália. Em vista das inúmeras edições de memórias, o governo italiano, com a autorização de Garibaldi, publicou essas memórias para instituí-las como verdadeiras e referências. Budillon nos informa que, durante o período de 1859 a 1970, foram publicadas oitenta e três edições das Memórias de Garibaldi em todos os países, 42 delas entre o período de 1859 e 1862, porém, tudo indica que outros tantos textos não foram contabilizados, assim como no caso do Brasil, a ser analisado no próximo capítulo.²⁹³

O caminho das Memórias se expande, vai além de um trabalho de “meditação” e se encontra com aquele mundo analisado por Gay, aquele da indústria, da comercialização das

²⁹¹ GARIBALDI, Giuseppe. **Lettere a Speranza Von Schwartz**. Firenze: Passigli Editore, 1982. Disponível em: <http://www.liberliber.it/> Acesso em: 20 fev. 2016.

²⁹² Lembrando que aqui se tem interesse de analisar as memórias publicadas, e não o manuscrito.

²⁹³ BUDILLON, Casanovae Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 55-66

escritas de si, mas não de forma tão extrema, de um lado para o outro, pois há “muitos que escrevem, querem ser lidos, a princípio e, com certa inevitabilidade, por si mesmos, e se tudo conspirar a favor, serão lidos por outros, em cadeias de autores-leitores que a palavra impressa possibilitou ampliar em progressão geométrica.”²⁹⁴ Segundo Riall, já durante a primeira redação de suas memórias, mesmo com seu parcial retiro da política ativa, “Garibaldi se dedicou a fazer propaganda para si mesmo e a defender suas opiniões políticas muito mais do que estava disposto a admitir”.²⁹⁵ Demorou nove anos para publicar, efetivamente, o primeiro volume de suas Memórias e não se sabe, ao certo, o motivo dessa demora. No entanto, sabe-se que no dia 12 de janeiro de 1850 enviara uma carta ao primo Augusto, que morava nos Estados Unidos, pedindo para que ele se ocupasse da publicação de suas Memórias, fazendo referência a uma precedente carta, que provavelmente foi “sequestrada”, junto a qual enviara os seus manuscritos para serem lidos:

Meu caro Augusto, recebi sua carta de 24 de dezembro com verdadeira satisfação e fiquei chateado por não ter recebido meus muitos escritos de Madalena, Gibraltar e Tânger. Tudo pode acontecer, você me disse: eu acredito que seja verdade; eles terão se apoderado dela. Lembro-me que em uma das minhas da Madalena, pedi-lhe que se encarregasse de imprimir algumas das minhas memórias biográficas, e não tive resposta de sua parte. Repito agora: caso seja do seu agrado, eu lhe enviaria os manuscritos.²⁹⁶

Além do seu primo, o amigo Francesco Carpaneto também recebeu o manuscrito: “Já disse ao Augusto da publicação das minhas Memórias. Estou feliz por aceitar o trabalho. Talvez nesta ocasião eu lhe envio o retrato que me pediu, e um longo período de minha vida passada.”²⁹⁷ Eles pediram para que Garibaldi completasse suas memórias com mais detalhes e

²⁹⁴ GONÇALVES, Márcia. “Passados que tocam em nervos”: Memorialismo e política nas recordações de Francisco de Paula Ferreira de Resende. In: ALCÁNTARA, Manuel; MONTERO, Mercedes Garcia; LÓPEZ, Sánchez Francisco (org.). **Estudios Culturales**. Memoria del 56º Congreso Internacional de Americanistas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015. p. 625.

²⁹⁵ Tradução nossa de “*Garibaldi si dedicò a fare propaganda a se stesso e alle sue idee politiche molto più di quanto non fosse disposto ad ammettere*” (RIALL, Lucy. **Garibaldi**. L'invenzione di un eroe. Roma-Bari: Laterza, 2007, p.758).

²⁹⁶ Tradução nossa de “*Mio caro Augusto, ho ricevuto con vera soddisfazione la tua del 24 dicembre e rimasi dal non aver tu ricevute le mie tante scritte dalla Maddalena, Gibilterra e Tangeri. Tutto può accadere mi hai detto: lo credo verissimo; le avranno sequestrate. Io rammento che in una mia dalla Maddalena, ti chiedevo d'incaricarti a far stampare, certe mie memorie biografiche, e non n'ebbi da te veruna risposta. Ti ripeto ora: in caso fosse di piacimento tuo, te n'invierò i manoscritti.*” (GARIBALDI, Giuseppe. Avvocato Augusto Garibaldi – Nizza Marittima/Tangeri. 12/01/1850. In: CIAMPOLI, Domenico (org.). **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Roma: Voghera Editore, 1907. p. 50).

²⁹⁷ Tradução nossa de “*Già dissi ad Augusto, circa alla pubblicazione delle mie memorie; sono contento dell'assumertene l'incarico. Ti mando forse con questa occasione, il ritratto chiestomi, ed un lungo periodo della mia vita passata.*” (GARIBALDI, Giuseppe. Signor Francesco Carpanetto, Negoziante – Genova/Tangeri.

informações; fizeram a intermediação para conhecer Antonio Meucci, que hospedou Garibaldi em sua casa em State Island e foi o responsável por apresentá-lo a Dwight, quem publicou as memórias pela primeira vez, após pedir novas revisões do texto e que ele próprio fizesse novos apontamentos. Segundo Campanella, houve novas reedições dessa obra: duas, uma em 1860 e a outra em 1903, pela mesma editora de sua primeira publicação, Barnes and Burr; uma terceira, no ano de 1859, em Londres, por Sampson; e uma última, em 1861, em Nova Iorque, pela editora Derby & Jackson. Não houve traduções para outros idiomas.²⁹⁸

Sem embargo, o debate sobre o papel comercial ou não da escrita não se esgota aqui. Garibaldi, em 1870, deu início ao seu trabalho de romancista com as obras *Clelia. Il governo dei preti*, escrita, provavelmente, em 1868, e publicada pela primeira vez, em inglês, na Inglaterra; *Cantoni il volontario*, escrita em 1869 e publicada em Milão, pela Politti; *I Mille*, escrita entre 1870 e 1872 e publicada em 1874, pela Editora Cappelli de Bologna; e, por último, *Manlio*, romance inédito até 1982, pois:

[a] última parte parece ser o resultado de várias revisões. De fato, “a caligrafia, nítida nas primeiras páginas, torna-se então incerta e trêmula, em alguns lugares quase indecifrável”, o que nos leva a crer que a obra que conhecemos foi escrita – ao contrário das outras – num período de tempo bastante longo e nos últimos anos de vida de seu autor.²⁹⁹

Garibaldi sofria de reumatismo e os últimos anos de sua vida foram de isolamento, em sua ilha Caprera, e, segundo Cardillo, eram preenchidos de uma “forte falta de confiança em si mesmo”,³⁰⁰ dores, amarguras e desânimo, apesar das curas de sua última mulher, Francesca Armosino, e da companhia das filhas, Clelia e Rosa. Teve também uma obra de poesias publicada no ano de 1910, aos cuidados de Giacomo Emilio Curatulo, pela editora Nicola Zanichelli, em Bologna, com o título *Garibaldi: Poemi autobiografici (dall'autografo), Carme alla morte e altri canti inediti*.

30/05/1850. In: CIAMPOLI, Domenico (org.). **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Roma: Voghera Editore, 1907. p. 59).

²⁹⁸ CAMPANELLA, Anthony P. **Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina**: uma bibliografia dal 1807 al 1970. Ginevra: Grand Saconnex, 1971

²⁹⁹ Tradução nossa de “L’ultima parte sembra essere il frutto di più rifacimenti. Infatti, “la grafia, nítida nelle prime pagine, diventa poi incerta e tremolante, in alcuni punti quasi indecifrabile”, il che induce a ritenere che l’opera sai stata scritta – diversamente dalle altre – in un arco di tempo abbastanza lungo e verso gli ultimi anni della vita del suo autore.” (CARDILLO, Angelo. Garibaldi Romanziere. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore**: 1805-1882. Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983. p. 102).

³⁰⁰ Tradução nossa de “soffusa sfiducia” (Idem, p. 93).

Além destas, há correspondências de Garibaldi, recolhidas, posteriormente, do arquivo do “Estado maior do exército”, da Biblioteca Vitorio Emanuele e de alguns privados, para celebrar o centenário de seu nascimento, dando origem à obra *Scritti politici e militari. Ricordi e pensieri inediti. Raccolti su autografi, stampe e manoscritti*, organizada por Domenico Ciampoli e publicada, em Roma, pela editora Enrico Voghera. São mais de mil páginas, divididas em duas sessões: na primeira estão as trocas epistolares do General entre 1836 até a sua morte; na segunda encontra-se o que, segundo Ciampoli, chamam-se erroneamente de “Memórias”, pois, para o autor, se trata mais especificamente de “Lembranças e pensamentos”.³⁰¹ Há outros volumes de cartas no Instituto de História do *Risorgimento* italiano, em Roma, e, de tempos em tempos, novas cartas vão surgindo pelo mundo, pertencentes, geralmente, às coleções privadas ou localizadas no meio de papéis de algum arquivo pouco consultado, já que o General tinha uma constante e forte prática de trocas epistolares não indiferente a sua época.

Assim, frente a essa dedicação ao exercício da escrita, surgiram, ao longo do tempo, muitos autores interessados no assunto e que se preocuparam com a análise desses textos, dentre eles Angelo Cardillo, com um de seus textos intitulado “*Garibaldi Romanziere*” [*Garibaldi Romancista*], que faz parte de sua última intervenção de análise de sua pesquisa sobre “Garibaldi escritor”, escritos em mais de uma ocasião para os 150 anos da República italiana. O texto é basicamente um estudo bibliográfico pensando diretamente na ação do escritor de romances de Garibaldi, e, além disso, em nota de rodapé, apresenta uma lista densa de nomes de autores preocupados com a temática, e não só interessados no escritor de romances. Contudo, o cerne do artigo está na afirmação de Cardillo, citando Milani e concordando com ele, quando explica:

O valor dos romances, sem méritos literários, e hoje não fáceis de ler, reside precisamente nisto: integram as *Memórias* ao fornecer aqui e ali detalhes deste ou daquele episódio, desde as campanhas americanas às de 1867, e revelando o estado de espírito de Garibaldi em relação a elas.³⁰²

³⁰¹ GARIBALDI, Giuseppe. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907.

³⁰² Tradução nossa de “*Il valore dei romanzi, senza pregi letterari, ed oggi di non facile lettura, è proprio in questo: essi integrano le Memorie fornendo qua e là particolari di questo o di quell’episodio, dalle campagne americane a quelle del 1867, e rivelando lo stato d’animo di Garibaldi di fronte ad essi.*” (CARDILLO, Angelo. *Garibaldi Romanziere*. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore**: 1805-1882. Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983. p. 97).

Fugindo então dos comentários negativos apresentados por Max Gallo, Gustavo Sacerdote e Omar Calabrese sobre o sucesso das obras e a sua pouca importância, Cardillo argumenta que o sucesso ocorreu, pensando editorialmente, pois há repetidas edições em uma breve distância e traduções em vários idiomas.³⁰³ Para Gallo, Sacerdote e Osmar havia, nesse exercício intenso de Garibaldi pela introspecção, um interesse maior pelo comercial, porém muito mal conseguido, segundo eles, pois os textos possuem um baixo nível literário e não são nada originais; além disso, a permanência de sua introspecção nesses textos é para eles um sinal de pouco valor literário. Assim, Gallo assevera que:

Garibaldi sofre, pelo isolamento, da dolorosa sensação de ser mantido à distância, longe dos acontecimentos atuais, ele que foi o arquiteto dos acontecimentos que causaram sensação. Não entende por que é criticado e contestado... A imagem que tem de si mesmo – e sempre foi muito generoso e desinteressado – se revela, quase a contragosto, nos romances que começam a escrever. Durante aqueles meses desbotados em que toda atividade cessa e ele é oprimido pelo tédio, porque sempre faz as mesmas coisas todos os dias, Garibaldi decide escrever. Segue o exemplo de Alexandre Dumas?... A escolha do romance como meio de fazer fortuna também significa que o desejo de glória, vivo em Garibaldi por toda a vida, arde nele. Contar-se por meio de uma ficção é um meio como qualquer outro de narrar a própria vida, expressar o pensamento, se exibir e, graças a isso, obter meios para viver. É uma evidência clara do narcisismo de Garibaldi. Para ele, escrever é outra forma de ser “lido”, “amado”, e também uma forma de luta. [...] Esses romances desajeitados, escritos para o sucesso, não tinham nenhum, apesar da fama de Garibaldi. As situações evocadas foram excessivas, os personagens demasiadamente numerosos e muitas vezes caricaturados, o estilo ingênuo de um romancista divertido que acredita estar alcançando a verdade enfatizando seus sentimentos, seguindo seus julgamentos e retratos com pontos de exclamação ou destacando sua indignação. ... Garibaldi era um general e não autor de livros. Seus livros não venderam e Garibaldi teve dificuldade em encontrar uma editora.³⁰⁴

Para Gustavo Sacerdote, esses romances

³⁰³ CARDILLO, Op. Cit., p. 96.

³⁰⁴ Tradução nossa de: “*Garibaldi soffre per l’isolamento, per la dolorosa sensazione d’esser tenuto in disparte, lontano dall’attualità, lui che era stato l’artefice di eventi che avevano fatti scalpore. Non capisce perché lo si critichi e lo si contesti... L’immagine che há di sé – ed è sempre stato realmente generoso e disinteressato – si palesa, quasi suo malgrado, nei romanzi che cominciano a scrivere. Durante quei mesi sbiaditi in cui cessa ogni attività ed è egli oppresso dalla noia perché fa sempre le stesse cose tutti i giorni, Garibaldi decide di scrivere. Prende esempio da Alexandre Dumas?... La scelta del romanzo come mezzo per fare fortuna significa pure che il desiderio di gloria, vivo in Garibaldi per tutta la vita, arde tuttora in lui. Raccontarsi tramite una finzione è un mezzo come un altro per narrare la propria vita, esprimere i propri pensieri, mettersi in mostra e, grazie a questo, ottenere i mezzi per vivere. È la prova lampante del narcisismo di Garibaldi. Per lui scrivere è un altro modo per farsi “leggere”, “amare”. E anche un modo di combattere. [...] Questi romanzi goffi, scritti per il successo, non ne ebbero affatto, nonostante la fama di Garibaldi. Le situazioni rievocate erano eccessive, i personaggi troppo numerosi e spesso caricaturali, lo stile ingênuo, da romanziere dilettante che crede di raggiungere la verità sottolienando i propri sentimenti, facendo seguire da punti esclamativi i suoi giudizi e i suoi ritratti o mettendo in rilievo la sua indignazione... Garibaldi era un generale e non un autore di libri. I suoi libri non si vendevano, e Garibaldi ebbe difficoltà a trovare un editore.*” (CARDILLO, Angelo. *Garibaldi Romanziere*. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore**: 1805-1882. Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983. p. 94).

[s]ão importantes como um documento histórico e autobiográfico. Garibaldi não apenas narra nas suas principais façanhas em Roma, Sicília e Nápoles, mas também derrama nelas todos os seus sentimentos, seus pensamentos, desenvolvendo suas ideias em torno dos problemas políticos, religiosos e sociais mais urgentes. A cada passo vemos aparecer a figura do autor, que admoesta, prega, teoriza, exalta, jura. Mas então o romancista frequentemente se transforma em um partidário, a história se torna polêmica; e se essas digressões nos ajudam a entender melhor o pensamento de Garibaldi, certamente não aumentam o valor artístico da obra. Desses romances, no entanto, a grande personalidade de Garibaldi emerge iluminada por uma luz sublime por outro motivo...³⁰⁵

Há ainda, para complementar Gallo e Sacerdote, as concepções de Calabrese, em que ele argumenta:

Os romances de Garibaldi (vale a pena fazer um juízo sumário: francamente feinhos) são romances históricos no sentido mais canônico do termo... Garibaldi realiza uma operação ingênua e comercial; [a primeira] consiste no fato de Garibaldi não ser romancista de profissão, nem literato com vasta cultura. Ele assume o modelo do romance histórico de forma completa; total, sem dúvidas ou releituras: mas a única história que ele realmente tem como pano de fundo para uma aventura é a sua própria história pessoal ...; [o segundo motivo] é comercial ... [porque] Garibaldi precisa de dinheiro. E, tendo plena consciência de que a única coisa para vender que lhe pertence é a história de suas aventuras de herói, ele coloca seus romances no quadro de suas façanhas.³⁰⁶

De acordo com Cardillo, esses escritos, ao final das contas, integram as Memórias e enriquecem o exercício de introspecção que Garibaldi se propôs a elaborar a partir de 1849. Segundo ele, o próprio Garibaldi não esconde que também quer que seus escritos sejam um meio de sustento, mas isso não resume seu exercício, pois o ponto mais importante é verificar como ele relata e percebe, então, o poder daquela narrativa frente ao que foi a historicidade do personagem Garibaldi. Assim, o próprio Garibaldi dirá, em inúmeros momentos, do seu interesse pela escrita e de suas limitações para com ela. Em *Manlio*, por exemplo, “afirma ser

³⁰⁵ Tradução nossa de “*Hanno importanza come documento storico e autobiografico. Non solo Garibaldi narra in essi le sue principali gesta a Roma, in Sicilia ed a Napoli, ma versa in essi a pieni mani tutti i suoi sentimenti, i suoi pensieri, svolgendo le proprie idee intorno ai più urgenti problemi politici, religiosi e sociali. Ad ogni piè sospinto noi vediamo quindi comparire la figura dell'autore, che ammonisce, che sermoneggia, che teorizza, che esalta, che impreca. Ma allora il romanziere spesso si muta in uomo di parte, il racconto diventa polemica; e se tali digressioni giovano a farci sempre meglio conoscere il pensiero di Garibaldi, non accrescono certamente il valore artistico dell'opera. Da quei romanzi, però, la grande personalità di Garibaldi esce come illuminata da luce sublime per un altro motivo...*” (Idem, p. 95).

³⁰⁶ Tradução nossa de “*I romanzi di Garibaldi (val la pena darne un giudizio sommario: francamente bruttini) sono romanzi storici nel senso più canonico del termine...Garibaldi compie un'operazione al tempo stesso ingênua e commerciale; [la prima] consiste nel fatto che Garibaldi non è un romanziere di professione, e non è neppure un letterato di vasta cultura. Il modello del romanzo storico lui lo assume in modo pieno; totale, privo di dubbi o riletture: ma l'unica storia che egli è veramente disponibile come sfondo per un'avventura è la sua propria vicenda personale...; [la seconda ragione] è commerciale...[perché] Garibaldi ha bisogno di soldi. E, avendo, piena coscienza che l'unica cosa da vendere che gli appartenga è la storia delle sue avventure di Eroe, ambienta appunto i suoi romanzi nelle cornice delle sue imprese...*” (CARDILLO, Angelo. Garibaldi Romanziere. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore: 1805-1882**. Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983. p. 96).

um conhecedor das coisas relativas à história, enquanto confessa seus limites de escritor no que diz respeito ao gênero literário”.³⁰⁷

Quando você chega às quatorze décadas, que visitou as cinco partes do mundo e que em certos assuntos também fez parte integrante, talvez possa escrever um pouco da história contemporânea. No entanto, continuo: a história é tão difícil de se contar que, apesar de ter testemunhado muitos fatos que acredito que farão parte dessa história, não me atrevo a assumir o título de historiador.³⁰⁸

Além disso, no prefácio do romance histórico *Clelia*, Garibaldi apresenta seu interesse pela escrita com as seguintes argumentações: “Primeiro, quero lembrar-me da Itália e de todas aquelas pessoas corajosas que deixaram suas vidas nos campos de batalha por ela, pois se muitos são conhecidos, e talvez os mais conspícuos, muitos são ignorados. A isso me dediquei como um dever sagrado”;³⁰⁹ depois, “quero conscientizar a juventude italiana sobre os fatos por ela realizados e sobre a sagrada dívida de continuar lutando, mostrando, com a consciência da verdade, as turbulências e traições de governos e padres”;³¹⁰ e, por último, “sobreviver um pouco com meus ganhos”.³¹¹ Diz, ainda, que pretende falar principalmente dos mortos, porque os “homens se julgam bem após a morte”,³¹² completando então sua afirmação nas Memórias publicadas em 1888, onde quer trazer o papel da verdade para que, em seguida, a História o julgue.

Assim, afirma também que adotou o romance histórico porque estava “cansado da realidade da vida”³¹³ e completa dizendo: “do que pertence à história, creio ter sido um intérprete fiel, pelo menos tanto quanto você sabe que é possível porque, particularmente, em

³⁰⁷ Tradução nossa de “*Si professa intenditore di cose che rigurdano la storia, mentre confessa i limiti di scrittore per quanto attiene al genere letterario*” (Idem, p. 95).

³⁰⁸ Tradução nossa de “*Quando si raggiungono i quattordici lustri, che si visitarono le cinque parti del mondo e che in certe facende si fu anche in parte integrante, uno potrebbe forse scrivere un po' di storia contemporânea. Tengo però: esser la storia tanto difficile da narrarsi che, ad onta di essere stato testimonio di molti fatti che credo faranno parte del presente racconto, io non ardisco di assumere il titolo di storico.*” (Idem, p. 95).

³⁰⁹ Tradução nossa de “*Ricordare all'Italia tutti quei valorosi che lasciarono la vita sui campi di battaglia per essa. Perchè se molti sono conosciuti, e forse i più cospicui, molti tuttavia sono ignorati. A ciò mi accinsi come dover sacro*” (CARDILLO, Angelo. Garibaldi Romanziere. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore: 1805-1882.** Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983. p. 97).

³¹⁰ Tradução nossa de “*trattenermi colla gioventù Italiana sui fatti da lei compiuti e sul debito sacrossanto di compiere il resto accennando colla coscienza del vero le turpitudini ed i tradimenti dei governi e dei preti*” (Idem, p. 97).

³¹¹ Tradução nossa de “*campare um po' anche col mio guadagno*” (Idem, p. 97).

³¹² Tradução nossa de “*uomini si giudicano bene dopo morti*” (Idem, p. 97).

³¹³ Tradução nossa de “*stanco della relatà della vita*” (Idem, p. 97).

eventos de guerra, se sabe como é difícil narrar os eventos com exatidão.”³¹⁴ Essa fragilidade de não narrar os fatos com exatidão, apresentada por ele em outros escritos seus, não tira sua eficiência de narrador da História, concluindo, assim, sua reflexão, explicando: “Quanto à parte romântica, se não fosse adornada com a histórica, em que me considero competente, e com o mérito de revelar os vícios e as atrocidades dos padres, não teria entediado o público, no século em que os Manzoni, os Guerrazzi e os Victor Hugo escrevem”.³¹⁵

Ainda no prefácio do romance *I Mille*, ele fará mais uma confissão ao seu leitor sobre suas narrativas: “Escrevi bem ou mal, em forma romântica, uma campanha que poderia ter exibido puramente histórica, e que espero, narrada em minhas memórias sem embrulho romântico, possa servir como bom material para a história”.³¹⁶ Por suas Memórias sem seu aspecto romântico, Garibaldi entende o que ele fez na sua terceira redação, que deu fruto às Memórias publicadas por Barbera, em 1888.

Assim Cardillo prossegue, em seu artigo, mostrando como transparecem as concepções e os pensamentos de Garibaldi em seus escritos românticos, asseverando que

[t]rês momentos são **revividos e narrados**: a) os acontecimentos uruguaios e os italianos de 1848 a '49; b) os anos de 1859 a '61; c) 1866. O termo “revivido”, aqui, significa que não é uma autobiografia real, mas uma reconstituição das empresas com base nos fatos mais importantes que os caracterizaram.³¹⁷

Essa dimensão do **revivido** e do **narrado** que não é uma autobiografia, mas completa uma subjetividade narrada, apresentada por Cardillo, a qual também é observada pela pesquisadora desta tese, faz com que se interpele a Leonor Arfuch com sua análise sobre **subjetividade contemporânea**; nela, a autora apresenta como o falar de si está imiscuído em práticas distantes de definições de limites da voz narrativa e do gênero narrativo e, assim,

³¹⁴ Tradução nossa de “*Di ciò che appartiene alla storia, credo esser stato interprete fedele, almeno quanto sai possibile d'esserlo poichè particolarmente negli avvenimenti di guerra, si sa, quanto sai difficile il poterli narrare com esattezza*” (GARIBALDI, op. cit. P. 97)

³¹⁵ Tradução nossa de “*Circa alla parte romântica, se non fosse adorna della storica in cui mi credo competente, e dal mérito di svelare i vizi e le nefandezze del pretismo, io non avrei tediato il pubblico, nel secolo in cui scrivono romanzi i Manzoni, i Guerrazzi ed i Victor Hugo*” (CARDILLO, op. cit. p. 97).

³¹⁶ Tradução nossa de “*Io scrissi bene o male sotto forma romântica una campagna ch'io potevo esibire puramente storica, e che spero narrata nelle mie memorie senza involto romântico, essa potrà bene, alla storia, servir di materiale*” (CARDILLO, op. cit., p. 103).

³¹⁷ Tradução nossa de “*Tre i momenti rivissuti e narrati: a) le imprese uruguayane e il 1848- '49 italiano; b) gli anni 1859- '61; c) il 1866. Il termine “rivissuti” qui vuole indicare che non si tratta di una vera e propria autobiografia, ma di una rievocazione delle imprese basate sui fatti più importante che le caratterizzarono.*” (CARDILLO, Angelo. Garibaldi Romanziere. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore**: 1805-1882. Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983. p. 103).

preocupa-se em situar um possível início, em que tenham ocorrido essas mudanças de práticas, argumentando que

[a] narração da própria vida como expressão da interioridade e afirmação de “si mesmo” parece remeter tanto a esse caráter “universal” o relato postulado por Roland Barthes ([1966] 1974) como à “ilusão de eternidade” que, segundo Philippe Lejeune (1975), acompanha toda objetivação da existência. No entanto, a aparição de um “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo e do mundo burguês. Efetivamente, é no século XVIII – e, segundo certo consenso, a partir das Confissões de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente. Esboçava-se, desse modo, a sensibilidade própria do mundo burguês, a vivência de um “eu” submetido a cisão dualista (público/privado, sentimento/razão, corpo/espírito, homem/mulher), que precisava definir os novos tons da afetividade, o decoro, os limites do permitido e do proibido e as incumbências dos sexos, que, no século XIX, se consolidariam sob o signo da desigualdade, com a simbolização do feminino como consubstancial ao reino doméstico.³¹⁸

Em vista disso, a autora argumenta que uma das primeiras construções narrativas “do privado como esfera da intimidade”, que é outra face do “espaço público que se afirmava na dimensão dupla do social e do político”, foi além de sua configuração de uma pessoa autobiográfica – como exercício da memória –, encaixotada em um único espaço de produção. Esse movimento deu vida ao que ela chama de **narrativa vivencial**, cujo espaço é constituído pelo vasto território da *bios* (vida) e seus relatos, os quais formam um amplo espaço, heterogêneo e híbrido, com inúmeros desdobramentos, expandindo-se às novas tecnologias, por entre os gêneros literários diversos e múltiplos, e colocando em cena o “eu” e o “outro”.³¹⁹

A autora, portanto, se esforça em apresentar uma possível dimensão histórica do “espaço da interioridade”. Essas “genealogias” se ancoram nas análises de Norbert Elias do “momento fundacional do ‘processo de civilização’, no qual o Estado absoluto começa a se afirmar na tentativa de pacificação do espaço social, relegando as expressões violentas e pulsionais a outro âmbito, pela imposição de códigos de comportamento coercitivos que, a partir da corte, seriam assumidas pelas demais camadas sociais.” Ademais, citando Ariés – “até o final do século XVII

³¹⁸ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 35-36.

³¹⁹ OLIVEIRA, Marta Francisco. Espaços das subjetividades contemporâneas: O novo território das biografias. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 175, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4496> Acesso em: 30 maio 2021.

ninguém ficava a sós” –, mostra como a formação do espaço urbano e todas as mudanças por ele impostas fizeram com que se descobrisse “um estado até então inabitual a solidão”.³²⁰

Sendo assim, as práticas de escrita e leitura também se transformaram e a literatura do privado será uma fonte de “leitura, escrita e conhecimento de si”, assim como analisado por Foucault, pois poderia ter, a modernidade, resquícios de “reconhecimento interior que adquiriria outra tonalidade com a confissão cristã e o arrependimento”³²¹ da cultura greco-romana. Essa apresentação da esfera do privado, do conhecimento de si, “requeria, para se constituir, sua publicidade, ou seja, a inclusão do outro no relato não mais como simples espectador, mas como *copartícipe*, envolvido em aventuras semelhantes da subjetividade e do segredo.”³²² E é desse modo que Arfuch explica:

Essa visibilidade do privado, como requisito obrigatório de educação sentimental, que inaugurava ao mesmo tempo o olho voyeurístico e a modelização – o aprender a viver através dos relatos mais do que pela “própria” experiência –, aparece como um dos registros prioritários na cena contemporânea, embora quase já não seja necessário espiar pelo buraco da fechadura: a tela global ampliou de tal maneira nosso ponto de observação que é possível nos encontrarmos, na primeira fila e em “tempo real”, diante do desnudamento de qualquer segredo. Mas, além disso, a retórica da autenticidade, do apagamento das marcas ficcionais, parece ter se desdobrado de maneira incansável através dos séculos, prometendo uma distância sempre menor do acontecimento: já não se tratará apenas de vidas “ao vivo”, mas também de mortes.³²³

Nesse universo, “a pessoa autobiográfica vinha dar testemunho da consciência feliz com uma ‘vida real’, sua expansão para outros registros e seu desdobramento em vozes múltiplas e imagens de valor ‘testifical’ (Geertz, [1987] 1989, p.83) nunca cessaram” querendo, assim, fazer múltiplas elaborações da sua educação sentimental em nome do “fenômeno da civilização”.³²⁴

O ato testemunhal é por excelência, para a contemporaneidade, um selo de autenticidade. Garibaldi inúmeras vezes lembra sua ação testemunhal frente às narrativas que estava se propondo a fazer em sua **narrativa vivencial**. Ainda em *Malio*, um de seus romances históricos, Garibaldi escreve que não pretende adquirir o título de historiador, mas que sua ação

³²⁰ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.39-40.

³²¹ ARFUCH, Leonor. op. cit. p.40.

³²² Idem, p. 47.

³²³ Idem, p. 48.

³²⁴ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 36.

testemunhal lhe permite alcançar um nível de veracidade oportuna para que, em seguida, a história julgue sua trajetória. Esse ato testemunhal está no que ele ouviu, mas, principalmente, no que ele viu. Desse modo, no prefácio de suas Memórias Autobiográficas, publicadas pela editora Barbera, em 1888, ele anuncia: “Tudo que narrei nas minhas memórias pode servir à história. Da maioria dos fatos fui testemunho ocular”.³²⁵ Essa mesma ideia é trazida em suas trocas epistolares ou em seu texto de “Pensamentos e Lembranças”, acima citado. Nesse perspectiva, Seligmann oferece um importante ponto de vista para que se pense sobre o ato testemunhal de Garibaldi:

O testemunho deve ser entendido tanto como a apresentação do ponto de vista de um terceiro – *terstis* –, de onde se deriva a noção latina de *testis*, testemunho jurídico que se quer objetivo, como também deve ser abordado como a tentativa de se apresentar **uma experiência que resiste a esta apresentação**. O testemunho neste segundo sentido sofre um deslocamento da elocução da verdade para a própria pessoa que testemunha. Passa-se do testemunho pretensamente objetivo, para a subjetividade da testemunha. Ela é, como notou Benveniste, *superstes*, testemunha sobrevivente. Ela tenta apresentar o **real**, a saber, o que escapa ao simbólico, mas esta apresentação é sempre também apresentação da impossibilidade de se apresentar. O testemunho está submetido ao *double bind* de sua simultânea necessidade e impossibilidade.³²⁶

Garibaldi faz a junção, em seus escritos, dos dois sentidos: tanto do ponto de “vista de um terceiro” (*terstis*) como do da subjetividade (*superstes*); apresenta, junto à sua trajetória, aquela de outrem, como forma de autenticação do que ele escreve, levando-nos a perceber a complexidade anunciada mais vezes por Seligmann:

Minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade, enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso. O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o “real” e o simbólico, entre o “passado” e o “presente”. [...] Se o “real” pode ser pensado como um “desencontro” (algo que nos escapa como o sobrevivente o demonstra a partir de sua situação radical), não deixa de ser verdade que a linguagem e, sobretudo, a linguagem da poesia e da literatura, busca este encontro impossível. Vendo o testemunho como o vértice entre a história e a memória, entre os “fatos” e as narrativas, entre, em suma, o simbólico e o indivíduo, esta necessidade de um pensamento aberto para a linguagem da poesia no contexto testemunhal fica mais clara.³²⁷

³²⁵ Tradução nossa de: “*Tutto che ho narrato nelle mie memorie può servire alla storia. Della maggior parte dei fatti io fui testimone oculare.*” (GARIBALDI, Giuseppe. **Memorie Autobiografiche**. Firenze: G. Barbera, 1888. p. 1).

³²⁶ SELIGMANN, Márcio Silva. Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. **Revista Alea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 131, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/yVcBx745WkQX8TBPNy4GmyK/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio. 2021.

³²⁷ SELIGMANN, Márcio Silva. O local do testemunho. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 5, jan./jun. 2010.

Assim sendo, essa apresentação de um ato testemunhal, em sua narrativa, se inscreve também em outras problemáticas, que se instauram em: como escreve Garibaldi? O que escreve? E, principalmente, qual Garibaldi escreve, ou seja, “a pergunta **quem?** ligada, primeiramente, à pergunta **quem duvida?** toma um novo aspecto ligando-se à pergunta **quem pensa?** e mais, radicalmente, a **quem existe?**”. Não há uma resposta para cada pergunta, mas se percebe a relação entre elas.³²⁸

Fala-se, até esse momento, sobre a narrativa vivencial apresentada por Garibaldi, híbrida e ampla na apresentação do eu que transita entre vários gêneros literários ou não, logo, torna-se interessante analisar o sujeito narrador e o ato autobiográfico como “exercício da memória” que “intercala sujeitos, ações e temporalidades sob as linhas de torná-los conhecidos e inteligíveis”, exercício esse chamado, por Arfuch, de “entorno à autobiografia”.³²⁹

A autora começa apresentando como Lejeune, durante muito tempo, tentou fazer da autobiografia um gênero, com regras claras e posições de análise, que, em seguida, se mostraram importantes para perceber o ‘lugar outorgado ao outro’, nesse caso, do “leitor que se presume inclemente e que se tenta exorcizar a partir da interpelação inicial, por meio da explicação de um pacto singular que o inclui, o pacto autobiográfico”. Essa análise do autor, contudo, fez perceber aos críticos como esse mesmo pacto é antes mesmo feito a si mesmo, isto é, “para além do nome próprio, da coincidência ‘empírica’, o narrador é outro, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar”. Essa prática autobiográfica “permite ao enunciador a confrontação rememorativa entre o que era e o que chegou a ser, isto é, a construção imaginária de “si mesmo como outro”. Sendo assim, por exemplo, para Ricoeur a vida na escrita é mais “do que um traço ‘imitativo’”, é “um processo construtivo [...] que **cria**, apresenta algo que, como tal, não tem existência prévia”.³³⁰

Isso coloca em jogo a multiplicidade das temporalidades entre as permanências e as mudanças do eu, ou, como diria Ricoeur, das identidades, do entrecruzamento do *idem* e do *ipse*, a fazer com que se questione: como abordar o **quem** do espaço autobiográfico? “Como se

³²⁸ RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Campinas: Papirus, 2012. p. 17.

³²⁹ GONÇALVES, op. cit. p. 626

³³⁰ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 135.

aproximar desse entrecruzamento das vozes, desses **eus** que imediatamente se desdobram não só em **você**, mas também em **outros**?”³³¹

Há de se perceber que o próprio Garibaldi coloca o “outro” no centro, tanto de si mesmo como evocando sempre a figura de uma história que servirá à História, definindo-se como testemunha, escrevendo sobre seus colegas para serem lembrados ou mesmo colocando seus escritos à disposição de outros personagens/autores/editores/narradores, que podiam corrigir, interferir e publicar em um mercado editorial sempre mais exigente e extenso. Até seu próprio exercício de “meditação” pode ser pensado na ótica de que existe, na estética da existência, o interesse do domínio de si e dos outros, ou seja, é um exercício de várias vias, e não de sentido único. Sendo assim, identifica-se que ele traz a sua **identidade narrativa** e sua **identidade política**, que coexistem dentro de sua **narrativa vivencial**, não querendo resolver, definitivamente, o impasse do que é ficção e do que é história. Isso porque se mostra consciente da ação de **apropriação** – ou do pacto autobiográfico de Lajeune – de que os “outros” fazem da narrativa produzida, pensando-se aqui não só na apropriação em termos de poder persuasivo, como instituído por Foucault, mas como sujeitos produtores de uma cultura, considerando o sentido amplo desta última palavra. Além disso, também é consciente de sua própria ação de testemunha, como narrador do vivido pelo vivido que objetiva alcançar o caráter durável do eu que Ricoeur aponta em seus estudos.

Com isso a pergunta “quem” se aproxima do “como” e “do que” escreve, e uma das formas de aproximação do entrecruzamento dos *eus* é perceber o trabalho de introspecção exercido por Garibaldi. Nessa perspectiva, a noção de **identidade narrativa** analisada por Ricoeur traz ótima luz sobre essa construção, que pode ser filosófica, política, histórica, antropológica, entre outras. Logo, argumenta:

A noção de identidade narrativa, introduzida em *Temps et récit III* respondia a uma outra problemática: ao fim de uma longa viagem através da narrativa histórica e da narrativa de ficção, eu me perguntei se existia uma estrutura da experiência capaz de integrar as duas classes de narrativas. Elaborei então a hipótese segundo a qual a identidade narrativa, seja de uma pessoa, seja de uma comunidade, seria o lugar procurado desse cruzamento entre história e ficção. Segundo a pré-compreensão intuitiva que lemos desse estado de coisas, não tomamos as vidas humanas como mais legíveis quando elas são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito? E essas histórias de vida não são tornadas, por sua vez, mais inteligíveis quando lhes são aplicados modelos narrativos – intrigas – obtidas por empréstimo à história propriamente dita ou à ficção (drama ou romance)? Pareceria, portanto, plausível considerar válida a cadeia seguinte de asserções: a compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada; esse último empréstimo à história tanto quanto à ficção fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se preferimos,

³³¹ Idem, p. 122.

uma ficção histórica, entrecruzando o estilo historiográfico das biografias com o estilo romanesco das autobiografias imaginárias. Faltava a essa apreensão intuitiva do problema da identidade narrativa uma clara compreensão do que está em jogo na própria questão da identidade aplicada às pessoas ou às comunidades. A questão do entrecruzamento entre história e ficção de algum modo desviava a atenção das dificuldades consideradas ligadas à questão da identidade como tal. A essas dificuldades é que se consagrou o presente estudo.³³²

Para a compreensão desse ato construtivo que é a **identidade narrativa** o autor apresenta o jogo de complementaridade entre ela e a **identidade pessoal**, pois ela só é inteligível graças à narrativa que se articula entre o *idem* e o *ipse*, *mesmidade* e *ipseidade*, respectivamente; a primeira é a identidade alcançada a partir das permanências no tempo, é estática, atemporal e abstrata, enquanto a *ipse* é dinâmica e temporal e inclui mudanças – fazem, segundo Ricoeur, com que “um sujeito seja capaz de se autodesignar significando o mundo”. Aqui, trata-se esse discurso não como uma possível ficção, nem como uma verdade absoluta ou um discurso autêntico, mas como uma representação presente suscetível de mudanças, que carrega consigo uma necessidade de **uma afirmação, de uma presença**.³³³ Como adverte esse autor, há uma **identidade narrativa** que busca sua afirmação entre a *mne me* e *anamnesis*.³³⁴

Essas dimensões que compõem a **identidade narrativa** não são meramente descritivas, mas também tem uma dimensão moral, de engajamento e comprometimento, através do **caráter** e da **palavra dada**.

A identidade narrativa é categoria da ação e não da imaginação ou vontade. A decisão do sujeito dizer “este aqui sou eu” é responsabilidade ética da *ipseidade*. É, portanto, provida de dimensão normativa, valorativa e descritiva. A visão de si e do mundo, que o sujeito da narrativa impõe, é persuasiva, não é eticamente neutra, mas, possibilita uma nova visão do mundo e de si mesmo. Há, nesse momento, a pretensão à correção ética. É o leitor (ou escritor) quem fará a escolha da melhor “leitura”. Não se pode deixar de levar em conta, também, as aporias na maneira de definir essa identidade. A intenção de defini-la pode fracassar. O elemento do caráter, da permanência da personalidade, o modo de determinar o que fica na maneira de ser, tem uma dualidade e uma objetividade; é reflexiva. A ficção narrativa lembra que a ipseidade e a

³³² RICOEUR, op. cit. p. 138

³³³ Arfuch, argumenta: “Ali, nesse registro gráfico ou audiovisual que tenta dar conta obstinadamente – cada vez mais ‘pela boca de seus protagonistas’ – do ‘isso aconteceu’, talvez seja onde se manifesta, com maior nitidez a busca da plenitude da presença – corpo, rosto, voz – como proteção inequívoca da existência, da mítica singularidade do eu.” (ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 74).

³³⁴ “Neste aspecto, a história das noções e das palavras é instrutiva: os gregos tinham dois termos, *mne me* e *anamnesis*, para designar, de um lado, a lembrança como aparecendo, passivamente no limite, a ponto de caracterizar sua vinda ao espírito como afecção – *pathos* –, de outro lado, a lembrança como objeto de uma busca geralmente denominada recordação, *recollection*. A lembrança, alternadamente encontrada e buscada, situa-se, assim, no cruzamento de uma semântica com uma pragmática. Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança. Nesse sentido, a pergunta “como?” formulada pela *anamnesis* tende a se desligar da pergunta “o que?” mais estritamente formulada pela *mne me*.” (RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 24).

alteridade são dois existenciais correlativos. O si próprio constitui-se na relação com a alteridade. “Não somos o mundo, mas somos com o mundo”. Ricoeur tem na sua tese da identidade narrativa, o modelo que não dissocia o si-próprio da experiência da alteridade – do “ser no mundo”, do ser “com”, de Heidegger. Maurice Merleau-Ponty fala da liberdade nos termos de um sujeito que é “motivado” (ao invés de “determinado”) e que “assume” as motivações numa “situação”. A pessoa vive, e para isso, precisa agir sobre o mundo; é sujeito ao mundo do mesmo modo que é sujeito do mundo e o mundo age sobre ele. A tarefa da liberdade, para ele, é assumir “esta” e “aquela” situação, ou seja, aquilo em que o mundo nos motiva. É preciso, diz Ricoeur, que a identidade pessoal seja uma mediação: é isso que possibilita “um si-próprio figurado - que se figura tal ou tal”, ou seja, não definitivo, que possa “apropriar-se” do mundo, mudar e permanecer, nos seus horizontes.³³⁵

Aqui se aproxima a **identidade política**, assim como pensada por Hanna Arendt, em que o homem é “capaz de comunicar a si próprio, não como mera comunicação de alguma coisa, mas, comunicação de si, no mundo [...] É no discurso e na ação que os homens podem distinguir-se, ao invés de permanecerem apenas diferentes. ‘É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano’”. Volta-se, então, à junção do espaço público e privado, em que a **identidade política** se insere exatamente na indefinição, da contemporaneidade, desses espaços e tempos. É essa preocupação da relação com o mundo que fez com que se percebesse como a **identidade política** de Garibaldi estava presente de forma constante entre os seus testemunhos e as suas confissões, das quais se explicita mais nos próximos capítulos. Assim, a autora Conceição ajuda a posicionar um caminho entre os autores, argumentando:

Ao enfocar as trajetórias do pensamento de Paul Ricoeur e Hannah Arendt, pode-se ver as suas marcas que configuram o espaço constitutivo da identidade do indivíduo diante de si e do mundo, o espaço como constitutivo de uma identidade que torna possível que sujeitos, desde sempre mergulhados na historicidade e linguisticidade, agenciem os fatos de acordo com uma perspectiva de compreensão do mundo que quer comunicar uma certa experiência pessoal e social. Neste sentido, pode-se dizer que os sujeitos sociais, sob a ótica desses dois pensadores, são ativos narradores ao mesmo tempo em que são narrados, isto é, são formados pelas estruturas narrativas dominantes de seu tempo e, particularmente, dos campos de ação onde estão inseridos. Em Ricoeur e em Arendt o conceito de ação segue e permanece como legado humano e é uma das grandes contribuições à filosofia, principalmente no que diz respeito à reflexão centrada sobre a pessoa, a alteridade, a solicitude e as instituições justas, mas, sobretudo no eco deixado no pensamento atual ao abrir possibilidades de refletir e agir, por si mesmo, como o outro e com o outro.³³⁶

Ademais, Arfuch se preocupa em precisar ser necessário pensar-se “o devir da identidade como um trajeto sempre aberto à diferença, que **ressignifica constantemente as**

³³⁵ CONCEIÇÃO, Edilene Maria. A relação entre a Identidade Narrativa de Paul Ricoeur e a Identidade Política de Hannah Arendt. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del Rei, n. 6, p. 68, 2011. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> Acesso em: 30 maio 2021.

³³⁶ CONCEIÇÃO, op. cit. p.73

instâncias do autorreconhecimento”, pois não se pode esquecer da polifonia e do plurilinguismo bakhtinianos, no quais o que está em jogo

[n]ão é a política da suspeita sobre a veracidade ou autenticidade dessa voz, mas antes a aceitação do descentramento constitutivo do sujeito enunciador, mesmo sob a marca de “testemunha” do eu, sua ancoragem sempre provisória, sua qualidade de ser falado e falar, simultaneamente, em outras vozes; essa partilha coral que sobrevém – com maior ou menor intensidade – no trabalho dialógico tanto da oralidade quanto da escrita e cuja outra voz protagonista é, evidentemente, a do destinatário/receptor.³³⁷

Essa polifonia leva ao segundo capítulo, de modo a analisar o que foi falado a partir desse exercício de introspecção de Garibaldi, que possibilitou a criação de um amplo **espaço biográfico contemporâneo**, caracterizado por

[u]m sujeito não essencial, constitutivamente incompleto e, portanto, aberto a identificações múltiplas, em tensão com o outro, o diferente, através de posicionamentos contingentes que é chamado a ter. Nesse “ser chamado”, operam o desejo e as determinações do social; esse sujeito é, no entanto, suscetível de autocriação. Nessa ótica, a dimensão simbólico-narrativa aparece como constituinte: mais do que um simples devir dos relatos, uma **necessidade** de subjetivação e identificação, uma busca consequente daquilo-outro que permita articular, ainda que temporariamente, uma imagem de autorreconhecimento.³³⁸

Portanto, seria o **espaço biográfico contemporâneo**

[u]ma espécie de macrogênero, que albergaria simplesmente uma coleção de formas mais ou menos reguladas e estabelecidas, mas antes um cenário móvel de manifestação – e de irrupção – de motivos, talvez inesperados. Dito de outro modo, não só a autobiografia, a história de vida ou a entrevista biográfica, performadas temática e compositivamente enquanto tais entrariam em nossa órbita de interesse, mas também aos diversos **momentos biográficos** que surgem, mesmo inopinadamente, nas diversas narrativas, particularmente nas mídias.³³⁹

Sendo assim, para perceber o caminho das memórias, foi necessário ter consciência dessa multiplicidade de **eus** e perceber como ele está imiscuído em um espaço e tempo amplo, múltiplo e simultâneo de ações. Por esse motivo, analisar ou, pelo menos, considerar a **narrativa vivencial** de Garibaldi, em seu conjunto, ajuda a perceber como há uma construção

³³⁷ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 128.

³³⁸ Idem, p. 80.

³³⁹ Idem, p. 74. “Um primeiro levantamento não exaustivo de formas no apogeu – canônicas, inovadoras, novas – poderia incluir: biografias, autorizadas ou não, autobiografias, memórias, testemunhos, histórias de vida, diários íntimos – e, melhor ainda, secretos –, correspondências, cadernos de notas, de viagens, rascunhos, lembranças de infância, autoficções, romances, filmes, vídeo e teatro autobiográficos, a chamada *reality painting*, os inúmeros registros biográficos da entrevista midiática, conversas, retratos, perfis, anedotários, indiscrições, confissões próprias e alheias, velhas e novas variantes do show (*talk show*, *reality show*), a vídeo política, os relatos de vida das ciências sociais e as novas ênfases da pesquisa e da escrita acadêmica.” (ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 60).

constante de si pelo ato da narrativa, que não está apenas interessada em um mercado ou, por outro lado, na meditação de uma autoexploração exaustiva. Observa-se, então, que a relação destas fez com que o **mito do eu** de Garibaldi fosse criado e realimentado sem cessar no espaço biográfico. Em seguida, é possível perceber como todo seu arco temporal de narrativas interfere em cada leitura exercida sobre ele.

5. LEITURAS DAS *MÉMOIRES DE GARIBALDI* NA IMPRENSA DO BRASIL

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre a historicidade dos textos que circularam na imprensa brasileira no período de 1860 a 1889, isso porque uma sociologia dos textos das *Mémoires de Garibaldi* se faz necessária, visto a multiplicidade de suportes que as divulgam.

Diante da amplitude de possibilidades da circulação das *Mémoires*, e de suas limitações temporais, é preciso estabelecer um recorte documental. Nesse sentido, a Biblioteca Nacional foi um importante lugar de pesquisa, tanto presencial como em seus acervos digitais. Um olhar especial dirigiu-se à hemeroteca, que, durante a pesquisa, se mostrou um lugar fértil de acesso a múltiplas referências sobre o tema.

Giordano, em sua tese sobre proliferação de hemerotecas digitais pelo mundo, explica que esse processo é, desde 1990, uma estratégia mundial de desenvolvimento das instituições para auxiliar na preservação e na democratização do acesso aos arquivos e aos conteúdos guardados em seus acervos. Assim, independentemente da cidade ou do país de origem do pesquisador, os acervos podem ser acessados e estudados em várias partes do mundo.³⁴⁰

Se, por um lado, essa estratégia nasceu para ajudar no aprimoramento de muitas pesquisas, por outro ela se vale de justos questionamentos do mundo acadêmico perante a ação de pesquisa aos acervos pelo pesquisador, afinal, como bem lembrou Deaecto, “nem tudo está online”.³⁴¹

Outro ponto de atenção reside no que Bresciano, estudado e citado por Eric Brasil e Leonardo Fernandes Nascimento, chama de a crítica heurística das fontes encontradas digitalmente. Essa crítica identifica a história da própria fonte como o ponto de partida, isto é, o estudo “das características do suporte, sua estrutura formal, o perfil do discurso e do léxico utilizado, e a coerência entre os dados que apresenta e as informações contextuais disponíveis”, primordiais para a validação do objeto estudado.³⁴²

³⁴⁰ GIORDANO, Rafaela B. **Do jornalismo à ciência: A Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica**. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2016.

³⁴¹ DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro: a democracia na França de François Guizot (1848-1849)**. Cotia: Ateliê Editorial, 2021. p. 33.

³⁴² BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da Pesquisa Histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n.º 69, p. 196-219, jan.-abr. 2020. p. 202. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/#>. Acesso em: 10/06/2023.

Como solução, a sugestão de Bresciano é a de se pensar uma heurística não só para o impresso, mas também para o digital, a heurística digital. Nesse contexto, o investigador precisa estar atento ao manuseio daquela fonte, à história do lugar de memória e às formas de apresentação dos dados e estudo. Enquanto isso, as próprias instituições, comprometidas com a divulgação desse documento de forma digital, devem se atentar à descrição de tais características para os usuários durante sua pesquisa.³⁴³

Brasil e Nascimento explicam que o trabalho do historiador, diante do arquivo digital e do arquivo físico ocorre de forma semelhante, pois a exigência do rigor metodológico é o mesmo nos dois casos. Para esses autores, porém, no meio digital esse rigor é “[...] escamoteado ante a profusão de fontes, a agilidade de busca, a velocidade do acesso e a facilidade do armazenamento”.³⁴⁴

Os mesmos autores ainda sugerem que os pesquisadores se atentem a descrever seus métodos de pesquisa quando não comuns aos usos da maioria, diante dessa rapidez de inserção do mundo digital nos hábitos da sociedade.

A pesquisadora Márcia Abreu mais uma vez se torna um exemplo importante para uma pesquisa que se interessa por textos e sua circulação. Em seu artigo “Ler o passado com ferramentas do futuro: uma análise digital de textos críticos do início do século XIX”, cujo objetivo foi o de examinar “um conjunto de textos críticos produzidos no Reino Unido, na França e em Portugal, entre 1797 e 1821, a fim de entender como os homens de letras reagiam aos romances no início do século XIX e que critérios empregavam em suas análises”, é possível conhecer um novo método de comparação dos textos utilizando as ferramentas digitais.³⁴⁵

A autora, além de apresentar a temática, descreve como a ferramenta digital DLNotes2 foi uma estratégia impulsionadora da pesquisa de comparação por meio de elementos pré-estabelecidos e atributos específicos. Assim, esses modelos de técnica, segundo Brasil e Nascimento, são formas de aprimorar a pesquisa, cabendo ao pesquisador atentar-se ao mesmo cuidado metodológico que teria com uma fonte física.

³⁴³ BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: Reflexões a partir da hemeroteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da Pesquisa Histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n.º 69, p. 196-219, jan.-abr. 2020. p. 203. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/#>. Acesso em: 10/06/2023.

³⁴⁴ Ibidem, p. 203

³⁴⁵ ABREU, Márcia. Literatura sem texto: presença social da Literatura no Brasil oitocentista. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 100, p. 91-111, jul./dez. 2019.

Nesse sentido, são muitos os lugares de pesquisa que podem guardar indícios sobre a temática estudada e o recorte de um único lugar se tornou uma decisão importante e necessária para não haver uma dispersão de citações, sem, contudo, haver um olhar mais atento para o lugar de divulgação.

A Biblioteca Nacional não só oferece fontes para esta pesquisa, mas “sua trajetória é parte integrante da história” do Brasil. Sua importância inicia a partir do momento em que, durante séculos, foi a principal instituição de agrupamento de materiais e informações históricas.³⁴⁶

A Real Biblioteca – que integrava duas: a Biblioteca do Rei e a da Casa do Infantado, esta última destinada ao uso dos príncipes (*Annaes da Bibliotheca Nacional*, 1883-1884) – depois nomeada Biblioteca Imperial e Pública [13 de setembro de 1822] (Schwarcz, 2002, p. 405) e finalmente Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [4 de março de 1876] e simplesmente Biblioteca Nacional [1948] (*Annaes da Bibliotheca Nacional*, 1883-1884, p.568) nunca cessou de crescer, seja por aquisição de coleções, de livros, mediante assinaturas de periódicos estrangeiros e pela aplicação da lei do Depósito Legal [Decreto de 20 de dezembro de 1907], que germinou a partir do alvará de 12 de outubro de 1805 (ibidem, p.18), por meio do qual “toda e qualquer edição publicada em Portugal, e depois, na Imprensa Régia do Rio de Janeiro, devia-se ‘ofertar’ pelo menos um espécime à Biblioteca da Corte” (Carvalho, 1994, p. 47). E que teve continuidade por meio da Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004, ampliando continuamente o acervo da instituição, uma vez que determina a remessa à Biblioteca Nacional (BN) de um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional, por qualquer meio ou processo, objetivando assegurar a coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e à formação da Coleção Memória Nacional. Convém destacar que, em janeiro de 2010, foi sancionada a Lei n.12.192, que dispõe sobre o depósito legal de obras musicais também nesta Instituição. [...] Mais que um precioso acervo de raras e belíssimas obras, a Real Biblioteca está vinculada ao reconhecimento do Brasil como nação autônoma. Os livros e documentos manuscritos e impressos integram hoje a coleção de tesouros da Biblioteca Nacional. [...] Atualmente a Biblioteca Nacional é considerada oficialmente, pela Unesco, a oitava maior do mundo, pelo seu valor histórico e pela quantidade de peças do seu acervo. Possui a mais rica coleção de livros da América Latina, com mais de nove milhões de peças. Está sob sua responsabilidade coletar, guardar, preservar e difundir a produção bibliográfica brasileira. Hoje, ela é referência insubstituível para profissionais das humanidades, das ciências, das artes, pelos que pesquisam sobre a construção do Brasil e as projeções europeias no Novo Mundo.³⁴⁷

Conforme os estudos de Giordano sobre os sistemas de digitalização das bibliotecas mundiais, a Biblioteca Nacional, quando comparada com as do mundo, mostra um importante desenvolvimento de acesso digital de seu acervo. Portella oferece a seguinte análise, a biblioteca tem grandes parcerias internacionais que auxiliam na troca de conhecimentos para o desenvolvimento rápido e qualitativo de seu acervo digital.

³⁴⁶ PORTELLA, Clélia M. Releitura da Biblioteca Nacional. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n.º 69, p. 247-264, 2010.

³⁴⁷ Ibidem, p. 248-249.

Essa biblioteca é guardiã de inúmeros textos e abriu caminho para a percepção do que poderia ser a circulação das *Mémoires*. O livro, com suas frágeis páginas, que ainda se encontram entre os muros desse local de memória, foi o ponto de partida desta pesquisa. Ali foram encontrados dois de três volumes da edição de *Meline Cans*, no idioma original, francês, e as páginas estão quebradiças e soltas devido à ação do tempo. Carimbos e assinaturas em suas primeiras páginas mostram que, antes da chegada à Biblioteca, aquele mesmo exemplar passou por diversas mãos, porém, não há um registro desse percurso e pouco se consegue compreender dos símbolos das primeiras páginas.

Diante disso, o livro encontrado na Biblioteca Nacional foi o ponto de partida para investigar as apropriações ali presentes, de forma a ter-se um primeiro caminho traçado. Donald Francis McKenzie, na obra citada anteriormente, *Bibliografia e a sociologia dos textos*, ajuda a compreender a metodologia de análise quando apresenta como o processo de leitura e circulação é uma “apropriação” local e como cada exemplar carrega em si uma história. Nessa perspectiva, pode-se falar de uma mesma edição que carrega, em cada livro ou cada exemplar de jornal, caminhos próprios, sendo, portanto, cada texto singular diante da apropriação de leitura executada sobre ele.

Assim, o livro, como qualquer outro suporte que contenha texto, nunca é só um objeto admirável, mas, como qualquer tecnologia, é produto da agência humana em contextos voláteis. Além disso, o mesmo texto pode vir a ter leituras diferentes de acordo com o suporte de divulgação. Observação apropriada para quando se apresenta uma análise das *Memórias de Garibaldi*, especialmente quando se pensa que elas chegaram e circularam em jornais na seção “variedade”, tendo sido publicado apenas o primeiro volume, no qual se apresenta a experiência de Garibaldi no Brasil. Também houve, em um número reduzido, a venda do livro no idioma de publicação (francês), em livrarias dos estados de Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Maranhão.

Budillon informa que, durante o período de 1859 a 1970, foram publicadas oitenta e três edições das *Mémoires de Garibaldi* no mundo e, entre elas, 42 foram publicadas de 1859 a 1862, cálculo que estaria a considerar os diversos suportes de publicação, no caso, jornais e livros.³⁴⁸ Tudo indica, contudo, analisando as pesquisas realizadas, que outros tantos textos não foram contabilizados, assim como observado no caso do Brasil: nenhuma delas constava na

³⁴⁸ BUDILLON, Casanovae Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mémoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (org.). *L'épuisement du biographique?* Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

pesquisa de Campanella, referência de Budillon. Logo, o mundo da circulação das *Memórias de Garibaldi* é todo um universo a ser descoberto entre suas diversas formas de divulgação.

O livro e os jornais adquiriram, no Brasil, “um significado importante na educação, na formação cultural e moral e no ideal de universalidade de alguns, apesar de ter sido produzido aqui muito tardiamente, em relação ao caso de outros países americanos.” Portugal exerceu seu “controle da produção, importação e circulação durante todo o período colonial, mesmo a grupos privilegiados ou membros de categorias que de maneira geral tinham necessidade de constituir pequenas bibliotecas.”³⁴⁹ Isso pode ter contribuído para a pouca presença e análise dos catálogos aqui existentes, devido a uma condição colonial que perpassa a história do País.

Apesar da vasta produção de jornais e livros, iniciada no século XIX, com o estabelecimento da Corte e a criação da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, pelo decreto de 13 de maio de 1808, com a instalação de uma casa impressora oficial – a Impressão Régia, “que permitiria a existência de publicações regulares e negócios com livros e publicações sem que se dependesse exclusivamente da importação de obras estrangeiras”,³⁵⁰ somente 18% da população brasileira sabia ler durante o século XIX, a grande maioria composta por homens, brancos de descendências europeia que tinham acesso ao estudo.³⁵¹

Ao mesmo tempo, os jornais também ganhavam força. O próprio livro incentivava a formação de leitores da imprensa, pelo caro preço com que eram postos no mercado em formação. Depois do surgimento dos folhetins, geralmente o livro era produzido após a publicação na imprensa, testando, então, sua popularidade.

Em 1891, o *Almanak Litterario e Estatístico* do Rio Grande do Sul publicou uma crítica do abolicionista e republicano Heráclito Americano de Oliveira,³⁵² na edição das *Memórias*

³⁴⁹ FERREIRA, Tânia M. T. B. C. **Livros e sociedade:** a formação de leitores no século XIX. *Revista Teia*, v. 1, n.º 1, 10p., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23822>. Acesso em: 20 maio 2023.

³⁵⁰ Ibidem, p. 2.

³⁵¹ FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/r9WxgNdxFvRLXYfbxCLyF5G/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2023.

³⁵² “No ano de 1883 participou da fundação da ‘Sociedade Sempre Viva’, que tinha, entre outros, o objetivo de amealhar recursos para emancipar escravos. No ano de 1887, com a criação do cargo de orador, proferiu uma entusiasmada ‘conferência abolicionista’, registrada em seu diário¹⁴. Entre 1886 e 1887, escreveu no jornal O Lutador em uma coluna onde deveria captar os últimos acontecimentos do Brasil jornal O Patriota, uma espécie de arauto abolicionista e republicano. Sobretudo, esse entusiasta torna-se via de acesso para compreendermos a ‘interiorização’ das iniciativas que se sucediam na capital, no país e no mundo. [...] AHMRP. Coleção Heráclito Americano de Oliveira. Todas as informações a respeito de Heráclito encontram-se nesse diário.” (PERUSSATTO, Melina K. Liberdade, trabalho e direitos nos anos finais da escravidão, Rio Pardo/RS. In:

publicadas em Lisboa, no ano de 1860, pela editora A. P. C. Tipografia, de Joaquim Germano de Souza Neves, com uma acentuada circulação. Ao comentar essa crítica, oferece alguns indícios dos processos de circulação:

Do 1º volume das Memórias de Garibaldi há uma tradução do Sr. Bernardo Taveira Junior, publicada aqui em Pelotas há cousa de 20 annos, e que o Sr. Heraclito Americano de Oliveira não conhece, provavelmente, por ter sido pequena a tiragem e quase toda por assignatura.³⁵³

Isso se deve ao desenvolvimento econômico ou, como chamaria Sodré, capitalista, que, segundo Guimarães, só viria a perder um pouco de seu aspecto prevalentemente político na segunda metade do século XIX, fazendo com que uma cultura midiática se fortalecesse sempre mais, para além das fronteiras francesas, trazendo o local, o tradicional, o regional e o internacional. A universalização era possível por esse veículo midiático e as transferências culturais se fortaleciam de acordo com as micro e macro necessidades locais.

Aos poucos essa imprensa mais artesanal, que visava públicos específicos e isolados, deu lugar ao empreendimento capitalista de claros fins lucrativos, voltado ao grande público, com parte do jornal reservado aos anunciantes. Seus textos eram curtos, a linguagem cada vez mais ágil, privilegiando a informação e multiplicando o leque de temas. O Rio de Janeiro concentrava os maiores jornais, como *Jornal do Comércio*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil*. São Paulo, muito provinciana, teve menos títulos durante o século XIX, mas chega à metade do século com cerca de 47 jornais (Schwarcz 1987[2001, p. 56]). Ao fim do século XIX, a variedade de títulos aumenta e alguns dos grandes jornais do país surgem, caso do diário *O Estado de S. Paulo*, publicado até os dias de hoje.³⁵⁴

A partir de 1860, há, no Brasil, uma crescente dinamização da imprensa, que era formação, informação, conhecimento e opinião pública. Uma opinião, porém, não como colocada e analisada hoje pelos vieses da ação democrática na imprensa, pois poucos podiam expor suas opiniões e havia sempre certo cuidado na divulgação. As Memórias sofreram esse processo quando, na construção da nação, certas ações de Garibaldi na Revolução Farroupilha deveriam ser olhadas com atenção e cuidado devido a um país não totalmente apaziguado.

Houve comentários e publicações das Memórias em uma quantidade consideravelmente significativa, pensando nas oportunidades da época, e uma circulação que propicia ao

SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA ANPUH, XXV., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Associação Nacional de História, 2009).

³⁵³ OLIVEIRA, Heráclito Americano de. Memórias de Garibaldi. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). Parte Literária. **Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul**. Ano 3. Pelotas: Carlos Pinto & Comp. Successores, 1891. p. 51.

³⁵⁴ GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas**: suicídio por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 53.

pesquisador percorrer estradas de uma nação ainda em formação. Ao estudar os textos nem sempre houve uma aproximação apenas da história da França ou da Itália, muitas vezes era o Brasil que estava em análise, em questionamento e em evidência. Isso contribuiu para a visão de que a apropriação é caracterizada pelo modo e local de publicação.

O ano de 1860 também apresentava outra peculiaridade, o recrudescimento da regularização dos direitos autorais, o que pode ter inibido uma publicação sem referências, pois Dumas sofria do mal da pirataria, que poderia ser atenuada a partir dessa regularização. Essa ação contribuiu para fortificar aquele olhar político já atento sobre as ações do estrangeiro italiano farrapo.

Sendo assim, uma pergunta se apresenta: quem eram esses leitores? Para construir uma resposta é fundamental observar como ocorreu a publicação, onde se iniciou e como. Além disso, foi entre a literatura e a política que as *Memórias de Garibaldi* se destacaram e é por meio desses campos que se pretende entender um pouco mais os caminhos dessa obra que se espalhou, a partir do Rio de Janeiro, pelo Brasil, por meio da tradução do rio-grandense, descendente de portugueses, Bernardo Taveira Junior.

As Memórias começaram a circular em terras brasileiras, traduzidas para o português, no mesmo ano da primeira publicação em *faits divers* na França, tendo aqui sua primeira publicação também na imprensa, na seção *Variedade*. Na região Sul, o Rio Grande do Sul foi o lugar de publicação, respeitando as datas do Rio de Janeiro; no Nordeste, tem-se o Ceará e o Maranhão. Por meio de uma consulta de *e-mail* com o Real Gabinete de Leitura, sabe-se que ainda há edições portuguesas das Memórias nos arquivos de capitais como Salvador, Recife, São Luís, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que, até aos dias de hoje, as únicas Memórias que circulam em terras brasileiras, considerando as bibliotecas, os sebos e as livrarias, são as de Dumas, cujos exemplares físicos encontrados no Brasil não possuem um registro de circulação que possa fortalecer detalhadamente a compreensão sobre seus caminhos de chegada até aqui. Com o advento da digitalização, as várias edições das Memórias – tanto as publicadas por Dumas como as de outros editores – estão disponíveis no Brasil e são encontradas em canais mais acadêmicos, não preservando sua dimensão de entretenimento, de curiosidade, como vistas inicialmente em sua publicação. Os quadros a seguir apresentam o percurso mapeado durante este estudo.

Quadro 1 – Texto seriado das *Memórias de Garibaldi* que circulou no Brasil até 1889

Ano	Volume	Jornal	Cidade (Estado)
1860	1	Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal	Rio de Janeiro (RJ)
1860	1	Echo da Nação	Rio de Janeiro (RJ)
1860	1	Pedro II	Fortaleza (CE)
1860	1	A Imprensa	São Luís (MA)
1860	1	Diário de Pelotas	Pelotas (RS)
1888	1	Gazeta da Tarde	Rio de Janeiro (RJ)

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Elaboração própria.

Quadro 2 – Livros *Memórias de Garibaldi* que circularam no Brasil até 1889

Ano	Editadora	País	Volumes
1860	Off Intransigente	Brasil	2
1860	Typ. Diário, de Antônio Estevão	Brasil	2
1860	Meline Cans	França	3
1860	A.P.C. typografia de Joaquim Germano de Sousa Neves	Portugal	3
1860	Michel Lévy Frères	França	2
1861	Typ. Eco do Sul	Brasil	2

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Elaboração própria.

A obra encontrada no Rio de Janeiro, no *Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal*, entre o dia 1º de agosto de 1860 e 30 de novembro do mesmo ano, é a que, de acordo com alguns comentários e indícios, foi utilizada pelos outros jornais.

O primeiro volume das *Memórias* que narram o período de Garibaldi no Brasil e no Uruguai foi publicado integralmente. Em o *Correio*, porém, os últimos capítulos desse volume não foram encontrados, mas sabe-se que foram publicados, porque o Jornal *A Imprensa*, em circulação no Maranhão, divulgou o seu *faits divers* completo a partir do *Correio*. As publicações não eram feitas diariamente, às vezes falhavam dias ou semanas, a depender do tempo da chegada do texto e da tradução.³⁵⁵

Outro jornal presente no Rio de Janeiro, *Echo da Nação*, se limitou a publicar apenas alguns capítulos, sendo os três primeiros publicados no dia 2 de agosto de 1860, relatando as viagens de Garibaldi, e, depois de uma interrupção, mais um capítulo, o trigésimo terceiro, no dia 18 de novembro do mesmo ano, com o título “Anita”.³⁵⁶

³⁵⁵ DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. In: BARRETE, Muniz. Filhos e Octaviano. **Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal (1848-1868/ RJ)**. Ed.00212, 01/08/1860, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20186&pesq=Memorias%20de%20Garibaldi&pagfis=17907> Acesso em: 30 de maio 2021.

³⁵⁶ DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. In: **Echo da Nação (RJ)**. Ed.00167, 02/08/1860, p.2-3 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830445&Pesq=Memorias%20de%20Garibaldi&pagfis=400> Acesso em: 30 de maio 2021.

Depois disso, o *fait divers* só voltou a aparecer no Rio de Janeiro, no ano de 1888, na *Gazeta da Tarde*, entre os dias 8 de março e 12 de abril, quando foi interrompido no capítulo quatorze, sem nenhuma explicação e nem menção de “continuação”. Sem embargo, nos últimos dias vinha sofrendo interrupções, sendo a primeira no dia 19 de março, quando no lugar foi publicado o artigo “Opportunismo e radicalismo do século”, de Latino Coelho, uma denúncia ao modismo, à imitação e ao oportunismo da sociedade da época. A segunda, em 20 de março, não foi uma interrupção, e sim o capítulo nono, “O prata”, que passou da segunda página do jornal, onde foram publicadas na maioria das vezes, para a terceira; no lugar delas foram publicadas notícias cotidianas de São Paulo. Tais notícias se mantiveram também no dia 23, só que dessa vez as memórias não foram publicadas. No dia 24, foi publicado o texto comemorativo “O dia 25 de março”, de Francisco Octaviano, publicado em 1854, sobre a Constituição, em que “O Sr. D. Pedro I jurou e mandou publicar a Constituição”; já o dia 26, segunda-feira – domingo não saiu a tiragem –, trouxe o texto “Banquete do Beethoven”, sem assinatura, criticando a vaidade e a ostentação brasileira. A última interrupção, até aquela definitiva do dia 12 de abril, foi a de 28 de março, com o texto “Theatros e festas”, de Starter, apresentando o que estava por vir no Rio de Janeiro.³⁵⁷

Como se observa, as interrupções não seguiram uma linha editorial com seções pré-estabelecidas, passando da crítica política à cultural, característica de uma cultura jornalística ainda muito jovem e em formação. Perceptível, contudo, que as Memórias transitavam entre análises de costumes, discursos sobre a pátria ou mesmo notícias da cidade, não ficando ao lado das notícias do exterior e nem em uma seção específica para a literatura, como o rodapé do famoso folhetim.

Nesse sentido, três aspectos devem ser sublinhados aqui: o fato de as Memórias que circularam no século XIX serem apenas as publicadas por Dumas no mesmo ano do francês e já traduzido; o foco na publicação do primeiro volume, no qual se narra a vida de Garibaldi no Brasil; e a presença das Memórias próximas às notícias nacionais e cotidianas, nessa edição do Rio de Janeiro.

³⁵⁷ DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. In: BRITO, Luiz Ferreira de Moura. **Gazeta da Tarde (1880-1901/RJ)**, ed. 00053, p. 2, 8 mar. 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226688&pasta=ano%20188&pesq=%22Memorias%20de%20Garibaldi%22&pagfis=8237>. Acesso em: 30 maio 2021.

5.1 A Literatura em formação e as *Mémoires de Garibaldi*

Dumas, como exposto no primeiro capítulo, teve um importante papel na divulgação das Memórias, muitas vezes vinculado à sua literatura. Assim, a imagem do autor ou dos autores tem conexão com a produção literária em crescimento no mercado da indústria cultural então em formação.

O Rio de Janeiro, a Paris do Brasil no século XIX, foi o centro cultural que irradiou produtos e ideias para todo o Brasil, local onde se concentrou a maioria das produções e tomadas de decisão perante a consolidação e a concretização da ideia de unidade política e administrativa, assim como na elaboração de uma língua, uma literatura e uma história nacional.

Chegar ao Rio, porém, não significava iniciar uma difusão hegemônica e única da obra, nem mesmo era garantia de sucesso. O nome Alexandre Dumas significou muito para a vinda da (auto)biografia de um forte nome farrapo, sobretudo considerando-se o ano de sua chegada, 1860, em que a memória do movimento separatista Farroupilha e a adesão do Brasil, por forte influência do Rio Grande do Sul, à Guerra do Paraguai, que já estava às portas, exigia um sentimento nacional fortalecido perante uma nação ainda pouco brasileira, a ponto de levar a constatações como a de Auguste de Saint-Hilaire, que dizia: “[...] havia um país chamado Brasil; mas absolutamente não havia brasileiros”.³⁵⁸

Era a “Gente Brasileira”, forma que Evaristo da Veiga, jovem vibrante do ano de 1822, diferenciava daquela “Portuguesa”, nos versos do Hino Constitucional Brasiliense, em 1822, ano da Independência do Brasil, da emancipação política de Portugal. Nesse ano, o jovem entusiasta se torna editor, além de compor e traduzir os ânimos para a liberdade da pátria, no movimento *Patria Livre*, que não poderia se concretizar sem antes ser construída uma Constituição. Mattos o descreve da seguinte forma:

Os versos vibrantes de um jovem de quase 23 anos eram a expressão das experiências emocionantes por ele vividas no Rio de Janeiro, em meados do ano de 1822. Mas não apenas por ele. Das páginas redigidas por seu principal biógrafo saltam a tropa e o povo cantando nas ruas da cidade, ao som de duas músicas diversas, uma de autoria do maestro Marcos Portugal e outra de autoria do próprio príncipe D. Pedro, os versos daquele que “sem ser figura saliente em nenhum dos sucessos que se desenrolaram, acompanhou-os cheio de entusiasmo”. Mas das páginas de uma biografia não menos vibrante, a ponto de levar seus leitores a imaginar que, em cenário diverso e em escala menor, reproduzia-se o próprio momento de composição da Marselhesa, pouco mais de três décadas antes, surge não apenas o jovem conformado por aqueles sucessos, mas também o indivíduo que contribuía para a construção da Pátria livre. Por meio de seus hinos, o jovem patriota tornava possível a uma multidão de homens transformar

³⁵⁸ MATTOS, Ilmar Rohloff. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. *Almanack Braziliense*, [s.l.], n.º 1, p. 16, 2005.

suas vivências individuais em experiência comum, forjando uma identidade nova. Afinal, o Hino Constitucional Brasiliense não apenas anunciava a constituição de um novo corpo político independente; os versos de Evaristo da Veiga possibilitavam à Brava Gente Brasileira a compreensão das experiências que alvoroçavam seus corações, naquele momento, como o início de um tempo novo – uma Revolução.³⁵⁹

Os versos diziam:

Já podeis filhos da Pátria
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a Liberdade
No horizonte do Brasil.
Brava Gente Brasileira,
Longe vá temor servil;
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil
Houve mão mais poderosa
Zombou deles o Brasil. (Evaristo da Veiga, Hino Constitucional Brasiliense [1822]).

O recém-iniciado Império do Brasil – a se valer tanto dos interesses e acontecimentos de Portugal como também daqueles construtores da cidade do Rio de Janeiro, que colocavam em plano destacado a questão do Estado para, assim, forjar “uma unidade que era não só a condição para a delimitação das clivagens, que a eles próprios distinguiam, como o pressuposto para o exercício de uma ‘expansão para dentro’” – vivia uma forte contrariedade em relação à Independência real do Velho Mundo, que é “marco distintivo da formação do Império do Brasil”. O Rio seria, então, a cabeça do Brasil, da gente brasileira, dos filhos da pátria e, portanto, da Constituição brasiliense, não mais um centro comum com Lisboa, que representava o “sistema das Cortes de Lisboa”; agora deveria ser o sistema do Brasil, nome muito genérico para uma nação tão diversa, mas necessário para dar espaço à expansão para dentro, para a construção do País.

Márcia de Almeida Gonçalves, no capítulo “História de gênios e heróis: indivíduos e nação no Romantismo brasileiro”, apresenta como a construção dos significados de Império, após a independência, se digladiaram com as diversas visões que deveriam embasar a “edificação do Estado e da ordem institucional e administrativa que esse deveria corporificar, ao romper com as cortes de Lisboa”.³⁶⁰ Isto é, diversos protagonistas – como “monarquistas federalistas, monarquistas unitaristas, republicanos, ou, para ser mais próximos dos nomes que

³⁵⁹ Ibidem, p. 9.

³⁶⁰ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Império**. v. II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.439.

batizaram suas identidades políticas tão plurais, moderados, exaltados, corcundas, progressistas, regressistas, restauradores, liberais, conservadores, luzias e saquaremas” – enfrentaram-se para a construção de uma política. Ao final, “edificou-se o império, sob a premissa de unidade política e administrativa e da integridade territorial, tão cara aos adeptos do liberalismo de viés conservadores”. Segundo essa autora, o Império do Brasil pode ser compreendido, nesse contexto, como “utopia de nação”, ou seja, um império com um horizonte de expectativa, que seria construído por projetos focados na fortificação de um sentimento nacional ainda não presente.³⁶¹

Apesar desse cordão umbilical não ter sido cortado totalmente, já que por nação brasileira não se entendiam negros e indígenas, mas brancos nascidos em terras brasileiras, Veiga tinha razão em relação à transição para outro momento da história do País. José Bonifácio pronunciava “brasileiro é para mim todo homem que segue a nossa causa” de independência, como bem estabelece Mattos:

Uma distinção entre “não separatistas” e “separatistas”. Estes – isto é, os brasileiros – dividiam-se em corcundas, republicanos, monarquistas constitucionais e federalistas. Se os corcundas “querem a separação, mas não a liberdade”, os republicanos não entendem “que o Brasil por voto unânime não quisesse ser república”; e os monárquico-constitucionais que “fitam suas vistas na felicidade do Estado, não querem democracias nem despotismo”, enquanto os defensores da federação – “bispos sem papa” – queriam “um governo monstruoso; um centro de poder nominal, e cada província uma pequena república, para serem nelas chefes absolutos, corcundas despóticos”. Na concepção do Andrada, a preservação de uma herança em sua integridade implicava a centralização política, e a esta associava-se não apenas a monarquia constitucional – “a liberdade bem entendida, e com estabilidade” –, mas sobretudo a ideia imperial.³⁶²

Nesse contexto, o cordão umbilical não poderia ser totalmente cortado, pois ser de boa sociedade é reconhecer esse vínculo, inclusive muito questionado, pois desse modo a independência não poderia ser completa, segundo Frei Caneca. Esse era o argumento para que a Confederação do Equador possibilitasse uma união com Portugal, de modo a iniciar-se uma independência incompleta. Sem embargo, Evaristo da Veiga representou um sentimento e uma força que fez com que se passasse do Império do Brasil para o Império do Brasil, isto é, “um projeto que buscava refazer o tecido frouxo de um império que, em todos os lugares, ia

³⁶¹ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História de gênios e heróis; indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Império**. v. II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 439.

³⁶² MATTOS, Ilmar Rohloff. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. **Almanack Braziliense**, [s.l.], n.º 1, p. 22, 2005.

mergulhando no esquecimento, embora tivesse em sua colônia americana o seu mais belo florão, e uma concretização diferente.”³⁶³

O século abria, dessa forma, as portas a uma mudança incompleta, uma mudança necessária para alguns, construída até mesmo nas suas comemorações, como é o caso do grito de Ipiranga, no dia 7 de setembro. Segundo Kraay, a própria comemoração da data tomou um tempo para ser representada e apropriada pela população, uma construção que não foi de 1822, mas sucessiva.³⁶⁴ O autor assim explica:

[...] O 7 de setembro foi reconhecido como o dia da independência do Brasil em 1823 e que sua celebração ganhou relevância rapidamente, pelo menos no Rio de Janeiro, apesar de o 12 de outubro ter permanecido o “dia de festa nacional” mais importante na maior parte da década. Já em 1860, Gottfried Heinrich Handelmann observou, sobre o 7 de setembro, que “a princípio não se lhe ligou tanta importância como depois”; contudo, não ofereceu fontes para embasar tal afirmação. Uma série de outros historiadores tem destacado, recentemente, a pouca atenção que a imprensa do Rio de Janeiro despendeu aos eventos do 7 de setembro de 1822 nos anos subsequentes à independência, a ausência da data em uma lista de dias de gala da corte publicada em dezembro e a inexistência de comentários de Hipólito José da Costa sobre a data em seu *Correio Brasiliense* (entre outras coisas); o que parece surpreendente, considerando-se a importância atribuída posteriormente ao Sete de Setembro.³⁶⁵

Hendelmann já então apontava essa construção desse sentimento nacional e de pertencimento, que precisaria ser fortalecido pelos diversos meios disponíveis, mobilizando a opinião pública para o fortalecimento daquelas instituições, ação necessária para a sobrevivência de um imperador monárquico de herança.

Como falar de um italiano farrapo no ano de 1860, momento em que o Império brasileiro estava se consolidando? Como ele seria narrado? Seria essa uma literatura de entretenimento, que incidiria nos aspectos políticos? Seria possível se o movimento romântico não tivesse também passado fronteiras e trazido consigo as contradições de um literato que era republicano e, ao mesmo tempo, monárquico, que construía, mas queria também destruir os poderes, e de seu herói, que carregava consigo essas contradições.

O cotidiano conservador *O regenerador: fé em Deus. Fé nas instituições. Fé no futuro do Brasil* já apresentava, no mesmo ano, essa preocupação. Publica, nessa perspectiva, na terça-feira, dia 30 de outubro de 1860, um comentário e uma preocupação sobre o sucesso dos feitos de Garibaldi pelo Brasil, na seção “Noticias Provinciaes: S. Paulo, 25 de Outubro”. Antes de

³⁶³ Ibidem, p. 22.

³⁶⁴ KRAAY, Hendrik. A invenção do Sete de Setembro, 1822-1831. *Almanack Brasiliense*, São Paulo, n.º 11, p. 52-61, maio 2010. p. 53.

³⁶⁵ Ibidem, p. 53.

discorrer sobre o italiano, apresenta a corrida política da eleição municipal de 7 de setembro entre os conservadores e os que chama de pseudoliberais, definindo-os como acumuladores de cargos e foras da lei, já que os próprios liberais, segundo o cotidiano, reforçam isso com falas e fato. Esse é o caso do Sr. Polycarpo que favoreceu o crescimento do “polycarpismo”, isto é, “apregoava que não fazia caso das leis provinciaes, que como delegado do Imperador estava acima delas”.

O cotidiano cobra um posicionamento mais incisivo sobre isso por parte do governo imperial e solicita, para ele, a mando de correspondentes de *O Regenerator* e do *Correio Paulistano*, “que não admitta juizes de direito com filhos destinados a frequentar a faculdade de direito, cujos lentes podem ser advogados”.³⁶⁶

O correspondente termina essa primeira parte explicando que esse fato “também merece muito estudo”, mas, “sem embargo de quaisquer reclamações; no fundo há verdades bem amargas.....”. Após esses cinco pontinhos – e não três, como habitual e correto graficamente –, já passa para a colocação sobre Garibaldi, sem uma introdução mais aprofundada sobre o argumento:

Os triumphos de Garibaldi tem impressionado o espirito público, porque, á par delles, vem no *Correio Mercantil* as memorias desse caudilho com as façanhas no Rio Grande do Sul, escriptas habilmente por Alexandre Dumas. Não se pensa por ahi na imprensa no efeito que isso poderá causar no império, tanto mais quanto há uma fatal afinidade entre Garibaldi e o Brazil, já por esses seus feitos no Rio Grande do Sul, já pelo seu concubinato com uma brasileira, já finalmente pelo parentesco de Francisco II com a nossa imperatriz?³⁶⁷

A provocação à imagem de Garibaldi já é colocada a partir do momento que não se reconhece a ação autobiográfica, e sim a escrita de Dumas, essencialmente escritor de ficção. Nesse sentido são as palavras de Garibaldi, colocadas em jogo até mesmo pela sua moralidade frente ao Brasil: ele não casou perante Deus com Anita, e sim, para o correspondente, teve uma relação de concubinato, já que não se sabe ao certo se ela já era viúva no início de seu relacionamento. Garibaldi roubou a esposa de um militar imperial e rompeu com a honra que suas ações poderiam merecer. Sendo assim, o correspondente já mostra sua opinião, adicionada à colocação de que há “uma fatal afinidade entre Garibaldi e o Brazil”; fecha com mais uma provocação quando fala do parentesco entre Francisco II, expulso pelos Garibaldinos do Sul da

³⁶⁶ S. Paulo, 25 de Outubro. **Notícia Provinciaes**. O Regenerator: Fé em Deus. Fé nas instituições. Fé no futuro do Brazil, Rio de Janeiro, ano 1, n. 107, 30 out. 1860.

³⁶⁷ Ibid.

Itália, do Reino das Due Sicilie, e a esposa do imperador, Teresa Cristina di Borbone das Due Sicilie.

Essa colocação do correspondente é importante para reforçar como as *Mémoires de Garibaldi* incitaram ânimos e dúvidas nos anos que se seguiram à sua publicação. Apesar de sua chegada ter sido rápida, até mesmo pela diferença de opiniões que então assolava o Brasil e pelo crescente espaço que a literatura ganhava nos jornais, havia esse temor sobre os ânimos. Garibaldi já aparecia diariamente na seção de notícias do exterior de todos os jornais, mas as Memórias consolidariam sua ação no Brasil e sua imagem heroica já estava em crescimento e fortalecida pela Unificação Italiana. Ademais, Dumas já havia consolidado seu espaço no Brasil e se tornara quase impossível barrar a chegada das Memórias por aqui. No entanto, somente as publicadas por Dumas passaram fronteiras e por esse comentário é perceptível a questão de que a ação da voz de Garibaldi não foi nem mesmo colocada em jogo. Na França, questionava-se quem era o autor; aqui, já se autenticava a voz de Dumas e sua ação criativa perante a vida heroica que passou diversas fronteiras.

Para Joaquim Norberto de Souza e Silva³⁶⁸ – como bom historiador romântico e membro do IHGB, que presidiu de 1886 até sua morte, em 1891, tendo escrito o singular livro *Brasileiras Celebres* –, não havia fatalidade e preocupação na divulgação das Memórias, pelo contrário: havia um grande ensinamento sobre a força da unificação da nação. Garibaldi, para esse autor, aprendeu com os seus erros do passado e soube aplicar esse aprendizado, da melhor forma possível, nas suas ações futuras.

O autor apresentou, em 1861, alguns pontos importantes sobre Garibaldi em seu texto “Estudos históricos: sobre as primeiras tentativas para a independência nacional”, publicado na edição de 9 de janeiro a março da *Revista Popular: Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anecdótica, Musical, etc., etc.*, no Rio de Janeiro, por B. L. Garnier, editor-proprietário.³⁶⁹ Usando como referência histórica as Memórias publicadas por

³⁶⁸ Joaquim Norberto de Sousa Silva (Rio de Janeiro, 6 de junho de 1820 – Niterói, 14 de maio de 1891) foi um escritor e historiador brasileiro do período romântico. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), entidade que presidiu de 1886 até sua morte. “Embora Joaquim Norberto tenha transitado pelas áreas da poesia, do teatro e do romance, foi no campo da história onde ele sempre esteve mais à vontade, e no qual investiu seu fôlego de pesquisador aplicado e operoso. Dentro do gênero biográfico, *Brasileiras Célebres*, antologia de perfis femininos, alguns dos quais publicados anteriormente na Revista Popular, ilustra a aliança entre historicismo romântico e nacionalismo.” (Disponível no *site* da Biblioteca Brasileira, em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/Selecao-BBM-digital/joaquim-norberto-de-sousa-silva-historiadorfil%C3%B3logo-e-music%C3%B3logo/>. Acesso em: 15 maio 2023).

³⁶⁹ “Baptiste-Louis Garnier, como se sabe, foi aquele que, nas palavras de Ernesto Senna, dominou o comércio de livros no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Ao longo de sua trajetória de mais de cinquenta no Brasil, foi condecorado por D. Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa, graças aos serviços prestados às letras brasileiras, uma vez que, além de fornecedor de livros franceses e estrangeiros em geral, e de variada

Dumas no ano anterior e as cartas de Garibaldi publicadas em jornais, falou do “célebre Garibaldi” no mesmo tom usado por Dumas.

O subtítulo já é indicativo, “Receios de Portugal relativos a Independência do Brasil um século antes da sua proclamação”, um extrato da obra inédita *A conjuntura mineira, memoria baseada em numerosos documento originaes do archivo da secretaria imperial*, lida em parte no IHGB pelo autor. Nele, Silva relata como a independência do Brasil já era um acontecimento previsível, visto a onda de insurreições ocorridas pelas colônias no mundo. Também era previsível pela falta de força da metrópole em garantir a segurança de sua colônia devido à vastidão e diversidade territorial. Assim, descreve essa relação que preparava a Independência:

A supremacia da vastidão de nosso paiz. Da imensa riqueza de seu solo, sobre a pequenez do reio metropolitano, que havia perdido a sua espada conquistadora nos areas de Alcacerquibir, que cedia o sceptro dos mares á Inglaterra, as suas colônias á Hollanda, e caminhava de decadência em decadência, nos deu longa época essa vantagem sobre todas as colônias americanas. Os famosos echos do Ypiranga ficarão ainda por um século mudos, silenciosos e desconhecidos depois que Portugal começou a ter por duvidosa e arriscada a conservação da sua bella, rica e vasta colônia do novo hemisfério; Se bem que fascinados com as numerosas, extraordinárias e excessivas riquezas das lavras de ouro e de diamantes, não deixava contudo de antever a independência do gigante sul-americano; estremecia e vacilava sobre os tropheos de suas gloriosas batalhas, sobre as páreas tributadas por tantos povos que submettêra, quando contemplava o engrandecimento do império que fundára e que cada dia se lhe avantajava não so em riqueza e população como também em instrucção, e, á semelhança do usuário que abraçando os seus cofres empalidece ante o espectro da morte, assim, ao passo que nos cingia com seus braços de ferro. Se turbava também com a imagem doce, fagueira e risonha da liberdade americana, que se desenvolvia n’uma como miragem do porvir. Empunhara o sceptro portuguez o rei com João V; o reino regorgitava com as riquezas que levavão os combois de suas possessões ultramarinas. As imaginações se abrazavão com os sonhos do El-Dorado, e a cobiça acendia nos peitos juvenis o desejo da emigração; no nome do Brasil cifrava-se tudo quanto havia de rico, bello e opolento; Deus havia reunido n’elle todas as maravilhas da creação; era como uma terra de promissão; a antiga tinha suas fontes de mel e de leite; a nova possuía suas minas de ouro e de diamante.³⁷⁰

Com seu linguajar romântico, feito de descrições da natureza e dos sentimentos, Silva dirá como essa terra tão fértil atraiu olhares e pessoas e como sua grandeza ao mesmo tempo

gama, foi o grande editor dos escritores brasileiros do XIX (Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre, Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães, Taunay, Machado de Assis, entre dezenas deles). Como indica Hallelwell com precisão, “no conjunto, Baptiste-Louis Garnier tem a seu crédito a publicação de 665 obras de autores brasileiros”. Todos os testemunhos da época o descrevem como um homem que geriu sozinho seu negócio, supervisionando seus empregados, metódico, econômico, ativo. No entanto, recentemente, algumas pistas nos levaram a novos dados sobre a história de vida do livreiro e editor no Rio de Janeiro, os quais abrirão caminhos à pesquisa sobre o livro no Brasil.” (GRANJA, Lúcia. Garnier no Brasil: esta história se faz com homens e livros. In: ABREU, Marcia; DEAECTO, Marisa M. (org.). **A circulação transatlântica dos impressos: conexões**. Campinas: Unicamp/IEL, 2014).

³⁷⁰ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Estudos Históricos: sobre a primeiras tentativas para a Independência nacional. **Revista Popular: Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anecdótica, Musical, etc., etc.**, Rio de Janeiro, ano 3, p. 257-269, 1861. p. 258-259.

cobiçada era temida. A Corte, aliás, temia três grandes perigos: o primeiro, externo, o segundo, interno, e o terceiro, uma junção dos dois. “Os externos, explicavam eles, eram os da força e violência que lhe poderiam fazer as outras nações, e os internos os que poderiam causar os naturais do país, os mesmos vassallos.” O terceiro perigo “mais arriscado, mais temível, e que nascia da reunião dos dois primeiros; era a possibilidade da força e violência externa coadjuvando a força, a vontade dos mesmos vassallos e naturais”. Silva explica que desde 1732 era possível perceber essa preocupação por meio do relato do conselheiro ultramarino Antônio Rodrigues da Costa, o qual dizia “á majestade fedelissima” que os tesouros do Brasil “se achão tão mal guardados, que apenas tem algumas praças defezas na marinha, porque sendo esta tão larga, não é possível fortificar-se”. Essa preocupação tão remota se estendeu ao longo do tempo e a única saída encontrada foi fortificar o sentimento de pátria de pertencimento a uma terra. Desse modo, Silva analisa:

Não são braços estrangeiros. Não são bayonetes mercenárias, nem interesses aleios as menores garantias para a defesa de um país contra as agressões externas. Só o amor da pátria, vestal dos corações humanos, tem esse dever que lhe dá o nascimento. Reconhece-o, confessa-o e é como que o instinto da conservação de seu braço, de toda a sua nacionalidade que transmite aos povos novos e desuzadas forças, que os ensina a resistir heroica e denodadamente ás hostes invasoras.³⁷¹

Afinal, a bravura é uma marca importante do soldado brasileiro, reconhecida internacionalmente. O testemunho do Dr. Maximiano Marques de Carvalho, um fluminense que servira como médico do exército pelo mundo, serve de base para mostrar a diferença entre tropas brasileiras e as do mundo. Silva transcreve alguns trechos do livro, *Segunda viagem de um médico com algumas reflexões philosophicas - Carta III*, publicada no *Jornal do Commercio*, em 9 de outubro de 1859:

Ainda há pouco um fluminense avista do campo de St. Maur, onde achavão-se 80,000 homens. Escrevia reflectindo sobre a coragem de nossos guerreiros: Estes soldados estão acampados em uma linda planície onde apesar das chuvas não há lamaças e muito menos atoleiros; o sol dos maiores dias de verão não queima, a terra não gera essa quantidade prodigiosa de insectos e vermes que prosequem o homem, não exhala essas emanções que produzem a febre mortífera. Aqui como em frente do inimigo os caminhos, são fáceis os viveres são abundantes, não tem de atravessar pântanos, caudolosos rios, escabrosas montanhas cobertas de matos virgen. Morada do tigre, do crocodilho e das serpentes. Eu dizia comigo mesmo: o soldado e o oficial brasileiro são homens de tempera admirável; serão olhados com atenção pelos vencedores da Itália, os zuavos, que praticarão heroísmo de valor, e que pela sua força nos combates,

³⁷¹ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Estudos Históricos: sobre as primeiras tentativas para a Independência nacional. **Revista Popular: Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anecdótica, Musical, etc., etc.**, Rio de Janeiro, ano 3, p. 257-269, 1861. p. 258-259.

pela sua resignação nas necessidades e sobretudo pela sua heroica fidelidade se assemelharão aos nossos soldados.³⁷²

Nesse momento, Garibaldi, serve de modelo e de reconhecimento da força e do valor das coisas e dos homens brasileiros. Silva então escreve como Garibaldi fez do Brasil a sua escola e como ele percebeu o erro de ter lutado contra a união da pátria. Assim, continua:

Mas se o amor da pátria pode ser averbado de suspeição não o será tão facilmente o juízo de um estrangeiro, competente na matéria, o celebre Garibaldi, o soldado aventureiro, o cabo mimoso da victoria, que tendo combatido outr'ora pelo fraccionamento do império combate agora sob melhor inspiração pela unidade italiana. “Eu vi, diz elle, corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais despeitadas; mas nunca vi em nem uma parte homens mais valente, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bella cavalaria Rio-Grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo...Oh! e quantas vezes não tenho desejado n'esses campos italianos um so esquadrão d'esses centauros avesados a carregar uma maça de infantaria com o mesmo desembaraço com que carregava sobre uma ponta de gado!”³⁷³

Esse trecho foi traduzido e transcrito pelo próprio autor, que, em nota de rodapé, coloca o texto no original. O último trecho é aquele presente na primeira edição das *Mémoires de Garibaldi*, da casa *Meline Cans*, publicadas em 1860/61 na Bélgica por Dumas. Era então Silva um leitor das obras francesas e acompanhava as edições presentes. Ao invés de fazer uso da primeira, de *Levy Frère*, publicada anteriormente de acordo com o texto do *Lé Siècle*, optou por utilizar aquela belga a qual provavelmente teve fácil acesso por causa da casa editora B. L. Garnier, que publicava a *Revista Popular*, onde seu texto apareceu ao grande público. O grande fluxo das obras da editora eram de edições belgas, por serem as regras menos rígidas e os exemplares mais baratos para a produção.

Na análise apresentada por Silva uma palavra se torna curiosa e interessante. Como grande parte dos escritos sobre Garibaldi, não negou sua força no campo perante as ações militares, mas fez questão de dizer que, em 1860, Garibaldi estava lutando “sob melhor inspiração”, isto é, para a união, e foi das lutas vividas no Brasil que ele carrega aprendizados e inspiração.

Aqui, então, Silva concretiza um processo há tempos em construção no Brasil: a busca de um passado grandioso por meio de personalidades grandiosas, que pudessem ser modelo a serem seguidos pela população. Dessa maneira, Garibaldi seria um modelo interessante sobre

³⁷² Ibidem, p. 262.

³⁷³ SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Estudos Históricos: sobre a primeiras tentativas para a Independência nacional. **Revista Popular: Noticiosa, Científica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anecdótica, Musical, etc., etc.**, Rio de Janeiro, ano 3, p. 262, 1861.

a luta por uma pátria por uma união formada por homens valorosos por meio de uma escrita literária e acessível.

A palavra de Garibaldi deveria ser suficiente como fonte histórica para a construção desse passado e, conforme Silva, sua voz ganhou força e se tornou bibliografia para a construção do saber histórico, diferentemente do correspondente de *O Regenerador*, que ocultou a ação discursiva de Garibaldi.

Na gazeta literária *A Semana*, por exemplo, em um artigo escrito pelo Dr. Gama Roza sobre a tomada de Laguna, em 1838, intitulado “O combate da passagem de Laguna”, disserta-se sobre uma guerra que não foi entre rebeldes rio-grandenses e catarinenses contra o Império, mas sim de uma guerra civil do Rio Grande do Sul, isto é, ressalta que, na realidade, era uma briga local, e não uma guerra com o Império, utilizando, inclusive, as Memórias de Garibaldi como fonte.³⁷⁴ No periódico literário, *A Saudade*, em 1861, no dia 9 de junho, foi publicado um poema exaltando a luta de Garibaldi pela unificação e pela pátria.

Em poucas palavras, as lutas de Garibaldi, definidas por Silva como “sob melhores inspirações”, eram o que se queria extrair de importante da obra sobre o italiano. Foi sob esse olhar de modelo, de história *magistral vitae* e daquela “expansão para dentro”, apontada por Mattos, que outras publicações e comentários foram vistos nos jornais, principalmente no Maranhão e no Ceará.

Também no Ceará apenas o primeiro volume das *Memórias de Garibaldi* foram publicadas pelo jornal conservador *Pedro II*, na seção *Litteratura*, a partir de sábado, 10 de novembro do ano de 1860, na edição 02139, até quarta-feira, 12 de dezembro de 1860. O último capítulo foi publicado incompleto na edição 2165, apesar de ter a mensagem de continuação.

O interessante é que as Memórias foram iniciadas já no primeiro capítulo, “Meus pais”, em que se narra a vida de Garibaldi, e não com a introdução histórica escrita por Dumas, assim como também o último capítulo, interrompido apesar da mensagem de continuação, a deixar mais uma vez de fora os últimos comentários de Dumas. Apesar do segundo volume não ter sido publicado, em 1861 foi publicada uma parte da obra *I Garibaldini*, de autoria de Alexandre Dumas, também já traduzida. Essa obra foi considerada como a continuação das Memórias,

³⁷⁴ Francisco Luís da Gama Rosa Júnior (Uruguaiana, 1851 – Rio de Janeiro, 1918) foi um jornalista e político brasileiro. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, em 1876. Foi presidente da província de Santa Catarina, nomeado por carta imperial de 11 de agosto de 1883, de 29 de agosto de 1883 a 9 de setembro de 1884, e da Paraíba, de julho a novembro de 1889 (para saber mais, ver https://memoriapolitica.alesec.sc.gov.br/biografia/1181-Francisco_Luis_da_Gama_Rosa).

apesar de Dumas não ter divulgado esse objetivo com a obra. Inclusive, ela é escrita em primeira pessoa pelo literato e traz uma composição bem próxima à reportagem, distinta das Memórias.

Assim como nos jornais maranhenses, elas aparecem sempre ao lado das notícias do Sul do Brasil ou do exterior. Aqui, diferentemente dos outros jornais, também se qualificou diretamente as Memórias como literatura. Vale lembrar que a literatura, no século XIX, que ganhou mais enfoque e circulação por meio da imprensa seriada, com os famosos folhetins, ganha o debate em relação ao seu caráter científico.

A literatura não necessariamente foi entendida, à época, essencialmente como ficção, e sim como uma leitura mais “leve e descontraída”, sem deixar de lado sua cientificidade. Ao observar essa seção de *Litteratura* no jornal do Ceará, percebe-se essa nova forma de fazer literatura, que não é mais apenas pelo viés da poética ou retórica, e sim, por exemplo, aderente à realidade do cotidiano, com o ritmo da imprensa – veja-se o folhetim ou mesmo o *faits divers*, que ganha a técnica seriada, mas ainda assim mais voltada para a realidade social do presente.

Antes das Memórias serem publicadas, no jornal *Pedro II* estava sendo publicado “Ensaio sobre alguns melhoramentos tendentes à prosperidade da província do Ceará”, de forma seriada, no qual se falava sobre a mobilidade urbana da cidade e a segurança desta. Ao apresentá-lo, a *Litteratura* simbolizou seu caráter de estudo e de técnica, que trazia como ponto de partida o real. Para Hérís Arnt Ferreira, em relação ao jornalismo literário, “[a] literatura do século XIX publicada nos jornais estará profundamente enraizada na realidade, no cotidiano, nas reais agruras dos seres humanos. Os escritores do século XIX moldaram um tipo de jornalismo, mas a literatura será determinantemente influenciada pelo jornal.”³⁷⁵

Alencar, no seu conhecidíssimo escrito, publicado em 1893, considerado por ele como autobiografia, *Como e por que sou romancista*, apresenta como essa relação entre jornalismo e literatura se tornou importante para o desenvolvimento da literatura e da história nacional. Nesse sentido, evidenciava o comprometimento da figura do autor como gênio e detentor de uma responsabilidade social perante a nação. Gonçalves afirma que foi assim que “projetou-se a categoria ‘homens de letras’, a conformar, aliás, uma significação moderna para a literatura em suas articulações com o *topos* da nação”.³⁷⁶ Alencar relata:

³⁷⁵ FERREIRA, Hérís Arnt T. **O jornalismo literário**. 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990. p. 102. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10119/1/275687.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

³⁷⁶ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História de gênios e heróis; indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Império**. v. II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 438.

A escola francesa, que eu então estudava nesses mestres da moderna literatura, achava-me preparado para ela. O molde do romance, qual mo havia revelado por mera casualidade aquele arrojo de criança a tecer uma novela com os fios de uma ventura real, fui encontrá-lo fundido com a elegância e beleza que jamais lhe poderia dar. E aí está, porque justamente quando a sorte me deparava o modelo a imitar, meu espírito desquita-se dessa, a primeira e a mais cara de suas aspirações, para devanear por outras devesas literárias, onde brotam flores mais singelas e modestas. O romance, como eu agora o admirava, poema da vida real, me aparecia na altura dessas criações sublimes, que a Providência só concede aos semideuses do pensamento; e que os simples mortais não podem ousar, pois arriscam-se a derreter-lhes o sol, como a Ícaro, as penas de cisne grudadas com cera.³⁷⁷

Alencar foi considerado um grande romancista, um dos maiores ficcionistas, qualidade imprescindível ao bom escritor no período Romântico. “A realidade deveria ser sublimada e colorida pela fantasia, ao contrário do período literário posterior, quando os autores realistas buscavam retratar fielmente a vida em seu cotidiano mais corriqueiro e prosaico.” Essa relação, contudo, mostrou-se relativa no sentido dessa busca da cientificidade. Nesse sentido, esse autor era consciente de sua forma literária ficcional, quando diz que “atribuo a predileção de meu espírito pela forma literária do romance”, sempre atento ao cotidiano da ação imposto pela própria imprensa, assim como os debates sobre a história nacional:

Como bem reflexionou você, há na existência dos escritores fatos comuns, do viver cotidiano, que todavia exercem uma influência notável em seu futuro e imprimem em suas obras o cunho individual. Esses fatos jornalheiros, que à própria pessoa muitas vezes passam despercebidos sob a monotonia do presente, formam na biografia do escritor a urdidura da tela, que o mundo somente vê pela face do matiz e dos recamos.³⁷⁸

Nesse contexto, o mais romântico dos românticos relata sempre ser possível vincular sua literatura ao cotidiano não só do fato em si, mas da relação do próprio autor com esse fato. Essa foi a época do crescimento do sensacionalismo na imprensa, em razão da percepção do mercado relativa a um incremento em suas vendas; abre-se a porta para uma literatura histórica e uma história literária, principalmente seriada. Logo, as *Memórias de Garibaldi* ganham comentários muitas vezes recheados de inquietude diante do fato relatado.

O comentário publicado no dia 19 de novembro de 1860, acima da publicação do XVIII capítulo, “Armamento de lanchas em Camacuan”, e do XIX capítulo, “A estância da barra”, na edição 2146, apresentado na seção de *Communicado*, datado do dia 16 de novembro de 1860,

³⁷⁷ ALENCAR, José. **Como e por que sou romancista**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/como-e-por-que-sou-romancista.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

³⁷⁸ ALENCAR, José. **Como e por que sou romancista**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. p. 22. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/como-e-por-que-sou-romancista.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

redigido em Maranguape, distante cerca de trinta quilômetros de Fortaleza, sem nome, mostra como, apesar de seu tom de realidade romantizada, proporcionado por Dumas e reforçado pelo nome da seção, provoca questionamentos diante dos fatos relatados perante um projeto de formação da nação muito potente. Argumenta:

Conceda-me licença para estender minhas vistas ao velho mundo, por ocasião de ler em seu jornal memórias de Garibaldi. Vejo que é com efeito um homem singular, que pode mesmo ser um herói, mas não vejo motivos assás ponderosos para, em face da europa illustrada, desfazer dynastias e abalar a cadeira de S. Pedro. Conservado de origem, não me posso acomodar com as idéas pretenciosas de destruir-se o que a sociedade tem de mais fundamental; e se há nisto pensamento oculto ou coalisão das principaes potencias, ninguém se iluda com as vantagens da situação, que a seu turno serão todos arrastados pela obra de destruição, e nisto devem concordar todos os homens que tem lições da história e da experiência. No Brasil, paiz aonde as classes do povo são de diversas origens e dadas essencialmente ao espirito de novidade, não permita Deus que venhão esses exemplos concorrer para afrouxar cada vez mais o pouco respeito a cidadãos prestantes, e á própria autoridade. É este um assumpto para profundos desenvolvimentos e que merece ocupar a atenção dos que dirigem o leme do estado.³⁷⁹

Essa inquietação é percebida em todos os comentários seguintes. Em 1861, sempre no jornal *Pedro II*, publica-se um comentário compartilhado entre os diversos jornais de vários estados do Brasil, mas também internacional. O comentário é o mesmo, sem nenhuma modificação, a não ser a mudança do preço no Brasil, mantendo a crítica a Garibaldi e a Dumas:

Continua a especular-se com nome de Garibaldi. Ainda há pouco estavam sendo publicadas por dous editores as Memórias de Garibaldi feitas por Alexandre Dumas, que alcançam apenas até o anno de 1848. Agora apparecem outras de Camillo Leynadier, traduzidas por A. Carrilho, que narrão a vida do caudilho italiano até hoje, finalizando na retirada de Garibaldi para Caprera. Estas memórias, em que se descrevem muitos sucessos da vida de Garibaldi passados no Brazil em 1842 até 1846, são interessantissimas e muito superiores as de Dumas. O primeiro volume está à venda, o segundo e último appareceu no fim do mez, e custarão ambos 1\$, ornados com belos retratos de Annita e Garibaldi. A versão é fluente, e o publico tem-a recebido com a verdadeira estima.³⁸⁰

Quando fala em público, não se consegue entender a qual exatamente refere-se, pois o mesmo comentário que está nos jornais franceses apresenta essa frase, mas não há outros além deste. Tampouco foi divulgado pela imprensa com formato seriado, como as de Dumas, o que provavelmente lhe conferiu um caráter mais exclusivo e de procura por quem realmente acompanhava a trajetória de Dumas ou Garibaldi.

Talvez quem escreveu o artigo “Garibaldes”, sem autoria, publicado em 21 de dezembro de 1880, em tradução especial para a *Gazeta do Norte: órgão Liberal*, na seção *Traços*

³⁷⁹ DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. Comunicado. **Pedro II**, Ceará, ed. 02146, 1860.

³⁸⁰ Garibaldi. **Pedro II**, Ceará, ed. 00009, 1861.

Biographicos, tenha lido outras edições para desenvolver uma crítica aguçada a Garibaldi. Nesse trecho, evidencia-se como Garibaldi estava disponível à construção de sua imagem e como Dumas viu nele o herói romântico que tanto construía na sua literatura, como explicita:

Fizeram de Garibaldi uma águia ou um Perú. Nada disso ele é. É uma mediocridade, a quem a fortuna confiou um papel retumbante. É realmente um homem de nosso tempo: entre seu destino e sua capacidade a desproporção é imensa. Garibaldi foi aclamado pela quase unanimidade de seus compatriotas. – É um fenômeno digno de exame em uma época em que ninguém pode ser aplaudido pela metade da plateia sinão sob condição de ser apupado pela outra metade. Grotesco ou sublime, não o podem apagar d’essa história sombria como com a esponja apaga a figura traçada a giz sobre uma lousa. Um dia, eu tive a honra de apresentar a Mr. Thiers, então presidente, e que m’as pedia, minhas notas sobre a Itália contemporânea. Eu dizia do Garibaldi de hoje: “É apenas um trambolho; está ainda de pé, mas como uma árvore morta”. [...] A vida de Garibaldi é um livro de ópera-cômica; mas, quase jocoso nos *boulevards* parisienses, onde os povos parecem caminhar sobre um palco. [...] Há em Garibaldi alguma couza do Árabe d’África. Nasceu em Niça, onde crescem o óleões, o cactos e os loureiros-rosas. Julgal-a-hiam um fragmento arrancado violentamente pelo mar à terra Africana. Garibaldi assimilhou-se algumas vezes á esses homens que os árabes reputam pequenos porque tem a imaginação perturbada. Não acredito que seja louco, mas suponho que quem o ouviu de perto o há de comparar a um somnanbulo caminhando sobre um telhado. Ele tem algumas vezes a fixidez do olhar d’aquelle, e o pensamento distraído dos objetos que o cercam. – Como somnanbulo, ele cahiria se despertasse. [...] Nesse interim [quando Garibaldi foi para Napoli travar a luta com os Bourbons] desembarcou de sua escuna, Emilia, Alexandre Dumas, sobre os cães de Napoles. Entusiasmou-se logo de Garibaldi como de um personagem de seus romances de matilha e espada. Todo romancista entra mais ou menos na pele de seus personagens. Momento houve em que se podera apontar com o dedo onde Alexandre Dumas se julgou ser Garibaldi, como se julgava ser d’Artagnan. Garibaldi consentia, porque está dominado vivamente por essa grande natureza tão poderosamente expansiva, e da qual sempre conservou acento no estylo e nos modos.³⁸¹

Dali a dois anos Garibaldi viria a falecer, pois estava já em cadeira de rodas devido ao seu reumatismo e a suas fortes dores pelo corpo. O título desse biografema não foi construído ao acaso. Queria o autor, com esse artigo, mostrar como a popularidade do italiano lhe conferira muitas honrarias e sucessos, para os quais ele mesmo se mostrava disponível. Assim, questiona seu heroísmo, contado pelo mundo, e o coloca diante de uma construção, culminada com Dumas, e, mais do que um homem literário, caracteriza-o como um homem político, que soube aproveitar as oportunidades. O autor ainda argumenta ter sido a favor da unificação italiana, mas, apesar do sucesso, Garibaldi não foi outra coisa que um meio utilizado pelas mentes brilhantes.

Os comentários encontrados na imprensa maranhense também questionam as múltiplas faces de Garibaldi e seu papel diante dos fatos relatados por ele, como no caso do Ceará, onde suas Memórias, publicadas por Dumas, ganharam as páginas do jornal no seu formato seriado.

³⁸¹ GARIBALDI. Traços Biographicos. **Gazeta do Norte: órgão Liberal**, na seção Traços Biographicos. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cjtxS>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Proveniente da publicação do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, a outra publicação das Memórias foi divulgada pelo jornal *A Imprensa*, do Maranhão. O primeiro capítulo provavelmente foi publicado na edição 00077, e não está disponível para consulta. Supomos ter iniciado nessa edição porque, na de número 00076, do dia 22 de setembro de 1860, publica-se, em “Variedade”, um texto da *Opinion*, de título “Garibaldi”, “condottiere, aventureiro, pirata mesmo, como o chamam seus e nossos adversários, pouco importa, Garibaldi é antes de tudo, um herói, digamos mais, um apóstolo, ap. de liberdade e de independência”.

Essas palavras vieram logo após um texto sobre jornalismo, de J. S. Mendes Leal, intitulado “O jornalista”, pontuando que “não tem a república, moral e materialmente, mais operoso, mais agro, nem mais desabrido officio do que esse de jornalista [...] quando a liberdade é uma religião a imprensa é um sacerdócio”, lembrando que esse jornal era publicado “às quartas feiras e sabbados de cada semana.” Depois disso, a edição 00079, de 3 de outubro, traz os capítulos dois e três das memórias e a edição 00078, do dia 29 de setembro, não foi publicada. O último capítulo apareceu na edição 00009, do dia 3 de fevereiro de 1861.

Durante esse período, a publicação das Memórias foi interrompida nove vezes, a maioria para anunciar as “Paquete do Sul”, as “Notícias do Rio da Prata” e as “Notícias da Europa”, onde a maioria girava em torno dos últimos acontecimentos nas lutas pela unificação italiana. Na edição 00084, de 20 de outubro de 1860, a seção “*Transcrições*” publicou duas cartas de Alexandre Dumas – “que se tem tornado um dos mais entusiastas admiradores de Garibaldi, assistio à acção de Milazzo na sua escuma, e é impossível hombrear com ele na descripção da peleja. Vamos, pois, transcrever as suas cartas” –, enviadas a Carini, nas quais o literato transcreve os acontecimentos, o que necessitava para a guerra e o que fazia para contribuir.

Além desses argumentos, foram publicados textos diferentes, como na edição 00088, de 3 de novembro de 1860, em que se fala da “Agricultura dos Estados Unidos”, discorrendo sobre o “Relatório lido à sociedade central d’agricultura, na sessão de 9 de Abril de 1856”, e a edição 00006, de 23 de janeiro de 1861, com “A morte do Dr. Landulphe”, de Pedro Luiz, sobre “A liberdade, o povo, a pátria (suas últimas palavras)” em poema. Em seguida, houve um comentário, sem assinatura, do último decreto de Garibaldi como Ditador de Nápoles, em que se falou sobre o funcionamento de um “hospital de inválidos”, sobre o qual dizem que “o local destinado para este fim, é a residência real de Quisiana, o sítio mais adequado que pode haver. No fundo de um bosque de castanheiros que rodeiam Castellamare, o ar é tão puro, saudáveis são as condições topográficas, que dali lhe veio o nome de – Quisiana – Aqui se cura”, mas o comentário é sobre a “vontade, diz um correspondente, de perder um braço ou uma perna na

guerra para gozar o prazer de passar o resto da vida naquele delicioso Elyscos dos heróis italianos”.³⁸²

No entanto, há outra literatura em que Garibaldi também se destaca e aparece, a que Márcia Abreu chama de a “Literatura sem texto”:

No século XIX, a presença social da literatura era muito mais vasta do que supõem quem lê manuais de história literária. Periódicos oitocentistas revelam variadas formas de contato com a literatura, que prescindiam da intermediação do texto escrito, tais como a nomeação de pessoas, animais, objetos e lugares; a referência a personagens, títulos e escritores para designar produtos diversos; o interesse pela vida privada de escritores, concebidos como celebridades.³⁸³

Mesmo caminho de percepção teve Lilti ao verificar, na imagem de Garibaldi, outra forma de lidar com a individualidade, pois transcendia as *Belas Letras* e sua posição estava vinculada à construção de uma celebridade capaz de permitir que sua imagem chegasse a muitos leitores, de diversas formas, de modo a que não atingisse apenas aqueles que sabiam ler e escrever.

Essa adaptação evidencia, segundo Abreu, a “dimensão transnacional da cultura”, em que um escrito de outro lugar se molda aos costumes locais, como no nome, a uma moda de vestimenta, a um produto alimentício ou até mesmo a uma música, grupo musical ou adaptação teatral.

São diversas as ocorrências encontradas em periódicos a essa literatura em texto com a imagem de Garibaldi. Havia o chapéu à moda Garibaldi, a polca divulgada pelo *Jornal do Commercio*, em 1861, no Rio de Janeiro, chamada de “Memórias de Garibaldi”, em que se lê: “Sahio a luz a nova polka que toca o realejo da flauta (ainda é mais bonita do que a própria *Fera verdadeira*), é polo mesmo autor, para piano 500 rs”, que funcionava no estabelecimento de J. S. Arvellos, na rua da Carioca, número 122, ou na rua da Assembleia, número 125 B, no ano de 1863. Também rótulos de alimentos e peças com histórias adaptadas, como o caso do maranhense servidor da Alfândega, empresário, escritor e dramaturgo romântico Francisco Gaudêncio Sabbas da Costa, com seu drama histórico em cinco atos, intitulado *A Liberdade da Itália ou Garibaldi ou o seu primeiro amor*,³⁸⁴ drama de três atos, e um quadro de 1862, membro da sociedade intelectual do Maranhão que lhe conferiu o título de “Atenas Brasileira”.

³⁸² DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. **A Imprensa (1857-1862/MA)**, [s.l.], ed. 00081, p. 2, 10 out. 1860. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qrtv6>. Acesso em: 30 maio 2021.

³⁸³ ABREU, Márcia. Literatura sem texto: presença social da Literatura no Brasil oitocentista. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 100, p. 91-111, jul./dez. 2019. p. 91.

³⁸⁴ Nesses dramas o autor, que fazia parte da produção intelectual maranhense e era casado com a soprano italiana Margarida Pinelli Sachero, *prima-donna* da Companhia Lírica G. Marinangelli, reforçou o caráter

Em seu artigo, Abreu demonstra que a “reprodutibilidade técnica das obras”, antes essencialmente em texto, é anterior ao que supôs Walter Benjamin, quando analisou o cinema e a fotografia como modelos do “processo de reprodução massiva”, pois, para a autora, esse processo de “massificação” já se fortalecia durante o século XIX, como argumenta:

Os dados aqui examinados mostram que o fenômeno da reprodutibilidade técnica das obras de arte é anterior e bastante mais alastrado do que supôs Walter Benjamin. Muito antes do cinema ou da fotografia – tomados por Benjamin como paradigmáticos do processo de reprodução massiva das obras de arte –, as técnicas de produzir e de estampar objetos em série tornaram possível a disseminação de estatuetas representando personagens literários assim como a proliferação de caixas, leques, embalagens etc. com cenas de romances ou de peças teatrais. Além disso, percebe-se que os processos de “massificação” vão além da reprodução de imagens, incidindo sobre os nomes de personagens e de escritores, empregados para valorizar produtos comuns, como roupas e chapéus – aspectos ignorados na reflexão do crítico. No entanto, o comércio de artefatos com referências ou temas literários confirma sua hipótese de que haveria um interesse em possuir perto de si certos objetos e imagens, copiados e reproduzidos em série. Para ele, fazer as coisas “ficarem mais próximas” era uma preocupação intensa das “massas modernas”: “a cada dia, sente-se mais imperiosamente a necessidade de manter o objeto na proximidade mais íntima, na imagem, ou melhor, em seu reflexo, na reprodução”.³⁸⁵

Aqui, a autora analisa o discurso de que a substituição do ‘valor de culto’ pelo ‘valor de exposição’, conceitos de Benjamin, teriam apenas reduzido a literatura a uma mercadoria em que a banalização levava ao “esbatimento da aura”. Ainda que Benjamin pessoalmente não tenha exposto juízo, análises das correntes de estudo da Indústria Cultural o fizeram. Assim, ela sugere que não se olhe de forma reducionista para o que foi a literatura, mas se examine a historicidade da ação social que esse tipo de literatura, que vai além do texto, possibilitou. Nesse contexto, estuda-se sobre como tal temática pode levar à compreensão dos que não teriam voz na história oficial e nas dinâmicas de poder existentes:

Identificar essas formas de contato com o literário é especialmente relevante para historiadores da literatura que pretendem entender o século XIX: uma época de baixo letramento e de acesso relativamente restrito aos livros o que, entretanto, não impediu uma bem-sucedida impregnação social da literatura. A participação na cultura literária poderia se dar por caminhos muito mais diversos do que a leitura dos textos. Ela poderia passar pelas conversas em que se faziam referências literárias, por comentários sobre a vida de escritores, bem como por uma ampla gama de objetos. Um gorro Castro Alves ou um chapéu Flaubert não teriam nenhum interesse especial para pessoas que não soubessem quem eram Castro Alves e Flaubert. Mas era possível saber quem eles eram e ter interesse por produtos com seu nome sem ter lido nenhuma

heroico de Garibaldi, ressaltando os traços românticos de que foi objeto com a escrita de Dumas (PALHANO, Raimundo. *Sabbas da Costa e as circunstâncias da História Social do Maranhão. Posse no IHGM*, São Luís, 27 ago. 2012). Ver: COSTA, Francisco G. S. *A liberdade da Itália*. Drama histórico em 5 atos. São Luís: Typographia do Frias, 1862; COSTA, Francisco G. S. *Garibaldi ou o seu primeiro amor*. São Luís: Typographia do Progresso – B. de Mattos, 1862.

³⁸⁵ ABREU, Márcia. Literatura sem texto: presença social da Literatura no Brasil oitocentista. *Revista Letras*, Curitiba, n.º 100, p. 91-111, jul./dez. 2019. p. 105.

de suas obras, seja por meio das referências em discursos e falas cotidianas, seja por vê-los representados em imagens, seja por se conhecer alguma coisa sobre suas vidas. Os rótulos, os produtos e as imagens difundiam referências literárias em um nível popular, de amplo acesso, o que é evidente, por exemplo, no caso das embalagens de cigarros, produtos baratos e de consumo cotidiano, que aproximavam os consumidores de obras que hoje têm lugar de destaque em histórias da literatura, como *O Sertanejo*, *A Moreninha* ou *Iracema*. Ainda que os fumantes não tivessem ideia alguma sobre o enredo desses romances, eles partilhavam das referências literárias em circulação entre os letrados.³⁸⁶

Márcia Abreu ainda ressalta como essa circulação e difusão de uma literatura múltipla, que vai além dos textos, não fortaleceu somente os traços nacionais então em criação por meio de uma **comunidade imaginada**, como supôs Benedict Anderson, mas na realidade fortaleceu “uma comunidade global ou ao menos, ocidental”, pela facilidade de difusão e apropriação do objeto por várias partes do mundo. Reforçava-se, então, um modelo que era célebre diante de tantas notícias públicas e privadas que circulavam sobre ele.³⁸⁷

5.2 Literatura, nação e *Mémoires de Garibaldi*

O segundo e o terceiro ponto se estendem ao aspecto político vivido pela trajetória de Garibaldi na história nacional então em formação. Relembrando, o foco na publicação do primeiro volume – em que se narra a vida de Garibaldi no Brasil e a presença das Memórias próximas às notícias nacionais e cotidianas nessa edição do Rio de Janeiro – se aproxima dos caminhos de uma nação ainda em construção.

As palavras pátria, nação e independência estavam sempre próximas das Memórias publicadas e das análises sobre Garibaldi, afinal, o projeto da criação dos brasileiros não podia se concretizar do dia para a noite e tudo que envolvia a opinião pública precisava lembrar e reforçar o sentimento de pertencimento a uma nação colonizada e jovem. Barbosa se dedicou a olhar esse debate político de 1860, em que havia, por meio dos panfletos, muito “ruído público”, preocupado com o papel do monarca e a estrutura do governo: “trata-se de uma década fundamental para a compreensão da crise do Império” e os panfletos são uma fonte que oferece a “síntese dos argumentos utilizados na crítica ao governo imperial e contribuíram, ainda que

³⁸⁶ Ibidem, p. 107.

³⁸⁷ ABREU, Márcia. Literatura sem texto: presença social da Literatura no Brasil oitocentista. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 100, p. 91-111, jul./dez. 2019. p. 105.

indiretamente, para a formação de um discurso de oposição ao regime monárquico”.³⁸⁸ Os conservadores e a corte ainda contavam com o controle da maioria da imprensa, principalmente das grandes folhas – *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio* –, o que pode ter contribuído, junto ao Manifesto Republicano, para o retrocesso conservador de 1870.

O Partido Republicano foi fundado em 1870 por liberais radicais que se tinham convencido da impossibilidade de realizar as reformas que defendiam dentro do regime monárquico. Seu Manifesto manteve-se como o documento básico da propaganda até a implantação do novo regime em 1889. De 1870 a 1889, o partido teve vida irregular e muito diversificada geograficamente. A Corte e a província de São Paulo abrigaram os principais núcleos do movimento. Em menor escala, surgiram grupos e imprensa republicana no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e Pará. É certo, no entanto, que só em São Paulo se formou um verdadeiro partido, com organização, disciplina e capacidade de competição eleitoral. Os meios utilizados na propaganda eram os mesmos dos partidos monárquicos: imprensa, livros e panfletos, e conferências públicas, arma política popularizada pelos radicais. A tribuna parlamentar não pesou na propaganda, uma vez que poucos deputados republicanos conseguiram eleger-se deputados gerais e nenhum deles, incluindo dois futuros presidentes da República, teve atuação notável.³⁸⁹

Barbosa, analisando os panfletos em circulação em 1860, evidenciou como se costurou esse processo. O grande debate gira em torno de qual seria a melhor forma de governo. Centralizado ou não, todos concordavam que o monarca precisava atuar mais firmemente perante a nação corrupta que se estava a formar. O grande debate envolvia a forma com que isso poderia se concretizar para garantir uma efetivação do projeto nação. Diante disso, o monarca começou a ser acusado de favorecimento ao seu ministério, o que criava a ideia de que “o imperado se beneficiava do sistema para implementar o governo pessoal”. Esses sentimentos, segundo a autora, fizeram com que, no início da década de 1870, “d. Pedro II perdeu sua inviolabilidade” e “dezenove anos depois, estaria partindo para o exílio”.³⁹⁰

Em 6 de dezembro de 1888, no jornal *Diário do Maranhão*, na *Secção Geral*, o artigo “Monarchia e Federalismo”,³⁹¹ escrito por um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras,

³⁸⁸ BARBOSA, Silvana M. “Panfletos vendidos como canela”: anotações em torno do debate político de 1860. In: CARVALHO, José Murilo (org.). **Nação e cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 156-157.

³⁸⁹ CARVALHO, José Murilo. República, democracia e federalismo Brasil, 1870-1891. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 27, n.º 45, p. 141-157, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/WBk5zThk6v5smbvy8cWDswQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

³⁹⁰ Ibidem, p. 157.

³⁹¹ NABUCO, Joaquim. Monarquia federalista (Primeiro artigo). *Secção Geral. Diário do Maranhão: Jornal do Commercio, Lavoura e Industria*, [s.l.], ano XIX, ed. 0489, 26 dez. 1888.

Joaquim Nabuco,³⁹² um dos mais efervescentes abolicionistas e defensor do regime político monárquico federalista, que se empenhava na luta pelo fim da escravidão e para um governo sob a regência da Princesa Isabel. Garibaldi foi uma ótima fonte de argumentação, visto que seus caminhos se cruzaram na forma de pensar, sem deixar, contudo, de inferir críticas em relação às suas ações no Rio Grande do Sul durante a Revolução Farroupilha. Não era um herói, mas um “diletante” que, a certo ponto, conseguiu perceber como era importante, para a evolução do País, uma aliança com a “monarquia libertadora”, em virtude da invasão de estrangeiros. Assim argumentou:

Encontro todos os dias homens políticos assustados do meu *monarchismo*, tal é o pânico eleitoral causado pela agitação republicana. Para esses desde que a republica se tornou possível é preciso que o monarchismo se converta n’um indiferentismo, que eles julguem de *dous bicos*, mas que me parece de *dous gumes*. A medida que for argumentando a probabilidade da republica, deve ir também diminuindo o monarchismo dos partidos constitucionais, de modo que elles não deixem de habitar-se para sucessão da monarchia. Em outras palavras, os actuaes partidos querem ser os sucessores de si mesmos sob a república e para isso vão tomando a máscara oportunista. [...] Eu, porém, que não pretendo roubar os republicanos, como tantos monarchistas que já esperam fazer parte do governo provisório, combato pela monarchia, sem me importar com sorte da batalha, pelas mesmas razões por que combati pelos escravos. Para mim a luta escravista contra o mesmo espirito popular, é a mesma guerra social entre o federalismo que não quer morrer e a democracia que não pode nascer e como sinto uma confiança ilimitada nas ideas, estou certo de que o resultado será o mesmo de 13 de Maio – a victoria do povo. Se alguém me perguntar se sou monarchista ou republicano, em principio, eu mesmo não saberei responder. [...] Isto quer dizer que, para mim que não abraço, nem defendo nenhuma idea senão pela sua poesia, isto é, pelo que ella tem de humana – a poesia não é senão o fundo humano das cousas – a monarchia ou a república, não me fala a imaginação senão onde ella está identificado com a tradição nacional ou onde encarna a apiração popular. Quanto a diferença de valor moral das duas formas de governo, nunca senti a superioridade da republica sobre a monarchia. [...] Para ser um bom monarchista é

³⁹² “Joaquim Nabuco (Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo), escritor e diplomata, nasceu no Recife, PE, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, EUA, em 17 de janeiro de 1910. Compareceu às sessões preliminares de instalação da Academia Brasileira, fundador da cadeira nº 27, que tem como patrono Maciel Monteiro. Designado secretário-geral da Instituição na sessão de 28 de janeiro de 1897, exerceu o cargo até 1899 e de 1908 a 1910. Era filho do Senador José Tomás Nabuco de Araújo e de Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, irmã do Marquês do Recife, Francisco Pais Barreto. Estudou Humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras. Em 1865, seguiu para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito e formou-se no Recife, em 1870. Foi adido de primeira classe em Londres, depois em Washington, de 1876 a 1879. Atraído pela política, foi eleito deputado geral por sua província, vindo então a residir no Rio. Sua entrada para a Câmara marcou o início da campanha em favor do Abolicionismo, que logo se tornou causa nacional, na defesa da qual tanto cresceu. De 1881 a 1884, Nabuco viajou pela Europa e em 1883, em Londres, publicou *O Abolicionismo*. De regresso ao país, foi novamente eleito deputado por Pernambuco, retomando posição de destaque da campanha abolicionista, que cinco anos depois era coroada de êxito. Ao ser proclamada a República, em 1889, permaneceu com suas convicções monarchistas. Retirou-se da vida pública, dedicando-se à sua obra e ao estudo. Nessa fase de espontâneo afastamento, Joaquim Nabuco viveu no Rio de Janeiro, exercendo a advocacia e fazendo jornalismo. Frequentava a redação da *Revista Brasileira*, onde estreitou relações e amizade com altas figuras da vida literária brasileira, Machado de Assis, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, de cujo convívio nasceria a Academia Brasileira de Letras, em 1897” (Disponível no *site* da Academia Brasileira de Letras, em <https://www.academia.org.br/academicos/joaquim-nabuco/biografia>. Acesso em: 5 mar. 2023).

preciso ter o ideal republicano, mas confusão está em supor que o ideal republicano se realiza melhor sob forma monárquica da Inglaterra. O mais republicano de todos os republicanos, Garibaldi, que fazia campanhas republicanas como o do Rio Grande, por diletantismo revolucionário, inclinou seu republicanismo diante da realeza libertadora da Itália. Ele mesmo escreveu em suas *Memorias*, que desde que os ingleses estavam contentes com o seu governo este deveria ser considerado republicano. E assim o é.³⁹³

Diante, portanto, do oportunismo e da corrupção da sociedade, era necessária, para Nabuco, a presença do monarca, sem, contudo, abandonar seu parlamentarismo, representante da voz do povo e único soberano. Nessa perspectiva, Nabuco sugere que a unificação italiana sob a monarquia Savoia se mostrou um movimento de governo interessante frente ao que também acontecia no Brasil. Garibaldi, em seus escritos, sempre repetiu não ser monárquico, mas, devido às circunstâncias, era necessário lutar contra os estrangeiros que então ocupavam o território, isto é, os Bourbons; para isso, teve de se apoiar na monarquia, que era antes de tudo italiana. O estrangeiro, segundo ele, não amará a terra como um nativo, ao contrário, sempre a olhará com um lugar de exploração para beneficiar sua própria terra.

Outro aspecto curioso da escolha de Nabuco citar Garibaldi pode dar-se para além da concepção monárquica compartilhada por ambos, mesmo que de formas diferentes, ou melhor, Garibaldi sempre disse nunca ter sido monárquico, mas sim consciente da necessidade de uma centralização do poder para melhor governar e tornar todos os homens livres; tampouco era a favor da escravidão, apesar de não ter travado uma luta como aquela de Nabuco, dando margem a mais uma leitura realizada das Memórias de Garibaldi em terras maranhenses.

O entusiasmo de Nabuco com a abolição da escravidão também era compartilhado por Garibaldi. Em uma carta a Carbonelli, em 4 de dezembro de 1871, Garibaldi escreve o seguinte sobre o argumento:

Caro Carbonelli, eu creio ser um dever por uma palavra de elogio ao nobre Senado do Rio de Janeiro, pela liberação dos escravos. É um fato que honra o nosso século, tratando-se de um milhão de seres humanos que se tornaram livres. Possa o jornalismo independente celebrar devidamente a obra grandiosa e humanitária que acontece do outro lado do Atlântico.³⁹⁴

³⁹³ NABUCO, Joaquim. Monarquia federalista (Primeiro artigo). Secção Geral. **Diário do Maranhão: Jornal do Commercio, Lavoura e Industria**, [s.l.], ano XIX, ed. 0489, p. 1, 26 dez. 1888.

³⁹⁴ Tradução nossa de “*Caro Carbonelli, Io credo un dovere porgere una parola d’encomio al nobile Senati di Rio de Janeiro, per la liberazione degli schiavi. È un fatto coteito che onora il secolo nostro, trattandosi di più milioni d’esseri umani resi al consorzio dei liberi. Possa l’indipendente giornalismo nostro, celebrare docutamente l’opera grandiosa ed umanitaria che si compie al di là dell’Atlantico. Vostro G. Garibaldi (V.E.R. 225,811) Caprera, 4 dicembre 1871*” (GARIBALDI, GARIBALDI, Giuseppe. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907. p. 601).

A despeito das falas de Garibaldi em acreditar que todo homem tem o direito de ser livre – reprovava-se ainda, em alguns escritos, o fato de ele ter lutado ao lado dos Farrapos, em sua maioria a favor da escravidão, visto ter sido essa a luta de uma elite proprietária de fazendas produtoras –, nunca realizou qualquer ação prática em relação a isso. Em suas memórias, é comum ele falar de liberdade, mas também associa a civilização à comunidade europeia, chamando muitas vezes indígenas e negros de selvagens. Em diversas edições, a mesma linguagem foi usada.

Sem embargo, apesar de a linguagem ser similar, não é possível colocar na mesma análise a questão indígena e a questão negra. Os dois povos foram escravizados e dizimados, cada um por questões diversas. Em relação aos ânimos do processo da abolição da escravidão, já que o caminho foi realmente longo, Maria Isaura Pereira de Queiroz, no seu artigo “Identidade cultura, identidade nacional no Brasil”, contextualiza:

A função de defesa cultural dos candomblés foi perfeitamente percebida por Raymundo Nina Rodrigues em seus trabalhos; seus textos visavam dar um grito de alerta aos conterrâneos sobre a ameaça subjacente à aparente submissão negra. Suas constatações vinham reforçar o sentimento de perigo que avassalava as elites, muito conscientes da diferença numérica entre os africanos e seus descendentes, de um lado, e a população de origem europeia, de outro. Este medo foi mais um obstáculo no caminho da abolição da escravatura, tornando seu sucesso difícil de alcançar durante longo tempo, da primeira lei, votada em 1831, até a Lei Áurea, de 1888. Uma vez outorgada a cidadania aos escravos, – embora apenas parcialmente, – as preocupações dos brancos aumentavam: agora que os negros se considerava, iguais aos brancos, estes negros detentores de uma cultura bárbara representada pelos candomblés, a própria cultura ocidental parecia muito mais seriamente ameaçada. As perseguições contra os costumes africanos e os candomblés aumentaram.³⁹⁵

O médico maranhense Nina Rodrigues acreditava que “os atrasos e os desequilíbrios da sociedade brasileira, fenômenos sociais, provinham das misturas raciais – bases biológicas – e culturais encontradas no país”. Ele não foi o único que olhava para as questões raciais; tem-se, por exemplo, Silvio Romero ou Euclides da Cunha, colegas da Escola do Recife, que se questionavam como “podiam elementos culturais de origem tão diversa coexistir sem reciprocamente se destruírem? Poderiam um dia chegar a construir um conjunto harmonioso, e qual o processo para se alcançar tal resultado? O que tudo isto representava relativamente ao progresso, tão necessário, do país?”. O olhar deles, segundo Queiroz, é carregado “com o

³⁹⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultura, identidade nacional no Brasil. **Tempo Social – Revista de Sociologia**, São Paulo, v. 1, n.º 1, p. 29-46, 1989. p. 33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83318/86344>. Acesso em: maio 2022.

pessimismo pelo futuro econômico e cultural do país, assim como a negação da existência de características especificamente brasileiras, e até mesmo da formação de um dia”.³⁹⁶ No entanto,

[a]ssumiram uma eloquente defesa da Ciência, de onde, deveriam partir as novas explicações da vida brasileira. Ferozes críticos do Indianismo, esses intelectuais avaliaram o que lhes pareciam ser as estruturas arcaicas do país. O engajamento em novos paradigmas mentais deveria servir como arma crítica a fim de subsidiar as necessárias intervenções políticas e sociais, no intuito de superar a Escravidão e o Império, bem como o indianismo romântico e o catolicismo, identificados como causa do “atraso”, palavra que entrou no vocabulário político dos “modernizadores”. Por ocasião da recepção de Euclides da Cunha (1866-1909) à Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1906, Sílvio Romero rememorou a novidade representada pelo “bando de ideias novas”, compreendido como uma aposta no futuro, o que exigia um rompimento com o velho e o atrasado: a Monarquia, a Escravidão e, no plano das letras, o Romantismo indianista.³⁹⁷

Foi na terra de Nina Rodrigues que mais uma colocação em relação a isso é vinculada às *Memórias de Garibaldi*, só que dessa vez se trata da questão indígena. Sem saber quem escreveu e com uma análise menos científica e intelectual, mas demonstradora do racismo então presente na época, no jornal *O Publicador Maranhense*, um comentário publicado no dia 19 de fevereiro de 1861, na seção *Variedade*, intitulada *Lição importante*, reforça essa preocupação de lidar com a diferença e com os nativos da terra. Também é indicativo dessa preocupação voltada para a construção da nação, para a ideia de quem são os brasileiros e de que história se está falando. Assim, o comentário questiona sobre o tratamento oferecido pela nação ao indígena e utiliza como modelo do que se deve fazer o escrito nas *Memórias*. Desse modo, o correspondente desconhecido assegura:

Das memorias de Garibaldi copiamos o seguinte que não deixa de ter aplicação entre nós. [...] Compreendeu-o talvez o selvagem, mas fingio o contrario. – Eu disse que me desses um como d’agua ardente, repetio elle, batendo com o punho no balcão. – E eu, disse-te que pagasses primeiro, repetio Anzani³⁹⁸, ou então nada terás. O índio lançou um olhar de cólera á Anzani, porém o olhar de Anzani encontrou o seu – o relampago cruzara se com o relampago. Anzani tinha por habito dizer. – Não há força real senão a moral. Olhai ousado fixamente o homem que vos olha; si elle abaixa os olhos, sois senhor delle; mas não os abaixeis vós, porque então será elle o vosso senhor. O olhar de Anzani tinha um poder irresistível. Foi o Indio que abaixou os olhos. Elle conheceu a sua inferioridade, e, furioso d’este poder desconhecido, quis animar-se com a bebida.³⁹⁹

³⁹⁶ Ibidem, p. 33.

³⁹⁷ SCHNEIDER, Alberto Luiz. Sílvio Romero e Machado de Assis: leituras e dissensos do fim do oitocentos. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, [s.l.], v. 2, n.º 2[3], p. 49-67, 2016. p. 50.

³⁹⁸ Anzani foi um italiano que lutou na Revolução Farroupilha ao lado de Giuseppe Garibaldi. Este último dedica-lhe um capítulo de suas memórias para glorificá-lo pelos seus atos durante as lutas na América Latina e na unificação italiana.

³⁹⁹ LIÇÃO importante. *Variedade. O Publicador Maranhense*, ano XX, n.º 41, ed. 00041, 19 fev. 1860.

Esse trecho conta a história de um chefe indígena que duas vezes por ano ia até a comunidade de São Gabriel para saquear a cidade e matar quem opusesse resistência. Era conhecido como Capitão do Matto. O terror seria tão grande “que assim que retumbava este grito: “O capitão do matto! Todas as janelas se fechavam, todas as portas se aferrolhavam, como se só gritasse ao cão damnado”. A história continua contando sobre o contato entre os dois e se conclui exaltando a bravura de Anzani, que fez com que o chefe nunca mais voltasse para o local.

Nessa perspectiva, o século XIX foi agitado em relação aos processos de construção da nação e diferente do que a historiografia construiu desde o século XIX; hoje se tem consciência, graças ao acesso e à procura de mais diversas fontes, também se sabe que a luta foi árdua por parte de negros e indígenas diante da colonização e da escravidão. A autora Maria Regina Celestino de Almeida, em seu artigo “Os índios na história do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo” publicado no ano de 2012, inicia seu texto com a seguinte colocação:

Com o objetivo de refletir sobre o lugar dos índios na história, considerando sua invisibilidade enquanto sujeitos históricos no século XIX e o protagonismo crescente revelado pela historiografia atual, o artigo analisa de forma conjunta questões relativas à política indigenista do Império, à cultura política indígena, ao nacionalismo e à etnicidade, enfocando a problemática das controvérsias e imprecisões sobre as classificações étnicas e os conflitos de terra nas antigas aldeias coloniais.⁴⁰⁰

Esse protagonismo no Brasil foi possível graças às lutas contínuas dos indígenas. A partir do século XIX, quando foi implantada a política assimilacionista, lançada desde meados do século XVIII pelo Marquês de Pombal, ao contrário do que o senso comum afirma, os indígenas não se mantiveram passivos diante da colonização e, em seguida, do imperialismo.

Vivos e atuantes nos sertões, vilas, aldeias e cidades do Brasil oitocentista, povos e indivíduos indígenas agiam e reagiam diferentemente às múltiplas formas de aplicação da política para eles traçada. Lutavam e continuavam reivindicando direitos na justiça na condição de índios, enquanto discursos políticos e intelectuais previam e, em muitos casos, já os consideravam desaparecidos, como resultado dos processos de civilização e mestiçagem. Esses discursos justificavam, conforme a política indigenista vigente, a extinção de antigas aldeias coloniais e de suas terras coletivas e, ao mesmo tempo, serviam à construção do nacionalismo, cuja proposta era criar a nação em moldes europeus, onde não havia lugar para pluralidades étnicas e culturais.⁴⁰¹

⁴⁰⁰ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. **Revista História Hoje**, [s.l.], v. 1, n.º 2, p. 21-39, 2012. p. 23. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHJ/article/view/39>. Acesso em: 28 jul. 2019.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 22.

O objetivo era ocupar as terras indígenas para a exploração. Para o sucesso desse projeto, foi importante pensar na criação de uma identidade nacional. Os portugueses e descendentes observaram que os índios poderiam ser ótimos trabalhadores da terra, por isso a necessidade de fazê-los inserir-se em uma identidade nacional, contudo, como construir uma identidade nacional? Pela brandura ou pela violência?

Intelectuais do IHGB,⁴⁰² com o objetivo de construir a nação e a civilização, debruçaram-se sobre tal tema criando propostas políticas, sociais e econômicas para que o progresso se concretizasse frente a uma nação nova. Guimarães analisou esse processo e viu que “pensar a história”, uma característica do século XIX, significava pensar no projeto político vigente:

O pensar a história é uma das marcas características do século XIX, ao longo do qual são formulados os parâmetros para um moderno tratamento do tema. O discurso historiográfico ganha foros de cientificidade num processo em que a “disciplina” história conquista definitivamente os espaços da universidade. Neste processo, o historiador perde o caráter de *hommes de lettres* e adquire o estatuto de pesquisador, de igual entre seus pares no mundo da produção científica. No palco europeu, onde desde o início do século este desenvolvimento é observável, percebe-se claramente que o pensar a história articula-se num quadro mais amplo, no qual a discussão da questão nacional ocupa uma posição de destaque. Assim, a tarefa de disciplinarização da história guarda íntimas relações com os lemas que permeiam o debate em torno do nacional. [...] Assim, é no bojo do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira de forma sistematizada. A criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) vem apontar em direção à materialização deste empreendimento, que mantém profundas relações com a proposta ideológica em curso. Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX.⁴⁰³

Segundo Guimarães, o espaço acadêmico do Brasil não é de acordo com os moldes de competição europeia, mas sim um espaço para os “escolhidos e eleitos a partir de relações sociais, nos moldes das academias ilustradas, que conheceram seu auge na Europa nos fins do século XVII e no século XVIII”.⁴⁰⁴ Nesse sentido, apesar das ideias diferentes em relação a como conduzir o processo de construção da nação, todos partiam de uma base voltada para a manutenção do *status quo* da elite: era a justificativa para explicar a presença de europeus e descendentes nas terras do outro lado do Atlântico:

⁴⁰² O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi criado em 1838.

⁴⁰³ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. n.1, p.5-27, 1988. p.5

⁴⁰⁴ Ibid., p. 5.

A fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a historiografia do IHGB cuidará de reforçar visa a produzir uma homogeneização da visão de Brasil no interior das elites brasileiras. É de novo uma certa postura iluminista – o esclarecimento, em primeiro lugar, daqueles que ocupam o topo da pirâmide social, que por sua vez encarregar-se-ão do esclarecimento do resto da sociedade – que preside o pensar a questão da Não no espaço brasileiro.⁴⁰⁵

Almeida argumentou que, vista a homogeneidade presente no IHGB e nos processos de construção do Brasil, a grande maioria dos intelectuais concordavam com a inferioridade dos indígenas, porém, divergiam quanto ao processo de assimilação.

Entre as propostas mais influentes encontram-se as de José Bonifácio de Andrade e Silva e a de Francisco Adolfo de Varnhagen. Bonifácio propôs a integração branda com a utilização da violência só em casos necessários, já que acreditava em sua humanidade e na capacidade de civilizar-se, o segundo afirmava a “bestialidade dos índios que, no seu entender, só podiam ser incorporados e submetidos por meio da guerra e do extermínio”.⁴⁰⁶ Pelo interesse da Coroa acatou-se, na Assembleia Constituinte de 1823, a proposta de Bonifácio, mas a constituinte de 1824 deixou de mencionar os indígenas, deixando prevalecer o interesse das oligarquias locais. Em 1845, o Regulamento das Missões previa “o aldeamento, mediante a criação de missões religiosas e presídios militares, com recurso às guerras justas quando se julgasse necessário”.⁴⁰⁷

A legislação indigenista do século XIX incentivava o processo de individualização das terras indígenas com um discurso humanitário que visava integrar os índios em igualdade de condição, transformando-os em cidadãos. [...] A proposta assimilacionista construíam-se de forma a ressaltar as vantagens que a nova condição de cidadão daria aos índios. [...] A solução ideal para eles era de acordo com esses discursos, integrarem-se à sociedade nacional, tornarem-se cidadãos e terem acesso a propriedades individuais. Valores caros aos índios, como vida comunitária e reciprocidade, eram vistos como negativos e obstáculos ao progresso.⁴⁰⁸

Em 1861, a questão dos indígenas passou à esfera do Ministério da Agricultura e Obras Públicas, com a associação entre a política indigenista e a questão agrária com a proposta de civilização. Com essas medidas, intelectuais e políticos já consideravam os índios desaparecidos, “como resultado dos processos de civilização e mestiçagem”.

⁴⁰⁵ Ibid., p. 6.

⁴⁰⁶ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. *Revista História Hoje*, [s.l.], v. 1, n.º 2, p. 21-39, 2012. p. 29. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/39>. Acesso em: 28 jul. 2019.

⁴⁰⁷ Ibid., p. 25.

⁴⁰⁸ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. *Revista História Hoje*, [s.l.], v. 1, n.º 2, p. 21-39, 2012. p. 29-30. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/39>. Acesso em: 28 jul. 2019.

Cabe lembrar que o Regulamento de 1845 decretara o direito dos índios à terra nas aldeias, considerando, no entanto, a possibilidade de extingui-las conforme seu estado de decadência, e o regulamento de 1854 estabeleceu para os índios o usufruto temporário das terras, até que atingissem o ‘estado de civilização’, quando o governo imperial poderia incluí-los no pleno gozo dos direitos de todos os cidadãos.⁴⁰⁹

Certos de que a elite teria então silenciado os indígenas, não consideraram a força das aldeias e sua união, iniciativa que mudou os rumos dos projetos imperialistas. Beneficiando-se do acordo que fizeram com a coroa portuguesa, concessão de mercês em troca de serviço prestado, tiveram uma grande ação política, lutando com requerimentos e petições. Desafiaram o sistema assimilacionista de extinção e reforçaram suas identidades. Infelizmente, durante os anos, muitas aldeias desapareceram, outras perderam seus laços tradicionais por conta de políticas falhas de proteção, mas as culturas indígenas nunca desapareceram. Almeida argumenta que, a partir do século XXI, com o processo de *etnogênese*, muitos indígenas buscaram suas tradições:

Do século XIX aos nossos dias, inúmeros povos indígenas deixaram de existir como etnias diferenciadas. Porém, muitos deles estão ressurgindo hoje mediante processos de etnogênese pelos quais reafirmam suas identidades indígenas e reivindicam direitos, sobretudo à terra coletiva, como se observa no Nordeste e no Espírito Santo. Outros, contudo, desapareceram, como foi o caso dos aldeados do Rio de Janeiro. É instigante, no entanto, vê-los também reaparecer, de certa forma, não só nas histórias que vêm sendo reconstruídas, como também nas memórias de seus descendentes (...) Os processos de etnogênese dos nossos dias, somados a essas e outras histórias sobre muitos índios desaparecidos, apontam para a importância de se repensar a presença e a atuação indígena na história do século XIX. No caminho inverso da historiografia do Oitocentos, historiadores, antropólogos e os próprios índios estão, hoje, ainda que lentamente, conduzindo os índios da invisibilidade ao protagonismo histórico. Com isso, contribuem para compreensões mais amplas e complexas sobre as histórias regionais e sobre a própria história do Brasil.⁴¹⁰

Garibaldi, que dizia defender a liberdade de todo homem, não deixou de dizer que falar do estrangeiro na Europa é diferente de falar do estrangeiro na América. A colonização, assim, seria diferente perante o lugar de análise. Ademais, condena os padres que disseram para os colonizadores exterminarem os indígenas, por não serem católicos e, por isso, selvagens, mas considera que pensar em uma união no novo mundo não é apenas deixar aos indígenas seus territórios, mas compartilhar entre eles a civilização que o progresso levou da Europa. Isso porque há, nessa terra, não mais uma raça de número superior, mas todos são da mesma

⁴⁰⁹ Ibid., p. 33.

⁴¹⁰ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. **Revista História Hoje**, [s.l.], v. 1, n.º 2, p. 21-39, 2012. p. 36. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/39>. Acesso em: 28 jul. 2019.

quantidade, diferentemente do modo como ele considerava ser composta a Itália, em sua maioria por italianos e explorada por estrangeiros.

Sendo assim, as Memórias abriram debates sobre os acontecimentos nacionais, vistos ora como modelo do que fazer e ora como modelo do que não fazer. Há também outra leitura presente principalmente no Rio Grande do Sul, e, após a Proclamação da República, em 1889, em outros estados do Sul: trata-se da correção dos fatos relatados por Garibaldi. Há quem o fez com muita cautela, como Heráclito Americano de Oliveira, e quem o fez com um tom um pouco menos tolerante, é o caso de Ernesto Alves Branco Muniz Barreto, na seção *Interior* no *Jornal do Comercio: Instructivo, agrícola e recreativo*, publicado em São Luís do Maranhão.

Barreto escreve como se fosse uma verdadeira carta a Garibaldi, em que diz estar desapontado com o fato de o General dizer que a tomada de Laguna foi fácil, devido ao despreparo do Império. Assim, Barreto se diz obrigado a esclarecer, para os contemporâneos, que a retirada do Império não se deu por dissidência ou aprovação do que estava acontecendo, mas porque estavam há horas lutando com recursos esgotados. Assim, recria Garibaldi:

Ao Sr. Garibaldi, dictador da Sicília.

Nas vossas memorias, publicadas pelo Sr. Alexandre Dumas e transcriptas no *Correio Mercantil*, [...] Assim, cumpre-me sem querer marear o brilho de um tão nobre orgulho, na admiração de vossa coragem, significar-vos os nossos sentimentos sobre uma tal apreciação, cujos factos relatados se annuncião serem escriptos por vós em Abril de 1849, em Tanger. Não há cousa mais fácil do que escrever e publicar memorias. Todos os dias as vemos sahir do prelo, sem que seja necessário ocupar o público com a história e analyse destas produções; mas a natureza desse vosso trabalho, e a posição especial em que nos collocastes, obriga-nos a dizer alguma cousa a respeito, afim de prevenir ou illustar o juízo dos contemporâneos. [...] E permitti que invoquemos a própria consciência do caudilho da independência italiana para que perante Deos negue esta verdadeira e fiel narração. Sim, os militares brasileiros, cônscios de seus deveres, não desmentem a confiança do governo de M. o Imperador. Elle se mostrãoa peito descoberto, no momento mesmo do perigo de suas vidas; não duvidão annunciar aos dissidentes que eles defendem a mais bela e mais justa de todas as causas, na situação a mais melindrosa e desesperada de sua próxima e última derrota, pois a sua lealdade lhes sugere um nobre exemplo de firmeza. Elles não temem as ameaças dos vencedores, afim de sentirem e pensarem como os dissidentes porque eles pensão com mais razão, com mais verdade na sustentação dos seus juramentos.

São João da Barra, 8 de outubro de 1860.⁴¹¹

Essas correções evidenciam a construção da cientificidade da História e da construção de uma verdadeira história da nação. Barreto faz outra colocação interessante, que se torna um indício para a percepção da circulação da obra das Memórias: a sua obrigação parte exatamente do momento em que o próprio Garibaldi difunde como o período de exílio no Brasil foi

⁴¹¹ Ao Sr. Garibaldi, dictador da Sicília. **Interior**. *Jornal do Comercio: Instructivo, agrícola e recreativo*, ed.00090, n.º 90, 14 nov. 1860.

importante. Logo, perceptível, até esse momento, a preocupação de reforçar essa narrativa de Garibaldi a favor de um projeto que vai além do próprio personagem, isto é, a construção da nação.

Alguns anos depois, em 1891, Heráclito Americano de Oliveira argumentou que o fato de ser rio-grandense lhe impõe um olhar, para os fatos históricos trazidos por Garibaldi, com um pouco mais de criticidade, de modo a apontar os erros que compõem sua narrativa referentes ao Rio Grande do Sul. Diferentemente de Barreto, Oliveira não queria retirar a imagem heroica de Garibaldi, que, ao contrário, dizia admirar, mas queria trazer alguns apontamentos do contexto e dos erros linguísticos. Nessa perspectiva, diz:

Tenho defronte de mim as *Memorias de Garibaldi*, traduzidas do original por Alexandre Dumas, 2ª edição, impressa em Lisboa em 1860, pelo editor A. P. C. tupographia de Joaquim Germano de Souza Neves, rua da Caldeira 17. É uma obra de verdadeiro e incontestável mérito e de subida utilidade histórica. Como se sabe, o valente aventureiro da liberdade luctou tenazmente nas pugnas da guerra civil dos Farrapos; mais tarde bateu-se no Prata, e, como a encarnação sublime de toso o patriotismo italiano, foi o braço mais pujante, o coração mais ardente que trabalhou pela elevação de sua terra, a Itália. Garibaldi foi um homem excepcional; foi um leão contra o despotismo, que ele procurava abater em qualquer parte do universo em que este ousasse lentar a cabeça. Mas, não é este o meu intento. As suas *Memorias* têm enganos, têm erros mesmo, no tocante a certas palavras, a nomes e costumes provincianos. Não sei se alguém já se lembrou de publicar observações a respeito. Não há dúvida, faço-o eu. Não tenho competência, dirão; porém o que é certo é que tenho o direito, para não dizer o dever, de saber alguma cousa da província em que nasci. É como rio-grandense, pois, que vou fazer alguns reparos ás *Memorias*. [...] Compreende-se logo que muitos dos erros de Garibaldi nas *Memorias* originam-se da falta de conhecimento perfeito da nossa língua; outros virão de alguma semelhança do nosso idioma com o italiano, que era o dele; mas a maior parte deve-se atribuir ao traductor. Não vou á segunda parte das *Memorias*, porque ella em nada se liga a nós brasileiros.⁴¹²

Mais uma vez, observa-se como a preocupação e a atenção nas Memórias está voltada para as questões nacionais brasileiras. Busca-se, em suas páginas, as angústias da construção de uma nação, ou, pelo menos, costura-se para que isso aconteça. Afinal, era necessário mostrar os aprendizados de Garibaldi com os erros feitos no Brasil, assim como disse Joaquim Norberto de Souza e Silva. Do nordeste do Brasil chegou-se ao extremo sul, ao estado do Rio Grande do Sul. Tudo indica que as publicações por aqui foram principalmente por meio de livros.

Pelos levantamentos realizados por Mendes, as Memórias foram publicadas em livro, pela editora Oficina a vapor *Off Intransigente*, no ano de 1860, em dois volumes, traduzidos por Bernardo Taveira Junior, o mesmo autor que traduziu o folhetim do *Jornal do Commercio*,

⁴¹² OLIVEIRA, Heráclito Americano de. *Memorias de Garibaldi*. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). Parte Literária. **Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul**, Pelotas, ano 3. Pelotas: Carlos Pinto &Comp. Successores, 1891.

e que provavelmente seria o consolidado nos capítulos publicados no jornal. No comentário do almanaque que publicou as correções de Heráclito, é citada essa edição, que saiu por assinatura. Da mesma editora só saiu outra edição em 1907, que foi uma “Edição especial [em] comemoração ao centenário do mesmo General, promovida pela comissão de festejos na cidade do Rio Grande, em 4 de Julho de 1907”.

Mais uma edição foi publicada pela *Typ. Diário, de Antônio Estevão*, em dois volumes, em 1860; outra, saiu em 1861, pelo *Typ. Eco do Sul*, também em dois volumes.⁴¹³

Circulavam por aqui, também, as edições da belga *Meline Cans*, que atualmente estão no Gabinete Real, porém, sem dois dos três volumes, e a que foi referência de Heráclito, a edição publicada em Lisboa, no ano de 1860, pela editora *A.P.C. Typografia de Joaquim Germano de Sousa Neves*, em três volumes, encontrada também no Real Gabinete. Não foram encontradas as edições da casa francesa de Michel Lévy Frères, a primeira edição com o texto publicado no *Lé Siècle*.⁴¹⁴

Um indício dessa falta de circulação da edição francesa de Lévy Frères pode ser ligado aos valores mais baixos das edições belgas, ou mesmo ao interesse pelo original da obra belga. Sabe-se que não se trata de uma contrafação, principalmente considerando que, a partir de 1852, foram diminuindo os fluxos de contrafações que passavam para o outro lado do Atlântico. Isso se deu antes, pelo tratado firmado entre França e Bélgica, em 1852, e depois, pela lei de normatização dos direitos autorais, em 1854, que viria a se consolidar no Brasil só em 1860.

Ademais, as Memórias publicadas por Meline Cans foram tratadas em contrato com Alexandre Dumas, que chamou até mesmo Victor Hugo e Georg Sand para fazer a introdução da obra, diferenciando-a da de Lévy Frères, que era exatamente aquela publicada nos jornais e que será no mesmo ano traduzida pelo *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro. Há indícios, então, de que as Memórias em francês circularam provavelmente para um grupo seletivo, que poderia ter tido um acesso mais fácil à edição belga, ou por ser mais barata, assim como analisou

⁴¹³ De acordo com os modos de fazer do século XIX, de que as tipografias pertencentes aos jornais publicavam em seguida a obra apresentada de forma seriada, é possível que estes, o *Diário* (não se sabe de qual cidade, se de Pelotas ou de Porto Alegre) e o *Eco do Sul*, tenham publicado o mesmo texto em folhetim, contudo, não se teve acesso a esses textos e na hemeroteca não foram localizados.

⁴¹⁴ Das Memórias aqui apresentadas, tivemos acesso apenas às de 1907 e às portuguesas, sendo as de 1860, da editora Intransigente, ao que tudo indica, composta pelo mesmo texto dos *faits divers*, por ser, provavelmente, o mesmo tradutor. Essas informações as retiramos dos estudos da autora Maria Lúcia Dias Mendes, cujas referências foram retiradas do *site* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (disponível em: <http://www.fontes.furg.br/>) (MENDES, Maria Lúcia D. Conexões: Alexandre Dumas, publicações na França, em Portugal e no Brasil. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. **A circulação transatlântica dos impressos**: conexões. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de publicações, 2014. p. 129-149).

Camargo, “os belgas costumavam reeditar publicações francesas em papel mais barato e com qualidade inferior de impressão”,⁴¹⁵ ou por ter a Garnier facilitado o acesso, visto que possuía um grande catálogo belga ou por ser ela parecida, mas diferente, principalmente vinculada à introdução dos escritores românticos, que chegou a ser censurada na França pôr o considerar político demais.

Apesar dessa circulação dos livros, segundo Moacyr Flores, as Memórias chegaram inicialmente ao Rio Grande do Sul de forma seriada, pelo *Diário de Pelotas*, em 1860, provavelmente a mesma edição publicada no Rio de Janeiro. Não se conseguiu, contudo, acesso a ele para poder desenvolver uma análise mais detalhada. Inclusive, um questionamento aparece devido ao fato de o jornal, segundo publicação da hemeroteca digital nacional, ter seu primeiro ano de publicação, em 1868. Resta, nesse sentido, a dúvida sobre a publicação em forma seriada das Memórias do Rio Grande do Sul.

Esse questionamento abre uma análise sobre o fato de ter tido, no Rio Grande Sul, mais publicações em livro do que em folhetim, assim como em outros estados. Outro fato importante é que, a partir de 1863 até 1880, quase nada se falou de Garibaldi e, de 1870 em diante, nenhuma obra foi publicada ou vendida no Brasil. Alvaro Bischoff e Cíntia Vieira Souta argumentam que

[a] consolidação do Segundo Reinado com o Imperador D. Pedro II, fez com que episódio farroupilha entrasse em esquecimento. Somente em fins do século XIX, com o movimento republicano, a Revolução Farroupilha e a Republica Rio-grandense foram novamente trazidas a lume; dessa vez, como forma de propaganda. Os jovens republicanos do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) apresentaram-se como seguidores dos ideais farroupilhas. Surgiram, então, os primeiros estudos sobre a Revolução Farroupilha, em editoriais dos jornais republicanos, como “A Federação”, ou através de livros, como “A História da Republica Rio-grandense” (1881) de Joaquim Francisco de Assis Brasil e a “Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul” (1882), de Ramiro Frota Barcellos, ambos republicanos históricos.⁴¹⁶

Soares oferece outro indício ao analisar a publicação, em 1870, da obra *O gaúcho*, de José de Alencar. Olhando de forma cronológica, e considerando o grande projeto do IHGB de construção da história da nação, tem-se que até 1862 prevaleceu a política da Conciliação, que vem logo após um período de consolidação do Estado imperial, de 1831 a 1850, e de seu

⁴¹⁵ CAMARGO, Katia Aily F. O Brasil nas páginas do *Annuaire des Deux Mondes*: uma descrição. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. **A circulação transatlântica dos impressos**: conexões. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações, 2014. p. 221.

⁴¹⁶ BARROS, Omar L. Filho; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. **Sonhos de liberdade**: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007. p. 135-136.

apogeu, entre 1850 e 1875.⁴¹⁷ Isso provavelmente possibilitou a publicação das Memórias e, ainda, sua circulação em jornais e livros.

O trabalho proposto por Alencar para a obra *O Gaúcho* muito se aproxima do que intelectuais buscaram fazer com as *Memórias de Garibaldi*, isto é, “reafirmar a identidade brasileira unida à integridade do Império”. Entre personagens de ficção e personagens reais, Alencar descrevia o gaúcho como brasileiro, destacando a diferença com os platinos, que essencialmente se diferenciava pelo objetivo das lutas, “os brasileiros lutam pela liberdade e os platinos pelo poder”, sendo assim, este último não luta com honra perante a própria nação.⁴¹⁸ Narrando então o encontro entre Lavalleja, o caudilho oriental, e Bento Gonçalves, Alencar constrói o que se queria perante a memória histórica da Revolução Farroupilha. Lavalleja dizia não ser Bento Gonçalves forte o suficiente para garantir a independência do Rio Grande do Sul e cumprir com seu ideal de liberdade. A essa provocação Alencar diz que Bento Gonçalves respondeu:

Sou brasileiro; nasci cidadão do império; e assim hei de viver, enquanto houver liberdade em meu país, porque para mim a liberdade não é a burla para enganar o povo, mas o primeiro bem, que não se perde sem desonra, e não se tira sem traição. Quando eu me convencer que para ser livre, é preciso deixar de ser imperialista, não careço que ninguém me lembre o que me cabe fazer. O coronel Bento Gonçalves saberá cumprir seu dever.⁴¹⁹

Alencar não tinha por objetivo fragmentar a cultura local, mas sim “integrar a cultura local no todo do projeto nacional”. O literato “usou elementos regionais em *O gaúcho*, apropriando-se da estética romântica para construir uma simbologia que expressava a natureza nova e peculiar das nações em construção”.⁴²⁰

Sandra Jatahy Pesavento, no artigo “Fibra de gaúcho, tchê!”, retrata a questão da construção histórica de uma identidade rio-grandense a partir da Revolução Farroupilha, por

⁴¹⁷ SOARES, Fabricio Antônio Antunes. A escrita literária da Farroupilha no Século XIX. In: GOMES, Carla R. A. de S; MARTINS, Jefferson T. **180 anos da Proclamação da República Rio-Grandense**: as ideias da república em debate. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2017. p. 108. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/ebooks/Ebook-180anosProclamRepublica.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 111.

⁴¹⁹ ALENCAR, José. **O gaúcho**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 12. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/bv000134.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁴²⁰ SOARES, Fabricio Antônio Antunes. A escrita literária da Farroupilha no Século XIX. In: GOMES, Carla R. A. de S; MARTINS, Jefferson T. **180 anos da Proclamação da República Rio-Grandense**: as ideias da república em debate. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2017. p. 115. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/ebooks/Ebook-180anosProclamRepublica.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

meio da teoria de “vocalização brasileira”, termo que lembra o objetivo literário, social e político de Alencar. Sendo assim, há uma quase continuidade, mostrando que o projeto então em construção se manteve em tempos e espaços diferentes, capazes de possibilitar, a partir de 1880, a construção de outro olhar para as Memórias, sem, contudo, deixar de mostrar a “vocalização brasileira” destas.

Segundo a autora, que parte de uma abordagem dos estudos da História Cultural, as representações sociais, a força simbólica das palavras e as imagens criam reinterpretações e oferecem outras construções ao efeito do real. O imaginário sobre a ideia de “gaúcho” quer fortalecer a concepção de que a revolução foi brasileira e o imaginário, gaúcho.⁴²¹

Para a autora, imaginário será “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.”⁴²² Nesse contexto, o imaginário remete tanto a coisas prosaicas ou não do cotidiano da vida dos homens, mas também carrega utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre as coisas inexistentes.

A Revolução Farroupilha foi um marco para a história rio-grandense, em que se construiu o imaginário regional. Fez parte do contexto “das revoluções liberais ocorridas no Brasil no período regencial”.⁴²³ Para Santos, a revolução estava dirigida ao pensamento liberal, introduzido pelo “clero, pelos militares e pelos comerciantes”, que alimentavam um passado e futuro heroico para os povos regionais.⁴²⁴

Diante desse interesse político, econômico e cultural, diversos autores se dedicaram à análise dessa construção de tradições e pensamentos diante da construção da história regional. De acordo com Pesavento, ficou no espírito rio-grandense desde então, devido a uma série de medidas, como a escrita de um hino ou de uma bandeira, um destino manifesto no sentimento de pertencimento do rio-grandense. Isto é, o “de lutar pelas boas causas, sempre alerta, tal como já fora o bravo sentinela da fronteira.”⁴²⁵ Assim, portanto, se fortalece o imaginário sobre uma realidade que vem se moldando diante da circulação de ideias, artefatos ou medidas sociais.

⁴²¹ PESAVENTO, Sandra J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

⁴²² Ibidem, p. 43.

⁴²³ BARROS, Omar L. Filho; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. **Sonhos de liberdade: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita**. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007. p. 125.

⁴²⁴ Ibid., p. 92.

⁴²⁵ PESAVENTO, Sandra J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 45.

Nesse cenário de construção, divulgação e apropriação do “mito do gaúcho”, que era autêntico diante de sua condição de fronteira, Garibaldi se torna um importante elo entre os interesses então circulantes, fossem eles político ou econômicos. Pesavento explica que a aproximação de várias nacionalidades durante o período da Revolução Farroupilha ajudou a fortalecer a centralidade na história desse momento. Nesse contexto, no imaginário, o rio-grandense pôde escolher o que ele seria, mostrando sua força, ao mesmo tempo, diante do Império brasileiro e gaúcho. Observaram, como Garibaldi, que a construção de um imaginário forte e independente fortalecia não só os sentimentos de pertencimento, mas também os interesses e sua pressão frente ao Império.

No mesmo ano em que as *Memórias de Garibaldi* chegavam ao Brasil, outro acontecimento importante aconteceu, a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, antes chamado da Província de São Pedro. Na abertura do primeiro número da revista tais palavras vieram confortar a Coroa:

A história do passado, como do provir desta província, não será um monumento de exclusivo interesse para ella; não, os sucessos mais notáveis aqui passados estão tão intimamente ligados á vida do Império, que não haverá brasileiro que os não lêa como uma narrativa da história geral do payz. Os bravos que derramaram seu sangue nas guerras da colônia, da Independencia nacional, da do Estado Oriental, empenharam-se por litas nacionais, os sucessos acontecidos n’ella eram ou deviam ser registrados na história geral do payz. O que há de particular é somente a guerra civil, só os seus successo são os que nos tocam individualmente.⁴²⁶

Poucas palavras foram divididas com todo o País sobre a Revolução. Até a metade da década de 1980 nada se falou das Memórias de Garibaldi nos principais jornais, até mesmo Dumas não era mais o literato das manchetes. Havia um equilíbrio muito difícil de manter entre os ânimos da Revolução, o perdão e a construção da história nacional.

O passado não estava suficientemente morto para ser revolvido. E as memórias estavam muito presentes para serem devidamente selecionadas, pois viviam ainda os “atores da tragédia” que, embora “inflexos pela velhice”, conservavam “o rescaldo dos antigos entusiasmos”. Permaneciam as brasas ardentes sob as cinzas do tempo.⁴²⁷

⁴²⁶ O INSTITUTO. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico da Província de S. Pedro*, [s.l.], n.º 1, p. 4, 1860. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/55170/33552>. Acesso em: 15 maio 2021.

⁴²⁷ GOMES, Carla R. A. de S. Brasas ardentes sob as cinzas do tempo: os registros da memória sobre a Guerra Civil Farroupilha (1856-1870). In: GOMES, Carla R. A. de S.; MARTINS, Jefferson T. **180 anos da Proclamação da República Rio-Grandense**: as ideias da república em debate. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2017. p. 108. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/ebooks/Ebook-180anosProclamRepublica.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.

Além disso, agora havia “um caminho oficial de produção da história local, que passava por instituições legitimadoras da memória, como o Instituto Histórico, e pelas autoridades políticas, que zelam pelo que deve ou não ser lembrado.” Apesar disso, Carla Renata Antunes de Souza Gomes analisa como o debate de construção de um novo significado para o acontecimento Revolução foi se costurando entre intelectuais e militares que lutavam para a construção de uma narrativa. Assim, há os que reforçam o projeto político monárquico, como Alencar, e os que, apesar de não enfrentarem a monarquia, reforçam, em sua narrativa, o caráter republicano, como é o caso de Porto Alegre Apolinário, que, com sua obra *O Vaqueano*, de 1872, revê o temor de reforçar o caráter republicano da Revolução e a presença de heróis farrapos. Porto Alegre abre, aqui, uma porta que vai se inflamando a partir do agito por uma proclamação da República. Apesar disso, as Memórias só irão ganhar outras tendências a partir desse movimento, que abre outras possibilidades de análise das *Memórias* em circulação pelo Brasil.

CONCLUSÃO

Ao longo da investigação e dos objetivos propostos para esta pesquisa, que é o de analisar a circulação das *Mémoires de Garibaldi: traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas* na imprensa do Brasil de 1860, ano da publicação da obra, a 1889, ano da Proclamação da República, foi possível perceber a multiplicidade de possibilidades de divulgação e apropriação dessa obra.

Com este trabalho, conseguiu-se complementar o estudo sobre o conúbio entre Alexandre Dumas e Giuseppe Garibaldi, iniciado durante o mestrado. Tanto os autores/personagens como a forma de escrita e divulgação, inscritos em plurilinguismo, polifonia e hibridismo, tornaram as Memórias suscetíveis a diversas interpretações. Na França, não sabiam se era uma biografia ou uma autobiografia; no Brasil, essa dúvida tampouco foi resolvida. Para alguns foi fonte histórica, foi biografia ou autobiografia, de certo se inscreveu na história *magistra vitae*, valorizada durante o século XIX, em que um futuro próximo próspero e de progresso se formava pela construção de modelos, heróis e gênios.

Sendo assim, um circuito comunicacional foi iniciado e concluído por meio de um recorte temporal e espacial. Afinal, como diz Darton, os circuitos comunicacionais de uma obra podem ser infinitos. Este buscava a percepção da obra em um lugar específico de memória, a Biblioteca Nacional, que foi, para o século XIX, construtora e guardiã de história.

Buscou-se, aqui, discorrer sobre as quatro fases de compreensão da circulação de um livro apresentadas por Darton, lembrando-se de que “[a]s três primeiras considerações se referem diretamente à transmissão de um texto, enquanto a última diz respeito a influências externas, cuja variação é infinita.”⁴²⁸ Nesse contexto, passou-se da compreensão da construção da obra à sua divulgação e apropriação pelo Brasil por quatro capítulos.

Do primeiro capítulo se compreendeu que Dumas foi peça fundamental para uma circulação inicial das *Mémoires de Garibaldi* no Brasil, devido ao seu prestígio, mas também desprestígio. Poucos discordavam das suas habilidades literárias e, no contexto de uma crescente produção cultural, ele contribuiu para o desenvolvimento de uma literatura em vias de formação no Brasil. Afinal, há poucos anos acontecera a Independência, mas provavelmente não a unificação do Brasil. Os brasileiros precisavam ser construídos.

⁴²⁸ DARTON, Robert. O que é a história do livro? In: DARTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 2463.

A imprensa, a literatura e a história eram temas que Dumas procurava e provocava com suas exagerações e sua busca por público. As técnicas de seus folhetins foram seguidas e pensadas para cada localidade. Bezerra e Gimenez ajudaram na compreensão desse processo. Assim elas dizem:

Dumas desempenhou ainda um papel de relevância na produção literária de língua portuguesa no Brasil, uma vez que, após a tradução e publicação, por iniciativa de Junius Villeneuve, de *Le Capitaine Paul*, houve uma nítida ampliação da produção ficcional em português no país, publicada em diferentes jornais no espaço que esse romance inaugurava – as colunas de *Variedades*, em seguida o folhetim – ou em livro. O momento de expansão do romance brasileiro coincidiu com o período de predomínio dos romances de Alexandre Dumas no mercado de livros, como atestam os anúncios de jornais e os catálogos de livros da Livraria de Baptiste-Louis Garnier, que demonstram as ações comerciais deste livreiro em torno de Dumas. Desse modo, as obras que marcam os avanços da narrativa local certamente lançaram mão das características em voga nos romances desse escritor, que se alastravam no romance contemporâneo, agradando leitores, editores e se constituindo como verdadeiras fórmulas de sucesso para os jornais.⁴²⁹

A presença de Dumas foi muito significativa nas Memórias. Ele está presente por trazer a técnica seriada do folhetim, os diálogos vivos que aproximam-se do real e desenvolvem a imaginação. Nessa perspectiva, desviou-se o olhar da ação política de Garibaldi na Revolução Farroupilha, que era tema de temor no período de publicação da obra.

Apesar de não ter sido de Dumas o primeiro passo para a construção do herói Garibaldi, discussão apresentada no segundo capítulo, foi o literato quem o fez alcançar todos os cantos do mundo. No Brasil, apenas as publicadas por Dumas chegaram a ser divulgadas como folhetim. O literato fortaleceu um projeto transnacional de construção da imagem de Garibaldi entre Mazzini, Cuneo e o próprio Garibaldi. Vinculado a uma ideia de modelo para a construção da nação Itália, Garibaldi deu seus primeiros passos no Brasil.

Garibaldi, que estava disponível para a publicidade de Dumas, promovia sua imagem, utilizando as experiências exóticas, extremas e diferentes para o Velho Mundo. Era, portanto, um gaúcho na Itália, mas também desencadeou medos no governo então vigente, afinal, era um farrapo que se utilizou da experiência para se fazer conhecer e voltar à Itália.

Essa construção faz parte do que Arfuch chama de “o espaço biográfico contemporâneo”,⁴³⁰ visto no capítulo três, em que o indivíduo se coloca à disposição da construção de uma narrativa vivencial para construir sua individualidade perante o social.

⁴²⁹ BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. *Revell*, [s.l.], v. 1, n.º 21, p. 252, jan.-abr. 2019.

⁴³⁰ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

Diante dos meios de comunicação e de relações sociais que vinham mudando ao longo do século XIX, a individualidade e seu fortalecimento se tornaram a principal forma de estar no mundo ocidental. Logo, projetos eram potencializados por essa ação de construção que Lilti⁴³¹ chama de a construção da celebridade entre o jogo da publicidade e propaganda, então em formação, e que segundo Marcia Abreu se valiam da proliferação de uma literatura fora dos textos, isto é, imagens literárias eram potencializadas pela construção de outros artefatos populares, como objetos e outras artes.⁴³²

Diante disso, o Brasil não se mostrou fora do que estava acontecendo com a circulação dos impressos pelo mundo. As *Mémoires de Garibaldi* circularam já traduzidas, simultaneamente àquelas publicadas no francês, e por diversas cidades do Brasil.

Percebeu-se, no capítulo quatro, o movimento dos impressos “**entre** Europa e Brasil e não o fluxo de ideias e mercadorias **da** Europa **para** o Brasil”, como proposto por Eliana Dutra⁴³³ e Roger Chartier.⁴³⁴ Isso significa que sua apropriação se adaptou aos acontecimentos e meios locais. O fato de apenas o primeiro volume das *Memórias de Garibaldi*, em que se narra o período de Garibaldi no Brasil, ter tido mais divulgação, apresenta instâncias que vão além do que era dito e divulgado na França e Itália, países envolvidos na narrativa e com os autores.

No Brasil, havia um perdão em decreto assinado entre a Coroa e o Rio Grande do Sul, sobre a divulgação e escrita da história da Revolução Farroupilha, o que deixava a coroa na saia justa com a chegada dessa obra, que desencadeava curiosidade no que por um tempo não se quis falar. Como, então, mudar essa narrativa do heroico gaúcho? Afinal, nas *Memórias* se reforçava que a valorosa potência de Garibaldi se inscrevia na valorosa potência dos farrapos.

Negar a Revolução significava negar os valorosos gaúchos, que decidiram ser brasileiros. Uma “guerra fria” deixa tensão no ar. Apesar de o Imperador amaldiçoar, por

⁴³¹ LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade (1750-1850)**. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

⁴³² ABREU, Márcia. Literatura sem texto: Presença social da Literatura no Brasil oitocentista. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 100, p. 91-111, jul./dez. 2019.

⁴³³ MOLLIER, Jean-Yves; DUTRA, Eliana de Freitas. **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume Editora, 2006.

⁴³⁴ CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guiglielmo. **Histoire de la lecture dans le monde occidental**. Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 117.

decreto, quem falasse ou mobilizasse os sentimentos separatistas da Revolução Farroupilha, a tensão continuou e não se desistiu de se falar.

Assim, a estratégia foi não se esquecer do valoroso passado, mas fazer dele um modelo, um exemplo. Reforça-se, com isso, o projeto de construção de uma nação. Afinal, Garibaldi foi para a Itália e lutou pela sua unificação, valendo-se da monarquia para poder dar continuidade a isso; tão pronto a Itália foi unificada, a monarquia governou. Todos haviam, nesse caso, aprendido com seus erros.

Mas como oficializar essa história? No Rio de Janeiro havia o IHGB, que, desde 1838, fortalecia a narrativa da nação e se preocupava em analisar a construção do sentimento de pertencimento à nação por meio de sua história e pela construção das tradições; pensou-se ser possível fazer isso também no Rio Grande do Sul, com a criação do próprio IHG. No mesmo ano em que Garibaldi publica suas *Memórias*, nascia a formalização da construção histórica. Desse modo, 1860 foi um ano agitado.

A revista do IHGRS não falou das *Memórias* e tampouco exaltou a imagem de Garibaldi, ao contrário, colocava-se como órgão regularizador das falas, dos estudos e dos textos. Debatia-se, também, a centralidade da monarquia e o papel dela para o progresso do País; as *Memórias* chegaram aos intelectuais, que mostraram conhecimento do que foi feito na Itália e a citaram em seus discursos. Esse indício leva a imaginar que, após ler o primeiro volume nas folhas do jornal, adquiriam o livro.

A presença apenas do primeiro volume nos jornais, já traduzido, e no mesmo ano de publicação na França, também é sintomático de que elas foram vistas e pensadas para a história da nação e para que se chegasse a um público mais amplo. Desse modo, entre os relatos na seção do “Exterior”, com reportagens da relação entre a monarquia italiana e Garibaldi, estavam as *Memórias*.

Era a monarquia que controlava os principais jornais e as vias de formação da história nacional; é, dessa forma, na mão dos que tentavam de alguma forma fortalecer esse governo que os principais comentários foram estabelecidos. Com as crescentes tensões que se fortaleceram em 1860, as *Memórias*, Garibaldi e Dumas ficaram em um grande limbo até 1889.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Literatura sem texto: presença social da Literatura no Brasil oitocentista. **Revista Letras**, Curitiba, n.º 100, p. 91-111, jul./dez. 2019.

ALENCAR, José. **Como e por que sou romancista**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. Disponível em: <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/como-e-por-que-sou-romancista.pdf> Acesso em 25 ago. 2022

_____. **O gaúcho**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. Versão A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/bv000134.pdf> Acesso 14 set. 2022.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na História do Brasil no século XIX**: da invisibilidade ao protagonismo. *Revista História Hoje*, vol.1, nº2, p.21-39, 2012. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/39> Acessado dia 28/07/2019.

ARANGIO, Susanna. Alle origini dell'iconografia garibaldina: note su alcune rappresentazioni dell'eroe tra il 1848 e la Seconda Guerra d'Indipendenza. **Annali online Università di Ferrara, Lettere**, ano X, n. 2, p. 2, 2015

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. In: **Textos históricos**. Brasília: UNB, v.11, n. 1/2, 2003.

BARROS, Omar L. Filho; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. **Sonhos de liberdade**: o legado de Bento Gonçalves, Garibaldi e Anita. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007.

BARBOSA, Silvana M. "Panfletos vendidos como canela": anotações em torno do debate político de 1860. In: CARVALHO, José Murilo. (Org.) **Nação e Cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. **Literatura e periódicos no século XIX**: perspectivas históricas e teóricas. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. **Revell**, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 231-255, jan.-abril. 2019.

BEZERRA, Valéria Cristina. O Romance de Alexandre Dumas no Brasil. In: **Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX**.

Disponível em:

http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie_valeria_pt.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023

BERCHET, Giovanni. Cartas semisséria de Grisóstomo a seu filho. In: PALMA, Anna; CHIARINI, Ana Maria; TEIXEIRA, Maria Juliana G. (org.). **O romantismo europeu: antologia bilíngue**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BISCHOFF, Alvaro W.; SOUTO, Cíntia V.. Garibaldi: Pirata ou herói?. In: **Nossa História**. v.4, n.37, nov. 2006.

BUDILLON, Casanovaee Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (Org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da Pesquisa Histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n.º 69, p. 196-219, jan.-abr. 2020. p. 202.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/#>. Acesso em: 10/06/2023.

BRITO, Paulo. O folhetim do Jornal do Commercio ao Director do Despetador. In: **Jornal do Commercio**. Ed. 00199, 29 de ago.1839

BRUM, Rosemary Fritsch. Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ção). In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa(Org.). **Garibaldi, História e Literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p.299-300

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2022

_____. **Tese e Antítese: ensaios**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964

CANDIDO, Salvatore. **Giuseppe Garibaldi Corsário Rio-grandense (1837-1838)**. Porto Alegre: IEL, EDIPUCRS, 1992.

CARDIM, Elmano. **Justiniano José da Rocha**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013

CAMPANELLA, Anthony P. **Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina: uma bibliografia dal 1807 al 1970**. Ginevra: Grand Saconnex, 1971.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. v. 7. Rio de Janeiro: Edição O Cruzeiro, 1966.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARDILLO, Angelo. Garibaldi Romanziere. In: CARDILLO, Angelo (org.) **Garibaldi scrittore: 1805-1882**. Storia, Letteratura, Immagine. Atti della giornata di studio. Santa Maria: Capua Vetere, 1983.

CAVALHEIROS, Juciane S. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 11/2, p. 69, 2008.

CHARTIER, Roger ; CAVALLO, Guiglielmo. *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris: [Éditions du Seuil](#), 2001

_____. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Ed. UFSCar, 2012

CAMARGO, Katia Aily F. O Brasil nas páginas do *Annuaire des Deux Mondes*: Uma descrição. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. **A circulação transatlântica dos impressos: conexões**. Campinas: UNICAMP/IEL/Setor de publicações, p. 221-229, 2014, p. 221

CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem: A elite política imperial. Teatro de sombras: A política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. República, democracia e federalismo Brasil, 1870-1891. In: **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45: p.141-157, jan/jun 2011. Disponível em: [SciELO - Brazil - República, democracia e federalismo Brasil, 1870-1891 República, democracia e federalismo Brasil, 1870-1891. Acesso em 25 jan. 2023](#)

CUNEO, Giovanni B. **Biografia di Giuseppe Garibaldi**. Torino: Tipografia Fory e Dalmazzo, 1850

COLLOR, Lindolfo. **Garibaldi e a guerra dos Farrapos**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/530470> Acessado 10/08/2019.

CONCEIÇÃO, Edilene Maria. A relação entre a Identidade Narrativa de Paul Ricoeur e a Identidade Política de Hannah Arendt. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del Rei, n. 6, p. 68, 2011. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>. Acesso em: 30 maio 2021.

COOPER-RICHET, Diana. “Paris, carrefour des langues et des cultures : édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIX^e siècle”, In: **Histoire et civilisation du livre, revue internationale**, n° V, 2009

COFRANCESCO, Dino. Alexandre Dumas. In: ROSSI, Lauro (org.). **Giuseppe Garibaldi: due secoli di interpretazioni**. Roma: Gangemi Editore, 2010.

CRUBELLIER, Maurice. “L’élargissement du public”. In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). **Histoire de l’édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque**. 2ed. Tome 3. Paris: Promodis, 1985

DARTON, Robert. O que é a história do livro? In: DARTON, Robert. **A questão dos livros: presente, passado e futuro**. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUBY, Georges. Prefácio. In: MICHELET, Jules (org.). **Imagens da França**. Bauru: Edusc, 2000.

D’ALMÉRAS, Henri. **Alexandre Dumas et les Trois Mousquetaires**. Paris: Société Français d’éditions littéraires et techniques, 1929

DEAECTO, Marisa Midori. **A história de um livro: A democracia na França de François Guizot (1848-1849)**. Cotia: Ateliê Editorial, 2021

_____. Anatole Louid Garreaux e o comercio de livros franceses em São Paulo (1860-1890). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, n° 55, p. 85-106 – 2008.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/x8fkRzQcprfvSfgcyBzxfMk/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20 de jan. 2023

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DWIGHT, Theodore. **The life of General Garibaldi: written by himself**. New York: A. S. Barnes and Burr, 1859

FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do romantismo. In: GUINSBURG, Jacob (Org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**. Vol I. São Paulo: SESC SP/Perspectiva, 2013.

FILHO, Gilson dos Reis Melo; SOUZA, Olavo Passos. José Justiniano da Rocha: Obra e vida durante os tempos de conciliação. In: **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**. Disponível em:

https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529209990_ARQUIVO_JustinianoJosedaRocha,obraevidaemtemposdeConciliacao.-.pdf Acesso em 21 jan. 2022

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FERREIRA, Hérís ARNT T. **O jornalismo literário.** Dissertação de Mestrado em Comunicação, apresentada a Coordenação da Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10119/1/275687.pdf> Acesso em: 20 de jan. 2023

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil : o que dizem os censos?. In. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/es/a/r9WxgNdxFvRLXYfbxCLyF5G/abstract/?lang=pt> Acesso em 20 de mai. 2023

FERREIRA, Tânia M. T. B. C. **Livros e sociedade:** A formação de leitores no século XIX. Revista Teia. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/23822/16803> Acesso 20 de mai. 2023

FELIX, Loiva Otero. A História Política hoje: novas abordagens. **Revista Catarinense de História.** n.5, p. 49-66, 1998.

FONSECA, Letícia Pedruzzi. A publicação periódica ilustrada brasileira no século XIX. In. **12º P&D Congresso Brasileiro de Pesquisa e desenvolvimento em design.** Belo Horizonte: n.2, vol.9, p. 424 – 436, 2016. pag.428. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0037.pdf> Acesso em 19 jan. 2023

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GAY, Peter. **O coração desvelado.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GIRONDI, Elenita. **Garibaldi:** a cidade e o herói. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2007

GIORDANO, Rafaela B. **Do jornalismo à ciência:** A Hemeroteca Digital Brasileira como fonte de informação para a pesquisa científica. 2016. 239 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2016.

GOMES, Carla R. A. de S. Brasas ardentes sob as cinzas do tempo: os registros da memória sobre a Guerra Civil Farroupilha (1856-1870). GOMES, Carla R. A. de S; MARTINS, Jefferson T. **180 anos da Proclamação da República Rio-Grandense:** as idéias da república em debate. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, p.41-78, 2017. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/ebooks/Ebook-180anosProclamRepublica.pdf> Acesso 14 set. 2022.

GONÇALVES, Mariana Couto. A vida e a obra do escritor Bernardo Taveira Junior (1836-1892). In. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 11, n. 2, p. 217-232, julho-dezembro, 2015

GODOI, Rodrigo Camargo. Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861). Campinas: **Tese** (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de filosofia e Ciência Humanas, 2014

GOETHE, Louise. **Garibaldi**. Sa vie, son enfance, ses moeurs, ses exploits militaires, suivis de documents historiques sur la guerre d'Italie. Paris: Legibre-Du-Quesne Frères, 1859.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História de gênios e heróis; indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In. GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Império, volume II: 1831-1870**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 425-465

_____. “Passados que tocam em nervos”: Memorialismo e política nas recordações de Francisco de Paula Ferreira de Resende. In: ALCÁNTARA, Manuel; MONTERO, Mercedes Garcia; LÓPEZ, Sánchez Francisco (org.). **Estudios Culturales**. Memoria del 56º Congresso Internacional de Americanistas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Il Risorgimento**. Roma: Editori Riuniti, 2000

_____. **Letteratura e vita nazionale**. Roma: Editori Riuniti, 1996

GRANJA, Lúcia. Garnier no Brasil: Esta História se faz com Homens e Livros. In. ABREU, Marcia; DEAECTO, Marisa M. (Org.) **A circulação transatlântica dos impressos: conexões**. Campinas: UNICAMP/IEL, 2014

GRUZINSKY, Serge. **Les quatre parties du monde** – histoire d’une mondialisation. Paris: Éditions de La Martinière, 2004,

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. n.1, p.5-27, 1988

GUIMARÃES, Rosângela Oliveira. **Todos por um**: Edições de Alexandre Dumas no Brasil. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, Valéria. **Notícias Diversas**: suicídio por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Caampinas: Mercado de Letras, 2013.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**: tradução do prefácio de Cromwell. Tradução e notas de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. **Estratos do tempo**: estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014

KRAAY, Hendrik. A invenção do Sete de Setembro, 1822-1831. In: **Almanack Braziliense**. São Paulo, nº11, p. 52-61, mai. 2010P.p.53

LENE, Hérica; SELIDONHA, Francisca. Entre comunicação e história: o indiciário como metodologia para pesquisas históricas sobre a imprensa. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 33-34, jan./jun. 2012.

LILTI, Antoine. **A invenção da celebridade** (1750-1850). Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

LYON-CAEN, Judith. Vérité romanesque et réalité sociale. In: LYON-CAEN, Judith. **La Lecture et la Vie**: les usages du roman au temps de Balzac. [S.l.: s.n.], 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Três panfletários do segundo reinado**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras (Coleção Afrânio Peixoto,86), 2009.

MATTOS, Francisco A. de. Garibaldi e o jornalismo. In: **Almanach de Lembranças Luso-brasileiro**. Rio de Janeiro, 1879

MATTOS, Ilmar Rohloff. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. In: **Almanack Braziliense**, nº01, 2005.

MAOUROIS, André. **Os três Dumas**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.

MANZONI, Alessandro. Cartas sobre o Romantismo a Cesare D'Azeglio. In: PALMA, Anna; CHIARINI, Ana Maria; TEIXEIRA, Maria Juliana G. (org.). **O romantismo europeu**: antologia bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

MCKENZIE, D. F. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2018.

MENDES, Maria Lúcia D. Conexões: Alexandre Dumas, publicações na França, em Portugal e no Brasil. In: ABREU, Márcia; DEAECTO, Marisa Midori. **A circulação transatlântica dos impressos**: conexões. Campinas: Unicamp/IEL/Setor de publicações, 2014.

_____. **No limiar da história e da memória**: um estudo da *Mês Mémoires* de Alexandre Dumas. USP: Tese. Departamento de letras. 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-01112007-143905/pt-br.php> Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. A voz do escritor romântico: as *Mémoires* de Alexandre Dumas. **Revista Travessia: Educação, Cultura, Linguagem e Arte**, Florianópolis, ed. 3, p. 1-2, 2008

_____. Trajetória e tempos das traduções de Alexandre Dumas em Portugal e no Brasil. **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 135-155, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11759/7188> Acesso em: 17 mar. 2023.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MILZA, Pierre. **Garibaldi**. Milano: Longanesi, 2013

MIRECOURT, Eugène. **Fabrique de Romans**: Maison Alexandre Dumas et Compagnie. Paris: Chez tous les Marchands de Nouveautés, 1845

MOLLIER, Jean-Yves. **Tradução e globalização da ficção**: o exemplo de Alexandre Dumas na América do Sul. Florianópolis: Revista da Anpoll, n.38, p.296-306, 2015.

_____. **La Lecture et ses publics à l'époque contemporaine**: essais d'histoire culturelle. Paris: PUF, 2001

_____; DUTRA, Eliana de Freitas. **Política, Nação e Edição**: O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume Editora, 2006.

_____. Tradução e globalização da ficção: o exemplo de Alexandre Dumas na América do Sul. Florianópolis: **Revista da Anpoll**, n.38, p.296-306, 2015.

MUSSET, Alfred, 1971 apud SALIBA, Elias T. **As utopias românticas**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MUZART, Idelette F. S. O conde de Monte Cristo nos folhetos de cordel: leituras e reescritas de Alexandre Dumas por poetas populares. In: **Crítica literária, Estudos Avançados**. 14 (39), Ago. 2000, p. 205-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/m5QRDk8qCPLpM4YnRBpshsy/#>. Acesso em: 10 de jun.2022

NABUCO, Joaquim. Monarquia federalista (Primeiro artigo). **Secção Geral. Diário do Maranhão**: Jornal do Commercio, Lavoura e Industria. Ano XIX, ed. 0489, 26 de dez. 1888.

NETO, Joachin A. A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben. **Floema**, Itapetinga, ano VIII, n. 10, p. 155

NOGUEIRA, Isabella. **Um conúbio intrigante na construção de um herói romântico**: os caminhos da produção das *Mémoires de Garibaldi* (1860), de Alexandre Dumas. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/593d5c7b-eaef-473e-9a79-15d3e5c69c26>. Acesso em: 3 nov. 2023.

NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, Jacob (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

OLIVEIRA, Marta Francisco. Espaços das subjetividades contemporâneas: O novo território das biografias. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 175, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4496> Acesso em: 30 maio 2021

PANTALEONE, Sergi. Giovan Battista Cuneo, pioneiro della stampa étnica italiana in Sudamerica. **Giornale di Storia Contemporanea. Italiani in America Latina. Linguaggi e Messaggi**, v. XX, n.s., 2,

_____. **Storia della stampa italiana in Uruguay**. Centro di Ricerca sulle Migrazioni dell'ICSAIC. Rende: Università della Calabria, 2014.

PÉCOUT, Gilles. Una Crociera nel Mediterraneo con Garibaldi. *In*: DUMAS, Alessandro. **Viva Garibaldi**: Un'odissea nel 1860. Edizione italiana a cura di Gilles Pécout e Margherita Botto. Torino: Giulio Einaudi editore, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. **A revolução farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 2 ed.
_____. Fibra de gaúcho, tchê!.[Editorial]. **Nossa História**. v.1, p. 44-47, dez., 2003.
_____. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2004. 2 ed.

PERUSSATTO, Melina K. Liberdade, trabalho e direitos nos anos finais da escravidão, Rio Pardo/RS. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_048cb52905d35aab4efee88fcd50fc07.pdf Acesso em 20 de mai. 2023

PORTELLA, Clélia M. Releitura da Biblioteca Nacional. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n.º 69, p. 247-264, 2010.

PRADO, Décio de A. O teatro romântico: a explosão de 1830. *In*: GUINSBURG, Jacob (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015

REVERBEL, Carlos; BONES, Elmar. **Luiz Rossetti**: o editor sem rosto e outros aspectos da imprensa no Rio Grande do Sul. Cidade: editora, 1996.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a ideia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

RIALL, Lucy. **Garibaldi**. L'invenzione di un eroe. Roma-Bari: Laterza, 2007
_____. Garibaldi exilado nas Américas. *In*: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura**: perspectivas internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 191-209

REISS, Tom. **Conde negro**: glória, revolução, traição e o verdadeiro conde de Monte Cristo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

REIS, José C. O Historicismo: a redescoberta da História. **Revista Locus**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2002.

REVERBEL, Carlos; BONES, Elmar. **Luiz Rossetti**: o editor sem rosto e outros aspectos da imprensa no Rio Grande do Sul. Cidade: editora, 1996.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Campinas: Papyrus, 2012.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIALL, Lucy. Garibaldi exilado nas Américas. *In*: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa (org.). **Garibaldi, história e literatura**: perspectivas internacionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 191-209

ROUSSEAU, Jean. Échos de Paris. **Les Coulisses**, [s.l.], n. 436, p. 2, 14 de junho de 1860

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultura, identidade nacional no Brasil. In. **Tempo Social: Rev. Sociol.** São Paulo: USP, 1(1) p.29-46, 1989. p.33 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83318/86344> Acesso mai. 2022

SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. Junius Villeneuve e a circulação de estratégias de edição francesas no Brasil do século XIX: Romance-folhetim e o *Museo Universal*. **Revell**, [s.l.], v. 1, n. 21, p. 256 -274, jan.-abril. 2019.

SANT'ANA, Elma. **Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha**. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12983755/bento-e-garibaldi-na-revolucao-farroupilha-memorial-do-rio->. Acesso em: 3 ago. 2017.

SANT'ANA, Mateus R. O Brasil de Alexandre Dumas: críticas, recepção e circulação de *O Conde de Monte-Christo no Jornal do Commercio*. In: **A MARGem**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes, Uberlândia, v. 17, n. 1, jan-jun. 2020

SCIROCCO, Alfonso. **Garibaldi: battaglie, amori, ideali di um cittadino del mondo**. Bari: Economica Editori Laterza e Figli, 2011.

SELIGMANN, Márcio Silva. Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. **Revista Alea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 131, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/yVcBx745WkQX8TBPNy4GmyK/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio. 2021.

_____. O local do testemunho. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 5, jan./jun. 2010.

SILVA, Marlí Teresinha. Alexandre dumas: Leituras machadianas e permanência do escritor na atualidade. In. **GARRAFA**. Vol. 17, n. 47, Janeiro-Março 2019.1. p. 280 - 301.

SILVA, Márcio S. **Do utopismo iluminista ao (anti) utopismo romântico: a crítica romântica da razão utópica**. **Morus**, Campinas, n. 6, p. 308, 2009.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Estudos Históricos: sobre a primeiras tentativas para a Independência nacional. In. **Revista Popular: Noticiosa, Scientifica, Industrial, Historica, Litteraria, Artistica, Biographica, Anecdótica, Musical, etc.,etc.** Rio de Janeiro: B. L. Garinier, editor-proprietario. Ano 3, p. 257-269, 1861

SILVA, Charles Roberto. O Brasil de Émile Adet: entre a propaganda, o relato de viagem e o teatro. In. **Plural Pluriel: Revue des Cultures de Langue Portugaise**, n.18, 2018 Disponível em: <https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/142> Acesso em 25 de jan 2023

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Silvio Romero e Machado de Assis: leituras e dissensos do fim do oitocentos. In. **Intelligere, Revista de História Intelectual**. v. 2, n. 2 [3], p.49-67, 2016

SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAud, 1999

SORDI, Gabriel. O historiador Alexandre Dumas, defensor do Uruguai. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 9., 2012, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2012. p. 1-22.

SOARES, Fabricio Antônio Antunes. A escrita literária da Farroupilha no Século XIX. In: GOMES, Carla R. A. de S; MARTINS, Jefferson T. **180 anos da Proclamação da República Rio-Grandense**: as idéias da república em debate. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, p.101-123, 2017. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/ebooks/Ebook-180anosProclamRepublica.pdf> Acesso 14 set. 2022.

SMITH, Denis Mack. **Garibaldi**: uma grande vida in breve. Torino: Mondadori, 1994

VAILLANT, Alain. O romantismo, entre nacionalismo e mundialização. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 2, p. 79, 2013.

WERNECK, Maria Helena. **O Homem Encadernado**. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996

Documentos

CORREIO PAULISTANO. **Livraria Acadêmica**, São Paulo, ano X, ed. 02209, p. 3, 26 set. 1863

_____. **Livraria Acadêmica**, São Paulo, ano X, n. 2211, ed. 02211, p. 3, 29 set. 1863

_____. **Livros que se vendem no Escriptorio do Correio Paulistano**, São Paulo, ano XII, n. 2704, ed. 02704, p. 4, 30 maio 1865

DUMAS, Alexandre. Memórias de Garibaldi. In: BARRETE, Muniz. Filhos e Octaviano. **Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal (1848-1868/ RJ)**. Ed.00212, 01/08/1860, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20186&pesq=Memorias%20de%20Garibaldi&pagfis=17907> Acesso em: 30/05/2021

_____. Memórias de Garibaldi. In: **Echo da Nação (RJ)**. Ed.00167, 02/08/1860. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830445&Pesq=Memorias%20de%20Garibaldi&pagfis=400> Acesso em: 30 de maio 2021

_____. Memórias de Garibaldi. In: BRITO, Luiz Ferreira de Moura. **Gazeta da Tarde (1880-1901/ RJ)**. Ed.00053, 08/03/1888, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226688&pasta=ano%20188&pesq=%20Memorias%20de%20Garibaldi%22&pagfis=8237> Acesso em: 30 de maio 2021

_____. O cocheiro de cabriolé. In: **Estudos Moraes**. Rio de Janeiro: Museo Universal: Jornal das Famílias Brasileiras, 1838

_____. Come io ho conosciuto Giuseppe Garibaldi. **L'Indipendente**, anno 1, n. 2, 12 ottobre 1860.

_____. Mon Odyssée au Théâtre-Français. In: DUMAS, Alexandre; GAUTIER, Theophile al (orgs.). **Paris et les Parisiens au XIX siècle**. Paris: Morizot Libraire – Éditeur, 1856.

_____. **Antony**: drame en cinq actes, em prose. Paris: Auguste Auffray Éditeur, 1831

_____. **Causeries**. Paris : Michel lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1860.

_____. Mon Odyssée au Théâtre-Français. In: _____; GAUTIER, Theophile al (Orgs.). **Paris et les Parisiens au XIX siècle**. Paris: Morizot Libraire – Éditeur, 1856. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&colla=psing=disabled&rk=64378;0&query=%28dc.title%20all%20%22Paris%20et%20les%20parisiens%20au%20XIXe%20si%C3%A8cle%22%29%20and%20dc.relation%20all%20%22cb34216867d%22> Acesso em: 10 set. 2016.

_____. **Mes Mèmoires**. Paris: Michel Lèvy Frères, 1863.v. VI, p.4. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&colla=psing=disabled&rk=42918;4&query=dc.relation%20all%20%22cb38938475k%22> Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. **Les compagnons de Jéhu**. Paris: France Empire, 1999.

_____. **Les garibaldiens**. Montréal: Le Joyeux Roger, 2011

_____. **Le Mois** (1848-1850). Montréal: Éditions Le Joyeux Roger, 2016.

_____. **Montevideo ou une Nouvelle Troie**. Montréal: Éditions Le Joyeux Roger, 2013.

_____. **O Conde de Monte Cristo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Memórias de Garibaldi. In: **A Imprensa (1857-1862/MA)** Ed. 00081, 10/10/1860, p.2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=035156&pasta=ano%20186&pesq=%22Memorias%20de%20Garibaldi%22&pagfis=1073> Acesso em: 30 mai. 2021

Garibaldi. Traços Biographicos. **Gazeta do Norte**: órgão Liberal, na seção Traços Biographicos. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103950&pesq=Mem%C3%B3rias%20de%20Garibaldi&hf=memoria.bn.br&pagfis=635> Acesso 15 de jan. 2023

GARIBALDI, Giuseppe. **Lettere a Speranza Von Schwartz**. Firenze: Passigli Editore, 1982.

_____. **Scritti Politici e Militari**: Ricordi e pensieri inediti, raccolti su autografi, stampe e manoscritti. Organizado por Domenico Ciampoli. Roma: Voghera Editore, 1907.

_____. **Memorie Autobiografiche**. Firenze: G. Barbera, 1888

JORNAL DO COMMERCIO. **Alexandre Dumas**. Rio de Janeiro, Edição 00255, Anno IX, nº255, 17 de nov. 1835, p.1 e 2

O instituto. **Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico da Província de S. Pedro**, n.1, p. 4, 1860. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/55170/33552> Acesso 15 mai. 2021

OLIVEIRA, Heráclito Americano de. Memórias de Garibaldi. In. RODRIGUES, Alfredo Ferreira (Org) Parte Literária. **Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul**. Ano 3.: Pelotas: Carlos Pinto &Comp. Successores, 1891. p.51

P.S. Theatro da Praia de D. Manoel: Semiramis, tragédia de Voltaire. In. **Revista Dramática**. Rio de Janeiro: Jornal dos Debates: Politicos e Litterarios. Ed. 00028, n.28, 6 de set.1837, p.1-2.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702439&Pesq=%22Alexandre%20Dumas%22&pagfis=110> Acesso em 25 de jan. 2023

Revista da Sociedade Filomática, São Paulo: Tip. Novo Farol Paulistano, 1833, (Edição fac-similar, editada em São Paulo pela Metal Leve, em 1977)

SEVERINO, Francisco. Maria Lúcia Dias Mendes propõe um novo olhar para a obra de Alexandre Dumas. Entrevista: **Correio Braziliense**, 2017. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/02/05/interna_diversao_arte,570746/como-olhar-diferente-para-a-obra-de-alexandre-dumas.shtml . Acesso em 15 de abr. 2023.

S. Paulo, 25 de Outubro. **Notícia Provinciaes**. O Regenerador: Fé em Deus. Fé nas instituições. Fé no futuro do Brazil. Ano1, n.107, Rio de Janeiro, 30 de out. 1860

VASCONCELOS, José Rufini Rodrigues. Encaminhamento do 1º secretário do Conservatório Dramático Brasileiro de pedido para exame censório da peça Antony y, de Alexandre Dumas, para encenação no Teatro São Francisco [Manuscrito]. In. **Conservatório Dramático Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. [s.n.], 21 Abr. 1844. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html> Acesso em: 21 jan. 2022.

Vicentina, de J. M. de Macedo. In: **O Guanabara: Revista mensal artística, científica e litteraria**, Rio de Janeiro: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, p.17.